

# Apresentação

N. 24 (vol. 17)

<http://dx.doi.org/10.1590/1982-8837iiv>

É difícil encontrar quem duvide que a literatura possua um valor cultural inestimável para a reflexão de questões fundamentais da existência humana, como a vida, a morte, a guerra, a política, o amor. Mas a literatura teria algo a dizer sobre algo tão específico como os problemas ambientais? O artigo de Axel GOODBODY, que oferece um panorama da chamada *ecocrítica* - ou seja, dos estudos literários que tem por questão específica as relações do homem com seu meio ambiente - mostra que sim: o crescimento de tal área de estudos no âmbito de língua alemã revelam que a literatura também pode oferecer inúmeros modelos de reflexão sobre a nossa relação com o meio-ambiente. Com a tradução do artigo de Goodbody, a *Pandaemonium Germanicum* deseja apresentar ao leitor brasileiro uma área de pesquisas que, pouco conhecida entre nós, desenvolve-se a todo vapor no mundo anglo-germânico.

A seção de Literatura é formada por mais três artigos bastante diversos entre si. O artigo de Eva HOFFMANN "*Brücke dreht sich um!*". *A Deconstructionist Reading of Kafka's "Die Brücke"* procura mostrar como a enigmática narrativa de Kafka reflete sobre seu próprio processo de escrita, colocando-o em xeque, e aponta para a impossibilidade de superar o abismo entre o mundo das aparências e o mundo metafísico. O trabalho de Bruna Della Torre de Carvalho LIMA, *Benjamin leitor de Brecht: cinema e distanciamento* discute a relação dialógica que se pode estabelecer entre esses dois grandes críticos de efetiva recepção no Brasil, indo além do ponto de contato comumente apontado entre eles: a tradição da crítica marxista. A autora explica que o conceito brechtiano de *Verfremdungseffekt* [efeito de estranhamento] exerce um papel fundamental na leitura que Benjamin faz do cinema, expressa nas quatro versões do ensaio "A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica" e na sua teoria sobre o conceito de "aura". Fecha a seção o texto de Danilo Chiovatto SERPA, *Alguns momentos da divisão e união em Hölderlin e Hegel*, que analisa a relação tensa entre o filósofo e o poeta, a partir dos textos como *Ciência da lógica* de Hegel, de *Juízo e Ser* e nos prefácios de *Hyperion*, de Hölderlin.

Na seção de *Estudos da Tradução*, apresentamos o artigo de Simone Homem de MELLO, *A Tradução da Poesia Ilustrada de Wilhelm Busch no Brasil: Proposta de um Novo Padrão Métrico-Acentual*. A autora procura esclarecer os motivos pelos quais, no Brasil, a obra do poeta, pintor e caricaturista Wilhelm Busch (1832-1908) teve sua recepção restrita ao público infantil. Em contraposição a esse enfoque, MELLO propõe um novo padrão métrico para a versão de Busch de "Hänsel e Gretel" (João e Maria), a fim de ressaltar o efeito humorístico do texto e, com isso, despertar o interesse do público adulto.

Na seção de Língua/Linguística, o artigo de Hardarik BLÜHDORN, *Wo stehen Adverbialia im Satz? Deutsch und brasilianisches Portugiesisch im Vergleich*, analisa o comportamento sintático de sintagmas adverbiais não-oracionais em alemão e em português brasileiro. Examina sintagmas de seis categorias, levando em consideração as funções semânticas (descrição do estado de coisas) e pragmáticas (atitude do falante). O resultado do confronto dessas categorias adverbiais indica similaridade entre as duas línguas, com uma pequena diferenciação: a forte integração sintática dos adverbiais no alemão e a possibilidade de uma posição estruturalmente mais livre, ou sintaticamente não-integrada desses elementos no português brasileiro.

Larisa NIKITINA, Zuraidah Binti MOHD DON e Sau Cheong LOH, no artigo "*Great Technology, Football and...*": *Malaysian Language Learners' Stereotypes about Germany*, investigam imagens estereotípicas da Alemanha extraídas de um projeto, cujos sujeitos de investigação são aprendizes de alemão como língua estrangeira em uma universidade pública da Malásia. A pesquisa não só revela a variedade e a diversidade de estereótipos, como também procura avaliar os conteúdos de tais imagens catalogando-as nos tópicos "tecnologia", "personalidades famosas" e "automóveis". Os resultados recebem valências positivas e negativas com a utilização dos conceitos de favorabilidade, tamanho e saliência.

O artigo *A influência do inglês no processo de ensino/aprendizagem de alemão por aprendizes brasileiros de terceiras línguas: Abordagens e métodos de investigação*, de Bianca FERRARI, apresenta resultados de uma pesquisa empírica realizada com alunos brasileiros, que teve como foco a influência do inglês na aprendizagem do alemão como terceira língua. Partindo do pressuposto de que o alemão costuma ser aprendido não como primeira, mas como segunda língua estrangeira, após o inglês, a autora analisa um *corpus* de cinquenta produções textuais, chegando à conclusão de que

a influência interlinguística motivada pelo conhecimento prévio do inglês como L2 constitui um importante fator no aprendizado do alemão como L3. Com base nesses resultados, Bianca Ferrari advoga em favor do desenvolvimento de uma didática do plurilinguismo, para melhor atender as necessidades do aprendiz brasileiro de alemão.

Franziska SCHWANTUSCHKE, por sua vez, investiga em seu artigo as características do gênero textual *Motivationsschreiben*, um tipo de carta de apresentação frequentemente solicitada no âmbito universitário nos países de língua alemã para fins de seleção de candidatos a vagas para pós-graduação e bolsas de intercâmbio. Com base em um *corpus* de trinta amostras autênticas de *Motivationsschreiben* e apoiando-se em categorias teóricas oriundas da Linguística Textual, a autora examina a relevância social bem como as funções comunicativas do gênero em questão, chamando a atenção para a importância de se trabalhar esse tipo de texto no contexto universitário do ensino de alemão como língua estrangeira.

Este número também apresenta três resenhas: a de Till NITSCHMANN sobre a *Bibliographie Heiner Müller*, organizada por Florian Vaßen e publicada em 2013; a resenha de Félix Bugueño MIRANDA sobre o *Volksduden*, dicionário ortográfico publicado pelo *Institut für Deutsche Sprache*, de Mannheim; o texto de Dieter STRAUSS, sobre o livro de Maria Luiza Tucci Carneiro: *Entlarvung des Antisemitismus der Regierungen Vargas und Dutra. Über das Buch „Weltbürger – Brasilien und die jüdischen Flüchtlinge 1933-1948*.

Mais uma vez, esperamos, com este número, contribuir para a divulgação de pesquisas originais na área dos *Estudos Germanísticos*.

São Paulo, 02 de novembro de 2014

Dörthe Uphoff, Eloá Heise, Juliana P. Perez, Masa Nomura

# Geleitwort -

N. 24 (vol. 17)

<http://dx.doi.org/10.1590/1982-8837ivvi>

Kaum jemand würde bezweifeln, dass die Literatur einen unschätzbaren kulturellen Wert besitzt, was die Reflexion über grundsätzliche Fragen der menschlichen Existenz, wie das Leben, den Tod, den Krieg, die Politik oder die Liebe anbelangt. Aber hat die Literatur auch über ein so spezifisches Thema wie die Umwelt etwas beizutragen? Dies zeigt der Artikel von Axel GOODBODY, der einen Überblick über den sogenannten *Ecocriticism* bietet, d.h. über literarische Studien, die sich mit der besonderen Frage der Beziehung zwischen Mensch und Umwelt beschäftigen: das Anwachsen dieses Forschungsgebiets im Bereich der deutschen Sprache offenbart, dass die Literatur auch unzählige Modelle zur Reflexion über unsere Beziehung zur Umwelt anbieten kann. Mit der Übersetzung von Goodbodys Aufsatz möchte die *Pandaemonium Germanicum* der brasilianischen Leserschaft einen bei uns noch wenig bekannten Forschungsbereich vorstellen, welcher sich jedoch schnell in der anglogermanischen Welt entwickelt.

Die Literatursektion enthält drei weitere sehr unterschiedliche Artikel. Der Aufsatz von Eva HOFFMANN, "*Brücke dreht sich um!*" *A Deconstructionist Reading of Kafka's "Die Brücke"*, möchte zeigen, wie der rätselhafte Text Kafkas dessen eigenen Schreibvorgang widerspiegelt und diesen auf die Probe stellt, und weist hin auf die Unmöglichkeit, den Abgrund zwischen Erlebniswelt und metaphysischer Welt zu überwinden. Die Arbeit von Bruna Della Torre de Carvalho LIMA, *Benjamin leitor de Brecht: cinema e distanciamento* [*Benjamin reads Brecht: cinema e estrangement*], behandelt die dialogische Beziehung, die sich zwischen diesen beiden bedeutenden und in Brasilien stark rezipierten Kritikern aufstellen lässt, wenn man über den üblicherweise hervorgehobenen Berührungspunkt zwischen beiden hinausgeht: die Tradition der marxistischen Kritik. Die Autorin erklärt, dass der Brechtsche Begriff des Verfremdungseffekts eine wichtige Rolle in Benjamins Ausdeutung des Kinos spielt, die dieser in den vier Fassungen seines Essays "Das Kunstwerk im Zeitalter seiner technischen Reproduzierbarkeit" und in seiner Theorie über das Konzept der "Aura" darlegt. Die Sektion schließt mit dem Text *Alguns momentos na divisão e união em Hölderlin e Hegel* [*Some moments of division and unity in Hölderlin and Hegel*] von Danilo Chiovatto SERPA, welcher die spannungsvolle Beziehung zwischen dem

Philosophen und dem Dichter anhand von Texten wie “Wissenschaft der Logik” von Hegel sowie “Urteil und Sein” und den Vorworten des *Hyperion* von Hölderlin untersucht.

In der Sektion Übersetzungswissenschaft stellen wir einen Artikel von Simone de MELLO vor, *A Tradução da Poesia Ilustrada de Wilhelm Busch no Brasil: Proposta de um Novo Padrão Métrico-Acentual* [*The Translation of Wilhelm Busch's Illustrated Poetry in Brazil: Towards a New Accentual-Metrical Pattern*]. Die Autorin erläutert, warum die Werkrezeption des Dichters, Malers und Karikaturisten Wilhelm Busch (1832-1908) in Brasilien bisher auf das kindliche Publikum beschränkt geblieben war. Im Gegensatz dazu schlägt die Autorin ein neues Versmaß für Buschs Version von “Hänsel und Gretel” vor, um die humoristische Wirkung des Textes herauszuheben und so das Interesse des erwachsenen Publikums zu wecken.

In der Sektion über Sprachwissenschaft behandelt der Aufsatz von Hardarik BLÜHDORN, *Wo stehen Adverbialia im Satz? Deutsch und brasilianisches Portugiesisch im Vergleich*, das syntaktische Verhalten nicht-satzförmiger Adverbialia im Deutschen und brasilianischen Portugiesisch. Der Autor untersucht sechs Klassen von Syntagmen und berücksichtigt dabei sowohl semantische (Sachverhaltsbeschreibung) wie auch pragmatische (Haltung des Sprechers) Funktionen. Das Ergebnis dieses Vergleichs weist auf die Ähnlichkeit beider Sprachen hin und markiert einen kleinen Unterschied: die starke syntaktische Integration der Adverbialia im Deutschen im Gegensatz zur Möglichkeit einer strukturell freieren bzw. syntaktisch nicht-integrierten Position dieser Elemente im brasilianischen Portugiesisch.

Larisa NIKITINA, Zuraidah MOHD DON und Sal Cheong LOH erforschen in ihrem Artikel *“Great Technology, Football and...”: Malaysian Language Learners’ Stereotypes about Germany* stereotypische Bilder über Deutschland, die einem Projekt entstammen, das mit Lernern des Deutschen als Fremdsprache an einer öffentlichen Universität in Malaysia durchgeführt wurde. Die Studie zeigt nicht nur die Bandbreite und Unterschiedlichkeit der Stereotypen, sondern unternimmt auch den Versuch, die Inhalte dieser Bilder zu bewerten, die nach Themen wie “Technologie”, “berühmte Persönlichkeiten” und “Autos” geordnet werden. Die Ergebnisse erhalten positive und negative Wertzuschreibungen unter der Anwendung von Begriffen wie Vorteilhaftigkeit, Größe und Auffälligkeit.

Der Aufsatz *A influência do inglês no processo de ensino/aprendizagem de alemão por aprendizes brasileiros de terceiras línguas: Abordagens e métodos de investigação* [The influence of English on the teaching/learning process of German as a third language for Brazilian learners: Approaches and investigation methods] von Bianca FERRARI stellt Ergebnisse einer empirischen Studie vor, die mit brasilianischen Lernern durchgeführt wurde und den Einfluss des Englischen auf das Erlernen des Deutschen als dritte Sprache zum Gegenstand hatte. Ausgehend von der Annahme, dass die deutsche Sprache zumeist nicht als erste, sondern als zweite Fremdsprache nach dem Englischen erlernt wird, untersucht die Autorin ein Korpus von fünfzig Textproduktionen und kommt zu dem Schluss, dass der auf Vorkenntnissen des Englischen als L2 beruhende interlinguale Einfluss einen wichtigen Faktor beim Erlernen des Deutschen als L3 darstellt. Auf der Grundlage dieses Ergebnisses spricht sich Bianca Ferrari für die Entwicklung einer Didaktik der Mehrsprachigkeit aus, um den Bedürfnissen der brasilianischen Deutschlerner besser gerecht zu werden.

Franziska SCHWANTUSCHKE untersucht in ihrem Artikel die Eigenschaften der Textsorte Motivationsschreiben, einer Form von Vorstellungstext, die im deutschsprachigen universitären Kontext oft bei der Auswahl von Bewerbern auf Postgraduierungsstudiengänge und Auslandsstipendien herangezogen wird. Anhand eines Korpus von dreißig authentischen Motivationsschreiben und auf der Grundlage textlinguistischer Kategorien untersucht die Autorin die soziale Relevanz sowie die kommunikativen Funktionen dieser Textsorte und betont, wie wichtig es ist, diese Textsorte im universitären Deutsch-als-Fremdsprache-Unterricht zu behandeln.

Diese Ausgabe präsentiert weiterhin auch drei Rezensionen: Till NITSCHMANN stellt die von Florian Vaßen herausgegebene und 2013 erschienene *Bibliographie Heiner Müller* vor; Félix Bugueño MIRANDA rezensiert den *Volksduden*, ein vom Institut für Deutsche Sprache in Mannheim publiziertes Nachschlagewerk zur Rechtschreibung, und Dieter STRAUSS schreibt über das Buch *Entlarvung des Antisemitismus der Regierungen Vargas und Dutra. Über das Buch "Weltbürger – Brasilien und die jüdischen Flüchtlinge 1933-1948* von Maria Luiza Tucci Carneiro.

Wie immer hoffen wir mit dieser Ausgabe zur Verbreitung originaler Forschungsarbeiten im Bereich der Germanistik beizutragen.

São Paulo, 2. November 2014

Dörthe Uphoff, Eloá Heise, Juliana P. Perez, Masa Nomura

Übersetzt von Dörthe Uphoff

# Ecocrítica alemã: Um panorama

[German Ecocriticism: An overview]

<http://dx.doi.org/10.1590/1982-8837119>

Axel Goodbody<sup>1</sup>

**Abstract:** The article presents the state of art of ecocritical research on German literature. Although it has started in a later period in comparison to the USA, there is already a number of publications that indicate that this is a developing research field.

**Key-words:** ecocriticism; environment; German literature

**Resumo:** O artigo apresenta o estado da arte da pesquisa ecocrítica sobre a literatura alemã. Apesar de esta ter se iniciado tardiamente em comparação com os EUA, já há um número de publicações que apontam para uma área em desenvolvimento.

**Palavras-chave:** ecocrítica; meio-ambiente; literatura alemã

## Introdução da tradutora

Apresentamos uma versão estendida do panorama sobre os estudos ecocríticos em literatura alemã de Axel Goodbody publicado em *The Oxford Handbook of Ecocriticism* (ed. Greg Garrard) em 2014. O texto apresenta o estado da arte da pesquisa ecocrítica em literatura alemã. Como é apontado pelo autor, apesar de a Alemanha se destacar no debate ecológico tanto pela filosofia quanto pela consciência de seus habitantes, os estudos na área de literatura foram esquecidos por um longo período ou relegados ao segundo plano. Com este artigo, Goodbody oferece importantes ferramentas àqueles que se interessam pelo assunto, disponibilizando uma larga e abrangente bibliografia sobre um tema relevante, mas ainda pouco abordado pela crítica literária alemã.

---

<sup>1</sup> University of Bath (UK), Department of Politics, Languages & International Studies. Email: [a.h.goodbody@bath.ac.uk](mailto:a.h.goodbody@bath.ac.uk).

N. d. E.: Agradecemos a OUP pela permissão para publicar a tradução do artigo: GOODBODY, A., 2014. *German ecocriticism : an overview*. In: GARRARD, G., ed. [The Oxford Handbook of Ecocriticism](#). Oxford, U. K.: Oxford University Press, pp. 547-559. Este texto possui a licença FREE TO VIEW ONLY; outros usos do mesmo devem obter a permissão da Oxford University Press e não são de responsabilidade da Revista Pandaemonium germanicum.

Ecocrítica é o termo utilizado para definir o estudo da relação entre a literatura e o meio-ambiente, posicionando a natureza em um ponto central dos interesses do homem. Esse debate é de grande importância na atualidade devido à necessidade de ações preventivas contra as mudanças climáticas. Embora os primeiros efeitos dessas mudanças já possam ser percebidos, um dos maiores impedimentos para a tomada de ações concretas continua sendo a incapacidade de as pessoas perceberem como essas mudanças podem afetar suas vidas cotidianas. A literatura exerce um importante efeito nesse sentido, transformando ameaças abstratas em possibilidades mais concretas e palpáveis para os seus leitores, como um alerta sobre atitudes que devem ser evitadas para que o pior não aconteça. Assim, é possível afirmar que, apesar de a ecocrítica ser especialmente destacada nos EUA, ela é uma área que deveria ser considerada relevante em todo o mundo.

Axel Goodbody nasceu em 1950 em Dublin. Estudou Germanística e Romanística no Trinity College em Dublin. Em 1983 defendeu seu doutorado acerca da lírica sobre a natureza no romantismo alemão e no século XX, e desde então leciona na Universidade de Bath. Foi um dos membros fundadores do braço britânico da ASLE (Association for the Study of Literature and Environment) em 1998 e da EASLCE (European Association for the Study of Literature, Culture and Environment) em 2004. Goodbody é considerado uma das principais autoridades na pesquisa de literatura ambiental alemã. É o autor de *The Culture of German Environmentalism. Anxieties, Visions, Realities* publicado em 2002, organizou, juntamente a Kate Ribgby, o livro *Ecocritical Theory: New European Approaches* em 2011, além de ter publicado diversos outros títulos e artigos sobre a questão ambiental tanto em língua inglesa quanto em alemão.

Esperamos, com esta tradução, oferecer subsídios e inspiração para os estudos ecocríticos no Brasil.

*Valéria Sabrina Pereira*

*Universidade Federal de Minas Gerais*



O contraste entre a resposta entusiástica da academia anglófona à ecocrítica e sua relativa invisibilidade no mundo falante de alemão é um verdadeiro enigma.<sup>2</sup> Por que ela deveria ganhar mais reconhecimento como um campo de estudos literários na Alemanha, Áustria e Suíça, países em cuja filosofia e tradição cultural a natureza ocupa um lugar tão proeminente, cujo povo, segundo levantamentos internacionais de opinião pública, tem um alto índice de consciência ambiental, e onde as questões ambientais ocupam uma posição consistentemente alta na agenda política? Uma razão pode ser o fato de que cientistas, pensadores políticos e filósofos alemães têm sido pioneiros em ecologia desde Humboldt e Haeckel, e que livros não-ficcionais têm servido como o principal meio para o debate público sobre as questões ambientais na Alemanha. Há uma riqueza de pensamento ecológico cujas raízes se encontram na fenomenologia (de Heidegger aos Böhmes), no humanismo clássico (de Fromm a Jonas e Meyer-Abich) e na teoria social (da Escola de Frankfurt a Beck). Entretanto, a escrita literária alemã teve um impacto mais limitado no discurso ambiental e nas atitudes públicas, tanto em território nacional quanto no exterior.

Apesar de a maioria dos principais autores dos últimos quarenta anos (incluindo Christa Wolf, Hans Magnus Enzensberger e três ganhadores do prêmio Nobel, Günter Grass, Herta Müller e Elfriede Jelinek) terem tratado questões ambientais em algum ponto de suas obras, apenas um número relativamente pequeno de romances (ou filmes) importantes colocou as questões ambientais em primeiro plano na Alemanha desde um breve período que vai do início aos meados dos anos 1980. O escritor alemão cujo pensamento sobre o meio-ambiente goza de reconhecimento internacional é, de fato, Johann Wolfgang von Goethe, que escreveu durante o romantismo.<sup>3</sup> Mesmo o projeto “Cultura e Clima” lançado pelo Instituto Goethe em 2009, como um foco temático especial de seu trabalho na representação dos interesses culturais da Alemanha no exterior, concentrou-se mais especialmente em artistas, fotógrafos, cineastas e artistas performáticos do que em escritores. Natureza e meio-ambiente certamente têm sido interesses destacados na arte alemã do século XX (dos artistas da colônia Worpswede e o expressionismo no início dos anos 1900 até Joseph Beuys e Friedensreich

---

<sup>2</sup> Gostaria de agradecer Gabriele Dürbeck, Agnes Kneitz, Bernhard Malkmus, Ute Seiderer, Berbeli Wanning e Evi Zemanek, que comentaram o esboço deste ensaio. Sem sua ajuda, eu estaria consideravelmente menos bem informado.

<sup>3</sup> Vide SEAMON; ZAJONC (1998), que compila ensaios sobre a perspectiva “ecológica” na ciência de Goethe e o seu uso contemporâneo (em especial, o ensaio de Nigel HOFFMANN, “The Unity of Science and Art: Goethean Phenomenology as a New Ecological Discipline”, 129-176). O trabalho de Peter SMITH também é importante nesse contexto (cf. SMITH 2000).

Hundertwasser), e discutivelmente também no cinema (se forem considerados os filmes alemães sobre montanhas, o *Heimatfilm*<sup>4</sup>, a obra de Werner Herzog, e muitos dos documentários sobre a natureza e filmes sobre a paisagem regional que têm sido exibidos na televisão no últimos anos).<sup>5</sup> Contudo, permanece notório o fato de que artistas e cineastas hoje são considerados consideravelmente mais capazes do que os escritores alemães em auxiliar o público na reflexão sobre as causas humanas das mudanças climáticas e a imaginar suas consequências.

Uma outra razão para a relutância dos estudiosos de literatura na Alemanha a se engajarem na crítica focada na questão ambiental tem sido o legado de suspeita em relação ao sentimento “irracional” diante da natureza após 1945. Nos anos 80 e após, foi comum que esses estudiosos procurassem se distanciar do pensamento *völkisch* (i.e. racista-nacionalista) que emergiu por volta do final do século XIX e culminou no culto nazista de *Blut und Boden* (sangue e terra), e desconfiassem das conexões entre natureza e identidade nacional que frequentemente são encontradas em outras regiões. A carga ideológica, racialmente modulada, do pensamento alemão sobre a natureza, que havia sido alimentada por historiadores e críticos literários proeminentes nos anos 1930, pareceu para alguns refletir-se nos interesses temáticos centrais da ecocrítica, tais como a conservação da natureza e o pertencimento a um determinado lugar. Quando o movimento ambientalista surgiu na Alemanha, no início dos anos 1970, cerca de uma década depois do que nos EUA, sua mistura de argumentos racionais (muitas vezes simplistas) com uma oposição emocional aos valores materialistas e àquilo que foi percebido como tecnologias de alto risco, junto a sua retórica apocalíptica, pareceu para os acadêmicos um perigoso regresso ao romantismo e às formas antimodernistas da virada do século.

A história ambiental, entretanto, floresceu na Alemanha a partir dos anos 1980. Tanto na Europa quanto na América, estudiosos sujeitaram a uma análise crítica extensiva as atitudes inconstantes em relação à natureza e os conceitos de gerenciamento apropriado do meio-ambiente nos países falantes de alemão (Cf. LEKAN 2004; MAUCH 2004; BLACKBOURN 2006) Estudos mais especializados tendiam a ser focados ou na terra natal (*Heimat*) e nos movimentos juvenis de retorno à natureza da

---

<sup>4</sup> Filmes nostálgicos relacionados à Terra Natal (N. d. T.)

<sup>5</sup> Estudos sobre a arte ambiental e de paisagens na Alemanha incluem Frank FINLAY (1997) e Jael LEHMANN (2012). Estudos relevantes a respeito do cinema alemão incluem trabalhos que tratam de filmes sobre paisagens montanhosas (RENTSCHLER 1990), o *Heimatfilm* rural (PALFREYMAN 2002, VON MOLTKE 2005), e os filmes de Werner Herzog (GANDY 1996).

virada do século XX (cf. ROLLINS 1997), e no III Reich (Império Alemão) (Cf. BIEHL/STAUDENMAIER 1995, BRÜGGEMEIER/ CIOC/ ZELLER 2005), ou no movimento ambientalista (cf. DOMINICK 1992; RADKAU 2011). A história ambiental surgiu como um campo que abarca elementos da história das ideias e da história cultural, juntamente à história política e social, e à geografia cultural. Em alguns casos, a história literária tem sido incluída nos relatos históricos da cultura e da sociedade alemã: representações literárias e artísticas vêm sendo abordadas em uma série de monografias e coleções de ensaios (Cf. SIEFERLE 1984, GROH; GROH 1991 e 1996, KIRCHHOFF; TREPL 2009). Ao mesmo tempo, um trabalho importante tem sido conduzido por filósofos alemães que estão revisando as percepções inconstantes sobre a natureza (cf. SIEFERLE 1984, GROH; GROH 1991 e 1996, KIRCHHOFF; TREPL 2009), e exploram a ética (Cf. KREBS 1999) e a estética ambiental (cf. BÖHME 1989, VIETTA 1995, SEEL 1997). Linguistas, especialistas em estudos de mídia, psicólogos, etnólogos e teóricos políticos, todos eles continuaram produzindo estudos de relevância para a ecocrítica. Infelizmente, não seria possível fazer justiça à contribuição dessas disciplinas para a causa da ecocrítica dentro do escopo deste artigo.<sup>6</sup>

O contraste entre a riqueza do estudo ecocrítico em um sentido mais amplo e o número relativamente baixo de estudiosos de literatura alemã que escolheram, como já foi indicado, dedicar-se especificamente a temas ambientais é chocante. (O número de estudiosos que rotulou o próprio trabalho como “ecocrítico” é ainda menor.). Uma grande porção deles, além de tudo, são *Auslandsgermanisten*, ou seja, estudiosos que trabalham no exterior (p. ex. Jost HERMAND, Bernhard MALKMUS, Heather SULLIVAN e Sabine WILKE nos EUA, Kate RIGBY na Austrália, Axel GOODBODY e Colin RIORDAN no Reino Unido, Serenella IOVINO na Itália, e Nevzat KAYA na Turquia). Alemães que fizeram contribuições significantes aos estudos ecocríticos, como Hannes BERGTHALLER, Catrin GERSDORF, Christa GREWE-VOLPP, Sylvia MAYER e Hubert ZAPF, geralmente trabalham com literatura norte-americana ou britânica, e a primeira conferência ecocrítica na Alemanha, na qual a afiliação europeia da ASLE (European

---

<sup>6</sup> O contexto institucional é um fator que levou à emergência da ecocrítica literária na Alemanha como um ramo dos estudos culturais – em vez de um campo autônomo de pesquisa literária –, e a seus fortes laços com outras disciplinas de humanas. O Rachel Carson Center (RCC) em Munique é uma localidade central para o estudo ecocrítico interdisciplinar na atualidade. Fundado em 2009 como uma iniciativa conjunta da Universidade de Munique e o Deutsches Museum (Museu Nacional Alemão de Tecnologia), o RCC se ocupa de todos os aspectos da interação entre agentes humanos e a natureza. Buscando fortalecer o papel das humanidades nos debates políticos e científicos atuais sobre o meio-ambiente, ele é liderado por historiadores, mas inclui entre seus afiliados estudiosos de literatura e cinema como Sylvia MAYER, Agnes KNEITZ e Alexa WEIK.

Association for the Study of Literature, Culture and Environment) foi criada, foi hospedada no Departamento de Inglês da Universidade de Münster em 2004.

Estudos em ingleses – mais precisamente norte-americanos – abriram o caminho para a introdução da ecocrítica literária na Alemanha. (A disciplina desempenhou anteriormente um papel semelhante ao do pós-colonialismo.) Entretanto, isso deveria ser entendido como uma reflexão sobre a sedimentação da experiência histórica nacional na diversidade cultural, mais do que indicar que os departamentos de literatura *mainstream* na Alemanha não têm nada a contribuir com o conhecimento literário de orientação ambientalista. A diversidade cultural está presente em diferentes níveis. Em primeiro lugar, há diferenças entre os repertórios linguísticos e a ressonância que determinados termos possuem. Em segundo, há a discrepância entre a importância relativa da escrita literária sobre determinados temas e em determinados gêneros: por exemplo, as representações da natureza selvagem são menos comuns do que as de “paisagem cultural”, e a escrita da natureza tem um papel muito menos significativa na tradição cultural alemã do que na norte-americana. De fato, ela sequer é reconhecida como um gênero. Por fim, mas não menos importante, há assimetrias no discurso acadêmico e em sua base filosófica, na constelação de escolas de pensamento e nas abordagens teóricas rivais, e na emergência de conceitos, categorizações, questões e abordagens de pesquisa. Todos esses fatores levaram à busca de diferentes tendências na teoria cultural.

Entretanto, o fato de o influente *Metzler Lexikon Literatur- und Kulturtheorie* [Léxico Metzler de teoria literária e da cultura], de Ansgar NÜNNING, contar com um verbete sobre “ecocrítica” já a partir de sua segunda edição (cf. HEISE 2001) pode ser visto como uma indicação de que a abordagem não é mais completamente desconhecida pelos estudantes alemães de teoria literária. De fato, a ecocrítica alemã começou, lentamente, a ganhar reconhecimento internacional. As contribuições alemãs para a filosofia da natureza, o pensamento ecológico e o estudo do investimento de uma significação simbólica da natureza na cultura popular foram largamente reconhecidas no exterior (cf. WORSTER 1977; HARRISON 1992; SCHAMA 1995), e a recente introdução à literatura e ao meio-ambiente de Timothy CLARK (2011) discute uma obra de escrita ambientalista alemã e cita a ecocrítica alemã (pela primeira vez em um livro inglês do gênero). Além de apresentar a novela de Wilhelm RAABE, *Pfisters Mühle* (1884, O Moinho de Pfister) e as obras pioneiras de ecojustiça (CLARK 2011: 96-8), Clark

examina a crítica de HEIDEGGER à tecnologia moderna (*ibidem*: 55-60), a estética de Gernot BÖHME (*ibidem*: 81-2) e a teoria da literatura como ecologia cultural desenvolvida por Hubert ZAPF (*ibidem*: 153-5).

Sem se identificar como ecocríticos, os críticos literários alemães exploraram o rico campo alemão de representações literárias, artísticas e culturais de nosso relacionamento com o meio-ambiente, questionaram que contribuição deram romancistas, ensaístas, dramaturgos e poetas, diretores de cinema e artistas para reavaliá-la e para imaginar alternativas, e analisaram seus meios de produção e adaptação da tradição cultural. Essa obra inclui artigos e livros que já haviam sido publicados nos anos 1960 e 1970 sobre os idílios barrocos (cf. GARBER 1974), a psicoteologia e seu reflexo na poesia sobre a natureza do século XVIII (cf. KETELSEN 1974), o conceito de natureza de Goethe (cf. ZIMMERMANN, 1969), a imagem da natureza no romantismo (cf. VON BORMANN 1968) e a poesia sobre a natureza moderna (cf. SCHÄFER 1969). Então surgiram as primeiras antologias sobre a literatura ambientalista no final dos anos 1970 e, com elas, artigos pioneiros que abordavam textos do cânone literário a partir da preocupação com o ambiente: Leo KREUTZER (1978) clamou por uma nova leitura dos poemas sobre a natureza de Goethe, e Horst DENKLER (1980) apontou o acima mencionado *Pfisters Mühle* de Raabe como um dos primeiros exemplos de reflexão sobre as consequências sociais e culturais da poluição industrial. Do início dos anos 1980 em diante, surgiu uma série de estudos, tais como as considerações de Wolfgang HERLE (1982) sobre a relação entre a humanidade e a natureza nos romances desde 1945, o estudo de Jürgen HAUPT (1982) abordando os poemas alemães sobre a natureza escritos no século XX, e o artigo de Hubertus KNABE (1985) e o livro de Anita MALLINCKRODT (1987), ambos sobre as representações do impacto da industrialização nos romances da RDA.<sup>7</sup>

Uma lista de títulos genuinamente ecocríticos, no sentido estrito de serem substancialmente focados seja na literatura alemã ou na teoria literária e guiados pelas preocupações com o meio-ambiente, se limitaria a uma dúzia de monografias e um número equivalente de volumes editados. Pode-se considerar a coleção de ensaios sobre representações literárias acerca da natureza e a naturalidade realizada por Reinhold GRIMM e Jost HERMAND (1981) como o primeiro deles. Hermand deu sequência a esse

---

<sup>7</sup> Afirmações programáticas sobre a necessidade examinar as representações literárias do meio-ambiente continuaram a surgir nos anos 1980 e 1990 (cf. BÖHME 1988 e 1994; HERMAND 1997).

estudo com uma monografia inovadora, *Grüne Utopien in Deutschland* (Utopias Verdes na Alemanha, 1991), uma brochura escrita para o público em geral que revisitou o pensamento verde na Alemanha desde Rousseau a partir de um ponto de vista ecossocialista. Através da discussão sobre a ficção, a poesia canônica, e muitos autores esquecidos, juntamente a ensaios e manifestos políticos, Hermand revelou a riqueza da tradição intelectual à qual escritores contemporâneos associados ao movimento ambiental poderiam se associar.

O primeiro estudioso que trabalha na Alemanha a publicar um estudo ocupando um livro completo, dessa vez não da perspectiva da tradição literária, mas da perspectiva da história das ideias, foi Gerhard KAISER. Seu livro *Mutter Natur und die Dampfmaschine* (Mãe natureza e a máquina a vapor, 1991) examinou a idealização da natureza que acompanhou a crescente objetivação científica e a dominação tecnológica do mundo natural como um fenômeno complementar do início do século XIX, e argumentou que os textos literários (de Goethe, Keller e Raabe) tiveram um papel fundamental em promover a influente figura da “mãe natureza”. A primeira publicação significativa em inglês foi a coleção de ensaios *Green Thought in German Culture*, editada por Colin Riordan em 1997, que surgiu como resultado de uma conferência de germanistas britânicos em Swansea. O volume combinou a revisão histórica com contribuições sobre o movimento ambientalista no início do século XX, as dimensões ecológicas da teoria crítica, a religiosidade *New Age* e a política de direita, e ensaios sobre a escrita da Alemanha Ocidental e Oriental, a literatura suíça, as artes e o cinema. A produção literária de Carl Amery, romancista bávaro, comentarista cultural, pensador e ativista verde, foi o principal foco de um volume de ensaios multidisciplinar intitulado *The Culture of German Environmentalism* (GOODBODY 2002). Nele foram justapostos relatos sobre a história, a composição sociológica e as fundações teóricas do movimento ambientalista desde os anos 1970 com contribuições sobre o jornalismo, literatura e cinema alemães.

Enquanto isso, a germanista e comparativista australiana Kate RIGBY apresentou um relato comparativo magistral sobre a percepção do lugar da humanidade no mundo natural nos romantismos alemão e inglês em *Topographies of the Sacred* (2004). Rigby mostrou como Goethe, Novalis, Tieck e Eichendorff registraram e refletiram sobre o duplo empobrecimento da humanidade que foi resultado da demanda de limitarmos a nossa imaginação e a capacidade de ter empatia com as outras espécies da natureza, e da

rejeição do próprio aspecto corporal em prol da natureza mecânica. Sua obra está localizada dentro do contexto do romantismo continental e seus contemporâneos ingleses. Com base em *Song of the Earth* de Jonathan Bate, e informada por leituras pós-heideggerianas, Rigby confirma a importância do conceito de moradia para a análise ecocrítica, enquanto introduz modificações significantes.<sup>8</sup>

Em 2005 e 2006, foram publicados dois significantes volumes com artigos da primeira conferência sobre ecocrítica na Alemanha. *Natur – Kultur – Text* (Natureza – Cultura – Texto, GERSDORF/ MAYER 2005) e *Nature in Literary and Cultural Studies* (GERSDORF/ MAYER 2006) combinaram explorações da teoria ecocrítica com análises textuais. O primeiro contém uma introdução à teoria ecocrítica para leitores falantes de alemão tratando a teoria cultural, a comunicação ambientalista e autores alemães desde Kleist. O volume em inglês é aberto por uma introdução à ecocrítica com ênfase na teoria da ecologia cultural. Os ensaios subsequentes abordam principalmente a literatura norte-americana, mas as contribuições de Riordan, Meacher, Griffiths e Goodbody tratam de textos alemães.<sup>9</sup> A exposição de Stefan HOFER de uma teoria de sistemas ecocríticos, um estudo extenso publicado em 2007, levou Niklas LUHMANN a providenciar um fundamento teórico à função social da literatura, o qual se fazia ausente na pesquisa ecocrítica prévia. A insistência de Luhmann na separação na sociedade dos sistemas político, econômico, legal e cultural, e na relativa impossibilidade de eles influenciarem um ao outro, é concebida como uma forma de evitar tanto os argumentos normativos quanto a armadilha de confiar na exortação moral para resolver problemas. BERGTHALLER (2011) recentemente apresentou uma versão em língua inglesa dessa abordagem da teoria de sistemas. O livro de Axel Goodbody *Nature, Technology and Cultural Change in 20<sup>th</sup>-Century German Literature* (2007) é aberto por uma introdução à questão da natureza e do ambiente na cultura alemã, e às abordagens ecocríticas norte-americana, britânica e alemã. Na sequência, há um capítulo sobre o legado de Goethe. O livro traça então as mudanças ocorridas na atitude com relação ao meio-ambiente no decorrer do século XX através de estudos comparativos de obras sobre quatro temas: desastres tecnológicos, habitação, caça e a cidade. A coleção mais recente, *Ökologische*

<sup>8</sup> Heather Sullivan é responsável por outros estudos inovadores sobre Goethe e o romantismo (cf. SULLIVAN 2003 e 2010).

<sup>9</sup> As teses de doutorado não publicadas de Hope, Meacher e Griffiths, e o estudo da escrita contemporânea suíça de Andrew LISTON (2011) são outros exemplos da ecocrítica germanista britânica. A tradição literária suíça, na qual a paisagem dos alpes tem servido como foco para as reflexões sobre o sublime, a vida simples e o impacto danoso da modernização, também tem sido objeto de estudos, incluindo Jürgen BARKHOFF (1997), Sean IRETON e Caroline SCHAUMANN (2012).

*Transformationen und literarische Repräsentationen* (Transformações ecológicas e representações literárias, ERMISCH 2010) contém ensaios originados em um simpósio realizado por especialistas em literatura alemã (com o suporte de historiadores ambientais) na Universidade de Göttingen. Ela pode ser vista como o marco da derradeira aceitação da ecocrítica nos estudos literários alemães *mainstream*.<sup>10</sup> O volume reúne contribuições cuidadosamente fundamentadas sobre autores clássicos, modernos e contemporâneos, e sobre gêneros que vão de poesia e escrita sobre a natureza à literatura infantil e ecoficção.<sup>11</sup>

Na Alemanha, assim como em todo lugar, a pastoral e o apocalipse serviram como modalidades de produção cultural centrais para as representações do meio-ambiente. Nos anos 1970, a *Heimat* (ou terra natal) era redefinida e reabilitada pelas pessoas originárias de um local no contexto do movimento ambientalista. Romances e filmes refletiram esse processo, um exemplo é *Heimat* de Edgar Reitz (que se desenvolveu, desde suas primeiras séries em 1984, de forma a se tornar um épico de 53 horas que traça a vida em um vilarejo rural de 1919 a 2000). Os estudos críticos de *Heimat* e suas representações literárias e visuais (cf. BLICKLE 1992; BOA/ PALFREYMAN 2000) incluíram cada vez mais reflexões sobre o papel daqueles que são pertencentes a um local e a motivação para conduzir um estilo de vida sustentável (cf. GOODBODY (2013). A topografia literária surgiu como um foco para as contribuições alemãs dedicadas à pesquisa orientada pela psicologia. As representações de paisagens como um repositório de experiência histórica foram objeto de análise crítica (sendo que a ênfase normalmente se dá na violência política e na destruição do meio-ambiente) na obra de Wolf e Sebald, e dos austríacos Bachmann, Bernhard, Handke e Jelinek, por exemplo.<sup>12</sup>

A partir dos anos 1980, os estudos de literatura apocalíptica focalizaram, de modo crescente, a representação de catástrofes ambientais (cf. p. ex. GROH/KEMPER/MAULESHAGEN 2003, e RIGBY 2008). A mudança climática levou a um grande aumento no interesse pelo tópico nos últimos anos (cf. DÜRBECK 2012, e MAUCH/ MAYER 2012). A mudança climática na literatura alemã também é uma área de

<sup>10</sup> O principal organizador do simpósio foi Heinrich Detering, cujo interesse de longa-data nas sutilezas da reflexão literária sobre questões ambientais é evidenciado por DETERING 1992 e 2008.

<sup>11</sup> Gêneros de prosa popular que atraíram atenção da crítica incluem o eco-thriller (cf. WANNING 2008), romances policiais (cf. SCHÜLLER 1997), ficção científica (cf. STAPLETON 1993) e narrativas de risco (cf. HEISE 2008; ZEMANEK 2012).

<sup>12</sup> Estudos-chave da topografia literária alemã incluem WEIGEL (1996), Hartmut BÖHME (2005) e WEBBER (2008).



interesse do “Climate Culture”, grupo conduzido pelo *Institute for Advanced Studies in the Humanities* em Essen, e uma das linhas de pesquisa do *Environmental Humanities Transatlantic Research Network* fundado pela Humboldt Foundation e guiado por Sabine Wilke em Seattle.

Representações e reflexões sobre desastres naturais, estágios da destruição humana e processos naturais de decadência têm sido um traço da escrita alemã desde a Segunda Guerra, de Arno Schmidt a W.G. Sebald; a obra ricamente complexa de Sebald serviu como um vínculo entre o interesse pela ecocrítica, os estudos de memória cultural, a escrita de viagens, a autobiografia e a literatura do holocausto (especialmente em seu longo poema *Do Natural* e no relato sobre um passeio a pé por Sussex, em *Os anéis de Saturno*).<sup>13</sup> Questões de justiça e racismo ambiental têm sido tratadas de forma oblíqua na Alemanha através de representações da desterritorialização e expropriação dos judeus, resultando em uma dimensão ecocrítica em algumas obras do campo de estudos do holocausto. Em Sebald, há mais um elo entre os dois objetos: a posição distinta do narrador à margem, procurando por uma identificação tática com seus protagonistas judeus, é refletida na forma como Sebald dá voz a animais e à natureza como vítimas da devassa destruição humana. Em uma das contribuições de orientação crítica mais intrigantes das pesquisas sobre Sebald, que crescem rapidamente desde a morte prematura do autor em 2001, *On Creaturely Life* (2006), Eric SANTNER toma a redefinição de Agamben do conceito teológico de “criatura” como uma categoria biopolítica, na qual o ser humano é reduzido ao estado de passividade, de ser perpetuamente criado, sob as traumáticas condições do governo soberano arbitrário e a violência institucional na modernidade. Santner lê a prosa de Sebald como um local para a exploração do reino de sofrimentos da criatura como resultado do holocausto.

Um panorama desse tipo não estaria completo sem que se procurasse oferecer uma visão mais geral dos desenvolvimentos na teoria ecocrítica na Alemanha, além de identificar a contribuição alemã. Durante a propagação da abordagem ecocrítica do mundo anglófono para outros países e comunidades acadêmicas, ocorrida na última década, estudiosos alemães, assim como os de outras regiões, ligaram-se a tradições predominantemente locais, diversificando e enriquecendo a abordagem ecológica nesse processo. Os debates teóricos alemães nos anos setenta e oitenta foram dominados menos pelo pós-modernismo e pelo pós-estruturalismo do que pela hermenêutica com

---

<sup>13</sup> Publicações sobre a natureza na escrita de Sebald incluem FUCHS (2007) e MALKMUS (2011).

base em Gadamer, nas abordagens neomarxistas da Escola de Frankfurt por Adorno e Benjamin, e na antropologia cultural (especialmente na teoria da recepção de Wolfgang Iser e na obra de Jan e Aleida Assmann sobre a memória cultural). É natural que a ecocrítica alemã tenha sido influenciada por essas correntes de pensamento.

Tino MÜLLER recentemente (2011) argumentou que dois dos principais modelos da teoria ecocrítica alemã atuais têm suas raízes na antropologia literária.<sup>14</sup> Nos anos 1980, Wolfgang Iser desenvolveu um conceito da função dos textos literários que se baseia em seu potencial de contrastar experiências diárias com possíveis alternativas ficcionais, permitindo que os leitores desenvolvam e modifiquem seu autoentendimento ao cruzar os limites em um processo imaginativo. Gernot e Hartmut BÖHME pensaram subsequentemente nas consequências ecológicas dessa abordagem. Sua “estética da natureza” é fundada no humanismo liberal tradicional, mas o molda através da ideia de uma sensibilidade especial que permita que os seres humanos voltem a se conectar com a natureza.

Para estabelecer relações novas e não hierárquicas com a natureza, os autores argumentam que precisamos revisitar conceitos simbióticos pré-modernos do ser humano em seu ambiente natural, tais como a ideia de Paracelso de uma “linguagem da natureza” simbiótica. Ela pode ter sido suplantada nas ciências naturais, mas continuou sendo uma força produtiva na história das ideias, contribuindo tanto com a literatura (Novalis, Baudelaire e grande parte da poesia sobre a natureza do século XX) quanto com a filosofia (Kant, Benjamin, Adorno, Blumenberg). Além disso, Gernot e Hartmut Böhme clamam que é através de nossas sensações físicas e reações ao meio-ambiente que nos comunicamos com o mundo objetivo.<sup>15</sup> Traços da experiência física estão presentes em toda a linguagem, mas são mais palpáveis nos textos poéticos que trabalham com metáforas e imagens e conseqüentemente têm um papel especial como um meio que facilita se reconectar com a natureza. Em uma era de destruição ambiental, o arquivo cultural de textos literários é um recurso cujo potencial não deveria ser negligenciado em estratégias de renaturalização. A literatura grava e guarda informações sobre como as sociedades se posicionam em relação à natureza, dando voz

---

<sup>14</sup> Não se deve negar que outros aspectos da teoria literária amplamente utilizados por estudiosos alemães (p. ex. marxismo e psicanálise) possuem uma dimensão ecocrítica. Entretanto, tem havido uma ausência notável de contribuições ecofeministas, e, enquanto Heidegger continua sendo um ponto de referência central para a ecocrítica internacional, essa crítica da tecnologia raramente é citada como modelo pelos críticos literários alemães.

<sup>15</sup> A teoria das “atmosferas” de Gernot Böhme (cf. RIGBY 2011) é a principal forma na qual a fenomenologia está presente na teoria ecocrítica alemã.

a aspectos da cultura que, de outra maneira, são excluídos e silenciados, tais como as mulheres, os povos “não-civilizados” e o mundo físico. A sobrevivência da raça humana depende da reinstauração de sensibilidades ameaçadas como prioridade máxima. Hartmut Böhme traça um elo entre esse papel de facilitar a sobrevivência humana desempenhado pela literatura, a arte e a estética, e o conceito de natureza como um “projeto cultural” (BÖHME/MATUSSEK/MÜLLER 2000: 118-31). Devemos aceitar a responsabilidade por moldá-la, conscientes de que o nosso controle sobre ela não é ilimitado. Obras de arte podem tanto servir como modelo estético de interação humana com a natureza, quanto imaginar e representar utopias alternativas aos padrões contemporâneos de comportamento.

A segunda contribuição significativa à teoria ecocrítica, a fusão da ecologia cultural e do criticismo textual desenvolvida por Hubert ZAPF (2002), considera os textos literários capazes de revitalizar o sistema cultural através de condensar e transformar elementos do discurso público em construtos nodais, como símbolos e metáforas. Enquanto Böhme permanece centrado no objeto em sua tentativa de superar os problemas associados ao antropocentrismo, Zapf adota uma abordagem sistêmica, questionando que função a cultura desempenha na sociedade. Ele faz uma distinção entre três funções discursivas da literatura igualmente importantes como um meio da ecologia cultural: uma função crítica à cultura, uma imaginativa e uma reintegrativa (ZAPF 2002: 33-9). Primeiro, a literatura chama a atenção para estruturas opressivas do sistema cultural. Em seguida, ela dá voz àquilo que é suprimido por essas culturas e providencia uma base de testes para formas alternativas de organização cultural. E, por fim, ela tem uma capacidade única de tratar da pessoa como um todo, cruzar fronteiras entre sistemas sociais e discursos que, em outras situações, se encontram divididos. O impacto cultural dos textos literários provém, acima de tudo, de sua condensação de informações tanto simbólica quanto metafórica.

Como deveriam ser resumidas as realizações e contribuições à ecocrítica alemã feitas até hoje? Talvez afirmando que ela se baseou em e explicou pensamentos que compartilham muito com a cultura norte-americana e britânica, mas possivelmente se diferencia na maneira como instrui sobre os problemas ambientais. Através de comparações interdisciplinares e interculturais teoricamente informadas, a ecocrítica alemã também adicionou uma série de perspectivas e metodologias à caixa de ferramentas da comunidade internacional de pesquisadores. Meu ponto de partida foi o

fato de que a crítica literária parece ter ocupado um papel menos proeminente nos debates sobre a sustentabilidade na Alemanha do que nos EUA, o que pode ser um reflexo do domínio dos discursos filosófico, ético, histórico, político e social, assim como do volume relativamente modesto e do status da escrita literária alemã sobre o meio-ambiente. O pensamento ecológico deve ser centrado na literatura? Talvez haja razões históricas e culturais especiais que justifiquem que as coisas sejam assim nos EUA, e isso deveria ser considerado como a exceção mais do que como a regra.

## Referência Biográficas

- BARKHOFF, Jürgen. Green Thought in Modern Swiss Literature. In: RIORDAN, Colin (ed.). *Green Thought in German Culture. Historical and Contemporary Perspectives*. Cardiff: University of Wales Press, 1997, 223-41.
- BERGTHALLER, Hannes. Cybernetics and Social Systems Theory. In: GOODBODY, Axel; Rigby, Kate (ed.). *Ecocritical Theory: New European Contributions*. Charlottesville and London: University of Virginia Press, 2011, 217-29.
- BIEHL, Janet; STAUDENMAIER, Peter. *Ecofascism. Lessons from the German Experience*. Edinburgh and San Francisco: AK Press, 1995.
- BLACKBOURN, David. *The Conquest of Nature. Water, Landscape, and the Making of Modern Germany*. London: Jonathan Cape, 2006.
- BLICKLE, Peter, *Heimat. A Critical Theory of the German Idea of Homeland*. Rochester, New York: Camden House, 1992.
- BOA, Elizabeth; PALFREYMAN, Rachel. *Heimat. A German Dream. Regional Loyalties and National Identity in German Culture 1890-1990*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- BÖHME, Gernot. *Für eine ökologische Naturästhetik*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Natürlich Natur. Über Natur im Zeitalter ihrer technischen Reproduzierbarkeit*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1992.
- BÖHME, Hartmut (ed.). *Kulturgeschichte des Wassers*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Natur und Subjekt*. Frankfurt am Main: Hartmut Böhme, 1988
- \_\_\_\_\_. Literaturwissenschaft in der Herausforderung der technischen und ökologischen Welt. In JÄGER, Ludwig; SWITALLA, Bernd (ed.). *Germanistik in der Mediengesellschaft*. München: Fink, 1994, 63-79.
- \_\_\_\_\_. (ed.). *Topographien der Literatur: Deutsche Literatur im transnationalen Kontext*. Stuttgart: Metzler, 2005.
- BÖHME, Hartmut, MATUSSEK, Peter; MÜLLER, Lothar. *Orientierung Kulturwissenschaft. Was sie kann, was sie will*. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 2000.
- BRAUNGART, Georg and Urs Büttner (ed.), *Wind und Wetter: Kultur – Wissen – Ästhetik*. München: Wilhelm Fink Verlag, 2014.
- BRÜGGEMEIER, Franz-Josef; CIOC, Mark; ZELLER, Thomas (ed.). *How Green Were the Nazis? Nature, Environment, and Nation in the Third Reich*. Athens, GA: Ohio University Press, 2005.

- CLARK, Timothy. *The Cambridge Introduction to Literature and the Environment*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- DENKLER, Horst. Nachwort. In: RAABE, Wilhelm. *Pfisters Mühle. Ein Sommerferienheft*, Stuttgart: Reclam, 1980, 225-51.
- DETERING, Heinrich. Ökologische Krise und ästhetische Innovation im Werk Wilhelm Raabes. *Jahrbuch der Raabe-Gesellschaft*, 1992, 1-27.
- \_\_\_\_\_. "So könnte die Welt untergehen": Ökologie und Literatur im 18. Jahrhundert, *Lichtenberg-Jahrbuch*, 2008, 7-20.
- DOMINICK, Raymond H. *The Environmental Movement in Germany. Prophets and Pioneers, 1871-1971*. Bloomington; Indianapolis: Indiana University Press, 1992.
- DÜRBECK, Gabriele (ed.) *Writing Catastrophes: Cross-disciplinary Perspectives on the Semantics of Natural and Anthropogenic Disasters (Ecozon@ 3:1 [Spring 2012])*.
- \_\_\_\_\_. "Popular Science and Apocalyptic Narrative in Frank Schätzing's *The Swarm*". In Dürbeck, 2012, 20-30.
- ERMISCH, Maren, KRUSE, Ulrike; STOBBE, Urte (ed.). *Ökologische Transformationen und literarische Repräsentationen. Veröffentlichungen des Graduiertenkollegs Interdisziplinäre Umweltgeschichte*. Göttingen: Universitätsverlag Göttingen, 2010.
- FINLAY, Frank. Joseph Beuys' Eco-Aesthetics. In: RIORDAN, Colin (ed.). *Green Thought in German Culture. Historical and Contemporary Perspectives*. Cardiff: University of Wales Press, 1997, 245-58.
- FUCHS, Anne. "Ein Hauptkapitel der Geschichte der Unterwerfung": Representations of Nature in W.G. Sebald's *Die Ringe des Saturn*. In: FUCHS, Anne; LONG, J.J. (ed.). *W.G. Sebald and the Writing of History*. Würzburg: Königshausen and Neumann, 2007, 121-38.
- GANDY, Matthew. Visions of Darkness: The Representation of Nature in the Films of Werner Herzog. In: *Ecumene 3:1* (1996), 1-21.
- GARBER, Klaus. *Der locus amoenus und der locus terribilis. Bild und Funktion der Natur in der deutschen Schäfer- und Landlebendichtung des 17. Jahrhunderts*. Köln, Wien: Böhlau, 1974.
- GERSDORF, Catrin; MAYER, Sylvia (ed.). *Natur – Kultur – Text. Beiträge zu Ökologie und Literaturwissenschaft*. Heidelberg: Universitätsverlag Winter, 2005.
- \_\_\_\_\_. (ed.). *Nature in Literary and Cultural Studies. Transatlantic Conversations on Ecocriticism*. Amsterdam and New York: Rodopi, 2006.
- GOODBODY, Axel (ed.). *The Culture of German Environmentalism. Anxieties, Visions, Realities*. New York and Oxford: Berghahn, 2002.
- \_\_\_\_\_. (ed.) *Literatur und Ökologie*. Amsterdam: Rodopi, 1998.
- \_\_\_\_\_. (ed.) *Nature, Technology and Cultural Change in Twentieth-Century German Literature. The Challenge of Ecocriticism*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2007.
- \_\_\_\_\_. Heimat als Identität und ökologisches Bewusstsein stiftender Faktor: Zu Ansätzen in Romanen um 1900 von Bruno Wille, Hermann Hesse und Josef Ponten. In: PAULSEN, Adam; SANDBERG, Anna (ed.). *Natur und Moderne um 1900. Räume - Repräsentationen*. Bielefeld: transcript, 2013, 183-202.
- \_\_\_\_\_. Melting ice and the paradoxes of Zeno: Didactic impulses and aesthetic distancing in "German climate change fiction". *Ecozon@ 4 :1* (Spring 2013), 92-102.
- GOODBODY, Axel; RIGBY, Kate (ed.). *Ecocritical Theory: New European Contributions*. Charlottesville, London: University of Virginia Press, 2011.
- GOODBODY, Axel and Berbeli Wanning (ed.), *Wasser - Kultur - Ökologie: Konstanten und Wandel in der sozialen und kulturellen Bedeutung des flüssigen Elements*, Göttingen: V&R unipress, 2008.

- GRIMM, Reinhold; HERMAND, Jost (ed.). *Natur und Natürlichkeit. Stationen des Grünen in der deutschen Literatur*. Königstein im Taunus: Athenäum, 1981.
- GROH, Ruth; GROH, Dieter. *Zur Kulturgeschichte der Natur* (2 vols). Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1991 e 1996.
- GROH, Dieter, KEMPE, Michael; MAULESHAGEN, Franz (ed.). *Naturkatastrophen: Beiträge zu ihrer Deutung, Wahrnehmung und Darstellung in Text und Bild von der Antike bis ins 20. Jahrhundert*. Tübingen: Gunter Narr, 2003.
- HARRISON, Robert Pogue. *Forests. The Shadow of Civilization*. Chicago and London: University of Chicago Press, 1992.
- HAUPT, Jürgen. *Natur und Lyrik. Naturbeziehungen im 20. Jahrhundert*. Stuttgart: Metzler, 1982.
- HEISE, Ursula. Ecocriticism/ Ökokritik. In: NÜNNING, Ansgar (ed.). *Metzler Lexikon Literatur- und Kulturtheorie*. Stuttgart, Weimar: Metzler, 2<sup>a</sup> ed., 2001, 128-9.
- \_\_\_\_\_. *Sense of Place and Sense of Planet: The Environmental Imagination of the Global*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Nach der Natur. Das Artensterben und die moderne Kultur*, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2010.
- HERLES, Wolfgang. *Der Beziehungswandel zwischen Mensch und Natur im Spiegel der deutschen Literatur seit 1945*. Stuttgart: Heinz, 1982.
- HERMAND, Jost. *Grüne Utopien in Deutschland. Zur Geschichte des ökologischen Bewusstseins*. Frankfurt am Main: Fischer, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Im Wettlauf mit der Zeit : Anstöße zu einer ökologiebewussten Ästhetik*. Berlin: edition sigma, 1991.
- \_\_\_\_\_. Literaturwissenschaft und ökologisches Bewusstsein. Eine mühsame Verflechtung. In BENTFELD, Anne; DELABAR, Walter (ed.). *Perspektiven der Germanistik. Neueste Ansichten zu einem alten Problem*. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1997, 106-25.
- HOFER, Stefan. *Die Ökologie der Literatur. Eine systemtheoretische Annäherung. Mit einer Studie zu Werken Peter Handkes*. Bielefeld: transcript, 2007.
- HORN, Eva. Enden des Menschen. Globale Katastrophen als biopolitische Fantasie. In: SORG, Reto; WÜRFEL, Stefan Bodo (ed.). *Utopie und Apokalypse in der Moderne*. München: 2010, 101-18.
- IRETON, Sean; SCHAUMANN, Caroline (ed.). *Heights of Reflection. Mountains in the German Imagination from the Middle Ages to the Twenty-First Century*. Rochester, New York: Camden House, 2012.
- JAELEHLMANN, Annette. *Environments: Künste Medien Umwelt. Facetten der künstlerischen Auseinandersetzung mit Landschaft und Natur*. Bielefeld: transcript, 2012.
- KAISER, Gerhard. *Mutter Natur und die Dampfmaschine. Ein literarischer Mythos im Rückbezug auf Antike und Christentum*. Freiburg im Breisgau: Rombach, 1991.
- KETELSEN, Uwe-Karsten. *Die Naturpoesie der norddeutschen Frühaufklärung. Poesie als Sprache der Versöhnung, alter Universalismus und neues Weltbild*. Stuttgart: Metzler, 1974.
- KIRCHHOFF, Thomas; TREPL, Ludwig (ed.). *Vieldeutige Natur: Landschaft, Wildnis und Ökosystem als kulturgeschichtliche Phänomene*. Bielefeld: transcript, 2009.
- KNABE, Hubertus. Zweifel an der Industriegesellschaft. Ökologische Kritik in der erzählenden DDR-Literatur. In: Redaktion Deutschland Archiv (ed.). *Umweltprobleme und Umweltbewußtsein in der DDR*. Köln: Verlag Wissenschaft und Politik. 1985, 201-50.
- KREBS, Angelika. *Ethics of Nature*. Berlin, New York: de Gruyter, 1999.
- KREUTZER, Leo. Wie herrlich leuchtet uns die Natur?. In: *Akzente* 25:4 (1978), 381-90.

- LEKAN, Thomas M. *Imagining the Nation in Nature: Landscape Preservation and German Identity, 1885-1945*. Cambridge, Mass. and London: Harvard University Press, 2004.
- LILIENTHAL, Volker. Irrlichter aus dem Dunkel der Zukunft. Zur neueren deutschen Katastrophenliteratur. In: KREUZER, Helmut (ed.), *Pluralismus und Postmodernismus. Zur Literatur- und Kulturgeschichte in Deutschland 1980-1995*. 4<sup>a</sup> ed. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1996, 257-96.
- LINDENPÜTZ, Dagmar. *Das Kinderbuch als Medium ökologischer Bildung. Untersuchungen zur Konzeption von Natur und Umwelt in der erzählenden Kinderliteratur seit 1970*. Essen: Die Blaue Eule, 1999.
- LISTON, Andrew. *The Ecological Voice in Recent German-Swiss Prose*. Oxford, etc.: Peter Lang, 2011.
- MALKMUS, Bernhard. Das Naturtheater des W.G. Sebald: Die ökologischen Aporien eines poeta doctus. In: LÜTZELER, Paul Michael; MCGLOTHLIN, Erin (ed.). *Gegenwartsliteratur. A German Studies Yearbook 10*. Tübingen: Stauffenburg, 2011, 210-33.
- MALLINCKRODT, Anita. *The Environmental Dialogue in the GDR. Literature, Church, Party and Interest Groups in their Socio-Political Context. A Research Concept and Case Study*. Lanham: University Press of America, 1987.
- MAUCH, Christoph (ed.). *Nature in German History*. New York and Oxford: Berghahn, 2004.
- MAYER, Sylvia; MAUCH, Christoph (ed.). *Green Cultures: Environmental Knowledge, Climate, and Catastrophe*. Heidelberg: Universitätsverlag Winter, 2012.
- MAYER, Sylvia; VON MOSSNER, Alexa Weik (ed.), *The Anticipation of Catastrophe. Environmental Risk in North American Literature and Culture*. Heidelberg: Winter Verlag, 2014.
- MECKLENBURG, Norbert. *Die grünen Inseln. Zur Kritik des literarischen Heimatkomplexes*. München: iudicium, 1987.
- MEYER-ABICH, Klaus Michael. *Revolution for Nature. From the Environment to the Connatural World*. Cambridge: White Horse Press, 1993
- MÜLLER, Timo. From Literary Anthropology to Cultural Ecology: German Ecocritical Theory since Wolfgang Iser In: GOODBODY, Axel; Rigby, Kate (ed.). *Ecocritical Theory: New European Contributions*. Charlottesville and London: University of Virginia Press, 2011, 71-83.
- MÜLLER, Timo; SAUTER, Michael (ed.). *Literature, Ecology, Ethics: Recent Trends in Ecocriticism*. Heidelberg: Universitätsverlag Winter GmbH Heidelberg, 2012.
- PALFREYMAN, Rachel. Green Strands on the Silver Screen? Heimat and Environment in the German Cinema. In: GOODBODY, Axel (ed.). *The Culture of German Environmentalism. Anxieties, Visions, Realities*. New York and Oxford: Berghahn, 2002, 171-86.
- RADKAU, Joachim. *Die Ära der Ökologie*. München: Beck, 2011.
- RAPP, Friedrich (ed.). *Naturverständnis und Naturbeherrschung. Philosophiegeschichtliche Entwicklung und gegenwärtiger Kontext*. München: Fink, 1981.
- RENTSCHLER, Eric. "Mountains and Modernity: Relocating the *Bergfilm*". In: *New German Critique* 51 (Autumn 1990), 137-61.
- RIGBY, Kate. *Topographies of the Sacred. The Poetics of Place in European Romanticism*. Charlottesville, London: University of Virginia Press, 2004.
- \_\_\_\_\_. Discoursing on Disaster: The Hermeneutics of Environmental Catastrophe. In: *Tamkang Review* 39:1 (2008), 19-40.
- \_\_\_\_\_. Gernot Böhme's Ecological Aesthetics of Atmosphere. In: GOODBODY, Axel; Rigby, Kate (ed.). *Ecocritical Theory: New European Contributions*. Charlottesville and London: University of Virginia Press, 2011, 139-52.

- RIORDAN, Colin (ed.). *Green Thought in German Culture. Historical and Contemporary Perspectives*. Cardiff: University of Wales Press, 1997.
- ROLLINS, William H. *A Greener Vision of Home. Cultural Politics and Environmental Reform in the German Heimatschutz Movement, 1904-1918*. Michigan: University of Michigan Press, 1997.
- SANTNER, Eric. *On Creaturely Life. Rilke, Benjamin, Sebald*. Chicago: University of Chicago Press, 2006.
- SCHÄFER, Hans Dieter. *Wilhelm Lehmann. Studien zu seinem Leben und Werk*. Bonn: Bouvier, 1969.
- SCHÄFER, Lothar. *Das Bacon-Projekt. Von der Erkenntnis, Nutzung und Schonung der Natur*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1993.
- SCHAMA, Simon. *Landscape and Memory*. London: HarperCollins, 1995.
- SCHARNOWSKI, Susanne. Literatur für das Anthropozän. Die Ästhetik der berührten Natur in Dieter Bachmanns *Unter Tieren* und Andreas Maiers/ Christine Büchners *Bullau. Versuch über Natur*. In: AMTHOR, Wiebke; HILLE, Almut; SCHARNOWSKI, Susanne (ed.). *Wilde Lektüren. Literatur und Leidenschaft. Festschrift für Hans Richard Brittnacher zum 60. Geburtstag*, Bielefeld: Aisthesis, 2012, 363-80.
- SEAMON, David; Zajonc, Arthur (ed.). *Goethe's Way of Science. A Phenomenology of Nature*. New York: State University of New York Press, 1998.
- SEEL, Martin. *Eine Ästhetik der Natur*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1991.
- SIEFERLE, Rolf Peter (ed.). *Fortschrittsfeinde? Opposition gegen Technik und Industrie von der Romantik bis zur Gegenwart*. München: Beck, 1984.
- SMITH, Peter D. *Metaphor and Materiality: German Literature and the Worldview of Science: 1780-1955*. Oxford: Legenda, 2000.
- STAPLETON, Amy. *Utopias for a Dying World. Contemporary German Science Fiction's Plea for a New Ecological Awareness*. New York, etc.: Peter Lang, 1993.
- SULLIVAN, Heather. Organic and Inorganic Bodies in the Age of Goethe: An Ecocritical Reading of Ludwig Tieck's *Rune Mountain* and the Earth Sciences. In: *ISLE* 10:2 (2003), 21-46.
- \_\_\_\_\_. Ecocriticism, the Elements, and the Ascent/ Descent into Weather in Goethe's *Faust*. In: *Goethe Yearbook* 2010, 55-72.
- UTZ, Peter. Wenn in der Schweiz die Welt untergeht. Literatur aus der Schweiz und ihre Katastrophenszenarien. In: SORG, Reto; CADUFF, Corinna (ed.). *Nationale Literaturen – ein Phantom? Die Imagination und Tradition des Schweizerischen als Problem*. München: Fink, 2004, 219-233.
- VIETTA, Silvio. *Die vollendete Speculation führt zur Natur zurück. Natur und Ästhetik*. Leipzig: Reclam, 1995.
- VON BORMANN, Alexander. *Natura Loquitur. Naturpoesie und emblematische Formel bei Joseph von Eichendorff*. Tübingen: Niemeyer, 1968.
- VON MOLTKE, Johannes. *No Place Like Home: Locations of Heimat in German Cinema*. Berkeley, Los Angeles: University of California Press, 2005.
- WANNING, Berbeli. Yrrsinn oder die Auflehnung der Natur – Kulturökologische Betrachtungen zu Der Schwarm von Frank Schätzing. In: Hubert Zapf et al. (ed.). *Kulturökologie und Literatur. Beiträge zu einem neuen Paradigma der Literaturwissenschaft*. Würzburg: Königshausen and Neumann, 2008, 339-57.
- WEBBER, Andrew. *Berlin in the Twentieth Century. A Cultural Topography*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- WEIGEL, Sigrid. *Body- and Image-Space. Re-reading Walter Benjamin*. Trad.: Georgina Paul, Rachel McNicholl e Jeremy Gaines. London: Routledge, 1996.



- WILKE, Joachim (ed.). *Zum Naturbegriff der Gegenwart. Kongressdokumentation zum Projekt 'Natur im Kopf'*. 2 vols. Stuttgart, Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog, 1993.
- WORSTER, Donald. *Nature's Economy: A History of Ecological Ideas*. San Francisco: Sierra Club, 1977.
- ZAPF, Hubert. *Literatur als kulturelle Ökologie: Zur kulturellen Funktion imaginativer Texte an Beispielen des amerikanischen Romans*. Tübingen: Niemeyer, 2002.
- ZEMANEK, Evi. Naturkatastrophen in neuen Formaten. Fakten und Fiktionen des Tsunami in Frank Schätzing's Ökothriller *Der Schwarm* und Josef Haslingers Augenzeugenbericht *Phi Phi Island*. In: Bohley, Johanna; Schöll, Julia (ed.). *Das erste Jahrzehnt. Narrative und Poetiken des 21. Jahrhunderts*. Würzburg: Königshausen und Neumann, 2011, 83-98.
- \_\_\_\_\_. Unkalkulierbare Risiken und ihre Nebenwirkungen. Zu literarischen Reaktionen auf ökologische Transformationen und den Chancen des Ecocriticism. In: SCHMITZ-EMANS, Monika et al. (ed.). *Literatur als Wagnis/ Literature as Risk. DFG-Symposium*. Berlin, Boston: de Gruyter: 2013, 279-302.
- ZIMMERMANN, Rolf Christian. *Das Weltbild des jungen Goethe*, München: Fink, 1969.

*Recebido em 29/08/2014*

*aceito em 14/10/2014*

# “Brücke dreht sich um!” . A Deconstructionist Reading of Kafka’s “Die Brücke”

<http://dx.doi.org/10.1590/1982-88372036>

Eva Hoffmann<sup>1</sup>

**Abstract:** Franz Kafka’s (1883-1924) “Die Brücke” is one of the less well-known texts by one of the most prolific authors of literary modernity. However, this short prose text embodies prevalent questions of literary modernity and philosophy as it reflects the crisis of language in regard of identity, communication, and literary production. Placed in the context of fin-de-siècle’s discourse of language crisis, this article provides a dialogue between Kafka’s “Die Brücke” and Hannah Arendt’s (1906-1975) philosophy of thinking and speaking in *The Life of the Mind*. Contrary to Arendt’s understanding of the metaphor as “a carrying over” between the mental activities of the solitude thinker and a reconciliation with the pluralistic world shared with others, this article argues for a deconstructionist reading of “Die Brücke” as a tool to reevaluate Arendt’s notion of a shared human experience ensured through language and illustrates the advantages of poetic texts within philosophical discourses.

**Key-words:** Kafka, Hanna Arendt; Derrida; language; metaphor

**Zusammenfassung:** “Die Brücke” von Franz Kafka (1883-1934) ist einer der weniger beachteten poetischen Texte des Autors. Dieser Artikel argumentiert für die Relevanz dieses Prosastückes innerhalb des Diskurses der literarischen Moderne und der Philosophie hinsichtlich von Fragen nach Identitäts- und Sprachkrise und der Möglichkeit von literarischer Produktion. Indem ein Dialog zwischen Kafkas poetischem Text und Hannah Arendts (1906-1975) Philosophie des Denkens und des Sprechens in *The Life of the Mind* hergestellt wird, zeigt dieser Artikel wie Kafkas “Brücke” Arendts Verständnis einer Verbindung zwischen der geistigen Welt und der Welt als pluralistischen Ort, den wir mit anderen Menschen teilen, dekonstruiert und folglich auch die Annahme menschlicher Grunderfahrungen und ihrer Mitteilbarkeit in Frage stellt. Damit thematisiert dieser Artikel auch die Vorteile poetischer Texte innerhalb des philosophischen Diskurses.

**Stichwörter:** Kafka, Hannah Arendt; Derrida; Sprache; Metapher

---

<sup>1</sup> University of Oregon, Department of German and Scandinavian. Email: evah@uoregon.edu

## 1 Introduction

Hannah Arendt's philosophy on language and thinking is in stark contrast with Franz Kafka's fictional prose text "Die Brücke" (1916/1917), which concerns itself with the same subject matter of bridging an abyss. In *The Life of the Mind*, Arendt depicts how thinking manifests itself through speech. The urge to speak, Arendt explains, is a sign for the quest of meaning; a process during which the thinking ego seeks to attest his or her mental activities both to the world of appearances and to him- or herself. While we withdraw from the world of appearances into the realm of concepts and abstractions during the act of thinking, our common sense and our belonging to the sensory world requires examples to illustrate abstract concepts. "At this point," ARENDT (1971: 103) continues, "metaphor comes in. The metaphor achieves the 'carrying over' [...] the transition from one existential state, that of thinking, to another, that of being an appearance among appearances, and this can only be done by *analogies*."

Kafka's "Brücke," however, presents the reader with traffic between the sensory and the non-sensory world that is marked with failure and ultimately leads to violence and destruction. Kafka's bridge, which is also the narrator of the story, collapses in the very moment a wanderer approaches it for the first time — a moment for which the bridge desperately has been waiting. Despite the bridge's best intention to hold up the traveler entrusted to it ("halte den dir Anvertrauten"), it is terrified by an abrupt and forceful leap the wanderer undertakes on its back (1969: 327). Struck by the sudden pain the bridge has not anticipated, it turns around to see who inflicted such pain on it and despite the realization of its mistake — "Brücke dreht sich um!" — falls into the abyss and is pierced by the once peacefully stones "die mich immer so friedlich aus dem rasenden Wasser angestarrt hatten" (1969: 327).

Contrary to ARENDT'S (1971: 105) elated account, in which the metaphor is "bridging the abyss between inward and invisible mental activities and the world of appearances," and thus can be seen as "the greatest gift language could bestow on thinking", Kafka's text paints a bleaker picture. For ARENDT (1971: 110), metaphorical

language — itself metaphorically illustrated as a bridge — not only makes the transcendence between the sensory world and the non-sensory world possible, but also abolishes this difference altogether: “There are no two worlds because metaphor unites them.”. Opposed to this logic, Kafka’s “Brücke” creates an image of writing as alienation and embodies the experience of “what it means to be outside of everything, even outside of oneself” (MILLER 1991: 19).

This article provides a deconstructionist reading of Kafka’s text. Referring to deconstructionist criticism and its representatives like Jacques Derrida, Paul de Man, and J. Hillis Miller, it illustrates how the story deconstructs its own writing process in its impossibility to transcend the abyss between the world of appearances and the metaphysical realm, the signified and the signifier, origin and presence, and subject and object. Kafka’s text is then placed within the context of the language skepticism of fin-de-siècle’s modernity to reevaluate Arendt’s notion of language — and specifically the metaphor — as a reconciliation between the thinking ego and the world. Exploring the paradoxical structure of Kafka’s text, the article illustrates finally how the paradoxes and aporias of a poetic text can lend themselves to a philosophical inquiry beyond the formulation of a preconceived and universal truth.

## 2 Longing for presence: language and the metaphysical tradition of western thought

According to Jacques Derrida, any deconstructionist reading of a text must begin by identifying “the fundamental conceptual oppositions they rely on: speech-writing, soul-body, intelligible-sensible, literal-metaphorical, natural-cultural, masculine-feminine...[his goal is to] subject these oppositions to an internal critique that destabilizes them” (HONDERICH 1995: 180). The binary opposition (Derrida refers to this idea as *logocentrism*) shows “the conceptual movement of thought which calms movement in favor of locating centers, origins, essences” (DERRIDA 1974: 274). It thus

refers to the idea of presence and works to the favor of the Western metaphysical tradition that privileges one side of the term over the other.

In the chapter *Linguistics and Grammatology* in *Of Grammatology*, Derrida criticizes Ferdinand de Saussure's system of linguistics for having launched the binary sign without proceeding to erase it (DERRIDA 1974: 63). Derrida's grammatology diagnoses in the oppositional structure of the sign a longing for presence that runs through the tradition of Western thought. In order to open up the reliability of language to rhetorical questioning, deconstruction acts as a "constant reminder of the ways in which language deflects or complicates the philosopher's project" (Norris 1982: 19). Norris (1982: 19) writes:

Above all, deconstruction works to undo the idea — according to Derrida, the ruling illusion of Western metaphysics — that reason can somehow dispense with language and arrive at a pure, self-authenticating truth or method.

### 3 "Under erasure:" metaphor and the suspension of meaning

Rather than a correspondence between thought and word, the collapse of the bridge in Kafka's story illustrates how language is both inevitable and unreliable. Language is a differential network of meaning, which refuses the determination of a one-to-one link between signifier and signified (NORRIS 1982: 24). Influenced by Friedrich Nietzsche's "continuous sign-chains," without origin and end in "truth," Derrida reads the entire notion of semiosis as a suspension of meaning, which constantly escapes the structure of presence (SPIVAK 1974: xliii). "The sign cannot be taken as a homogenous unit bridging an origin (referent) and an end (meaning), as 'semiology,' as the study of signs, would have it," Spivak writes in regard to Derrida (SPIVAK 1974: xxxix).

The metaphor is the structure, in which presence is always marked through absence and the gesture represents the very thing it keeps absent. In this paradoxical double bind of presence and absence, the sign is always inhabited by another sign and must thus be read "under erasure" (DERRIDA 1974: 72). Instead of meaning, the reader is confronted with the indefinable deferring of meaning, which is only partly

comprehensible through its negativity, its absence, and the difference to what-it-is-not. In this way, Derrida introduces the term *différance* as the “structure that deconstructs structuralism” (SPIVAK 1974: lxi).

Kafka’s “Brücke” and the violent and graphic death of its protagonist inscribe “writing under erasure” into the configurations of the text. Kafka’s bridge is the crossed out sign, which collapses the very moment it comes into use. The text dismantles any structure of binary oppositions as a mere comforting illusion of presence as it is conserved in the Saussurian sign (SPIVAK 1974: xl). Derrida’s grammatology shows no nostalgia for the lost presence that encapsulates the unity of word and thing and hence the loss of origin and end. In fact, he determines metaphor as the sign by “the trace or track of that other that is forever absent” (SPIVAK 1974: xviii). The trace is thus the mark of the absence of a presence, an always already absent presence. Derrida uses terms like *différance* and *trace* as “non-synonymous substitutions,” which operate in “a similar dislocating fashion to describe the unfolding of the functioning structure of a concept” (HONDERICH 1995: 268). In *Writing and Difference*, DERRIDA (1974: 403) clarifies the nature of the trace:

The trace is not a presence but is rather the simulacrum of a presence that dislocates, displaces, and refers beyond itself. The trace has, properly speaking, no place, for effacement belongs to the very structure of the trace. . . . In this way the metaphysical text is understood; it is still readable, and remains read.

Kafka’s “Brücke” can thus be read as the metaphoric crossing out of the sign, leaving nothing but the traces of the torn bridge at the bottom of the abyss, replacing the Saussurian sign with the fragmented trace.

## 4 A bridge to the world of appearances: Arendt’s thinking ego and the metaphor

In a similar vein, the ‘life of the mind’ seems to occupy a dislocated, non-existing space in Arendt’s philosophy. Arendt argues that thinking always requires the withdrawal of the

## Hoffmann, E. - A Deconstructionist Reading

thinking ego from the world of appearances. It is an invisible activity separated from all things. It takes place in solitude when the mind is secluded from the world around it. Through representing sensory objects and non-sensory matters, the mind transcends time and space, “To put it quite simply, in the proverbial absent-mindedness of the philosopher, everything present is absent because something actually absent is present to his mind...”(ARENDT 1971: 84).

Thinking it thus “always out of order, interrupts all ordinary activities and is interrupted by them” (ARENDT 1971: 197). However, the activity of thinking for Arendt never loses its connection with practice and the reality of the world we live in. Although all human beings are thinking beings, we are also grounded in the world of appearances. Taking up Plato’s story in the *Theaetetus* about the philosopher Thales who fell into a well while looking at the stars, provoking the laughter of a peasant girl from Thrace, Arendt believes that the philosopher’s own common sense must be alert enough to anticipate this laughter (ARENDT 1971: 83).

Thinking is only one of the many human faculties, and the “philosopher’s own common sense makes him aware of being ‘out of order’ while engaged in thinking” (ARENDT 1971: 80). In what ARENDT (1971: 83) describes as the “intramural warfare” between common-sense reasoning and speculative thinking, the thinking ego possesses both common sense reasoning and the faculty of thinking. ARENDT (1971: 81) points out that “all the metaphysical questions that philosophy took as its special topics arise out of the ordinary common-sense experiences.”

Arendt thus argues for the primacy of the world of appearances. While he or she abstracts and represents objects from the world of appearances through the faculty of imagination, the thinker withdraws from reality only to be called “back into the world of appearances” (ARENDT 1971: 185). Thinking and living accompany each other and the mind turns continuously towards life in its quest to understand its meaning. Thus, instead of dividing the world of appearances from the realm of thinking, Arendt links them together. As human beings, we have the urge not only to think and therefore withdraw from the world of appearances occasionally, but also to reconcile our thinking with reality through common sense. Eventually the thinking ego experiences the “*urge to*

*speak* and thus make manifest what otherwise would not be part of the appearing world at all” (ARENDT 1971: 98).

Since thinking deals with invisibles, we need metaphorical language as a tool to express our thoughts. However, language, by lending itself to metaphorical usage, *enables* us also to think, that is, to have traffic with non-sensory matters, because it permits a carrying-over of sense experiences (ARENDT 1971: 103). Thus, metaphorical language can be seen as the bridge that holds the two worlds together and closely binds the thinking ego to the world of appearances, “Analogies, metaphors, and emblems are the threads by which the mind holds on to the world even when, absentmindedly, it has lost direct contact with it, and they guarantee the unity of human experience” (Arendt 1971: 109).

## 5 The unity of human experience? — Kafka and the crisis of language

It is precisely the alleged “unity of human experience” and its communicability that enables both thinking and speaking, that Kafka’s texts put into question. In the tradition of the language crisis, which “found such abundant expression in the 20<sup>th</sup> century” (Kovach 2002: 85), “Die Brücke” depicts a world, in which expression of thought into words and the transference of the life of the mind into the world of appearances through language becomes questionable. The text hence reflects the limits of language as a tool to express reality, and testifies in the tradition of writers such as Hugo von Hofmannsthal (1874-1929) “to the problematic nature of the external world and the self” (KOVACH 2002: 4).

For ARENDT (1989: 40), thinking gets bestowed with meaning and truth in the pluralistic act of judging:

Also, it is of course by no means true that you need or can even bear the company of others when you happen to be busy thinking; yet, unless you can somehow communicate and expose to the test of others, either orally or in writing, whatever you may have found out when you were alone, this faculty exerted in solitude will disappear. In the words of Jaspers, truth is what I can communicate.



Through communicating and thus testing my thoughts against the opinions of others, thinking attains a form of truth that it can never obtain in the solitary act of thinking itself. Just as our sense of reality and worldliness depends on the communicability of our thoughts, we can lose our faculty of thinking without communication and interaction with one another.

For Kafka and other thinkers and writers in the tradition of fin-de-siècle's crisis of language, inner experiences cannot claim any value of 'truth,' not even for the individual. Influenced by Ernst Mach's dictum (1838-1916) — "Das Ich ist unrettbar" — identity is understood only in the modus of irretrievable loss. The modern self is in crisis and with it its cognitive capabilities and possibilities to communicate with others. It is under these premises, as Ellen RITTER (2002: 77) writes, that "a distanced mode of expression arises," "a language of mediacy."

Hugo von Hofmannsthal's famous expression of the crisis in language in literary modernity, which he expresses quite articulately in *Ein Brief*, proves to be a prevalent question for writers and thinkers of the twentieth century and beyond. Thomas Kovach (2002: 94) writes:

And finally, Chando's crisis points to what was become a central preoccupation of the 20<sup>th</sup> century, reflected in the philosophy of Wittgenstein, as well as in the more recent developments such as Jacques Derrida's deconstruction: namely the demonstration that language can no longer be relied on as a valid signifier of a reality which exists outside itself, and in fact that we cannot ever experience a "reality" which is not already mediated by our language.

While Arendt tries to rescue both the cognition of the individual and the common sense reality of a shared world through (metaphoric) language, Kafka's text testifies to "the dilemma of a language that has lost its connection with reality" (KOVACH 2002: 91). Instead of presenting metaphor as "the greatest gift language could bestow on thinking" (ARENDR 1971: 105), Kafka's text displays a radical openness in the image of the torn bridge at the end of the text. As Kafka writes in his diary (1948: 121): "Nur so kann geschrieben werden ... mit solcher vollständigen Öffnung des Leibes und der Seele." The

text thus embodies into its configurations the quest for meaning in the light of the self and its language, which is no longer reliable. RITTER (2002: 74) writes:

What constitutes the importance of the work in literary history, though, is the manner, in which the form is fully congruent with the content, indeed that the content is portrayed equally through the form of the narrative as through the action itself [...].

## 6 Sliding paradoxes and the poetics of truth

The collapse of the bridge that causes its violent death (“zerrissen und aufgespiesst”) bears despite of its brutality a certain wit due to the paradoxical tension of its long anticipation of the wanderer and its failure upon his arrival. However, as WEITZMANN (2011: 592) points out, Kafka’s “paradox-mechanisms of wit” are fundamentally different from Kant’s, where these moments still act as a “Vehikel oder Hülle für die Vernunft und deren Handhabung für ihre moralisch-praktischen Ideen” (KANT 2002: 131).

Far from containing a morality or aiming at the reader’s mere amusement, Kafka’s text calls into question the metaphysical assumptions of Western thought as the correspondence of mind and appearance as well as the transcending role language can play in it. WEITZMANN (2011: 594) concludes: “Kafka’s play with the play of paradox ... will also be a means by which to reexamine of some of the most basic questions of philosophical inquiry.” Thus, the playfully aesthetic paradox discloses the rhetorical nature of philosophic arguments, which turns literature and with it the critic in a strong position to counter philosophy’s long held prejudices against poetic texts (NORRIS 1982: 21).

It is precisely because of the acknowledgment and exploitation of the own rhetorical status that puts literature and literary theory in a privileged position over philosophical discourses. De MAN (1986: 13) writes: “Literature turns out to be the main topic of philosophy and the model of the kind of truth to which it aspires.”

## Hoffmann, E. - A Deconstructionist Reading

Deconstruction as a critical theory questions the tradition of Western thought and “refuses to grant philosophy the kind of privileged status it has always claimed as the sovereign dispenser of reason” (NORRIS 1982: 18). Thus, a deconstructionist reading of Kafka’s text challenges Western philosophy’s belief in language as the binding element between thought and sensual experience.

The bridge’s anticipation of its own death at the beginning of the story — “So lag ich und wartete; ich musste warten. Ohne einzustürzen kann keine einmal errichtete Brücke aufhören, Brücke zu sein” — must be read as an acknowledgement of the impossibility of self-presence and origin. DERRIDA (1974: 61) writes:

The value of the transcendental arche [origin] must make its necessity felt before letting itself be erased. The concept of the arche-trace must comply with that necessity and that erasure. It is in fact contradictory and not acceptable within the logic of identity.

Kafka playfully alludes to this necessity by varying its structure to the “almost necessity.” As WEITZMANN (2011: 592) points out, the “almost necessary” occurs frequently in Kafka’s work and “constantly provides the criteria for situations and actions that are just as lamentable as they are amusing and as amusing as they are lamentable.” She continues (2011: 592): “Seeming inevitability and logical circularity not only provides a certain comic tension, but furnishes the whole inner impetus and mechanism of the plot at large.” The “almost necessary” structure is settled between the superfluous and the necessary, and is thus more than the paradoxical reversal of expected logic. It cannot be “re-reversed” into its “original truth” and remains a “permanent paradox” that cannot be dissolved (WEITZMANN 2011: 594). Kafka’s text hence testifies to the aporetic structure of reason itself, while at the same time resurrects ‘truth’ by locating the collapse of the bridge within the realm of the ‘almost necessary.’ The fact that the bridge becomes a bridge only through and by collapsing — “Ohne einzustürzen kann keine einmal errichtete Brücke aufhören, Brücke zu sein” — which at the same time determines the end of its life and functionality, is indeed a brilliant display of Kafka’s mechanisms of paradoxical wit.

Kafka's sliding paradoxes, NEUMANN (1968: 706) writes, "lenken nicht auf eine Synthese des Widersprüchlichen hin, wie das traditionelle Paradox, sondern von jeder erwarteten Stimmigkeit ab; jede Auflösung ist bloß eine Reduktion auf neuerlich und viel ursprünglich Unbegreifliches." "Die Brücke" therefore embodies an *aporia* that constantly escapes its determination to an unequivocal meaning. *Aporia*, Terry EAGLETON (2003: 275) points out, "is the impasse of meaning, where texts get into trouble, come unstuck, offer to contradict themselves."

## 7. Kafka's bridge — a hybrid dislocated in the alienation of modernity

The controversial and thus aporetic structure is already embodied in the ambivalent characteristics of Kafka's bridge and its narrative style. As the narrating I, the bridge also refers to itself in the third person, questioning the boundaries of subject and object. At the same time, the bridge inhabits human traits — its anthropomorphic embodiment includes hands, feet, and hair — and was yet erected to fulfill the mere role of transporting the traveler from one side of the abyss to the other. The hybrid nature of the bridge inaugurates the paradoxical disposition of the text into its very own structure. The bridge is a thinking entity that is fully endowed with the capacities of thought and the faculty to feel pain. In a gesture that appears to be fully human, it aspires to fulfill its entrusted role as a tool of transportation. KAFKA (1969: 327) writes:

Strecke dich, Brücke, setze dich in Stand, geländerloser Balken, halte den dir Anvertrauten. Die Unsicherheit seines Schrittes gleiche unmerklich aus, schwankt er aber, dann gib dich zu erkennen und wie ein Berggott schleudere ihn ans Land.

The paradoxical nature of the bridge combines human traits and even traces of megalomania, and its confinement to the mere status as an object of traffic, creates a comical relief to the inherent violence of the plot. However, the moment the bridge turns around to look at his tormentor, the story shifts into the fatedness of tragedy. Thus, Kafka's bridge finds itself falling into the depth of the abyss while desperately crying out,

“Brücke dreht sich um” (1969: 327). Kafka’s bridge struggles with a quest for meaning that eludes the grasp of a self-present awareness. Identity is marked through self-differentiation and self-postponement, which dismantles subjectivity as a transcendental term. Kafka’s “Brücke” thus deconstructs language in terms of a trace-structure, effacing it even as it presents its legibility (SPIVAK 1974: xviii).

Contrary to Arendt’s idealistic view on language as a bridge that unifies the world of appearances and the world of thought, and enables one to feel at home in both, Kafka’s “Brücke” experiences the dislocation and estrangement of modernity. “The crucial importance of Kafka for twentieth-century thought,” Miller (1991: 23) writes, “lies not only in his extreme experience of the loss of self-hood, but also in his deep exploration of the tangled relationships of writing and salvation.” Kafka’s diaries are full of descriptions of his inner emptiness resulting from the disastrous withdrawal into one’s own center. Our time is marked by a broken link between a subject and his or her object, be it the self, God, or the fellow human being. The fact that the other can only be experienced through his or her absence can be seen in the revealed identity of the wanderer of Kafka’s “Brücke:” “Wer war es? Ein Kind? Ein Traum? Ein Wegelagerer? Ein Selbstmörder? Ein Versucher? Ein Vernichter?” (KAFKA 1969: 327).

Thus, the collapse of the bridge and its struggle to hold on to both sides of the abyss reflects the experience of the self in modernity, which denies a meaningful existence within the community of other people. This isolation of the individual can be seen in Kafka’s text through the fact that the bridge is situated in an impassable height that no one has ever strayed to and that is not traced on any map: “Kein Tourist verirrt sich zu dieser unwegsamen Höhe, die Brücke war in den Karten noch nicht eingezeichnet” (KAFKA 1969: 327). A crumbling and dissolving ground, onto which the bridge firmly holds, marks both sides of the abyss. KAFKA (1969: 327) writes:

Diessseits waren die Fußspitzen, jenseits die Hände eingebohrt, in bröckelnden Lehm habe ich mich festgebissen. Die Schöße meines Rockes wehten zu meinen Seiten. In der Tiefe lärmte der eisige Forellenbach. ...

In their mysterious images, descriptions, and actions, Kafka's poetic texts are figural embodiments of his inner life and his situation in the world as a state of alienation. They reflect what it means to be "outside of everything, even outside of oneself" (MILLER 19). "It is as if I were made of stone," KAFKA (1948: 27) writes in his diary, "I have become cold again, and insensible." This experience is reflected in the bridge's self-description; "Ich war steif und kalt, ich war eine Brücke, über einen Abgrund lag ich" (KAFKA 1969: 327). Once the metaphysical link between the thinking ego and the outside world is broken, the individual is lost in the eternal circularity of its own thoughts: "Einmal gegen Abend war es — der erste, war es der tausendste, ich weiss es nicht, — meine Gedanken gingen immer in einem Wirrwarr und immer in der Runde" (KAFKA 1969: 327).

## 8 Writing: "outside the self — in itself "

Writing, it may seem, is the one action which, depending on nothing outside the self, and deriving from a voluntary and autonomous exercise of the power to transform things into words, can stop the fall into the abyss (MILLER 1991: 23). Striving for a comfort in writing, KAFKA (1948: 212) arrogates to himself the almost divine powers of someone who obtains a "higher type of observation." This is reflected in the bridge's emphatic attitude with which it will carry out the transport of the traveler "wie ein Berggott" (KAFKA 1969: 327).

However, Kafka's relation to writing remains within the aporetic structure of a yearning for connection with the world and its fellow men. MILLER (1991: 24) writes: "Far from being able to escape out of his own inner emptiness into the solidity and coherence of a story, Kafka is repulsed by the broken fragments of incomplete ones, and kept outside of the void, hanging on, as it were, with both hands. Kafka finally recognizes that the attempt to reach out and connect through literature is impossible, because "the space of literature is, *par excellence*, the place of separation" (MILLER 1991: 27).

In his diary, KAFKA (1948: 77) writes:

What will be my fate as a writer is very simple. ... I waver, continually fly to the summit of the mountain, but then fall back in a moment. Others waver too, but in lower regions,

## Hoffmann, E. - A Deconstructionist Reading

with greater strength; if they are in the danger of falling, they are caught up by the kinsman who walks beside them for that very purpose. But I waver on the heights; it is not death, alas, but the eternal torments of dying.

In this context, Kafka's text deconstructs itself by pointing towards its own *aporia* that renders writing futile. However, it is precisely in the absence of specifications, as Miller (1991: 295) points out, "multiplies the poems' powers over the reader to a hundredfold." Through the "significance of the missing names" — which appears in Kafka's text as a performative aspect, leaving the answers concerning the identity of the traveler unanswered — that creates the power of the poetic text to "haunt their readers, to stick in the mind and lodge there permanently, as an ache or throb the reader can never outgrow..." (MILLER 1991: 295).

Deconstruction contrasts the nostalgia for the lost presence with the Nietzsche's affirmative joy, which is reflected in the paradoxical wit of Kafka's poetic texts. In this respect, Nietzsche appears as a forerunner of Derrida and de Man who insist on the ambivalent and *aporetic* character of philosophical, linguistic, and literary problems (Zima 1999: 150). Derrida (1974: 272) interprets the metaphor as an "outside the self — in itself." It thus bears the possibility to restore meaning to a text stripped off of its metaphysical reading. On the ambivalent structure of origin and trace, DERRIDA (1974: 161) writes:

The trace is not only the disappearance of origin, ... it means that the origin did not even disappear, that is never constituted except reciprocally by a non-origin, the trace, which thus becomes the origin of the origin.

In the image of the scattered bridge at the end of the story, the text points toward its own openness and encapsulates a performative aspect. It calls out for the reader to collect the broken pieces and transform them into meaning. In this way, the traces of the bridge bear within themselves the presence and the loss of an origin that can be put together reciprocally and becomes the origin of the origin as the bridge reappears in its own title of "Die Brücke." DERRIDA (1987: 427) writes:

Turned towards the presence, lost or impossible, of the absent origin, the structuralist thematic of broken immediateness is thus the sad, negative, nostalgic, guilty, Rousseauist

## Hoffmann, E. - A Deconstructionist Reading

aspect of the thought of play which the Nietzschean affirmation — the joyous affirmation of the play of the world and of the innocence of becoming, the affirmation of a world of signs without fault, without truth, without origin, offered to an active interpretation — would be the other side.

Kafka's "Brücke" presents us with both — the nostalgia for a lost presence captured in the bridge, who is desperately holding on to both sides of the abyss, and the joyous affirmation of a world stripped of its apodeictic meaning represented in the wanderer and its playful will to destruct the bridge. Through its aporetic structure, evoked through the metaphorical imagery of the bridge and its remaining traces, "Die Brücke" evokes a performative power that creates its recipient in the act of writing. "Writing is a dislocation in the sense that it moves the soul itself of the writer, as well as of the recipient, beyond or outside of itself, over there, somewhere else" (MILLER 1991: 289).

It is in this context that we can and must reconsider the question of literature and philosophy and their relationship to each other. As Derrida (1987: 147) in his reading on Kafka's story "Vor dem Gesetz" points out, there is a place "for all literature to exceed literature." In fact, it is the very nature of literature to go over and beyond itself, to the point where literature would no longer be literature if it were 'only' literature. Just as Kafka's bridge would stop being a bridge if it were not for its ultimate collapse, the text belongs to and is 'literature' as it shows the very breakdown of a logocentric discourse and its underlying binary structures, as well as the role of literature within its deconstruction, which no longer authorizes us to make such a judgment.

## 9 Conclusion

Kafka's "Brücke" deconstructs the idea of an alleged rescue that links the metaphysical realm with the world of experiences. The text refuses to provide a transfer for the thinking ego, and violently crosses out the possibility of "carrying over" and thus connecting with our fellow men. John CAPUTO (1997: 271) writes:

The very meaning and mission of deconstruction is to show that things — texts, institutions, traditions, [etc.] ... — do not have definable meanings and determinable missions, that they are always more than any mission would impose, that they exceed the



## Hoffmann, E. - A Deconstructionist Reading

boundaries they currently occupy ... A ‘meaning’ or a ‘mission’ is a way to contain and compact things, like a nutshell...the very idea is to crack it open and disturb its tranquility ... cracking nutshells is what deconstruction *is*.

The power of Kafka’s texts lies in their figurative language through which they remain open for the quest of meaning. The openness of what Derrida calls ‘the trace’ cannot be represented by a theoretical text, but needs to be embodied into the configurations of a poetic text. The isolation of alienation and the crisis of language the modern self experiences is encapsulated in Kafka’s “Brücke,” which testifies to the only way writing becomes possible. For the Kafkan protagonist, dislocated from his or her origin and faced with the threat of meaninglessness in a world that has lost its metaphysical belief, this openness can only be a painful experience, marked by the violence of the “cracking open.” Rather than ARENDT’S (1989: 40) belief in truth as something “I can communicate,” Kafka shares his fate with the protagonists in his stories. He remains true to the endless wavering, until — paradoxically, as MILLER (1991: 30) points out — “his work became the falsehood which testifies to the truth, the wavering which reveals the goal even though the goal is never reached.”

The question as to whether or not ‘the goal is reached’ in Kafka’s “Brücke” remains to be determined by the reader and his or her imagination. After all, we do only know the tragic fate of the bridge — fulfilling its destiny by devastatingly failing it — but we will never know whether or not the wanderer will make it to the other side of the abyss. Arendt’s observation — we do not know where the thinker goes when engaged in the absent-minded act of thinking — is perhaps even more accurate for the reader. But Kafka’s text certainly calls us back into the world of appearances — a world we ultimately share and all can relate to in its paradoxical loss of meaning.

## Bibliographic references

ARENDT, Hannah. *The Life of the Mind*. New York and London, Harcourt Brace Jovanovich, 1971.

\_\_\_\_\_. *Lectures on Kant’s Political Philosophy*. Chicago, University Press, 1989.

## Hoffmann, E. - A Deconstructionist Reading

- CAPUTO, John D. *Deconstruction in a Nutshell: A Conversation with Jacques Derrida*. New York, Fordham University Press, 1997.
- DE MAN, Paul. *Resistance to Theory*. Minnesota, University Press, 1986.
- derrida, Jacques. "Avant la Loi". Trans. Avital Ronell. In: Udoff, Alan (ed.). *Kafka and the Contemporary Critical Performance*. Bloomington, Indiana University Press, 1987, 128-127.
- \_\_\_\_\_. *Of Grammatology*. Trans. Gayatri Chakravorty Spivak. Baltimore, John Hopkins University Press, 1974.
- \_\_\_\_\_. *Writing and Difference*. Trans. Alan Bass. Chicago, University Press, 1978.
- EAGLETON, Terry. *After Theory*. New York, Basic Books, 2003.
- HONDERICH, Tod. *The Oxford Companion to Philosophy*. Oxford, University Press, 1995.
- KAFKA, Franz. Die Brücke. In: Raabe, Paul (ed.). *Sämtliche Erzählungen*. Frankfurt am Main, S. Fischer, 1969. 327.
- \_\_\_\_\_. *Diaries: 1910-1913*. Ed. Max Brod. Trans. Joseph Kresh. New York, Schocken, 1948.
- KANT, Immanuel. *Anthropologie in pragmatischer Hinsicht*. Ed. Reinhard Brandt. Hamburg, Meiner, 2000.
- KOVACH, Thomas A. Hofmannsthal's "Ein Brief." Chandos And His Crisis. In: Kovach, Thomas A. (ed.). *A Companion to the Works of Hugo von Hofmannsthal*. Rochester, Camden House, 2002. 85-96.
- \_\_\_\_\_. "Hugo von Hofmannsthal Today." In: Kovach, Thomas A. (ed.). *A Companion to the Works of Hugo von Hofmannsthal*. Rochester, Camden House, 2002. 1-7.
- NEUMANN, Gerhard. „Umkehrung und die Ablenkung: Franz Kafkas 'Gleitendes Paradox.'“ In: *Deutsche Vierteljahrsschrift für Literaturwissenschaft und Geistesgeschichte*. 42, 1968, 702-44.
- MILLER, J. Hillis. "Franz Kafka and the Metaphysics of Alienation." In: Miller, J. Hillis (ed.). *Tropes, Parables, Performatives*. Duke, University Press, 1991, 15-32.
- NORRIS, Christopher. *Deconstruction: Theory and Practice*. London and New York, Methuen, 1982.
- RITTER, Ellen. "Hofmannsthal's Narrative Prose". In: Kovach, Thomas A. (ed.). *A Companion to the Works of Hugo von Hofmannsthal*. Rochester, Camden House, 2002. 65-84.
- SPIVAK, Gayarti Chakravorty. Foreword. In: Derrida, Jacques. *Of Grammatology*. Baltimore, John Hopkins University Press, 1974, Ix-xc.
- WEITZMANN, Erica. Almost Necessary: Kafka's Kantian Situation Comedy. *MLN* 126, 2011, 591-613.
- ZIMA, Peter. "The Nietzschean Aesthetics of Deconstruction." In: Zima, Peter (ed.). *The Philosophy of Modern Literary Theory*. University Press, 1999, 141-173.

*Recebido em 10/08/2014*

*Aceito em 29/09/2014*

# Benjamin leitor de Brecht: cinema e distanciamento

[Benjamin reads Brecht: cinema e estrangement]

<http://dx.doi.org/10.1590/1982-88373752>

Bruna Della Torre de Carvalho Lima<sup>1</sup>

**Abstract:** The influence of Bertolt Brecht on Walter Benjamin is usually related to the assimilation of the critical Marxist tradition by the latter. The present article seeks to carry out an immanent and theoretical critique of the work of both authors, pursuing to investigate other possible aspects of this influence. On that ground, the goal is to demonstrate that the “distancing effect” (*Verfremdungseffekt* in German) employed by Brecht in his epic theatre plays a crucial role in the way Benjamin analyses the art of filming and appears in the four versions of the “The work of art in the age of mechanical reproduction” essay, as well as in his theory about the “aura”.

**Keywords:** Benjamin; Brecht; cinema; theatre; distancing effect

**Resumo:** A influência de Bertolt Brecht sobre Walter Benjamin é comumente atribuída à assimilação da tradição de crítica marxista pelo último. O presente artigo busca realizar uma crítica imanente e teórica da obra de ambos com o fito de investigar outras faces possíveis dessa influência. Sendo assim, o objetivo é demonstrar que o “Efeito de distanciamento” (em alemão *Verfremdungseffekt*) utilizado por Brecht em seu teatro épico tem um papel fundamental na leitura que Benjamin fará do cinema e aparece nas quatro versões do ensaio sobre “A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica”, bem como na sua teoria sobre a “aura”.

**Palavras-chave:** Benjamin; Brecht; cinema; teatro; efeito de distanciamento.

Benjamin está aqui. Está escrevendo um ensaio sobre Baudelaire. [...] Ele usa como seu ponto de partida algo a que dá o nome de *aura*, que está ligada aos sonhos (devaneios). Diz ele: se você sente um olhar que lhe é dirigido, mesmo nas suas costas, você o retribui (!). A expectativa de que aquilo para que você olha o olhará de volta cria a aura. Supõe-se que isso está em decadência nos últimos tempos, junto com o elemento de culto na vida. B [enjamin] descobriu isso enquanto analisava filmes, onde a aura é decomposta pela reprodutibilidade da obra de arte. Uma carga de misticismo, embora sua atitude seja contra o misticismo. Este é o modo como o entendimento materialista da história é adaptado. É abominável. (BRECHT 2002: 8-9)

---

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Sociologia. Email: bru.dellatorre@gmail.com

Curioso descobrir que Brecht via como “abominável” uma das teses de Walter Benjamin que é conhecida justamente por ter sido gestada sob sua influência, ao ponto de Theodor W. ADORNO (2012: 142) se referir ao ensaio “A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica” de 1936 como algo no qual “se insinua efetivamente o pior de Brecht”. A influência desta “polêmica pedra filosofal da Dinamarca”, como Adorno (2012: 142) chegou a designar Brecht, teria levado Benjamin a “mistificar a desmistificação”. No limite, a objeção dirigida a Benjamin era a mesma tanto do lado de Adorno, quanto do de Brecht. Se tinham razão, é uma questão para ser tratada mais à frente. Embora Brecht tenha achado a tese do declínio da aura abominável e suposto que por atrás do conceito de aura benjaminiano estaria uma espécie de explicação divinatória do *spleen*, o que interessa agora é mostrar que sua dedução advinda da análise do cinema – e aqui Adorno não estava equivocado – de fato era tributária das reflexões e práticas de Brecht. E, mais especificamente, daquela constelação de conceitos que giram em torno do *V-Effekt*, do alemão *Verfremdungseffekt* e que chamamos em português de “distanciamento”, “estranhamento” ou simplesmente de “efeito –V”<sup>2</sup>.

Ciente dos riscos de tal escolha e de que a teoria é sempre parte da produção artística, a proposta aqui é pensar o efeito de estranhamento a partir da *teoria* do efeito de estranhamento que aparece em diversos ensaios de Brecht.

Segundo Brecht, o teatro tradicional, aristotélico ou dramático apresenta os fenômenos sociais como “do homem”, eternos, naturais, a-históricos e transporta o espectador para dentro de uma ação. Tanto maior é seu sucesso quanto menos nos damos conta de que se trata de um palco, uma peça, uma apresentação. O objetivo é enredar o espectador na ação, de modo que só lhe reste uma apreciação contemplativa do espetáculo. A identificação, de acordo com Brecht, é uma das vigas mestras dessa estética. Sendo assim, a forma dramática apela para um público que vai ao teatro para ser seduzido, encantado, impressionado, exaltado, emocionado, distraído e iludido.

---

<sup>2</sup> Embora seja um dos traços marcantes de sua obra, o efeito-V não é novidade de Brecht, tendo surgido no iluminismo como uma forma de combater a religião e o Antigo Regime. Montesquieu e Voltaire o praticaram com entusiasmo. De acordo com Fredric JAMESON (2013: 63), “Brecht apresentou-nos muitas ‘definições’ desse termo, que parece ter migrado de ‘*ostranenie*’ ou ‘estranhamento’ dos formalistas russos a partir das inúmeras visitas de soviéticos modernistas como Eisenstein ou Tretiákov a Berlim.”. Não interessa no momento rastrear suas origens, mas apenas ressaltar os aspectos principais do efeito-V de modo a podermos analisar como Benjamin se apropria dele mais à frente.

O drama apresenta as relações entre os homens como relações não problemáticas<sup>3</sup> e Brecht precisa renunciar à forma dramática para apresentar a realidade tal como ela é: problemática de ponta a ponta. O teatro épico ou narrativo contrapõe-se em muitos aspectos ao teatro dramático. Conforme destaca Iná Camargo COSTA (1998: 72):

Enquanto este, tomando o indivíduo como pontos de partida e de chegada, justifica as ações a partir dos caracteres (de sua psicologia, motivações internas, etc), o teatro épico *deduz* os caracteres das ações porque, ao invés de olhar para o indivíduo isoladamente, olha para as grandes organizações de que estes são parte; enquanto o drama se interessa por acontecimentos “naturais”, de preferência situados na esfera da vida privada, o teatro épico tem interesse em acontecimentos de interesse público (mesmo os da vida privada), de preferência os que *exijam* explicação por não serem evidentes nem naturais; enquanto o drama se limita a apresentar seus caracteres em ação, o teatro épico transita dessa apresentação para a *representação* e desta para o comentário, tudo na mesma cena.

Brecht renuncia, então, à forma dramática para ir em busca de um teatro da era científica em que seja possível demonstrar o modelo máximo de teatro a partir de um acontecimento que pode vir a ocorrer em qualquer esquina, de um teatro de pesquisa que por meio da música de cena, da própria dramaturgia, da técnica do palco e da interpretação dos atores deixa de dissimular que não é teatro. O anti-ilusionismo é, assim, um de seus traços fundamentais. Para desvencilhar-se da ilusão, um de seus principais expedientes – e o que mais nos interessa aqui – é o distanciamento. Isto é, ao invés de produzir identificação, “distanciar um fato ou caráter é, antes de tudo, tirar desse fato ou desse caráter tudo o que ele tem de natural, conhecido, evidente, e fazer nascer em seu lugar espanto e curiosidade” (BRECHT 1967a: 137).

Um dos objetivos de Brecht ao contrapor o teatro épico ou narrativo ao teatro dramático ou aristotélico é apresentar o homem não só como um ser mutável em si, mas como um ser que pode transformar o que está a sua volta:

Ao estabelecer novos princípios artísticos e ao trabalhar com novos métodos de representação, devemos começar com as poderosas exigências de uma época em transformação: a necessidade e a possibilidade de remodelar a sociedade estão diante de

---

<sup>3</sup> Apresento aqui, seguindo a interpretação de Brecht, uma concepção mais geral e, por isso, reducionista em alguns pontos no que tange a forma dramática tradicional. Essa ideia pode, contudo, ser matizada, uma vez que Brecht, como autor de vanguarda, se apresenta a partir do rompimento radical com a tradição embora saibamos que os artistas mais importantes desse período incorporaram e desenvolveram tendências artísticas dos períodos anteriores. Conforme mostra Peter SZONDI (2011: 88), Brecht é um herdeiro do naturalismo que, por sua vez, já procurava seus heróis nas camadas inferiores da sociedade e cuja dramaturgia “– na qual a forma dramática procura sobreviver à crise determinada pela história – já se encontra, desde sempre, ante o perigo de reverter ela própria em épica”.

nós. Todos os acontecimentos entre os homens devem ser notados, e tudo deve ser visto de um ponto de vista social. Entre outros efeitos que o novo teatro necessitará para sua crítica social e seu relato histórico das transformações efetuadas, está o efeito de distanciamento (BRECHT 1967b: 114).

Se o teatro dramático fala de grandes homens (não é qualquer um que pode ser um herói dramático, conforme nos alerta Iná Camargo COSTA (1998: 57)), apenas pelo fato de ser um teatro que diz respeito a cenas e personagens comuns (qualquer um pode contar uma história ou representá-la, para Brecht) e por narrar a ação ao invés de encarná-la, o teatro épico, por sua vez, produz estranhamento. De acordo com Peter SZONDI (2011: 117), “no teatro épico, ao contrário [do teatro aristotélico] – e conforme as suas intenções científico-sociológicas –, reflete-se sobre a ‘infraestrutura’ social das ações em sua alienação coisificada”. A reificação é, nesse sentido, escolhida por Brecht como “método” representacional e dramático. A escolha da narrativa em detrimento da forma dramática de teatro está ligada justamente a esse método, pois enquanto na última cada cena serve à outra, na primeira, cada cena vale por si mesma. Uma narrativa pode, dessa forma, ser repartida, enquanto a forma dramática tradicional pede a manutenção da unidade da forma. Na medida em que o tempo – qualitativo e não-quantificável – sofre, com a reificação, um processo de espacialização e uniformização, a narrativa deve problematizar, em sua forma, o novo formato do tempo no qual decorre a história. Se formos reler a frase de LUKÁCS (2003: 204-205), no qual essa ideia aparece de certa forma resumida, as coisas podem ficar mais claras:

A atitude contemplativa diante de um processo mecanicamente conforme às leis e que se desenrola independentemente da consciência e sem a influência possível de uma atividade humana, ou seja, que se manifesta como um sistema acabado e fechado, transforma também as categorias fundamentais da atitude imediata dos homens em relação ao mundo: reduz o espaço e o tempo a um mesmo denominador e o tempo ao nível do espaço. [...] Nesse ambiente em que o tempo é abstrato, minuciosamente mensurável e transformado em espaço físico, um ambiente que constitui, ao mesmo tempo, a condição e a consequência da produção especializada e fragmentada, no âmbito científico e mecânico, do objeto de trabalho, os sujeitos do trabalho devem ser igualmente fragmentados de modo racional.

Tal como podemos, num mundo dominado pela reificação, repartir o tempo em partes iguais, as partes recortadas da narrativa se autonomizam em relação ao todo e, liberadas da unidade da forma, podem demonstrar o caráter histórico daquela unidade que antes parecia natural e, ao mesmo tempo, problematizar a aparência da atividade humana

como um “sistema acabado e fechado”, isto é, a própria desarticulação produzida na sociedade (e nas obras) pelo processo de reificação. A autonomização estética permite, destarte, refuncionalizar suas partes. Esse procedimento – vanguardista por excelência – remete à ideia da montagem. Reapresentadas de maneira diversa, as partes de uma narrativa podem produzir mais de um sentido e, formalmente, esse procedimento mostra que as coisas são passíveis de mudança. Ao invés de – como no teatro aristotélico – colocar a tensão das cenas a serviço do desenlace da história, o teatro épico redireciona essa tensão para o próprio andamento da cena. O tempo linear da ação do drama como uma sequência de presentes idênticos é rompido na medida em que a ação torna-se o próprio objeto da narrativa. Além disso, o princípio da montagem, ao fazer surgir uma síntese intuitiva de uma imagem, inclui o espectador no processo de criação, impele-o a tomar decisões e a refletir não somente sobre os temas propostos por uma peça, mas por seu próprio desenvolvimento, rompendo com uma postura meramente contemplativa. Tal como destaca JAMESON (2013: 72), trata-se de uma espécie de minimalismo que não deixa de se remeter à megaestrutura.

Mas, afinal, como produzir esse distanciamento? Segundo Brecht, há inúmeras formas de fazê-lo. Uma maneira de não se identificar com a personagem que representa, por exemplo, é fazer com que o ator ponha o foco narrativo fora dela. Cita-se a personagem representada, ao contrário de vivenciá-la em todas as suas determinações como se tratasse de anular qualquer distância entre o ator e a personagem. Ou seja, “o objetivo do artista é parecer estranho e, mesmo, surpreendente para a plateia. Ele o consegue, olhando com estranheza para si próprio e para seu trabalho. O resultado é que tudo o que produz tem o toque de espanto” (BRECHT 1967b: 106).

O distanciamento ou efeito-V tem alguns desdobramentos. Trata-se, antes de tudo, de tornar aquilo que é familiar estranho por meio do uso de técnicas – na maioria das vezes de encenação – através das quais as coisas podem ser de fato “estranhadas”, seguindo a ideia de que “a aceitação ou rejeição de suas ações e sofrimentos deviam tomar lugar no plano da consciência, em vez de, como de hábito, no subconsciente da plateia” (BRECHT 1967b: 105). Os recursos do coro e do epílogo, por exemplo, muitas vezes são utilizados com esse propósito nas peças de Brecht. Ao invés de conservar sentimentos produzidos pelo espetáculo, o objetivo é impelir ao conhecimento. Pôr um fim à simpatia e à empatia tanto do ator com relação à personagem, quanto do espectador com relação à personagem e ao ator é também um desdobramento

importante deste efeito. Finalmente, conforme ressalta JAMESON (2013: 65), trata-se de colocar sob nova luz todos os desdobramentos acima, segundo os quais “o familiar ou habitual é novamente identificado como o ‘natural’, e seu estranhamento desvela aquela aparência, que sugere o imutável e eterno, e mostra que o objeto é ‘histórico’. A isso se deve acrescentar como corolário político, feito ou construído por seres humanos e, assim, também pode ser mudado por eles ou completamente substituído”.

A obra de arte, em sua forma e conteúdo, é produto de escolhas e decisões específicas. Quando o artista se depara com o material, ele tem pela frente um número infinito de escolhas possíveis no que tange à sua elaboração. No entanto, quando as escolhas são feitas e a obra se apresenta como um artefato, um objeto pronto, essas escolhas possíveis desaparecem completamente e não é possível pensar um novo começo ou um desenlace diverso para uma peça ou um romance, por exemplo. Uma das configurações do efeito de distanciamento em Brecht pode ser entendida como uma opção consciente do artista de deixar às vistas e às claras essas possíveis escolhas que rondaram a composição artística e que permitem contestar sua objetivação (reificação?), pois induz o leitor ou a plateia a perguntar se as coisas poderiam ter ocorrido de outra maneira, na medida em que confere material para isso. Desta maneira, a arte apresenta-se como um imenso reino do possível e, como tal, contrapõe-se à vida real, ao mesmo tempo, problematizando-a. Mas, ao invés de levar o espectador, através da ilusão, para um mundo distante, aproxima-o do mundo. Conforme afirmou BRECHT (1967b: 111), “porque não deveria a arte, com seus *próprios* meios naturalmente, contribuir para a grande tarefa social de dominar a vida?”. Da mesma forma que mostra que a obra de arte poderia ter outras saídas, o efeito de estranhamento é capaz de criar no seu interlocutor a mesma impressão com relação à história e ao mundo social.

Todas essas ideias germinaram em Benjamin e seus frutos foram bastante controversos. Como vimos, Adorno e Brecht acusaram-no de recair no misticismo, mesmo que tentando liquidá-lo. Fredric JAMESON (2013: 65) chega a afirmar que Benjamin levou a questão do distanciamento muito mais longe na direção da metafísica do que o próprio Brecht. De fato, este último o havia impressionado.

Em “O autor como produtor”, escrito em 1934, Benjamin reflete sobre as possibilidades de uma análise materialista da literatura, bem como sobre o lugar do escritor no interior da instituição literária e de sua relação com ela, de modo a definir a técnica literária como algo capaz de superar a ideia de forma e a ideia de *tendência* tão



em voga no debate soviético do período. A primeira tarefa do escritor moderno, na concepção de Benjamin, deveria ser algo diverso; a saber, tomar consciência de sua própria pobreza de experiência (pobreza esta que é histórica) e da necessidade da consciência dessa pobreza para a construção de uma nova arte. De acordo com Benjamin (1988: 105), atingir determinado ponto do progresso técnico na literatura mudaria a própria função das formas artísticas. Brecht seria, nesse aspecto, um exemplo do escritor que compreenderia que a tendência certa em termos de política no âmbito da arte é algo imanente e diz respeito à tendência certa em termos de forma. Ao contrário de manter a ilusão inerente à obra de arte tradicional e de alimentar o público com sentimentos, mesmo que esses sentimentos sejam de revolta, Brecht preferiria causar estranhamento no público por meio de uma reflexão acerca da situação em que vive. Sendo assim, BENJAMIN (1994a: 133) afirma que

Com o princípio da interrupção, o teatro épico adota um procedimento que se tornou familiar para nós, nos últimos anos, com o desenvolvimento do cinema e do rádio, da imprensa e da fotografia. Refiro-me ao procedimento da montagem: pois o material montado interrompe o contexto no qual é montado. [...] A interrupção da ação, que levou Brecht a caracterizar seu teatro como *épico*, combate sistematicamente qualquer ilusão por parte do público. Essa ilusão é inutilizável para um teatro que se propõe tratar os elementos da realidade no sentido de um ordenamento experimental.

Benjamin passa a se interessar pelo modo como o teatro épico conjuga e, ao mesmo tempo, chama a atenção para a estreita relação entre desenvolvimento técnico e transformação política. Em outras palavras, a forma estética de um período aristocrático deve ser diversa da forma artística de um período revolucionário. E essas transformações – que não dizem respeito apenas à política, mas às formas estéticas – são fundamentais para a compreensão dessa teoria de uma nova fase da arte que Benjamin ensaia nos textos que escreve a partir de 1931. Em “Que é o teatro épico: um estudo sobre Brecht”, de 1931, é possível conferir como as ideias acima expostas já aparecem de certo modo formuladas.

As formas do teatro épico correspondem às novas formas técnicas, o cinema e o rádio. Ele está situado no ponto mais alto da técnica. Se o cinema impôs o princípio de que o espectador pode entrar a qualquer momento na sala, de que para isso devem ser evitados os antecedentes muito complicados e de que cada parte, além do seu valor para o todo, precisa ter um valor próprio, episódico, esse princípio tornou-se absolutamente necessário para o rádio, cujo público liga e desliga a cada momento, arbitrariamente seus alto falantes. O teatro épico faz o mesmo com o palco. (BENJAMIN 1994b: 83)

Esses temas são desenvolvidos ao longo dos anos de 1930 paralelamente à questão da aura – para voltar à polêmica do início do texto – para depois serem conjugados por Benjamin na sua tese sobre o cinema e a reprodutibilidade técnica.

A primeira vez que a noção de aura aparece para designar uma qualidade estética na obra de Benjamin é em 1931 na “Pequena História da Fotografia”. Ela é desenvolvida em “A obra de arte...” (1935/1936 e 1939) e aparece reformulada em 1939 com o texto “Sobre alguns temas em Baudelaire”. Esse conceito aparece na obra de Benjamin já a partir do prisma de seu declínio e num momento de inspiração marxista de sua obra. É fundamental, por essa razão, destacar que a noção de aura na concepção de Benjamin precisa ser compreendida no entrecruzamento desses diferentes textos para que a formulação de aura presente em “A obra de arte...” não seja tomada como definitiva.

Entre fins de 1935 e início de 1936, Benjamin escreve o famoso ensaio “A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica”<sup>4</sup>. Nesse ensaio, ele divide a história da arte em dois períodos. O primeiro seria definido pela noção de “aura”, em suas palavras, “um espectro singular, composto de espaço e tempo: aparição única de algo distante, não importa quão próxima ela esteja” (BENJAMIN 1991: 440). A obra de arte aurática pertence, segundo seu argumento, a uma forma ritual, ainda que esse seja não um ritual religioso, mas sim secularizado nas formas de culto ao Belo ou na doutrina da “arte pela arte”. Suas exigências de autenticidade e de originalidade exprimem o caráter sagrado da arte e da experiência estética e seu enraizamento na tradição. Essa autenticidade remete justamente ao caráter primitivo da arte: como ritual e culto. A reprodutibilidade técnica – o segundo momento – viria para desvelar de uma vez por

---

<sup>4</sup> Susan BUCK-MORSS (2012) lembra que esse texto foi escrito de certa forma como uma contraposição à estética fascista. Há quatro versões deste texto. Três delas estão em alemão e uma está em francês. Embora não seja possível levar a cabo a necessidade de apresentar esse texto aqui fazendo jus à complexidade de sua constituição, vale comentar alguns fatos relativos à sua elaboração: Benjamin buscou primeiramente, sem obter sucesso, publicar a primeira versão do texto escrita entre 1935/36 em alemão na revista russa *Internationale Literatur/Deutsche Blätter*. A única versão publicada de “A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica” foi a francesa, traduzida por Benjamin e Pierre Klossowski a partir de duas versões em alemão escritas também entre 1935 e 1936. O texto foi entregue a Max Horkheimer para ser publicado na revista do Instituto de Pesquisa Social e este, por sua vez, fez vários cortes no texto, de modo a suavizar-lhe o vocabulário marxista, o que causou uma série de tensões entre ele e os membros do Instituto, principalmente entre Adorno e Benjamin. A segunda versão do texto foi encontrada apenas em 1989 no arquivo Horkheimer, em Frankfurt, e a quarta versão data de 1938/39. Esta última foi reescrita por Benjamin neste período e procurava condensar suas posições acerca da relação entre as possibilidades técnicas do cinema e a política de esquerda e que foi antecedida por esforços para traduzir o texto para o inglês. (Cf. SCHÖTTKER, 2012). Trabalharei, aqui, com a primeira e a segunda versão, nas quais ele mais desenvolve a questão da aura, embora uma apreciação completa do tema envolva repassar todos os momentos de produção do texto.

todas, segundo Benjamin, a ilusão de autonomia da arte ao liberá-la de seu contexto de utilização ritual e de seu caráter mágico. A experiência coletiva da obra de arte, proporcionada pela reprodutibilidade, desencadearia, segundo Benjamin, uma crise nas formas tradicionais de recepção.

Mas o que interessa ressaltar aqui é que a função social da arte, de acordo com essa tese de Benjamin, se transforma quando a questão da autenticidade, do “aqui e agora” da obra de arte – isto é, quando sua aura – deixa de fazer sentido; em vez de fundar-se no ritual, ela passa a encontrar seu fundamento na política. O valor tradicional do patrimônio da cultura é, assim, liquidado nesse contexto, pois a reprodução da obra de arte destaca-a da tradição, assim como a montagem destaca as partes do todo.

O cinema foi eleito por Benjamin, nesse âmbito, como a forma artística mais característica do período, uma vez que o seu público era a massa, ao contrário do público da literatura e da pintura: o indivíduo. A fruição coletiva de um filme poderia, de acordo com essa concepção, ter uma função mobilizadora para a política por meio dos procedimentos de choque e distanciamento permitidos pela constante movimentação da câmera que romperia, por sua vez, com a atitude contemplativa. A montagem, elogiada por Benjamin não só como procedimento próprio do cinema, mas das vanguardas – em especial do dadaísmo e do surrealismo – e do teatro épico de Brecht, trazia consigo um novo ritmo e uma nova forma de percepção, coletiva e fundada no prazer de ver e sentir, em contraposição à fruição individual e à atitude do especialista frente à obra de arte aurática. Benjamin tinha em mente o fato de que o cinema exigia uma nova forma de percepção distraída e leve, mas rápida o suficiente para acompanhar a sequência de cenas.

Mas, afinal, de que maneira apareceria a questão do efeito-V no ensaio de Benjamin? Em primeiro lugar, a reprodutibilidade técnica seria capaz de livrar, de acordo com Benjamin, a arte de seu “valor de culto” e de seu “valor eterno”. Se por muito tempo as obras de arte tiveram um caráter secreto, isto é, somente alguns sacerdotes tinham acesso às esculturas de divindades, a obra de arte despida de sua função ritual é liberada para exposição. Qualquer um pode partilhar de sua fruição. Se para os gregos, que valorizavam o eterno (também devido à determinação material de que não possuíam técnica suficiente para produzir obras de arte reproduzíveis), a escultura era a forma de arte mais valorizada – pois a mais imperfeita e não reproduzível – hoje a escultura estaria em declínio. Assim como Brecht buscava

contrapor ao “eterno humano” do teatro dramático o homem histórico do teatro épico, Benjamin valoriza a reprodutibilidade técnica enquanto aquela que põe fim ao “eterno” da arte em geral.

Além disso, há ainda diversos momentos em que podemos observar a influência das ideias de Brecht. O cinema tem um forte cunho narrativo: a imagem é capaz de transmitir pensamentos, animar objetos e paisagens, etc. É a câmera que exercerá nele a função narrativa (ou, se quisermos, daquele sujeito fictício dos enunciados) ao focalizar a imagem, ao aproximá-la, distorcê-la, recortá-la, ao fazer um *close up*, etc. Benjamin compara o cinema ao teatro: enquanto no último a presença do palco como ponto de observação permite que o caráter ilusório de uma cena seja preservado, no primeiro essa natureza ilusionista aparece como algo de segunda ordem. Ao penetrar no âmago da realidade com seus aparelhos, o cinema faz parecer esse real como a realidade pura, sem a intervenção da máquina, o que contraditoriamente, faz aparecer o caráter artificial dessa montagem. Então, o narrador do filme que se expressa por meio mecânico – a câmera – assume mais de uma posição, inclusive de ordem física, na narração. Mas justamente por poder assumir diversos pontos de vista, esse narrador é de certo modo diferente do narrador do teatro ou do romance. Isso fica mais claro quando Benjamin (1991: 495-496) compara o pintor e o cinegrafista ao mágico e o cirurgião:

Aqui a questão é como comparar o *cameraman* com o pintor? Para responder a essa pergunta recorreremos a uma analogia com uma operação cirúrgica. O cirurgião representa o polo oposto ao do mágico. O mágico cura uma pessoa doente pela imposição de suas mãos; o cirurgião corta o corpo do paciente. O mágico mantém a distância natural entre o paciente e ele próprio, e, embora a reduza muito sutilmente pela imposição das mãos, ele a aumenta em muito por sua autoridade. O cirurgião faz exatamente o inverso; ele diminui em muito a distância entre ele mesmo e o paciente ao penetrar no corpo do paciente, e aumenta-a levemente pelo cuidado com que sua mão se move entre os órgãos. Em suma, em contraste com o mágico – que está ainda oculto no mágico –, o cirurgião no momento decisivo abstém-se de encarar o paciente de homem para homem; ao invés disso, é através da operação que ele o penetra. Mágico e cirurgião são comparáveis ao pintor e ao *cameraman*. O pintor mantém em seu trabalho uma distância natural da realidade, o *cameraman* penetra profundamente em sua trama.

Se formos ler a citação acima de modo cuidadoso, poderíamos inferir que o *cameraman*, na leitura que Benjamin faz do cinema, possuiria uma natureza brechtiana, embora diversa daquela própria ao teatro, à pintura e à literatura, pois, devido às suas potencialidades técnicas, chegaria a anular um possível distanciamento em nome da penetração radical entre narrativa cinematográfica e realidade, que constituiria de fato o

verdadeiro distanciamento. Daí Jameson afirmar, conforme destacado acima, que Benjamin leva o efeito-V a patamares mais metafísicos que Brecht. Ao fazer isso, o cinema seria a única arte capaz de fato de revelar o afirmado que não aparece na superfície, mas está lá realmente.

Os recursos auxiliares da câmera, como o *zoom*, as ampliações, as acelerações, revelariam, de acordo com Benjamin, o inconsciente ótico, bem como a psicanálise teria revelado o inconsciente pulsional. Mas qual é a importância disso? A importância disso está no fato de que, para Benjamin, a câmera pode registrar aspectos da realidade que se situam fora da percepção sensível comum. Por essa razão o cinema teria traços oníricos e mesmo psicóticos, pois traria à consciência coletiva àquilo que antes era da esfera individual do sonhador ou do psicótico e ao desenvolver artificialmente – por exemplo – fantasias sadomasoquistas, impediria seu desenvolvimento individual, “natural” e, por isso mesmo, perigoso, ao expô-los publicamente ao estranhamento da plateia. Eis a razão pela qual BENJAMIN (1991: 499) afirma que o cinema americano produziria uma explosão terapêutica do inconsciente:

Através de *close-ups* das coisas ao nosso redor, enfocando detalhes ocultos de objetos familiares, explorando ambientes – clichê sob a engenhosa condução da câmera, o filme, de um lado, amplia nossa compreensão das necessidades que regem nossa vida; de outro lado, ele nos proporciona um imenso e inesperado campo de ação. Nossas tavernas e ruas metropolitanas, nossos escritórios e salas mobiliadas, nossas estações ferroviárias e nossas fábricas parecem ter-nos confinado inapelavelmente. Então veio o filme e explodiu esse mundo-prisão com a dinamite do décimo segundo, de tal forma que agora, em meio a suas ruínas e destroços, nós calma e aventurosamente viajamos. Com o *close-up*, o espaço se expande, assim como o movimento com a câmera lenta. A ampliação de um instantâneo não torna simplesmente mais preciso o que de qualquer maneira era visível, apesar de obscuro: ele nos revela formações estruturais inteiramente novas do assunto. Portanto, também a câmera lenta não apenas apresenta qualidades conhecidas de movimento, como revela neles outros inteiramente desconhecidos “que, longe de parecer movimentos rápidos retardados, dão o efeito de singulares e sobrenaturais movimentos de deslizamento e flutuação. [Rudolph Arnheim]. Evidentemente uma natureza diferente abre-se à câmera mais do que ao olho nu.

A câmera, assim como a colagem, destaca um objeto de seu contexto original naturalizado e ao fazer isso destrói a aura ou a magia que consiste em fazer parecer que as coisas, seja a composição de uma obra de arte, seja de um interior burguês, não poderiam ser de outra maneira. Num raciocínio limite, poder-se-ia afirmar que o cinema é, para Benjamin, uma arte a serviço do esclarecimento, ao dar cabo à magia aurática. Desse modo, Benjamin demonstra também que não é só na estética, mas na sociologia

que o cinema aparece como fenômeno original. Vale lembrar aqui a ideia de Marx de que todo fetichismo e toda reificação são também uma forma de esquecimento dos processos pelos quais uma coisa veio a ser como é. Daí a necessidade que Benjamin partilhava com Brecht de buscar um rompimento com o fetichismo na arte através do fim de seu caráter ilusório. Aliás, o próprio método de escrita de Benjamin, que arranca frases de seu contexto original e constrói-se de modo aforístico na maioria de seus textos está ligado a isso e demonstra o imenso impacto que os procedimentos de vanguarda tiveram na crítica literária e na teoria social produzidas por ele.

Se é possível afirmar que, apesar de seu caráter *sui generis*, a obra de Brecht, ao conferir tamanho destaque em sua obra ao efeito-V, é um momento fundamental da arte de vanguarda ao dessacralizar, desnaturalizar, pôr fim à contemplação estética passiva e apassivadora e desautomatizar a atenção embotada pela rotina, podemos também afirmar que é nesse espírito que Benjamin compreende o cinema no ensaio aqui apresentado. Embora seja preciso deixar claro que se trata de uma poderosa inspiração e não de uma transposição das ideias de Brecht para a análise do cinema. Só para citar um exemplo, poderíamos destacar que Benjamin dá pouco destaque em seu ensaio à questão da identificação, tão importante para a formulação da questão do distanciamento em Brecht e que será também fundamental para a análise da indústria cultural que Adorno empreenderá junto com Max Horkheimer.

No entanto, apesar de seu entusiasmo com a reprodutibilidade técnica, BENJAMIN (1989: 630-631) matiza sua posição no final da vida ao comparar o ritmo do cinema ao ritmo do trabalho:

Assim a técnica submeteu o sensorial humano a um treinamento de natureza complexa. Chegou o dia em que o filme correspondeu a uma nova e urgente necessidade de estímulos. No filme, a percepção sob a forma de choque faz valer-se como princípio formal. Aquilo que determina o ritmo da produção na linha de montagem subjaz no filme ao ritmo da recepção.

A crença no potencial de determinados procedimentos entrava em crise. Embora estejamos falando de 1939, aquilo que ficou conhecido como a “rotinização”<sup>5</sup> do

---

<sup>5</sup> Antonio Candido (2008) explica o processo de normalização e penetração do modernismo na vida cultural brasileira através do conceito do sociólogo Max Weber, mas acredito que seu conceito sirva também para explicar o processo de rotinização das vanguardas como um todo. Weber utiliza a noção de “rotinização” para analisar o modo como algo efêmero, que é o carisma, na visão do sociólogo, pode se perpetuar na forma de uma dominação estendida sob outras formas. Trata-se de explicar como algo que

modernismo já mostrava seus sinais e a redução do horizonte de expectativa potencializada pelo início da derrocada da União Soviética e da ascensão do nazismo que ganhava forças levaram Benjamin a duvidar das potencialidades do cinema. Conforme destaca Roberto SCHWARZ (1999: 125), “por mais que a nossa crítica literária diga o contrário, os procedimentos artísticos têm pressupostos que não são artísticos eles próprios”.

Mas para voltar ao começo deste texto, vale fazer um último comentário a respeito da noção de aura. A aura ganha conotação filosófica apenas a partir das mãos de Benjamin. A palavra “aura” vem do grego *aúra* e significa sopro, brisa, ar, vapor,

[...] sua ilustração como círculo dourado em torno da cabeça, tal como aparece em imagens religiosas, talvez derive da identificação vulgar entre o termo grego e o latino *aureum* (ouro), que deu origem à palavra *auréola*. Simbolicamente, entretanto, ambas (*aura* e *auréola*) indicam um procedimento universal de valorização sagrada ou sobrenatural de um personagem: a aura designa a luz em torno da cabeça dos seres dotados de força divina, sendo que a luz é sempre um índice de sacralização. (PALHARES 2006: 13).

Isto é, a aura remete a um vocabulário teológico e teosófico. Conforme sublinhou Gershon SCHOLEM (*apud* KOTHE 1978: 41), “o conceito estava no vocabulário de todos os que se ocupavam com coisas teológicas. Designa a luz invisível que rodeia uma aparição, o prolongamento de todo o psicofísico de uma pessoa e que é visível ou pode se tornar visível para determinadas pessoas”.

Não deixa de ser curioso, à primeira vista, como a noção de “aura”, oriunda de um contexto religioso ganhe tamanho destaque num texto tão inspirado pelo marxismo tal como é “A obra de arte...”. Mas podemos encontrar em Marx um uso similar da noção de aura. Em determinado momento do *Manifesto Comunista*, MARX (2007: 42) afirma que “A burguesia despojou de sua auréola todas as atividades até então reputadas como dignas e encaradas com piedoso respeito. [...] A burguesia rasgou o véu do sentimentalismo que envolvia as relações de família e reduziu-as a relações monetárias”. Embora o termo “auréola” [*Heiligenschein*] seja diverso do termo utilizado por Benjamin, “aura”, poderíamos, talvez, estabelecer um paralelo entre as duas noções. Principalmente se pensarmos que Marx, assim como Benjamin, também dialogou com

---

aparece como um evento isolado, peculiar e dotado de certa arbitrariedade se torna permanente, a despeito de suas resistências.

questões religiosas<sup>6</sup> e que uma arte sem aura pode ser entendida, dessa maneira, como uma arte liberada da magia – do mesmo modo como a revolução burguesa é entendida por Marx no *Manifesto* como espécie de dessacralização do mundo – e ainda que Benjamin compare a aura ao véu da beleza [*schöner Schein*] e esta mesma ideia de auréola e véu está presente em Marx<sup>7</sup>. De qualquer modo, o conceito de “aura” é de difícil rastreamento e um tema controverso para a fortuna crítica de Benjamin.

Mas apesar disso, penso que vale arriscar um palpite relativo à crítica que tanto Adorno quanto Brecht dirigem a Benjamin com relação a este conceito. A crítica de Brecht volta-se para o modo como Benjamin utiliza-se da contradição em sua explicação e menos ao conceito por si mesmo. Nesse sentido, o esclarecimento da mística, da mística enquanto mística, isto é, enquanto experiência especial, e a expressão específica "materialista" levada a sério poderiam ser resumidas a um problema de falta de clareza de Benjamin. Brecht atribui o misticismo a uma característica subjetiva de Benjamin, enquanto este busca compreender a aura enquanto experiência mística como uma tendência social objetiva e uma marca histórico-filosófica de época. A objeção de Adorno vai na mesma direção ao observar que, em Benjamin, esclarecimento e mito apresentam-se fundidos pela última vez.

O que Adorno e Brecht parecem ter dificuldade de compreender – aliás, este é um dos temas clássicos da sociologia – é que o místico é a experiência da aura e não seu conceito. A sociologia desde seus primórdios busca explicar a experiência mística, definir cientificamente aquilo que aparece a seus participantes como uma experiência do indefinível e, sem contradizer o seu caráter místico, encontrar nela seus fundamentos sociais. Tal como Marx faz com o fetichismo da mercadoria (a experiência mística por excelência do capitalismo), Durkheim faz com a religião e Weber com o leve manto protestante que se torna uma crosta de ferro. Marx, por exemplo, precisa recorrer a uma experiência mágico-religiosa para explicar como no núcleo do capitalismo, enquanto um sistema que se pretende plenamente racional, surge uma força que domina os homens e que lhes parece algo estranho: o fetichismo da mercadoria. E a palavra fetichismo não é utilizada por Marx à toa: tal como em algumas religiões a um objeto

---

<sup>6</sup> O próprio termo “fetiche” ou “fetichismo” foi retirado por Marx do reino obscuro e místico das religiões animistas e fetichistas. (Cf. MARX/ ENGELS 2007).

<sup>7</sup> Essa associação da aura e da “bela aparência” ou como “véu da beleza” aparece desenvolvida na nota de número dez da segunda versão de “A obra de arte...”



produzido pelo homem são atribuídas qualidades sobrenaturais, do mesmo modo no capitalismo os produtos do trabalho parecem adquirir poderes sobre seus produtores.

Assim como Marx demonstra o núcleo irracional do capitalismo, a noção de aura está diretamente ligada à noção de mito no pensamento benjaminiano. Como crítico do progresso tal como ficou conhecido, Benjamin sempre esteve interessado em mostrar essa dialética entre a sociedade racionalizada e a insistência do mito que a permeia. Em suma, mística é a coisa em si, ou seja, a própria experiência da aura, aquilo que sobrevive do mágico e do religioso numa sociedade cada vez mais racionalizada, e não a atitude ou método de Benjamin.

## Referências Bibliográficas

- ADORNO, Theodor W. “Carta de Theodor Adorno a Max Horkheimer de 21 de março de 1936” In: Capistrano, T. (org.) *Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem, percepção*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- BENJAMIN, Walter. “*Conversations with Brecht*”. In: *Understanding Brecht*. New York, London: Verso, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Gesammelte Schriften Band II-2*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Gesammelte Schriften Band I-2*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1991.
- \_\_\_\_\_. “O autor como produtor”. Em: *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994a.
- \_\_\_\_\_. “Que é o teatro épico: um estudo sobre Brecht”. Em: *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994b.
- \_\_\_\_\_. *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*. Apresentação, tradução e notas de Francisco de Ambrosio Pinheiro Machado. Porto Alegre: Zouk, 2012.
- BRECHT, Bertolt. “O Teatro Experimental”. In: *Teatro Dialético: Ensaios*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967a.
- \_\_\_\_\_. “O efeito de distanciamento nos atores chineses”. Em: *Teatro Dialético: Ensaios*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967b.
- \_\_\_\_\_. *Diário de trabalho*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, volume I.
- BUCK-MORSS, Susan. “Estética e anestésica: uma reconsideração de *A obra de arte* de Walter Benjamin”. In: Capistrano, T. (org.) *Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem, percepção*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008 (10ª Edição Revista pelo autor).
- COSTA, Iná Camargo. *Sinta o Drama*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- JAMESON, Fredric. *Brecht e a questão do método*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- KOTHE, Flávio. *Benjamin & Adorno: Confrontos*. São Paulo: Ática, 1978.
- LUKÁCS, Georg. *História e Consciência de Classe: estudos sobre a dialética marxista*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MARX, Karl / Engels, Friedrich. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo, 2007.

- PALHARES, Taisa Helena Pascale. *Aura: a crise da arte em Walter Benjamin*. São Paulo: Editora Barracuda, 2006.
- SCHÖTTKER, Detlev. “Comentários sobre Benjamin e *A obra de arte*”. In: Capistrano, T. (org.) *Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem, percepção*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- SCHWARZ, Roberto. “Altos e baixos da atualidade de Brecht”. Em: *Sequências Brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SZONDI, Peter. *Teoria do Drama Moderno (1880-1950)* São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- WEBER, Max. *Economía y Sociedad: Esbozo de Sociología Comprensiva*. México: Fondo De Cultura Económica, 1944.

*Recebido em 11/03/2014*

*aceito em 27/08/2014*

# Alguns momentos da divisão e união em Hölderlin e Hegel

[Some moments of division and unity in Hölderlin and Hegel]

<http://dx.doi.org/10.1590/1982-88375386>

Danilo Chiovatto Serpa<sup>1</sup>

**Abstract:** The present text deals with the form of judgment in Hölderlin and Hegel, focusing mainly on its moments of division and unity. Primarily, both unity and division are related here to topics of love that were developed in the 18th century. Judgment is analyzed within Hegel's Science of Logic and Hölderlin's prefaces of the novel *Hyperion* and his text "Judgment and Being". The analysis aims to show the connections between these two moments of judgment in the aforementioned texts, the ones which explore the relationships between the categories of singular, particular and universal. Considering these relationships, an interpretation of *Hyperion* is proposed.

**Keywords:** Hölderlin; Hegel; Judgment; *Hyperion*; Logic

**Resumo:** O presente texto lida com a forma do juízo em Hölderlin e Hegel, focalizando principalmente seus momentos de divisão e unificação. Inicialmente, unificação e divisão são aqui tratadas a partir de temáticas desenvolvidas em torno do amor no séc. XVIII. O juízo é analisado basicamente no âmbito da *Ciência da lógica*, de Hegel, de prefácios do romance *Hyperion* e do texto "Juízo e Ser", de Hölderlin. A análise visa expor as passagens entre esses momentos do juízo nos textos supracitados, as quais mobilizam relações entre singular, particular e geral. Considerando essas relações, propõe-se uma interpretação do romance acima mencionado.

**Palavras-chave:** Hölderlin; Hegel; Juízo; *Hyperion*; Lógica

Em toda obra de Hegel (\*1770 - †1831) – se forem excetuadas a homenagem feita no hino "Eleusis" (HEGEL 1994: 230ss.)<sup>2</sup> e, é claro, a edição das cartas do filósofo – o

---

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Modernas, Programa de Pós-graduação em Língua e Literatura Alemã. Email: [daniloserpa@uol.com.br](mailto:daniloserpa@uol.com.br)

nome de Hölderlin (\*1770 - †1843) não é citado uma vez sequer e, não houvesse pesquisa, não se saberia nada daquilo que ligou o poeta à formação do filósofo, afirma D. HENRICH (2010: 9). Em fase posterior de sua vida, anos após a década de 1790, nos escritos que compõem a sua obra da maturidade, Hegel parece ter se distanciado não apenas do próprio Hölderlin, ou talvez de ideias e ideais compartilhados, mas também do nome do amigo que fora internado com problemas psíquicos em 1806. LUKÁCS (2009: 115), por exemplo, em texto pronunciado em 1949, comenta que “muito mais tarde, ainda que sem nomeá-lo explicitamente, Hegel tratou do pensamento de Hölderlin como de algo inteiramente distante de sua própria evolução”.

No entanto, até determinado ponto, é ainda difícil distinguir os domínios dos pensamentos de Schelling, Hegel e Hölderlin, que foram próximos como estudantes em Tübingen (no início da década de 1790). No fragmento conhecido como “O mais antigo programa de sistema do Idealismo Alemão” (“Das älteste Systemprogramm des deutschen Idealismus”, 1796), legado pela letra de Hegel, são reconhecidas contribuições decisivas de Schelling e Hölderlin em sua autoria, tanto que o texto pode ser encontrado em edições das obras de cada um dos três<sup>3</sup>. Para Adorno, o próprio Idealismo Alemão pode ser considerado, nos decênios que vão da *Doutrina da Ciência* (*Wissenschaftslehre*) até a morte de Hegel, antes um movimento coletivo do que um estritamente individualizado; ou, na terminologia de Hegel citada por Adorno – mas que bem poderia ser uma expressão de Hölderlin, já que a primeira palavra é tão recorrente na poesia deste – um “éter dos pensamentos” (“ein Äther der Gedanken”)<sup>4</sup> (ADORNO 2003: 301).

Na relação entre Hölderlin e Hegel, mais especificamente, os estudos de D. Henrich contribuíram para mostrar que, a despeito do silêncio posterior, ela vai além de uma amizade do tempo de estudante (HENRICH 2003: 164) e de certa forma existe ainda mesmo após a dissolução do círculo de debates em Frankfurt (HENRICH 2010: 10), na

<sup>2</sup> O poema traz a data de agosto de 1796.

<sup>3</sup> V. a nota introdutória de Rubens Rodrigues TORRES FILHO (1984) à sua tradução do “Programa”, publicado numa edição das obras de Schelling. Jochen SCHMIDT, editor da obra de HÖLDERLIN (2008a: 1258) pela *Klassiker Verlag*, data o texto, no mais tardar, na primavera de 1796 e escreve que “ele [“O mais antigo programa...”] está transmitido na redação de Hegel, a pesquisa, porém, tem como muito provável a autoria de Schelling e a participação de Hölderlin em sua concepção”. (“Er [“Das älteste Systemprogramm...”] ist in Hegels Handschrift überliefert, die Forschung hat aber die Verfasserschaft Schellings und Hölderlins Anteil an der Konzeption wahrscheinlich gemacht”). Cf. também HEGEL 1994: 234ss.

<sup>4</sup> Caso não haja referência a uma tradução do texto alemão citado, a versão para o português é de quem escreve o presente texto.

segunda metade de 1790. Se seguirmos a linha argumentativa de D. Henrich<sup>5</sup>, foi com o impulso de questões debatidas por Hölderlin em torno do ano de 1795 que Hegel passaria da atuação de um crítico da igreja do seu tempo (*id.*: 40), alojado em Bern, para se alçar ao posto de o filósofo de sua época. Como concebe HENRICH (2010: 12), o sistema de pensamento desenvolvido posteriormente por Hegel corresponde e se contrapõe às reflexões de Hölderlin do tempo de Frankfurt.

Considerando inicialmente os trabalhos dos críticos acima citados, o objetivo do presente texto é indagar de modo mais determinado acerca dos momentos da divisão e unificação em escritos desses dois autores dos sécs. XVIII-XIX; é analisar Hegel e Hölderlin pelas suas elaborações da problemática da cisão e união, sobretudo na formulação do juízo, na *Ciência da lógica* de Hegel, no texto de Hölderlin conhecido como “Juízo e Ser”, bem como nos prefácios ao romance *Hyperion*, também deste último. É a análise desses textos mencionados que deve desempenhar aqui papel preponderante. Seu propósito é, além de possibilitar alguns apontamentos interpretativos acerca dessas obras referidas de ambos, contribuir para o entendimento de passagens e movimentos no interior de seu pensamento e, ainda, em um maior conhecimento da questão e do tema da cisão e unificação por essa época.

De partida, antes de perscrutar os textos supracitados, a genealogia feita por D. Henrich a respeito da noção de amor, tal como pensada de início por Herder e Schiller, e, então, em Hölderlin é aqui considerada. Na história do pensamento alemão, nos idos do séc. XVIII, é formulado um princípio (o de amor) que deveria ser capaz de dar conta da oposição entre entrega de si e individualidade, um impulso unificador sob a figura da divisão. Prosseguindo ainda na exposição de D. HENRICH (2010: 12), o motivo que teria dado contribuições decisivas ao pensamento de Hegel, principalmente após 1797, ano em que este se muda para Frankfurt, está em conjunção com o contato com a filosofia de Hölderlin, mais desenvolvida por volta de 1795. Um dos termos centrais de Hölderlin dessa época é amor<sup>6</sup> (*Liebe*), considerado principalmente a partir de problemáticas e discussões colocadas pela chamada filosofia da unificação (*Vereinigungsphilosophie*) (HENRICH 2010: 13), que ecoam também e são investigadas em dois escritos, de Herder e Schiller, tratados brevemente a seguir.

---

<sup>5</sup> Principalmente, aqui, a do texto “Hegel und Hölderlin” (HENRICH 2010).

<sup>6</sup> Sobre a importância do amor em Hegel dos anos de Frankfurt, cf. também a discussão que há no texto de LUKÁCS (2009: 144s.) já acima citado.

A amor Herder justapõe um termo que assim compõe o título do seu texto “Amor e ipseidade” (“Liebe und Selbstheit”) (1781). Ali, Herder opera com dois diferentes princípios, um impulso de entrega (*Hingabe*), de destruição dos limites (*Grenzen*) que separam aquele que deseja daquilo que é desejado e um impulso que ganha cada vez mais em significados na experiência moderna do sujeito, o da conservação de si (*Selbstheit*), o qual precisaria justamente conservar-se para permitir, então, que a própria constituição do prazer, da apreciação (*Genuß*) buscada no amor não se perca na dissolução daqueles limites (*Grenzen*), dos limites entre quem deseja e o desejado. Como bem apontam os editores desse texto, J. Brunmack e M. Bollacher (Cf. HERDER 1994: 1165), a palavra *Selbstheit*, do título, não aparece uma vez sequer ao longo do escrito. Em algumas passagens, é uma forma de *selbst* que parece dar conta de significar essa parte que deve resistir à dissolução em algo outro, como em:

[...] nós somos *seres particulares* e precisamos ser assim, se não quisermos entregar o *fundamento* de toda apreciação, nossa própria *consciência*, por cima da apreciação, e perder *a nós mesmos*, para nos acharmos de novo em um outro ser, que, porém, nunca é nós mesmos. Mesmo se, como quer o misticismo, eu me perdesse em Deus, e me perdesse nele sem mais sentimento e consciência de *mim*: assim eu não apreciaria mais; a deidade teria me tragado e apreciaria, ao invés de mim.<sup>7</sup> (HERDER 1994: 419).

A reflexão de Herder, ao longo do seu texto, parece visar a incluir disposições à individuação e ao isolamento, nos sentidos atribuídos ao amor pela tradição da filosofia da unificação. No texto de Herder, amor e ipseidade, ainda que permanecendo dois princípios diversos que apontam para direções diferentes, para a união e a separação, são aproximados de modo que amor só poderia se dar se conservada a ipseidade daquele cujo desejo (*Verlangen*) busca o momento de união. O impulso de unificação e o de individuação dos seres se alternam, resultando em instantes de mais ou menos atração, em momentos de ação e paixão, atividade e passividade, de “dar e tomar, sofrer e fazer” (“geben und nehmen, leiden und tun”) (HERDER 1994: 420). Tal modulação compõe, nas palavras de HERDER (*ibid.*), o “verdadeiro compasso e pulso da vida” (“wahre[n] Takt und Pulsschlag des Lebens”).

<sup>7</sup> “Wir sind *einzelne Wesen*, und müssen es sein, wenn wir nicht den *Grund* alles Genusses, unser eigen *Bewußtsein*, über dem Genuß aufgeben, und *uns selbst* verlieren wollen, um uns in einem andern Wesen, das doch nie wir selbst sind, wiederzufinden. Selbst wenn ich mich, wie es der Mystizismus will, in Gott verlöre, und ich *verlöre* mich in ihm ohne weiteres Gefühl und Bewußtsein *meiner*: so genösse ich nicht mehr; die Gottheit hätte mich verschlungen und genösse statt meiner”.

Continuando com D. HENRICH (2010: 15), é o jovem Schiller quem – para chegar a um “conceito mais puro do amor”<sup>8</sup> – faz “uma primeira tentativa de mediação entre amor e ipseidade” (“den ersten Versuch zur Vermittlung zwischen Liebe und Selbstheit”) ao interpretar o amor como “um expandir-se do si mesmo finito, que anseia por toda perfeição, sobre o mundo todo” (“ein Sichausdehnen des endlichen Selbst, das nach aller Vollkommenheit strebt, über die ganze Welt”) (ibid.). O amor, no texto “Theosophie des Julius”<sup>9</sup>, não é mais compreendido como a disposição da entrega de si, mas como a sua expansão: “quando amo, torno-me mais rico daquilo que amo”<sup>10</sup> (SCHILLER 1992: 222). Em uma sentença como “se cada ser humano amasse todos os seres humanos, então cada indivíduo possuiria o mundo” (SCHILLER 1992: 224)<sup>11</sup>, pode ser visto como Schiller propõe, diretamente, sem maiores mediações, a passagem da parte ao todo, da categoria do particular ao geral. Nesse movimento, a fronteira de si com o mundo, contra algo outro, deve ser ultrapassada. Desse modo, Schiller busca conservar no seu entendimento do amor, além da conservação de si, o aspecto da dissolução de limites, presente no sentido que Herder dá ao termo amor. Deve-se perceber como Schiller muda o significado de entrega de si no amor em seu oposto, pois o movimento de junção do eu com o outro e com o mundo torna-se o da expansão de si mesmo. Nesse ponto, ele acentua a identificação entre os termos. Segundo D. Henrich, apesar dos meios deveras parcos com que Schiller procede nessa mediação, estaria aí formulado algo da lógica especulativa hegeliana (HENRICH 2010: 15s.): “a relação consigo precisa ser pensada de forma a incluir, ao mesmo tempo, o pensamento de uma relação com um outro – e inversamente”<sup>12</sup>.

SCHILLER (1992: 224), ao considerar o acontecimento do amor nos indivíduos, fala, antes da existência de uma simples igualdade, de harmonia entre eles: “amor não ocorre

---

<sup>8</sup> “Reinern Begriff der Liebe”. HENRICH (2010: 15) cita a expressão que SCHILLER (2002: 70) usa em carta de 14.04.1783 a W. F. H. Reinwald. Além disso, no texto “Theosophie des Julius”, no início da seção “Liebe”, o missivista escreve: “uma luz do sol mais pura refinou todos os meus conceitos” (“Ein reineres Sonnenlicht hat alle meine Begriffe geläutert”) (SCHILLER 1992: 222). Essa expressão, no texto de Henrich, parece se ligar a sua consideração de que Schiller teria tentado – ainda que sem muito sucesso conceitual – incluir as determinações da conservação do indivíduo nesse ‘conceito’ de amor.

<sup>9</sup> Publicado em 1786, suas primeiras versões devem ser anteriores a essa data. Cf. os comentários da edição do texto (SCHILLER 1992: 1266).

<sup>10</sup> “Wenn ich liebe, so werde ich um das reicher, was ich liebe”.

<sup>11</sup> “Wenn jeder Mensch alle Menschen liebte, so besäße jeder Einzelne die Welt”. Essa confluência entre o si mesmo e o todo se encontra, por exemplo, na passagem: “cobiço a felicidade de todos os espíritos, porque amo a mim mesmo”. (“Ich begehre das Glück aller Geister, weil ich mich selbst liebe”) (SCHILLER 1992: 222).

<sup>12</sup> “Die Beziehung auf sich muß so gedacht werden, daß sie zugleich den Gedanken einer Beziehung auf anderes einschließt, – und umgekehrt”.

entre almas que soam iguais, mas entre harmônicas”<sup>13</sup>. Na metáfora musical usada por Herder, a relação entre os impulsos de conservação e de entrega, cuja alternância define o andamento e “pulso da vida” (HERDER 1994: 420), deve compor uma união, um “casamento” entre dois que, se nunca em “uníssono”, podem ser “consoantes”: “nesse casamento das almas, uníssono (*Einklang*) não é agradável nem útil, nem mesmo possível. Precisam ser consoantes os sons que dão a melodia da vida e da apreciação, não uníssonos” (id.: 421)<sup>14</sup>. Ambos os autores tratam, nesses seus escritos sobre o amor e si mesmo, de diferenças e divisões, da existência de duplicidade, mas também conjunção de impulsos. O inteiramente unívoco é de certa forma relegado, não obstante eles apreciem a união, consoante, harmônica, que se poderia estabelecer aparentemente acima de quaisquer dissonâncias.

Voltando aqui, por fim, à exposição de HENRICH (2010: 16s.), Hölderlin é aquele que abarca o amor como um metaprincípio (*Metaprinzip*) de união daquelas oposições (conservação de si e entrega; desejo pelo todo, infinito e incondicionado, e pela experiência da existência singular, particularizada), que, por sua vez, serão compreendidas como duas tendências vicárias. Em Hölderlin, o amor é o impulso de reunir tendências opostas no ser humano sem que uma dessas tendências seja submetida ao controle da outra. Tal formulação do amor é projetada na sentença do túmulo de Inácio de Loyola, feita como de efígie da vida do personagem-título e epígrafe do romance *Hyperion*, cujos primeiros projetos datam de 1792 e a publicação do segundo volume de 1799: “não coagido pelo maior; cativo do menor”<sup>15</sup>. Próxima à concepção de amor acima discutida, há na inscrição do túmulo uma oposição entre o não estar confinado e estar contido, entre o manter-se ou estar entregue, entre absoluto e limitação: por um lado, uma não sujeição àquilo que poderia coagir e a conservação da integridade e da liberdade do indivíduo, por outro, uma entrega que está, porém, do lado

<sup>13</sup> “Liebe findet nicht statt unter gleichtönenden Seelen, aber unter harmonischen”. E o autor das cartas da “Teosofia de Júlio” assim continua com o seu interlocutor, ‘seu querido Raphael’, duplicando o “mas”: “com satisfação eu reconheço minhas sensações novamente no espelho das suas, mas absorvo com flamejante ânsia as mais altas, que me faltam”. (“Mit Wohlgefallen erkenne ich meine Empfindungen wieder in dem Spiegel der deinigen, aber mit feuriger Sehnsucht verschlinge ich die höheren, die mir mangeln.”) (SCHILLER 1992: 224).

<sup>14</sup> “Einklang ist in dieser Ehe der Seelen weder angenehm noch nützlich, noch möglich. *Konsone* Töne müssen es sein, die die Melodie des Lebens und des Genusses geben, nicht *unisono*”.

<sup>15</sup> “Vom Größten unbezwungen, vom Kleinsten befangen” é a tradução de D. HENRICH (2010: 17) para o alemão. A citação latina do trecho encontra-se no fragmento de Tália deixado por HÖLDERLIN (2008b: 291): “non coerceri maximo, contineri tamen a minimo”. No prefácio da edição do primeiro volume do romance, a inscrição latina é citada assim por Hölderlin: “non coerceri maximo, contineri minimo, divinum est” (HÖLDERLIN 2008b: 314).



oposto ao da coação. No romance *Hyperion*, não ser subjogado liga-se à guerra de libertação de que o personagem participa. Junto a unir-se à amada Diotima, a liberdade, cuja formação inicial é vislumbrada na antiga polis ateniense<sup>16</sup>, e não ser submetido a uma tirania são aspirações que Hipérion<sup>17</sup> exprime. Ainda em seus primeiros contornos, ele, Hipérion, é caracterizado por Rudolf Magenau, amigo de Hölderlin dos tempos de Tübingen, como “o herói amante da liberdade”<sup>18</sup>. Liberdade que em boa medida está ligada aos ideais da Revolução Francesa, até certo ponto cultivados também por Hegel<sup>19</sup>. Ainda na última carta, na versão impressa do romance (1799), em meio ao diálogo final imaginado com a amada Diotima, os três motes que são característicos da Revolução Francesa se acham na interpelação de Hipérion à natureza. O amor deles, recente, é também antigo:

Ó vós, fontes da terra! vós flores! e vós florestas e vós águias e tu, luz **fraterna!** como é novo e antigo o nosso amor! – **Livres** somos, **igualamo-nos** não amedrontados pelo exterior; como não deveria mudar o modo da vida? Nós amamos todos o éter e interiormente, no mais íntimo, nos **igualamos**<sup>20</sup> (HÖLDERLIN 2008b: 456, ênfase nossa).

O romance *Hyperion* será principalmente a representação de uma cisão e de movimentos que se realizam por extremos, de união e separação, que Hölderlin elabora da seguinte forma no prefácio à penúltima versão, escrito no ano de 1795:

<sup>16</sup> Os atenienses são, na reflexão do romance, aqueles que desenvolveram, a partir da beleza e poesia, um “sentido necessário para a liberdade” (HÖLDERLIN 2003: 84). Nessas reflexões (id.ibid.), a arte dos gregos figura como a conquista de um “belo centro da humanidade”: “quase sempre encontramos nos objetos de sua arte o ser humano maduro. Aí não há o aspecto mesquinho e monstruoso dos egípcios e godos, há apenas o sentido e a figura humana. Oscilam menos que os outros entre os extremos do suprassensível e do sensível [...]. E assim como o objeto, também é o amor. Nem submisso demais, nem íntimo demais”. Sobre o desdobramento da noção da busca de um “belo centro”, em autores alemães do séc. XVIII e nesse romance de Hölderlin, v. os comentários de Jochen Schmidt (HÖLDERLIN 2008a: 1034s.).

<sup>17</sup> Concepções e ideais que Hipérion expressa em sua ida à antiga acrópole, a Atenas (HÖLDERLIN 2003: 80-94). Ali, o herói também fala à Diotima sobre o significado da “grandiosa frase de Heráclito, o uno diferente em si mesmo” (p.85): a essência da beleza. Novamente, encontra-se ali a imagem de uma unidade que carrega divisão.

<sup>18</sup> “Freiheitsliebender Held”. As palavras citadas de Magenau estão em carta de novembro de 1792, endereçada a Neuffer. V. na Grande Edição de Stuttgart (*Große Stuttgarter Ausgabe*) v. 7,1 (1968), p.435. Cf. também os comentários de H. Jürgen Balmes, da edição de HÖLDERLIN 2008b: 803.

<sup>19</sup> Sobre alguma relação de Hegel, Hölderlin e a geração do Idealismo Alemão com a Revolução Francesa, v., p.ex., HOBBSAWM 1977: 117. Neste presente escrito, não está em discussão o grau de comprometimento na década de 90 (séc. XVIII) de Hölderlin e Hegel com os acontecimentos e ideais da Revolução Francesa. De modo geral, questões suscitadas pelos seus eventos influíram no ambiente e debate intelectual da época.

<sup>20</sup> “Ihr Quellen der Erd! ihr Blumen! und ihr Wälder und ihr Adler und du **brüderliches** Licht! wie alt und neu ist unsere Liebe! – **Frei** sind wir, **gleichen** uns nicht ängstlich von außen; wie sollte nicht wechseln die Weise des Lebens? Wir lieben den Äther doch all und innigst im Innersten **gleichen** wir uns”.

[...] muitas vezes se nos é como se o mundo fosse *tudo*, e nós, *nada*, mas muitas vezes também como se fôssemos *tudo*, e o mundo, *nada*. Também Hipérion **se partiu** entre esses dois extremos (HÖLDERLIN 2008b: 313, negrito nosso)<sup>21</sup>.

Sem deixar de se esforçar em direção ao objetivo da restituição e união desses opostos (eu e mundo; ser humano e natureza) em “*um* todo infinito” (HÖLDERLIN 2008b: 313), a vida de Hipérion se desenvolve cindida, num conflito aparentemente sem solução entre os extremos da dissolução ou do eu ou do mundo. A ‘oscilação’ do personagem-narrador é um traço ressaltado inúmeras vezes pela crítica: “é característico de Hyperion o oscilar entre estados de plenitude jubilosa e de vazio aniquilador” (ROSENFELD 2000: 34)<sup>22</sup>. Rainer NÄGELE (2003: 283) ainda relaciona esse movimento característico do romance, esse contínuo “para lá e para cá” (“Auf und Ab”), a “alegria e sofrimento” (“Freude und Leid”) já colocados na primeira linha do romance (HÖLDERLIN 2008b: 315), ‘dados’ pelo “solo amado da pátria” (id. 2003: 12). A essa relação entre Hipérion e seu solo pátrio, “amado” (id.ib.), voltemos mais adiante, no presente escrito.

Como vida que se desdobra na tentativa de reunir e integrar partes conflitantes<sup>23</sup>, ela é sintetizada na metáfora da “órbita excêntrica” (“exzentrische Bahn”) (HÖLDERLIN 2008b: 291; 313): sem, nas palavras do “Canto do destino de Hipérion”, poder “descansar em parte alguma” (id. 2008b: 442), sob o signo de descaminhos e errâncias, mesmo o percurso do titã que é o pai e que se confunde com o deus sol Hélios, raiz do nome Hipérion<sup>24</sup>, terá de conhecer o ocaso e atravessar em sua trajetória a noite da

<sup>21</sup> “Oft ist uns, als wäre die Welt alles und wir nichts, oft aber auch, als wären wir alles und die Welt nichts. Auch Hyperion **teilte sich** unter diese beiden Extreme”.

<sup>22</sup> Não foi possível conhecer a data exata do texto de Rosenfeld. Sabe-se que sua escrita recaiu em algum momento entre 1943-1967.

<sup>23</sup> Para uma determinação da posição de Hölderlin em relação à tentativa e possibilidade de restabelecimento de uma unidade supostamente existente outrora, notem-se as palavras do prefácio à penúltima versão de *Hyperion*, onde a busca da reunião entre partes conflitantes é, por um lado, postulada, mas a unificação total, por outro, denegada: “Encerrar aquele eterno conflito entre nosso si mesmo e o mundo, trazer de volta a paz de toda paz, que é mais alta do que a razão, nos unir com a natureza em *um* todo infinito, isso é o objetivo de todo nosso esforço, queiramos ou não nos entender sobre isso. Mas nem nosso saber nem nosso agir chega, em período algum da existência, aonde todo conflito cessa, onde *tudo* é *um*; a linha reta só se une com a curva em infinita aproximação.” (“Jenen ewigen Widerstreit zwischen unserem Selbst und der Welt zu endigen, den Frieden alles Friedens, der höher ist, denn alle Vernunft, den wiederzubringen, uns mit der Natur zu vereinigen zu *einem* unendlichen Ganzen, das ist das Ziel all unseres Strebens, wir mögen uns darüber verstehen oder nicht. Aber weder unser Wissen noch unser Handeln gelangt in irgendeiner Periode des Daseins dahin, wo aller Widerstreit aufgehört, wo *alles eins* ist; die bestimmte Linie vereinigt sich mit der unbestimmten nur in unendlicher Annäherung.”) (HÖLDERLIN 2008b: 313).

<sup>24</sup> V., p.ex., os comentários de J. Schmidt (HÖLDERLIN 2008a: 965s.) e J. Balmes (HÖLDERLIN 2008b: 818). J. Schmidt, além disso, destaca a tradição (falsa linguisticamente), mesmo desde a Antiguidade, de compreender a terminação *ων* do nome Hipérion como o particípio do verbo ir (*ἔναι*). Hipérion significaria, assim, também um tipo de viandante, montívago, “aquele que vai por cima”, ou “que faz uma travessia” (“Darüberhingehende”). Significa “quase” “aquele que transcende” (“lateinisch könnte man

reflexão, repassando na narração, na escrita de suas cartas o seu caminho e pensamentos. O romance epistolar *Hyperion*, constituído principalmente pelas cartas deste a Belarmino, é, em parte, a história da ponderação do herói sobre suas ações e o que levou até o momento presente, o trajeto de formação e vida. Em linhas gerais, o romance representa o ato e o produto da recordação de Hipérion. Não obstante serem de extrema importância para Hipérion, no sentido de que o rememoram outros tempos e lugares, sua narração e reflexão são, obviamente, um elemento de separação, momento de distanciamento em relação ao já passado e presente, o que lhe é um pesar. O prefácio do romance já alerta para esse seu “caráter elegíaco” (HÖLDERLIN 2008b: 314); alerta ainda para os extremos ou da reflexão ou dos sentidos concretos, bem como para a impossibilidade do momento somente da análise no conhecimento do seu herói e do próprio romance: “quem apenas cheira minha planta não a conhece e quem a colhe apenas para estudá-la também não a conhece. A dissolução das dissonâncias num certo caráter não é algo para a simples reflexão, nem para o prazer vazio” (HÖLDERLIN 2003: 11). A exigência de, para o conhecimento de alguma coisa, estar **em** contato com ela ao tempo que se está também **sobre** ela, i.e., a consideração de que é necessário integrar momentos que são separados na análise ou mera reflexão é formulada já no início do fragmento de Tália, primeira versão do *Hyperion* que chegou até nós: “o ser humano quer estar *em* tudo e *sobre* tudo” (“der Mensch möchte gerne *in* allem und *über* allem sein”) (HÖLDERLIN 2008b: 291).

As palavras “órbita excêntrica”, usadas por HÖLDERLIN (2008b: 291) no fragmento de Tália, são retomada no prefácio (*Vorrede*) à penúltima versão do romance (ibid.: 313), em que aquele percurso de cada um e de todos os seres humanos (ib.: 291), aquela órbita excêntrica, mostra-se expressamente como uma via também através de idades: “não há outro caminho possível da infância à completude” (“es ist kein anderer Weg möglich von Kindheit zur Vollendung”) (ibid.: 313)<sup>25</sup>. Ali, o escritor, falando de sua juventude e amor, a Grécia, chama-a de “jovem humanidade” (“jugendlichen Menschheit”, HÖLDERLIN 2008b: 312). Para começar, em pensamentos também do campo da estética, acerca da arte do seu tempo, do tempo em que o romance é publicado, diz que, para ele, “originalidade” (“Originalität”) é “interioridade,

---

beinahe sagen: der Transzendierende”), numa tradução aos termos latinos, acrescenta J. Schmidt (HÖLDERLIN 2008a: 942).

<sup>25</sup> D. HENRICH (2010: 17) chega a escrever que Hölderlin entendia esse caminho, fundamentalmente um movimento através de oposições (*Gegensätze*), como princípio da história.

profundidade do coração e do espírito” (“Innigkeit, Tiefe des Herzens und des Geistes”) (id.ib.). A cisão através da qual Hipérion, esse sujeito, se partiu é tratada, ainda no prefácio à penúltima versão, não como traço individual, senão que como cisão do “ser, no sentido único da palavra”:

A venturosa unidade, o ser, no sentido único da palavra, está perdida para nós [...]. Nós nos desprendemos do *Evxai Πav* [gr. um e todo] do mundo, para produzi-lo, através de nós mesmos. Nós rompemos com a natureza, e o que uma vez, como se pode acreditar, fora *um*, agora se opõe, e dominação e servidão alterna em ambos os lados<sup>26</sup> (HÖLDERLIN 2008b: 313).

O tema da cisão, e ainda no próprio ser, é abordado também em escrito teórico de Hölderlin, por volta do ano de 1795, conhecido como “Juízo e Ser” (“Urteil und Sein”). Este título provém de BEIBNER (Cf. HÖLDERLIN 2008b: 863), o qual publicou, no ano de 1961, pela primeira vez o texto, que, para TORRES FILHO (1988: 10), “revela entretanto, a uma leitura mais cuidadosa, uma articulação interna muito mais cerrada” entre aqueles dois termos (juízo e ser). Segundo TORRES FILHO (1988: 10), Hölderlin, “partindo aparentemente de uma simples observação filológica, se contrapõe, sozinho, ao idealismo alemão em peso”. Sem querer entrar nos méritos de Hölderlin frente ao Idealismo Alemão<sup>27</sup>, a “observação filológica” de Hölderlin deve estar baseada na sugestão que o poeta observa na palavra alemã para juízo, *Urteil*, como *Ur-Teilung*, como a cisão (*Teilung*) primeva (*Ur*), ou, na tradução de Torres Filho, “proto-divisão” (HÖLDERLIN 1988: 9). Hölderlin pensa ali o juízo, sua fórmula, também como uma separação, não somente como ligação entre duas coisas, entre sujeito e objeto (ou predicado). Assim, no juízo, unifica-se e divide-se, já que, como ele escreve, “no conceito de divisão [*Teilung*] estão contidos já o conceito da referência mútua de objeto e sujeito um ao outro e a necessária pressuposição de um todo, do qual objeto e sujeito são as partes (Teile).” (id.ib.).

<sup>26</sup> “Die selige Einigkeit, das Sein, im einzigen Sinne des Wortes, ist für uns verloren [...]. Wir reißen uns los vom friedlichen *Evxai Πav* der Welt, um es herzustellen, durch uns selbst. Wir sind zerfallen mit der Natur, und was einst, wie man glauben kann, *eins* war, widerstreitet sich jetzt, und Herrschaft und Knechtschaft wechselt auf beiden Seiten”.

<sup>27</sup> Violetta WAIBEL (1997: 60s.) comenta uma anotação de Fichte, cuja data gira em torno do início do ano de 1795, quando da elaboração da propedêutica à *Doutrina da Ciência (Wissenschaftslehre)* apresentada no semestre de inverno de 1794/95, na qual ele destaca a etimologia (falsa, filologicamente tratando) do “juízo, originalmente divisão; e é verdade: subjaz a ele uma divisão original” (“Urtheilen, ursprünglich theilen; u, es ist wahr: es liegt ein ursprüngl. Theilen ihm zum Grunde”). Para uma relação entre essa consideração de Fichte e as reflexões do texto “Juízo e Ser”, v. a nota 51 do presente texto.

O ser no juízo, a cópula, não expressa só uma unidade. Assim, pode-se entender também desse modo que uma “venturosa unidade, o ser, no sentido único da palavra, está perdida para nós” (HÖLDERLIN 2008b: 313), pois “*ser* exprime a ligação de sujeito e objeto” (HÖLDERLIN 1988: 9), mas só

[...] ali onde sujeito e objeto estão pura e simplesmente, não apenas em parte (*zum Teil*), unificados, consequentemente unificados de tal modo, que nenhuma divisão (*Teilung*) pode ser empreendida, sem ferir a essência daquilo que se pretende separar, aí e em nenhuma outra parte se pode falar de um *ser puro e simples* como é o caso com a intuição intelectual. Mas esse ser não deve ser confundido com a identidade (HÖLDERLIN 1988: 10).

O ser no juízo, nessas reflexões, não apresenta um ‘sentido único’. A cópula não só liga, une, como também separa, divide.

Algo dessas considerações de Hölderlin de por volta de 1795 aproxima-se do ser do início da *Ciência da lógica*<sup>28</sup>, de Hegel. Certa convergência entre ser e nada, em cujos extremos Hipérion se partiu, compõe o princípio, aquilo com o que a ciência da lógica deve começar em Hegel. Num movimento semelhante ao *Hyperion*, em cujo princípio, na parte de um prefácio, a personagem, o sujeito ali, se parte em ser algo igualado ao nada, identificando assim também por momentos o mundo ao nada (HÖLDERLIN 2008b: 313)<sup>29</sup>, na *Ciência da lógica*<sup>30</sup>, de Hegel, o ser (*Sein*) que a inicia opõe-se e se aparenta com o nada (*Nichts*): um “puro ser” (*reines Sein*) (HEGEL 1986a: 82), que é somente “simples imediatez” por ter suspenso toda a relação com um outro e mediação (HEGEL 1986a: 68), e que, como se pode perceber já na negatividade da fórmula “imediatez indeterminada” (“unbestimmte[...] Unmittelbarkeit”) (id.ibid.: 82), é pura indeterminação e vazio (*Leere*), igualdade consigo mesmo tal como o nada (*Nichts*). Só aparentemente aquilo que, por ser imediato, é o mais concreto<sup>31</sup>, o início,

<sup>28</sup> Michael THEUNISSEN trata das relações entre o ser da cópula no juízo da *Ciência da lógica* e o ser do seu início, principalmente na seção “O ‘restabelecimento’ lógico conceitual da imediatez” (“Die begriffslogische ‘Wiederherstellung’ der Unmittelbarkeit”), do seu livro *Sein und Schein* (1994: 383-433).

<sup>29</sup> “É como se o mundo fosse *tudo*, e nós, *nada*, mas muitas vezes também como se fôssemos *tudo*, e o mundo, *nada*. Também Hipérion se partiu entre esses dois extremos”.

<sup>30</sup> A primeira parte é de 1812.

<sup>31</sup> Essa caracterização inicial do ser em Hegel seria antes a mais abstrata, como reporta ADORNO (2003: 279) ao discutir a sua forma de “imediatez indeterminada”. Cf. a passagem e comentário da *Enciclopédia de Hegel* citada ali por Adorno (id.ib.).

AGAMBEN (2006: 7), no seu *A linguagem e a morte*, trata da abstração que vem à tona ao que é aparentemente mais sensível e concreto “no capítulo I da *Fenomenologia*”, em que se expõe a dialética do isto e o não-isto. Ao discorrer sobre a conformação, no início da *Fenomenologia do Espírito*, da “experiência de que aquilo que se apresentava como a verdade mais concreta é um simples universal” (id.: 24), Agamben começa com a menção aos mistérios eleusinos (id.: 19ss.) invocados no poema

parte, na sua *Ciência da lógica*, de uma abstração. Tomado como imediatez indeterminada por ter suspenso a sua mediação, a sua relação com outro, o ser inicial em Hegel seria, no entendimento de Adorno, um conceito que esqueceu que é um conceito (ADORNO 2003: 279)<sup>32</sup>. É através do trabalho do conceito que o ser ganha determinações e concretude. O conceito que esqueceu que é conceito, na *Lógica* de Hegel, é imediatez por ter suspensa a sua relação com o outro e a mediação, mas que, considerado daquela forma, possuiria ainda uma mediação<sup>33</sup>.

As determinações são parte do trabalho do conceito, que divide o que parecia indivisível, une o que parecia distinto. Permeia a composição do livro da *Ciência da lógica* e suas subdivisões a sugestão de que no juízo há divisão, ou, de outro modo, de que no procedimento da divisão há algo de fundamental do conceito, portanto também do juízo, uma das formas do conceito ali<sup>34</sup>. Pois, ao escrever, ainda no início do livro, sobre a “Divisão geral da lógica” (“Allgemeine Einteilung der Logik”) (HEGEL 1986a: 56), Hegel declara que a divisão geral, inicialmente, só pode ser feita de forma provisória, de modo a “indicar prévia e *historicamente* em que diferenças principais o conceito se irá determinar em seu desenvolvimento” (HEGEL 2011: 40). Isto está de acordo com o movimento do seu pensamento que já poderia ter sido notado desde a “Introdução” (“Einleitung”) do livro, no “Conceito geral da lógica” (“Allgemeiner Begriff der Logik”) (HEGEL 1986a: 35), quando da discussão acerca da diferença entre a ciência da lógica e as outras ciências no que concerne às formas prévias de definições. Diferentemente de outras ciências, na da lógica os pressupostos só poderão fundamentar-se no seu interior, de modo que “não somente a indicação do método científico, mas também o *conceito* mesmo da *ciência* [da lógica] em geral pertencem ao

---

“Elêusis”, para chegar à consideração de Hegel acerca do nada também intrínseco à tentativa de tomar o isto: “o mistério eleusino, com cuja sabedoria se abre a *Fenomenologia*, tem como conteúdo a experiência de uma *Nichtigkeit*, de uma negatividade que se revela inerente, desde sempre, à certeza sensível no instante em que ela tenta ‘apreender o Isto’ (*das Diese nehmen*)”. Elêusis, como nota Agamben (ib.: 26), é designado na seção que ele discute da *Fenomenologia*. V. HEGEL 2003: 87. A intenção neste presente escrito não é perscrutar as análises nem as interpretações de Agamben relativas à negatividade nos escritos referidos de Hegel, senão que apenas aferir, em relação com a temática versada no hino de Hegel dedicado a Hölderlin, os movimentos de passagem entre aparente concretude e abstração, juntamente com a experiência do nada, que também fazem um início de outro livro de Hegel, a *Fenomenologia* (1807).

<sup>32</sup> Cf. também HEGEL 1986a: 104: “no ser como aquele simples, imediato, deixa-se por detrás da ciência a recordação de que ele é resultado da completa abstração, assim, já dali negatividade abstrata, nada.” (“Beim Sein als jenem Einfachen, Unmittelbaren wird die Erinnerung, daß es Resultat der vollkommenen Abstraktion, also schon von daher abstrakte Negativität, Nichts ist, hinter der Wissenschaft zurückgelassen”).

<sup>33</sup> A observação da determinação do ser no início da lógica hegeliana *via negationis*, como algo que não é determinado nem mediado, também está em D. HENRICH (2010: 86).

<sup>34</sup> V., p. ex., HEGEL 1986b: 301: “o juízo é a *determinação* do conceito *posta* no *conceito* mesmo” (“Das Urteil ist die am *Begriffe* selbst *gesetzte Bestimmtheit* desselben”).

seu conteúdo e, na verdade, o conceito constitui o seu resultado último” (HEGEL 2011: 21). Desse modo, o movimento nessa passagem inicial do livro é: para fornecer o conceito geral da lógica, é necessário proceder a processos de distinções e divisões, que, no entanto, são parte do trabalho produzido pelo conceito – não anterior a ele –, sem o que é difícil falar sobre o próprio conceito da lógica. Assim, as indicações gerais sobre a divisão do livro da lógica serão dadas por Hegel inicialmente de forma a considerar a importância de processos e operações da lógica na constituição do seu conhecimento. O desenrolar de processos e atividades inerentes a ela é um caminho que precisa ser de todo sopesado e cujo momento determinante é formado pela memória, um momento de *Er-innerung*, como contínua internalização, consideração e exposição das análises, de procedimentos de divisões e ligações, unificações.

Então, ainda que na seção da “Divisão geral da lógica” já estejam apresentadas a divisão do livro entre as partes subjetiva e objetiva, assim como as suas três seções, a saber, a da lógica do ser, a da essência e a do conceito, ao falar da “Divisão geral da lógica”, Hegel, porém, parece expor ali não só como a divisão (*Einteilung*) precisa estar ligada ao conceito (parte posterior do livro), mas como a divisão precisa estar no conceito<sup>35</sup>; não só expor o conceito de divisão, senão que também como a divisão é parte na definição do conceito. Ao explicar acerca do que é necessário à divisão geral da lógica, Hegel apresenta como a divisão também é necessária ao conceito, pois este irá assim determinar (*bestimmen*) e ser determinado nisso, nele mesmo: “a divisão (*Einteilung*) é um juízo (*Urteil*) do conceito”, o julgar, “o *determinar* do conceito nele mesmo”<sup>36</sup> (HEGEL 1986a: 56).

Assim como para Hölderlin, em Hegel o juízo é entendido como o local em que se encontra uma originária separação. Como escrito pouco antes do início do capítulo sobre “O juízo” (“Das Urteil”), “o seu [do conceito] retorno em si é, então, **a divisão absoluta, originária dele**, ou, como singularidade, ele [o conceito] é posto como *juízo*” (“seine [des Begriffs] Rückkehr in sich ist daher **die absolute, ursprüngliche Teilung seiner**, oder als Einzelheit ist er als *Urteil* gesetzt”) (HEGEL 1986b: 301, negrito nosso). Algumas páginas à frente, Hegel (1986b: 304) o define assim:

<sup>35</sup> “A *divisão* tem de estar conectada ao conceito ou muito mais residir nele mesmo” (HEGEL 2011: 40).

<sup>36</sup> Espera-se que se possa compreender a seguinte consideração de Hegel através do que tem sido acima explicitado, que o juízo sobre o conceito, intrínseco a ele, realiza-se por força de uma própria divisão, que é parte da atividade do conceito: “O conceito não é indeterminado, mas *determinado* nele mesmo; mas a divisão exprime *desenvolvida* esta sua *determinidade*; ela é o *juízo* do mesmo, não um juízo *sobre* qualquer objeto tomado do exterior, mas o julgar, isto é, o *determinar* do conceito nele mesmo.” (HEGEL 2011: 40).

[...] o juízo é a *diremptio* [separação] do conceito através de si mesmo; *essa unidade* é então o fundamento, a partir do qual ele [o juízo] é contemplado segundo a sua verdadeira *objetividade*. O juízo é, nesse ponto, a *divisão originária* do originalmente um; a palavra juízo refere-se com isso ao que ele é em si e para si<sup>37</sup>.

Ou melhor, a ‘protodivisão’ em Hegel é parte do conceito, através da qual ele pode ser posto como juízo: uma totalidade com dois lados separados, da qual os nomes sujeito e predicado serão as partes autônomas em relação. De início, sujeito, predicado e ser não são muito mais do que meros nomes em um juízo (HEGEL 1986b: 302ss.). Isto significa que, no juízo, inicialmente suas partes são ainda indeterminadas. É no juízo e através dele que eles ganham distinções e determinações.

A consideração a respeito do juízo como portador de uma divisão parece ser aquilo que aproxima os pensamentos de Hölderlin, como estes se acham em textos em torno do ano de 1795<sup>38</sup>, e os de Hegel da *Ciência da lógica*, publicada em três partes entre os anos de 1812 e 1816. Parece algo diferente o modo como tratam a intuição intelectual. Hölderlin fala de um “ser puro e simples” (HÖLDERLIN 1988: 10) como no caso da intuição intelectual, na qual nenhuma divisão é empreendida. Utilizando-se do verbo *anschauen*, raiz da “intuição intelectual”, Hegel escreve que naquele lugar onde ser é puramente indeterminado, não há nada para ser olhado (*anschauen*), se é que ali se pode falar de olhar (*Anschauen*), a não ser um olhar puro e vazio (HEGEL 1986a: 82), pois a intuição intelectual exprimiria uma totalidade objetiva, mas somente a partir do momento em que ela tem como objeto a realidade determinada no e através do conceito. O que a intuição como tal deve ter a mais como anterior ao conceito é a realidade exterior, a qual só adquire valor através do conceito (HEGEL 1986b: 286-70): é através do conceito que a intuição intelectual pode levar à constituição de uma totalidade objetiva. Acerca desse tema, D. Henrich comenta:

<sup>37</sup> “Das Urteil ist die Diremption des Begriffs durch sich selbst; *diese Einheit* ist daher der Grund, von welchem aus es nach seiner wahrhaften *Objektivität* betrachtet wird. Es ist insofern die *ursprüngliche Teilung* des ursprünglichen Einen; das Wort *Urteil* bezieht sich hiermit auf das, was es an und für sich ist.” Mais uma vez, numa frase como “a palavra juízo refere-se com isso ao que ele é em si e para si” ressoa a significação do *Ur-Teil*, da palavra juízo, como ‘protodivisão’. Michael THEUNISSEN avalia (1994: 412), citando D. Henrich, em certa consonância com uma já extensa tradição de comentadores, que essa interpretação de Hegel da divisão originária (*ursprüngliche Teilung*) é imediatamente próxima de Hölderlin.

<sup>38</sup> Pois nas elucubrações acima não foram incluídos os textos teóricos mais posteriores de Hölderlin, as suas reflexões sobre os modos de poesia e mudanças de tom. Sobre a questão da datação dos textos de Hölderlin, v. HÖLDERLIN 2008b: 866.



[...] isso é, então, pensamento característico de Hegel: que as *relata* numa contraposição devem ser certamente compreendidas a partir de um todo; que esse todo, porém, não as precede como ser ou intuição intelectual, – mas que ele está apenas no conceito desenvolvido da relação mesma (HENRICH 2010: 36)<sup>39</sup>.

Não obstante tais diferenças nesse ponto<sup>40</sup>, fundamentais, a análise do exemplo de juízo dado por Hölderlin no texto “Juízo e Ser” – “eu sou eu” – possibilita ainda mais interseções entre os dois autores, as quais ajudam a compreendê-los mutuamente com respeito à cisão e unificação, no modo em que tratam a fórmula “eu sou eu” (A=A).

Hölderlin escreve que como judicação (*Urteilung*)<sup>41</sup> teórica, “‘eu sou eu’ é o exemplo mais adequado desse conceito da protodivisão”, pois “o eu só é possível através dessa separação do eu do eu” (HÖLDERLIN 1988: 9-10). Há uma cisão fundamental em relação ao próprio juízo (como *Ur-Teilung*), através do processo de julgar, em que sujeito e objeto são separados. Esse processo de cisão é aquele através do qual o eu é “possível”, pois “como posso dizer: eu! sem autoconsciência [*Selbstbewußtsein*]?” (HÖLDERLIN 1988: 10). No juízo “eu sou eu”, a divisão no interior do juízo também é uma divisão no interior do sujeito, pois há um eu que pensa e o eu sobre o qual incide o pensamento. Na autoconsciência, o eu se separa, se opõe a si mesmo, porém, apesar da separação, “me reconheço no oposto como o mesmo” (HÖLDERLIN 1988: 10). Assim, na fórmula A=A, a igualdade é perpassada por uma divisão entre partes diferentes, por diferença também. Na constituição da autoconsciência (consciência de si) (*Selbstbewußtsein*) é preciso, para identificar-se conscientemente, que o eu se oponha a si. Tal como na constituição do juízo, no qual o sujeito é parte e o objeto é parte, na constituição da autoconsciência há uma divisão entre sujeito e objeto da consciência.

No sistema hegeliano, o conceito é o reino da subjetividade que se coloca como cindido – nas passagens do conceito ao juízo. O juízo, composto, parte do conceito (HEGEL 1986b: 305s.), possui nos seus lados, nos extremos, inicialmente, totalidades – sujeito e sua predicação – que são autônomas. Quer dizer: o juízo parte da autonomia dos extremos ou da unidade originária do conceito. Mas de uma unidade que

<sup>39</sup> “Und dies ist nun Hegels eigentümlicher Gedanke: daß die Relata in der Entgegensetzung zwar aus einem Ganzen verstanden werden müssen, daß dieses Ganze Ihnen aber nicht vorausgeht als Sein oder als intellektuelle Anschauung, – sondern daß es nur der entwickelte Begriff der Relation selber ist.”

<sup>40</sup> Novamente: neste ponto é considerado principalmente o Hölderlin de “Juízo e Ser” e dos prefácios de *Hyperion*.

<sup>41</sup> Seguimos a tradução de R. R. Torres Filho do termo *Urteilung* por judicação, derivado do verbo *judicare*.

[...] é, então, somente, de início, uma *relação* de autônomos; ainda não a unidade *concreta, completa* a partir da realidade tornada a si, senão que *fora* dela eles consistem em extremos que *não foram superados (aufgehoben) nela* [...]. O juízo é a *diremptio* [separação] do conceito através de si mesmo [...]; é, nesse ponto, a *divisão originária* do um originário<sup>42</sup> (HEGEL 1986b: 304).

O julgar consistirá ainda em unir sujeito e predicado<sup>43</sup>, desenvolvendo um todo a partir das totalidades opostas, até que o sujeito seja para si mesmo e para o predicado, assim como também o predicado, formando uma totalidade completa (*erfüllte Totalität*) (HEGEL 1986b: 309). Esse processo, próprio à atividade do conceito, que divide o que parecia indivisível e une o que parecia distinto, mostra uma função muito parecida com a do próprio eu, como HEGEL descreve na *Enciclopédia das ciências filosóficas* (1986c: 213), § 424:

Na expressão eu=eu está pronunciado o princípio da absoluta *razão [Vernunft]* e *liberdade*. A liberdade e a razão consistem em que eu me elevo [*erhebe*] à forma do eu=eu, que eu reconheça tudo como o *meu*, como *eu*, que eu apreenda todo objeto como um membro no sistema daquilo que sou – resumindo, em que eu tenha *eu* e o mundo em *uma e na mesma* consciência, me reencontre no mundo e, inversamente, tenha na minha consciência aquilo que *é*, o que tem *objetividade*. Essa unidade do eu e do objeto, a qual compõe o princípio do espírito, é, contudo, apenas ainda presente de forma *abstrata* na autoconsciência [*Selbstbewußtsein*] *imediate* e só reconhecida por nós, os observadores [*Betrachtenden*], ainda não pela autoconsciência mesma.

Acima, descreve-se algo da relação entre a atividade do conceito e a do eu. Haveria, nessa expressão eu=eu, antes da junção, também uma separação entre os termos, já que ali a unidade entre os extremos do juízo é abstrata, sendo, assim, reconhecida apenas de forma exterior, para outro, ainda não para si. Chegar à forma eu=eu passa pela consideração de que ela expressa tanto um sujeito como um objeto (da consciência). A autoconsciência imediata conhece apenas o eu para o objeto<sup>44</sup>. Assim, uma diferença é introduzida na relação eu=eu. No caso do juízo, uma contraposição é inserida na relação

<sup>42</sup> “Die Einheit des Begriffes ist daher nur erst eine *Beziehung* von Selbständigen; noch nicht die *konkrete*, aus der Realität in sich zurückgezogene, *erfüllte* Einheit, sondern *außer* der sie als *nicht in ihr aufgehobene Extreme* bestehen (...) Das Urteil ist die *Diremption* des Begriffes durch sich selbst (...). Es [das Urteil] ist insofern die ursprüngliche Teilung des ursprünglich Einigen”.

<sup>43</sup> “Produzir novamente essa *identidade* do conceito, ou antes, *pô-la*, é o objetivo do *movimento* do juízo.” (“Diese *Identität* des Begriffes wieder herzustellen oder vielmehr zu *setzen*, ist das Ziel der *Bewegung* des Urteils”) (HEGEL 1986b: 309).

<sup>44</sup> “A autoconsciência imediata ainda não tem o eu=eu, mas apenas o eu para o objeto; é, por isso, apenas para nós, não livre para si mesma” (“Das unmittelbare Selbstbewußtsein hat noch nicht das Ich=Ich, sondern nur das Ich zum Gegenstand, ist deshalb nur *für uns*, nicht *für sich selber* frei”) (HEGEL 1986c: 213).

inicial entre os termos do sujeito e predicado, pois os seus extremos, ligados inicialmente apenas pelo sentido gramatical da cópula, numa relação abstrata entre eles, podem, numa fórmula como  $A=A$ , somente exprimir algo como a identidade entre singular e universal. Hegel, reconhecendo uma gênese também empírica do eu, confronta a singularidade de um eu com a sua determinação de universalidade. Alçar à fórmula  $eu=eu$  significa fazer o singular tomar a forma de uma universalidade, como, inversamente, a universalidade entrar na existência (*ins Dasein*). Pensado como conceito, o eu acolhe as indeterminações do mundo em seu interior, e progressivamente as determina, determinando nisso a si mesmo. A resistência do mundo (objeto) para com o pensamento é como a resistência que o eu tem para pensar a si mesmo. Conceituar (*Begreifen*) significa reconhecer na resistência que vem dos objetos algo que diz respeito ao eu.

A quebra da unidade de simples identidade da relação  $eu=eu$  também está ligada ao juízo, em Hölderlin. “A venturosa unidade do ser” (HÖLDERLIN 2008b: 313), o ‘ser no sentido único da palavra’, como expressão única, de união, estaria perdida para nós, na observação de que, se por um lado, “*ser* exprime a ligação de sujeito e objeto”, por outro, “esse ser não deve ser confundido com a identidade” (HÖLDERLIN 1988: 9-10). Continuando a falar com Hölderlin, na autoconsciência, aquilo que é considerado o mesmo é, num outro aspecto, também o oposto a si. Essa consideração só é possível através daquela separação do juízo, da oposição do eu a mim mesmo. A conclusão de Hölderlin é a de que a identidade nesse juízo  $eu=eu$  não é unificação de objeto e sujeito, a qual ocorresse pura e simplesmente. Hölderlin afirma que na judicção  $eu=eu$  a igualdade não exprime uma identidade, mas há uma diferença, na consciência de si, entre os termos ligados pela cópula. Há uma ligação entre os extremos do juízo, assim como também uma cisão. Do mesmo modo, o eu se reconhece (“como posso dizer: eu! sem autoconsciência?”), HÖLDERLIN 1988: 10) através da separação, ou seja: essa identidade do eu não é uma unificação pura e simplesmente. De forma análoga, Hegel refuta a tese de que o início, o princípio da filosofia na *Ciência da lógica* deva ser o eu, defendida por aqueles que tratam o eu como “um sabido de modo imediato” (HEGEL 2011: 59), justamente porque o eu, segundo Hegel, comporta, pelo menos, dois lados a serem contemplados:

[...] o eu, essa consciência de si imediata, aparece inicialmente ela mesma em parte como algo imediato, em parte como algo conhecido em um sentido muito mais elevado enquanto uma outra representação (HEGEL 2011: 59).

Desse modo, o eu seria, então, “parte” imediato; “parte” “outra representação” (id.ibid.). No eu colocado como início da filosofia, ele seria purificado de si mesmo. Ali, esquece-se do eu subjetivo com limites, com significação limitada. Haveria o esquecimento da separação entre o eu tido como concreto, imediato na consciência e o eu como representação universal. Para isso, é exigido algo do conceito, de uma atividade que o próprio eu realiza: “que o eu seja o início e fundamento da filosofia, para isso é exigida a separação desse concreto – ato absoluto por meio do qual o eu é purificado de si mesmo e entra como eu abstrato em sua consciência”<sup>45</sup> (HEGEL 1986a: 76). O eu não serve de início, princípio da filosofia, caso se queira achar ali aquilo que possa ser considerado como “apenas igual a si mesmo e não desigual diante de um outro, [que] não possui nenhuma diversidade no interior de si nem para o exterior” (HEGEL 2011: 71), como aquele ser (*vide* aqui p.9s.) ou nada.

Recordando aqui o caminho inicial deste texto, Hölderlin responde a problemáticas postas por pensamentos atrás de abarcar a unificação sem que com isso diferenças se dissolvam e se percam, como nas questões que vimos colocadas por Herder e Schiller, atentando para a possibilidade de maior unificação principalmente através de uma via por oposição, cisões e conflito. O encontro de diversos que podem ser unidos ganha uma comparação com a música, na relação entre harmonias consistindo de sons que não são iguais, nos textos comentados de Herder e Schiller<sup>46</sup>. Nesse percurso, em Hölderlin, no romance *Hyperion*, aparece a forma da dissonância. À alusão musical de Diótima,

[...] as estrelas escolheram a constância, pairam sempre na plenitude da vida e desconhecem a idade. Nós representamos a completude na mudança, compartilhamos em melodias cambiantes os grandes acordes da vida. Vivemos como harpistas ao redor dos tronos dos mais antigos, mesmo divinos (HÖLDERLIN 2003: 154),

Hipérion adiciona, na última carta do romance, quando da amada já morta, ainda a contraposição e unificação: “as dissonâncias do mundo são como a discórdia dos

---

<sup>45</sup> “Daß Ich Anfang und Grund der Philosophie sei, dazu wird die Absonderung dieses Konkreten erfordert, - der absolute Akt, wodurch Ich von sich selbst gereinigt wird und als abstraktes Ich in sein Bewußtsein tritt.”

<sup>46</sup> V. *infra* p.4.

amantes. A reconciliação está latente na disputa e tudo o que se separou volta a se encontrar” (HÖLDERLIN 2003: 166).

O acento que Hölderlin põe na luta e na cisão determina em muito os seus escritos da metade da década de noventa (séc. XVIII). O herói do romance de Hölderlin, o grego Hipérion, após ser batido na guerra por libertação de sua pátria e perder a amada, chega, ao fim do romance, à Alemanha: “eu navego para o noroeste, porque assim querem as circunstâncias [...]” (HÖLDERLIN 2003: 158)<sup>47</sup>. Na penúltima carta do livro, Hipérion escreve ao seu amigo alemão, com quem ele se corresponde no romance, sobre o seu país:

[...] não consigo imaginar um povo tão dilacerado como os alemães. Você vê artesãos, mas não homens; pensadores, mas não homens; sacerdotes, mas não homens; senhores e servos, jovens e pessoas sérias, mas não homens... Não parece um campo de batalha no qual mãos, braços e todos os membros esquarterados jazem misturados, enquanto o sangue derramado da vida se desvanece na areia? (HÖLDERLIN 2003: 159)

No romance de Hipérion, os alemães talvez pudessem ser aqueles que, diferentemente do grego, que vivia sob dominação externa, pudessem se determinar. Talvez ali pudesse Hipérion encontrar um lugar também para si. Porém, ali é um local onde os seres humanos são dilacerados; partes que, como num campo de batalha, jazem destroçadas, numa ordem morta, como Hipérion escreverá mais à frente (HÖLDERLIN 2003: 160). A especialização de cada atividade da vida social – artesão, pensador... – impede a formação de seres humanos. As divisões entre os membros que formam as relações sociais também são divisões em cada membro desse corpo social. No caminho de Hipérion, a passagem pelos alemães parece ser fundamental também no seguinte sentido: ali é o lugar em que terá de se confrontar com a desarmonia em elevado grau. Antes que possa exclamar que mesmo a dissonância é parte do âmbito da união, do

---

<sup>47</sup> A epígrafe que inicia a segunda metade do romance é uma citação do Édipo em Colônia, de Sófocles. Na penúltima carta do livro, em que está o discurso de crítica de Hipérion aos alemães, o personagem relaciona sua chegada à terra estrangeira à chegada de Édipo a Atenas, numa comparação que comporta uma significativa mudança de destinos. Ao final da primeira parte de *Hyperion*, pois, o herói grego visitara a acrópole de Atenas. Por fim, enquanto o Édipo de Sófocles alcança Atenas, a personagem grega de Hölderlin vai aos alemães: “cheguei humildemente, como o Édipo cego e desterrado aos portões de Atenas, onde foi recebido pelo bosque sagrado, e belas almas vieram ao seu encontro... Como foi diferente comigo!” (HÖLDERLIN 2003: 159). Como nota J. Schmidt (HÖLDERLIN 2008a: 1316), o próprio Sófocles provinha de Colônia, na cercania de Atenas. O personagem de Hölderlin chega à Alemanha. Inicialmente, Hipérion (como ‘o que vai por cima’) pode parecer um antípoda de Édipo (‘dos pés inchados’, como *οἰδέω+ποῦς*). Contudo, também Hipérion apresenta certos ‘pés inchados’, como se tenta mostrar aqui a seguir (22s.).

amor, é no passo entre os alemães em que o personagem-escritor se reconhece como, em certo ponto, mimado, sem condições de suportar a situação de desarmonia:

[...] as virtudes dos alemães, porém, são um mal brilhante e nada mais, pois não passam de indigência com esforço escravo, fruto do medo covarde, oriundo do coração desolado, e deixam sem consolo toda alma pura que goste de nutrir-se do belo ah!, e que, mimada pela harmonia sagrada das naturezas nobres, não suporta a dissonância gritante em toda ordenação morta dessas pessoas (HÖLDERLIN 2003: 160).

Já se escreveu mais de uma vez que – aqui cito como exemplo um trecho do prefácio escrito por Marcus MAZZARI para uma edição em português (HÖLDERLIN 2003: 8) – no romance *Hipérion*,

[...] quando tudo parece encaminhar-se para a negatividade definitiva, a última carta traz o momento de superação numa grandiosa visão da Natureza e da Vida – imagens de síntese interpretadas, muitas vezes, como equivalente poético da dialética que por essa mesma época estava sendo desenvolvida por Hegel, o velho amigo dos tempos de seminário em Tübingen: “a reconciliação está latente na disputa e tudo o que se separou volta a se encontrar. As artérias se separam e retornam ao coração, e a vida una, eterna e fervorosa é tudo”.

As frases do fim citadas entre aspas por Mazzari, nas quais uma grande apreensão da conciliação e unidade se configura, são as antepenúltimas do romance. As últimas se voltam ainda a passado e futuro: “assim pensei. A seguir mais” (“so dacht ich. Nächstens mehr”) (HÖLDERLIN 2008b: 457), e destoam, também como retrospectiva e promessa, em relação às imediatamente anteriores pela concisão e sobriedade, perfazendo, mais uma vez, um movimento típico do herói desse romance entre entusiasmo pela unificação, que seria concretizada na ligação com a natureza, no amor com Diotima e na formação de uma nova pátria libertada (tanto de um jugo externo como também liberdade política no âmbito do próprio Estado, como expresso no discurso de Hipérion na acrópole ateniense), talvez ainda mais harmônica (superando as atrofias de membros decorrentes da especialização e divisão das tarefas sociais impostas mais agudamente na sociedade moderna, como manifesto no ideal de formação do ser humano durante o discurso de crítica aos alemães), e a sobriedade diante da impossibilidade de realizá-la presentemente; de alcançá-la além do pensamento, no romance.

Certamente, o momento da conciliação, que conforma ainda o tema da síntese entre eu e o mundo e superação do isolamento, aparece refletido ao longo do romance

de Hölderlin. Tentemos perscrutar esse ponto no final do romance, a partir de agora. Companheiro de Hipérion, Alabanda profere em uma de suas frases finais que o que tem em mente é a possibilidade de acordo e ligação entre partes, entre particular e universal, parte e todo, ao falar do desejo de, conservando-se, estar unido livremente ao todo, ser elevado a um grau de universalidade, através da ação e vontade subjetiva: “creio que existimos por nós mesmos, e somente por livre e espontânea vontade estamos intimamente ligados ao todo” (HÖLDERLIN 2003: 146s.). O estar ligado à totalidade aparece em relação a um caráter livre. Essa sentença de Alabanda é uma de suas finais, antes de ele partir em viagem sem retorno e sem reencontro para Hipérion, no romance. Como também já há muito ressaltado pela crítica, Alabanda incorpora mais o princípio da ação (uma figura de certo modo oposta à de Diotima, mais contemplativa), na luta deles contra o domínio e servidão externos. Nas falas dele, certos traços da filosofia de Fichte<sup>48</sup> seriam reconhecíveis. A relação com Alabanda é um período importante no *Hyperion*. Esse personagem, na medida em que tem qualificações e dizeres que se identificam por vezes com Fichte, mostra como, não obstante as contraposições, pensamentos de Hölderlin ainda se afixam em Fichte, em muitos pontos<sup>49</sup>. Apesar de tudo o que Hölderlin (e também Hegel) opôs a ele – oposição que se exprime basicamente já no modo em que colocou em questão a relação do eu com uma “protodivisão” (*Ur-Teilung*)<sup>50</sup> (HÖLDERLIN 1988: 9) –, este permanece

<sup>48</sup> Podem ser citados, como exemplos, o ensaio de LUKÁCS (1947: 115) sobre o *Hyperion* ou mesmo os comentários de J. Schmidt (HÖLDERLIN 2008a: 1054s.).

<sup>49</sup> V., nesse quesito, também HENRICH 2010: 38s.

<sup>50</sup> Sobre a mudança, em Hölderlin, no ponto de partida da filosofia, em relação a Fichte, v. também a afirmação de D. HENRICH (2010: 38): “o pensamento de Hölderlin substituíra o mais alto princípio de Fichte por um outro” (“Hölderlins Denken hatte Fichtes höchstes Prinzip durch ein anderes ersetzt”). Basicamente, está, nesse ponto, em questão para Henrich o significado do ser (*Seyn*), em Hölderlin, frente à consciência ou forma do eu. (cf. HENRICH 2010: 21). Hölderlin buscava aquilo que pudesse colocar o eu absoluto em relação com outros termos ou mesmo substituí-lo. Em carta de 26 de janeiro de 1795 a Hegel, Hölderlin escreve algumas de suas reflexões acerca do sistema filosófico desenvolvido por Fichte. Ali, compara o eu absoluto ao nada: “como eu absoluto, não tenho consciência, e na medida em que não tenho consciência, assim sou (para mim) nada, então o eu absoluto é nada (para mim)”. (“Als absolute Ich hab ich kein Bewußtsein, und insofern ich kein Bewußtsein habe, insofern bin ich [für mich] nichts, also das absolute Ich ist [für mich] Nichts”). Na edição de Stuttgart v. 6,1, p.155. No texto “Juízo e Ser”, absoluto é uma qualidade dada ao ser (HÖLDERLIN 1988: 10). Hölderlin parece também, de outro modo, levar em conta um sentido temporal, de antecedência, no caso, para a sílaba *Ur* existente no processo do juízo. Judicação (*Urteilung*) é tanto o ato de divisão original, primeiro, como o processo de divisão, cujo produto e exemplo adequado para Hölderlin é a contraposição interna na sentença “eu sou eu” (HÖLDERLIN 1988: 9). “Protodivisão” (id.ib.) suscita uma contraposição não somente entre o estado de dividido e de não dividido pelo ato de judicação, mas também é uma parte, um correlato de uma contraposição entre aquilo que pode ser dividido pelo seu ato e processo, o da “protodivisão”, e o que não pode ser dividido “sem ferir a essência daquilo que se pretende separar, aí e em nenhuma outra parte se pode falar de *ser puro e simples*” (id.ib.). A sentença ‘eu sou eu’ torna-se, assim, não só um produto (que não é um princípio), mas apenas uma parte dentro de um correlato que se relaciona, a partir de sua negação, com o que não é judicação e não pode ser daquela forma divisível. Violetta WAIBEL (1997: 62)

uma raiz comum, a partir da qual Hölderlin e Hegel procuram ir e pensar adiante. O titanismo<sup>51</sup> e a radicalidade de Alabanda se expressam, por exemplo, em seu discurso final acerca da morte<sup>52</sup> (HÖLDERLIN 2003: 146ss.), antes de partir de Hipérion, na confiança e louvor de uma vida e um eu independentes de um criador transcendente; uma vida e um eu que não são por um tal deus criado e nem podem ser destruídos por ele. Alabanda difunde (em Hipérion) um sentido de liberdade:

O que seria – prosseguiu ele [Alabanda] –, o que seria deste mundo se ele não fosse uma consonância de seres livres? Se não fosse a partir de um impulso alegre e próprio que os vivos interagissem, desde o princípio, numa vida única em uníssono? [...] – Então seria verdade, no sentido mais elevado – repliquei –, que sem liberdade tudo está morto? – É claro – exclamou ele. – Nenhum talo de grama cresce se não houver nele um germe próprio de vida! Quanto mais em mim! É por isso, meu querido, que me sinto livre, no

---

assim abarca e expõe essa diferença de Hölderlin em relação a Fichte: “se o conceito da ‘judicação’ é entendido como o ato da divisão primeira, original, a qual produz o ‘originalmente dividido’, e esse deve ser um correlato de uma determinação mútua, então a outra correlação dela é aquilo que é não originalmente dividido, então algo originalmente não dividido, algo não divisível, porque senão sua essência seria ferida. [...] O outro correlato, a ‘judicação’ procedida de fato, a qual, então, deve ser vista como produto do ato originário, expressa-se, segundo Hölderlin, na sentença: ‘eu sou eu’ é o exemplo mais adequado desse conceito da protodivisão’ [...]. Na medida em que, para um correlato, a sentença ‘eu sou eu’ é dada como o ‘exemplo mais adequado’ e essa sentença é identificada claramente por Hölderlin como o primeiro princípio de Fichte, também uma crítica ao primeiro princípio de Fichte é formulada com a definição da sentença ‘eu sou eu’ como produto da judicação. A sentença de Fichte, não é, consequentemente, nada outro do que a primeira sentença da consciência descrita como separação”. (“Versteht man den Begriff der ‘Urtheilung’ als einen Akt des ursprünglichen ersten Teilens, der das ‘Urgeteilte’ hervorbringt, und soll dieses das eine Relat einer Wechselbestimmung sein, so ist deren anderes Relat dasjenige, das das nicht Urgeteilte, also ein ursprünglich Ungeteiltes, ja Unteilbares ist, weil sonst sein Wesen verletzt sei. [...] Das andere Relat, die ‘Urtheilung’ als faktisch vollgezogene, die daher als Produkt des ursprünglichen Aktes anzusehen ist, drückt sich nach Hölderlin in dem Satz aus: ‘Ich bin Ich’, ist das passendste Beispiel zu diesem Begriffe der Urtheilung’. [...] Indem für das eine Relat der Satz ‘Ich bin Ich’ als ‘passendstes Beispiel’ angegeben wird und dieser Satz ganz offensichtlich von Hölderlin als Fichtes erster Grundsatz identifiziert wird, ist mit dieser Bestimmung des Satzes ‘Ich bin Ich’ als Produkt der ‘Urtheilung’ auch eine Kritik an Fichtes erstem Grundsatz formuliert. Fichtes Satz ist nichts anderes, als der erste Satz des als Trennung beschriebenen Bewußtseins”). Cf., ainda acerca das diferenças e proximidades entre Hölderlin e Fichte em torno de questões de fundamento da filosofia e princípio mais alto, também WAIBEL 1997: 68. Aproxima-os a importância da determinação mútua (*Wechselbestimmung*), elaborada por Fichte, no pensamento de Hölderlin.

<sup>51</sup> Na descrição inicial do personagem, Alabanda é designado por Hipérion como um titã (HÖLDERLIN 2003: 28). A mesma caracterização de Fichte teria sido feita por Hölderlin, segundo carta de Hegel a Schelling, em janeiro de 1795: “ele [Hölderlin é o referencial] ouve Fichte e fala, com entusiasmo, dele como um titã que luta pela humanidade e cujo círculo de ação certamente não irá permanecer dentro do âmbito das paredes de um auditório.” (“er hört Fichte'n und spricht mit Begeisterung von ihm als einem Titanen, der für die Menschheit kämpfe und dessen Wirkungskreis gewiß nicht innerhalb der Wände des Auditoriums bleiben werde”). Cf. a edição de Stuttgart v. 6, 2: 721. Hölderlin escutou Fichte em Jena principalmente no semestre de inverno de 1794-1795. Ao que tudo indica, as reflexões de Hölderlin em “Juízo e Ser” são em grande parte motivadas pela sentença eu=eu, de Fichte. Cf. os apontamentos de Hans Jürgen Balmes acerca da discussão que há com Fichte no texto “Urteil und Sein” (HÖLDERLIN 2008b: 864).

<sup>52</sup> Já no início da carta em que Alabanda se vai, pode-se escutar o som, na natureza, da destruição e integração do elemento com aquilo que o ultrapassa: “a terra estava muda, apenas aqui e ali ressoava na floresta uma árvore caindo, abatida por algum camponês e, ao nosso lado, a enxurrada efêmera murmurava em seu caminho, rumo ao mar tranquilo” (HÖLDERLIN 2003: 140).



sentido mais elevado, e sem começo. Por isso, acredito que sou sem fim e indestrutível (HÖLDERLIN 2003: 147).

No que concerne à sua síntese entre o eu e o todo, o eu e o mundo, à integração entre parte e todo, Alabanda (que não deve, afinal, ser reduzido a apenas um personagem das ideias de Fichte) representa ainda o seguinte perigo dessas ligações: essa sua vida, que quer comunicar a relação de liberdade entre o mundo e o seu eu, encontra resolução no sacrifício. Alabanda desaparece do horizonte de Hipérion dizendo: “já que não existe felicidade sem sacrifício, faça de mim, oh, destino, o sacrifício” (HÖLDERLIN 1994: 148). Esse modo, o de Alabanda, de se relacionar com e integrar-se ao todo não é completamente compartilhado por Hipérion, o qual justamente parece pôr constantemente em xeque a versão dessa liberdade, feita de alguma maneira já existente, presente, para ele, propagada pelo companheiro, de ligação e ação com o todo; o qual não acha lugar onde entregar-se a si mesmo sem se anular. Alabanda parte para o leste e Hipérion para oeste, chegando a Alemanha (id.: 158). Nesse lugar, na Alemanha, Hipérion tem de se haver e confrontar com mais divisão; conhecer outra cisão.

O desenvolvimento da identidade e unificação dos membros separados pelo juízo é um objetivo do movimento da parte subjetiva da *Ciência da lógica*. Os termos extremos do juízo não devem permanecer ligados somente de modo exterior, senão que neles deve, através dessa relação pela cópula, pelo verbo ser, ser encontrada sua identidade própria, a determinação do próprio sujeito nessa relação. As determinações mútuas entre sujeito, cópula e predicado mobilizam passagens e relações entre o singular (*Einzelheit*), o particular (*Besonderheit*) e o universal (*Allgemeinheit*). A questão da relação e dos momentos de identidade entre esses termos ocupam boa parte da lógica de Hegel. O alcance da igualdade dos termos é uma forma de escapar à relação de subsunção, principalmente à do sujeito por um predicado, na qual uma singularidade precisaria anular algumas de suas determinações para ajustar-se à universalidade, à totalidade<sup>53</sup>. Como interpreta THEUNISSEN (1994: 449): “liberdade

<sup>53</sup> Parece ser significativo, no que diz respeito às considerações críticas acerca do desenvolvimento do pensamento de Hegel nas obras posteriores à *Ciência da lógica*, que, segundo THEUNISSEN (1994: 444-448), numa versão precedente a ela (à *Ciência da lógica*), na lógica de Jena (1804/5), a subsunção é mais abertamente identificada como dominação (*Herrschaft*). A sua suspensão, a suspensão da subsunção, é designada através das palavras-chaves liberdade e igualdade. Ainda de acordo com THEUNISSEN (1994: 420), na lógica de Jena é dado ainda mais valor ao juízo do que em sua lógica posterior, de 1816. Nesta lógica (1816), uma maior “fixação de Hegel da verdade na união o impossibilita de ver na ‘divisão primeva’ a verdade do ‘um primevo’” (THEUNISSEN 1994: 421) (“Hegels Fixierung der Wahrheit auf Einheit macht es ihm unmöglich, in der ‘ursprünglichen Teilung’ die Wahrheit des ‘ursprünglichen Einen’ zu sehen”). Naquela lógica (1804/5), o juízo era “ao mesmo tempo ‘a má e verdadeira realidade’”

através da igualdade é, segundo sua [da lógica de 1816] sistemática, a muito exigente pretensão que o juízo obedece através da adoção de sua tarefa de restituir a unidade do conceito”<sup>54</sup>. Ao final da seção sobre o juízo, mesmo o ser, a cópula, não deixa de se tornar também um universal e um tipo de transcendente, ‘algo que passa através, do sujeito e do predicado’ (“das durch Subjekt und Prädikat *Hindurchgehende* und *Allgemeine*”) (HEGEL 1986b: 351), em sua capacidade de relacioná-los, de fazer a passagem e ligação de um extremo a outro<sup>55</sup>. Na *Ciência da lógica*, o conceito precisa ser cindido, para, no juízo, como singularidade<sup>56</sup>, se determinar e, através do desenvolvimento de suas determinações, ser elevado à universalidade. Inversamente, a totalidade, o universal acha realização concreta no singular. Esses desdobramentos chegam, em certo ponto, à relação entre indivíduo e gênero, na seção do “juízo universal” (“das universelle Urteil”) (HEGEL 1986b: 330):

[...] “todos os seres humanos” exprime primeiramente o *gênero* humano, seguidamente esse gênero na sua isolamento, de modo que os [indivíduos] singulares são simultaneamente estendidos à totalidade do gênero; inversamente, a totalidade é tão perfeitamente determinada através dessa ligação com a singularidade como a singularidade<sup>57</sup> (HEGEL 1986b: 332s.).

---

(“die schlechte und wahrhaftige Realität’ zugleich”), nas palavras de Hegel da lógica de Jena citadas por THEUNISSEN (1994: 420). Mesmo na *Ciência da lógica*, acima de tudo isso, o juízo ocupa posição chave. Nele está “a liberdade para a verdade irrestrita, que é do que se trata completamente na explicação do que é o lógico” (THEUNISSEN 1994: 421) (“seine Freiheit zu der uneingeschränkten Wahrheit, um die es bei der Explikation des Logischen schlechthin geht”). Certas escolhas lexicais de Hegel, que representam diferentes valorações, nuances e acentuações na produção de sua lógica, devem refletir em alguma medida os movimentos de Hegel dentre o que a crítica há tempos trata como tendências de acomodação, as quais tomam vulto principalmente nos anos de 1817-1820. (cf. THEUNISSEN 1994: 472s., esp. n.1). Sem deixar de ressaltar a visão aguda de Hegel para descrever e criticar a realidade das contradições de sua época, LUKÁCS (1947: 112) chega a condensar esse aspecto de acomodação, que em momentos repercutiria na formulação de seu pensamento, com o trajeto político do filósofo, em relação biográfica: “a acomodação de Hegel leva, por um lado, a sua dissociação do republicanismo revolucionário do seu período de Berna, ela leva, através do entusiasmo por Napoleão, até a conciliação intelectual com a miserabilidade de uma monarquia constitucional prussiana” (“Die Akkomodation Hegels führt freilich einerseits zu seinem Abfall von dem revolutionären Republikanismus seiner Berner Periode, sie führt über die Napoleonbegeisterung bis zur gedanklichen Versöhnung mit der Miserabilität einer preussischen konstitutionellen Monarchie.”).

<sup>54</sup> “Freiheit durch Gleichheit ist nach ihrer [der Logik von 1816] Systematik der überfordernde Anspruch, dem das Urteil durch die Übernahme seiner Aufgabe gehorcht, die Einheit des Begriffs wiederherzustellen”.

<sup>55</sup> Cf. também THEUNISSEN 1994: 460s. Ele caracteriza ainda nesse mesmo lugar a cópula como aquilo que “se transmite para os membros da relação advindos das determinações do juízo” (“sie teilt sich den aus den Urteilbestimmungen hervorgegangenen Beziehungsgliedern mit”), como “o a-parecer lógico da comunicabilidade infinita do amor se emitindo” (“der logische Vor-Schein der unendlichen Mitteilbarkeit sich verströmender Liebe”).

<sup>56</sup> “Seu [do conceito] retorno em si é, então, a *divisão de si* absoluta, originária, ou, como singularidade, ele [o conceito] é posto como *juízo*. (“Seine [des Begriffs] Rückkehr in sich ist daher die absolute, ursprüngliche *Teilung seiner*, oder als Einzelheit ist er als *Urteil* gesetzt”) (HEGEL 1986b: 301).

<sup>57</sup> “Alle Menschen’ drückt *erstlich* die *Gattung* Mensch aus, *zweitens* diese *Gattung* in ihrer Vereinzelung, aber so, daß die Einzelnen zugleich zur *Allgemeinheit* der *Gattung* erweitert sind;

No comentário de THEUNISSEN (1994: 460), assim, nessa parte, “o sujeito se elevou, por fim, à universalidade”<sup>58</sup>. Essa universalidade torna no singular:

[...] “o que advém a todos os [indivíduos] singulares de um gênero, advém através da sua natureza ao gênero” – é uma consequência imediata e a expressão do que anteriormente se deu, de que o sujeito, p.ex., *todos os seres humanos*, despoja sua determinação formal e, para ele, é para se dizer *o ser humano*<sup>59</sup> (HEGEL 1986b: 334).

Ainda segundo THEUNISSEN (1994: 463), não é um mero exemplo o caso de Hegel explicar com o gênero humano o que ali escreve. O que Hegel visaria nessa consideração do gênero humano é a sua subjetividade e, nesse entendimento, determinação da sua liberdade, na relação entre os membros: “liberdade não compete apenas a um [indivíduo] e nem apenas a alguns, mas a todos, tanto que ou ela é liberdade de todos os seres humanos ou é servidão [*Unfreiheit*] velada”<sup>60</sup> (THEUNISSEN 1994: 463). Que Hegel exorte que se diga ali “o ser humano” (HEGEL 1986b: 334), isso mostra a imbricação apreciada entre liberdade individual e universal, de todos, do gênero humano. Essa conjunção entre individual e universal na liberdade altera a consideração dos singulares como meros membros, como constituintes indiferentes – um ao lado do outro – formando uma multiplicidade (*Allheit*), para uma totalidade, universalidade que se dá também mercê da ação do geral (dessa liberdade geral) em todos, de modo que determina o individual, mas no sentido em que ele deve (*sollen*) ser, para Hegel. A fala “o ser humano” (HEGEL 1986b: 334), esse retorno ao singular, deve nos lembrar que nos movemos no âmbito subjetivo<sup>61</sup>, da singularidade no conceito<sup>62</sup>.

No romance de Hölderlin, não obstante a apresentação de um Hipérion isolado, com seus desejos de unir-se ao que é tudo, à totalidade, à natureza, ele seria e estaria já unido com algo que é mais geral e que, porém, o ultrapassa. O sujeito que se confunde e identifica com uma totalidade, o que, ademais, está em conjunção com as elaborações

---

umgekehrt ist die Allgemeinheit durch diese Verknüpfung mit der Einzelheit ebenso vollkommen bestimmt als die Einzelheit.”

<sup>58</sup> “Das Subjekt hat sich am Ende in die Allgemeinheit erhoben”.

<sup>59</sup> “‘Was allen Einzelnen einer Gattung zukommt, kommt durch ihre Natur der Gattung zu’ – ist eine unmittelbare Konsequenz und der Ausdruck dessen, was sich vorhin ergab, daß das Subjekt, z. B. *alle Menschen*, seine Formbestimmung abstreift und *der Mensch* dafür zu sagen ist”.

<sup>60</sup> “Freiheit gebührt nicht nur Einem und nicht nur Einigen, sondern Allen, so daß sie entweder die Freiheit aller Menschen oder verschleierte Unfreiheit ist”.

<sup>61</sup> “O discorrer sobre o sujeito é [...] carregado com uma pluralidade de significado, cuja unidade colapsa” (“die Rede vom Subjekt wird [...] mit einer Bedeutungsmannigfaltigkeit belastet, deren Einheit zerbricht”) (THEUNISSEN 1994: 466).

<sup>62</sup> Após, a *Ciência da lógica* ainda se encaminha para as formas do silogismo (*Schluss*) e da ideia (*Idee*).

teóricas do autor, nos fragmentos do romance e prefácios, parece formar, pelo menos em parte, a perspectiva a partir da qual Hipérion fala. Esse todo, esse objeto de identificação de Hipérion, sem deixar de ter uma definição geral, parece ser ainda algo que se deva determinar mais particularmente. Justamente no início do romance, na primeira carta, temos marcada uma posição do narrador. Ali é o princípio do tempo da narração, que se localiza em um ponto posterior em relação à maior parte dos acontecimentos que Hipérion narra, da sua juventude, seu amor e lutas. Ele começa nos cumes do istmo de Corinto, mirando à esquerda e à direita dois golfos. Do alto desse “centro geográfico da Grécia”, como SCHMIDT (cf. HÖLDERLIN 2008b: 971) descreve o lugar, Hipérion pode abarcar não só seu “solo amado da pátria” (HÖLDERLIN 2003: 12), mas também o seu passado. Dali ele inicia a sua memória e reflexão; a sua resposta ao pedido de Belarmino, citado na terceira das suas cartas: “Agradeço por ter me pedido para falar de mim já que, assim, me estimula a lembrar dos tempos passados. Isso também me faz voltar à Grécia e querer viver mais próximo das brincadeiras de minha juventude” (id.ib.: 14). Tão diferentemente do *Werther* (1774) de Goethe, com o qual é comparado dentro do gênero romance epistolar, o *Hyperion* não possui aquela tensão resultante da narração que se desenvolve em meio aos acontecimentos do enredo contados no romance. Ao falar de um tempo anterior, de sua juventude, Hipérion diz, já na segunda carta, reiteradamente que tudo acabou, que não possui nada, que “distantes e mortos estão meus amados e nada mais ouço deles, nenhuma voz” (HÖLDERLIN 2003: 13). Na primeira carta do romance pode-se perceber com que e como Hipérion está, no fundo, ao mesmo tempo identificado e unido, chegando mesmo a se confundir com algo aparentemente exterior a ele. Analisemos, por fim, a entrada do seu romance (ib.: 12):

O solo amado da pátria novamente me causa alegria e sofrimento. Agora, estou todas as manhãs no alto do istmo de Corinto e, tal como a abelha em meio às flores, minha alma vagueia constantemente entre os mares que, à direita e à esquerda, refrescam os pés de minhas montanhas incandescentes<sup>63</sup>.

Além do movimento “para lá e para cá” (“hin und her”) (HÖLDERLIN 2008b: 315), típico de Hipérion, entre “alegria e sofrimento”, (id. 2003: 12), entre extremos, há um movimento algo bruscamente ascendente e descendente, do “solo” (id.ibid.), o chão

<sup>63</sup> “Der liebe Vaterlandsboden gibt mir wieder Freude und Leid. Ich bin jetzt alle Morgen auf den Höhen des Korinthischen Isthmus, und, wie die Biene unter Blumen, fliegt meine Seele oft hin und her zwischen den Meeren, die zur Rechten und zur Linken meinen glühenden Bergen die Füße kühlen” (HÖLDERLIN 2008b: 315).

(*Boden*) da pátria, até os “cimos” (“Höhn”) (id. 2008b: 315) de Corinto e depois, novamente, para baixo, à base da montanha, seus “sopés” (id. 2003: 12), aos seus “pés” (“Füße”) (id. 2008b: 315), de fato. Hölderlin parece utilizar o sentido figurado (pé da montanha), ao invés de indicação mais geográfica. O lugar também é corporificado, como mostra a designação “Meerbusen” (id.ibid.) para golfo<sup>64</sup>, na linha seguinte ao trecho do romance acima citado. Ao tempo que o lugar, o solo da pátria de Hipérion, sua Grécia, é personificada, o próprio personagem se confunde com o ‘chão’, ou o “sopé”, da sua “amada pátria” (HÖLDERLIN 2003: 12). É dele a estesia do mar que toca as montanhas, assim como ele também as sente arder (“glühenden”) (HÖLDERLIN 2008b: 315). Uma ambiguidade resulta da figura na construção “os mares que [...] refrescam os sopés de minhas montanhas incandescentes” (“Meeren, die [...] meinen glühenden Bergen die Füße kühlen”) (HÖLDERLIN 2003, 2008: 12, 315). O pronome possessivo de primeira pessoa, a de Hipérion, da pessoa que fala, está posto na forma do dativo, cuja função ali parece ser determinar para quem ou de quem os pés são arrefecidos pela ação do mar. Os pés pertencem a Hipérion, em ardência arrefecida. Hipérion se identifica com a pátria, cujo solo lhe dá sensações, “alegria e sofrimento” (id.ib.). Ele se incorpora nesse ‘chão’, de natureza histórica. A relação entre parte e todo se dá nessa identificação. O lado do todo e a parte se confundem. O particular, o indivíduo, se apresenta como um todo, como personificação de uma pátria. Nesse sentido, Hipérion não é mesmo aquele que “que vai por cima”, ou “que faz uma travessia”<sup>65</sup>, constituindo um distanciamento, um ponto de vista exterior, mais transcendental, para abranger um objeto. Um indivíduo, uma unidade incorporaria de certa forma todo o sentido e sentimento do lugar, do país (mesmo com seu passado e sua história), da pátria. A impossibilidade de libertação e constituição da pátria resvala na de Hipérion. Seu amor é, nessa forma, fundamentalmente, solitário; é parte desse ‘chão da pátria’. Os sofrimentos e alegrias da terra são do eu.

<sup>64</sup> *Busen* significa seio. Tal denominação do golfo, que evoca a palavra grega κόλπος (tanto seio como golfo, também podia significar cavidade, genital inclusive), não deve ser uma consequência somente da origem de Hipérion (grega, afinal). O seu movimento ‘para cá e para lá’ também reflete em um erotismo difuso, nesse peito que, como diz, “me causaria uma alegria especial se eu aqui tivesse estado um milênio atrás” (HÖLDERLIN 2003: 12). A impossibilidade e frustração dessa alegria presente (com contornos eróticos, uma impossibilidade e frustração que incide ao longo da narrativa na morte de Diotima) liga-se ao que Hipérion personifica, é identificado e unido. Nesse parágrafo do *Hyperion*, Corinto incorpora (ou melhor, incorporava, na sua ação passada) um “semideus vitorioso”, um “jovem” (HÖLDERLIN 2003: 12) que, ao ingressar do golfo a terra, uma das portas de entrada na Grécia, “derrama diante de sua favorita [*Lieblingin*] a riqueza capturada em todas as regiões” (id.ib.). Esses “sonhos” (id.ib.) de Hipérion são logo interrompidos pela imagem da morte, pelo “grito do chacal”, pela sua “canção fúnebre”, entre os “escombros da Antiguidade” (id.ib.).

<sup>65</sup> Ver nota 24.

O corpo morto que ameaça destruir seus pensamentos e sonhos é também uma forma de realização do seu amor; uma forma de também anular seu isolamento. Ainda antes de ir para Alemanha, Hipérion exclama: “oh, houvesse uma bandeira [...], uma Termópilas onde eu pudesse, com honra, sangrá-lo, todo o amor solitário, que nunca me é de utilidade” (“o gäb es eine Fahne [...], ein Thermopylä, wo ich mit Ehren sie verbluten könnte, all die einsame Liebe, die mir nimmer brauchbar ist”) (HÖLDERLIN 2008b: 449). O amor solitário está ligado à entrega do próprio sangue. Diferentemente, a representação final de uma possibilidade ainda de realização da experiência do amor com Diotima encontra expressão não no sangue derramado, mas agora contido, cindido e unido, nas “artérias” que “se separam e retornam ao coração” (HÖLDERLIN 2003: 166). A cisão, nessa última imagem, não é ameaça de anulação, de morte, senão que possibilita o amor que Hipérion, em suas identificações, não pode realizar.

A pátria personificada, cuja constituição aparenta um corpo morto<sup>66</sup>, que assombra Hipérion de seus sonhos, é também a Alemanha. Na sua imagem, seus membros separados só formam uma unidade por estarem exteriormente próximos, juntos, enquanto a vida, o sangue é derramado: “mãos, braços e todos os membros esquartejados jazem misturados, enquanto o sangue derramado da vida se desvanece na areia” (HÖLDERLIN 2003: 159). Certa impossibilidade de formação, que, na crítica de Hölderlin à especialização do trabalho moderno nessa passagem do romance, incide em cada membro dessa sociedade, é, de modo geral, uma da Alemanha da década de 1790. Como bem condensa LUKÁCS em seu texto (1934) sobre o *Hyperion*, os polos da libertação (*Befreiung*) e unificação (*Vereinigung*) (LUKÁCS 1947: 111) determinam de maneira complexa a relação de ideais e ideias na Alemanha nessa época e começo do séc. XIX: acompanha-se dela a constituição de uma *patrie*, na França, surgida de uma revolução burguesa, cujas concepções incitam também o desejo da formação de um país nos moldes republicanos<sup>67</sup>. Como ainda mostra LUKÁCS (1947: 110s.), no horizonte dos

<sup>66</sup> “Sem fama e solitário, retorno e caminho por minha pátria, que se estende a minha volta como um jardim dos mortos” (HÖLDERLIN 2003: 13). Esse corpo morto, aliás, pode ser o próprio Hipérion: v. *infra* p.26, esp. a citação do romance HÖLDERLIN 2008b: 315.

<sup>67</sup> Hölderlin, p.ex., escreve em carta de junho de 1792 à irmã, época em que, segundo o editor H. J. Balmes (HÖLDERLIN 2008b: 803), já elaborava o *Hyperion*: “acredite em mim, querida irmã, nós teremos tempos ruins se os austríacos vencerem. O abuso da violência monárquica irá se tornar terrível. Acredite em mim nisso! E reze pelos franceses, os defensores dos direitos humanos” (“Glaube mir, liebe Schwester, wir kriegen schlimme Zeiten, wenn die Östreicher gewinnen. Der Mißbrauch fürsterlicher Gewalt wird schrecklich werden. Glaube das mir! und bete für die Franzosen, die Verfechter der menschlichen Rechte”). (id.ibid.). LUKÁCS (1947: 111) estende esse conflito entre unificação e libertação na Alemanha à sua relação com a França napoleônica, à contraposição entre império e fragmentação alemã em suas guerras.

sonhos revolucionários de Robespierre e Saint Just encontrava-se a república da polis (*Polis-Republic*). Em relação a isso também pode ser entendido o “ideal da democracia da pólis a ser renovada” (“Ideal der zu erneuernden Polis-Demokratie”) (LUKÁCS 1947: 111) por Hipérion (ideal do próprio Hölderlin, no texto de Lukács). Que, nesse escritor alemão, frente à realidade, mal no campo do pensamento havia lugar para esse ideal<sup>68</sup>, expõem não só as próprias divagações de Hipérion, seus pensamento e sonhos seguidos de frustrações, mas ainda a sua condição de eremita – explicitada no subtítulo do romance.

Incorporado nesse chão histórico, o amor de Hipérion oscila entre liberdade e união, separação e dissolução. Ele é representação de impulsos de anulação e conservação. Em sua divisão, ele não se diferencia do mundo, de um todo. Ele se põe basicamente como uma totalidade. A sua interioridade, o seu eu, quer, assim, fazer par com o mundo. Através desse procedimento, esse romance, essa certa épica da interioridade, dos pensamentos, sonhos, alegrias e sofrimentos de Hipérion, busca ganhar traços de realidade exterior. Um empreendimento de descrever conflitos interiores em identificação com os ‘do mundo’, exteriores, que alcança relativo sucesso, no entendimento de LUKÁCS, que escreve (1947: 126): “nunca os conflitos da alma figurados por um poeta burguês foram tão pouco meramente anímicos, tão pouco meramente privados e pessoais, tão *imediatamente públicos* como aqui”<sup>69</sup>. Na visão de Lukács, diferentemente do sentido de objetividade resultante dos embates entre o lirismo do coração e a prosa do mundo capitalista, dos quais o herói compreende acomodar-se a uma realidade exterior e (re)encontra um lugar para si no mundo, na sociedade, como em *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*<sup>70</sup> (1795), de Goethe,

<sup>68</sup> “Für diese Ideale nicht einmal dichterisch-denkerisch ein Platz vorhanden war”. (LUKÁCS 1947: 111).

<sup>69</sup> “Niemals sind die von einem bürgerlichen Dichter gestalteten, seelischen Konflikte so wenig bloss seelisch, so wenig bloss privat-persönlich, so *unmittelbar-öffentlich* gewesen wie hier”.

<sup>70</sup> O *Hyperion* inicia com a visão do alto, ao ar livre. Seu tema, a guerra, parece heroico. O amor entre Hipérion e Diotima se pauta por ideais, em acalorados diálogos, que sobrevivem em cartas até após a morte dela. Esse cenário de grandiosidade e extensividade não deve enganar: não é porque o romance é narrado por um personagem que temos um acesso restrito às coisas narradas, mas mais porque o mundo de Hipérion é impregnado pela sua subjetividade, por esse sujeito que é também como um mundo. O *Wilhelm Meister* começa com o olhar à janela, de um interior buscando fora: “de quando em quando a velha Bárbara assomava à janela e punha-se a ouvir o tilintar dos coches” (GOETHE 2006: 27). Essa ambientação, a partir de dentro, de uma interioridade, de uma casa, já é palco para as primeiras encenações do conflito entre os interesses dos jovens personagens e suas obrigações presentes, entre relação amorosa e o papel do dinheiro, entre ideais e papéis sociais. “O espetáculo durava muito tempo” (“Das Schauspiel dauerte sehr lange”) (id.ibid.; GOETHE 1982: 5): de que perspectiva é pronunciada a primeira sentença do romance? Esse “durava muito”, que parece mover-se entre a constatação mais objetiva da duração e um ‘demorava muito’, em relação à percepção temporal da criada, de Bárbara

com o qual o *Hyperion* é comparado pela proximidade da data de publicação, o romance de Hölderlin alça-se à requerida objetividade épica e exposição de uma situação mais geral de um tempo e lugar justamente através de uma recusa a essa realidade das relações burguesas, a recusa da personagem de a ela integrar-se, o que LUKÁCS (1947: 125) chama mesmo de “contraposição heroica a essa realidade” (“heroischen Widerstand gegen diese Wirklichkeit”). Ainda o isolamento final de Hipérion e as constantes descrições de pensamentos e estados anímicos do herói na geografia grega, os quais compõem grande parte do livro e são atribuídos ao veio lírico eminente de Hölderlin, seriam traços da objetividade própria ao romance (id.ib.)<sup>71</sup>.

A passagem do pessoal ao público, da situação individual e particular de Hipérion a uma condição geral ligada ao ‘chão da pátria’ se dá também de forma algo *imediata*<sup>72</sup>. Hipérion se funde com a sua pátria. Suas perdas e fracassos pessoais, suas esperanças e sonhos correspondem em grande parte ao destino de sua pátria, que também às vezes é nada, nem existe, está morta na sua consideração: “Que bom ao homem, de quem uma pátria florescente alegra e fortalece o coração! Para mim, é como se eu fosse jogado ao pântano, como se fechasse a tampa do caixão sobre mim, quando alguém me incita à minha” (HÖLDERLIN 2008b: 315)<sup>73</sup>. De modo análogo, Lukács entende que justamente os fracassos pessoais de Hölderlin, seus esforços em vão na tentativa de achar um lugar na sociedade, para além da função de preceptor (*Hauslehrer*) (LUKÁCS 1947: 122), transfiguram-se, em sua poesia, em tragédia mais geral, de todo um tempo e lugar<sup>74</sup>. Traços trágicos esses que são vistos, por exemplo, na idealização, em seus escritos, da morte sacrificial (*des Opfertodes*) ou no anseio de morte (*Todessehnsucht*) (LUKÁCS 1947: 121) como meios de união e resolução da tensão entre aspiração individual e realidade objetiva. Essa transfiguração do conteúdo

---

esperando por sua senhora, diz algo sobre o procedimento do narrador de *Meister* e sua perspectiva que aproxima e distancia, passando entre conhecimento interior e exterior.

<sup>71</sup> “Em nenhum outro lugar uma ação de tal modo puramente interior foi figurada de forma tão objetivamente sensível; em nenhum outro lugar a constituição lírica do poeta foi tão amplamente integrada ao épico, como aqui”. (“Nirgendwo sonst ist eine derart rein innerliche Handlung so sinnlich-objektiv gestaltet worden wie hier; nirgendwo sonst ist die lyrische Einstellung des Dichters so weit ins Epische aufgenommen worden, wie hier”).

<sup>72</sup> Palavra ressaltada por LUKÁCS (1947: 126) em trecho acima citado.

<sup>73</sup> “Wohl dem Manne, dem ein blühend Vaterland das Herz erfreut und stärkt! Mir ist, als würd ich in den Sumpf geworfen, als schlüge man den Sargdeckel über mir zu, wenn einer an das meinige mich mahnt”.

<sup>74</sup> Curiosamente, e isso deve ser significativo para a ideia de Lukács abordada acima, fracassos do Hipérion, em seu romance, e os do escritor, listados por Lukács, se realizam de fato na vida pessoal de Hölderlin, já no séc. XIX (a morte da amada, a necessidade de sair do seu país e retorno, o seu crescente isolamento). Na exposição de Lukács, há localizações históricas muito mais precisas do que o esboço de suas ideias feito acima, no corpo deste texto. Vale esse registro, para interessados, mas não é o caso, aqui, de esmiuçá-las, o que ultrapassaria as propostas deste escrito.



particular em geral seriam marcas da força poética de Hölderlin e também do que é problemático na sua obra<sup>75</sup>.

De fato, tal identificação entre eu e mundo, que toma uma forma mais específica na ligação entre Hipérion e sua pátria, determina em muito o ponto de vista do romance *Hyperion* (como deve ter sido mostrado através das análises de suas partes iniciais, principalmente da confusão entre o personagem e o seu lugar, de onde ele olha e começa a falar de suas ações passadas). Ele parece, nesse momento, ceder ao impulso de união, que o faz permanecer em seu isolamento. A insistência em uma identificação, contudo, a qual parece mesmo constituir seção muito significativa do *Hyperion* e que, destarte, não permite determinada separação e o distanciamento, não pode ser estendido a toda obra de Hölderlin, quiçá nem mesmo a todo romance, como parece fazer LUKÁCS (1947)<sup>76</sup>. Os temas do anseio de morte e morte sacrificial, entrelaçados talvez intrinsecamente com a questão da união entre o eu e todo, ocupam o *Hyperion* – explicitamente e de maneira mais aguda ainda (e num tratamento já diferente) as versões da peça *Empedokles*. Ainda no romance, pouco após bradar seu desejo de cair em alguma Termópilas, Hipérion recorda de Empédocles, que se atira ao Etna (HÖLDERLIN 2003: 158). Centrado nessa narrativa, o crítico do romance define, no entanto, toda obra e o poeta, sem levar em conta a fase posterior, conhecida como tardia, e nem abordar, principalmente, os hinos finais. Mesmo em *Hyperion*, contudo, há de se levar em conta que a própria insistência do personagem em seu pensar (“assim pensei”) (HÖLDERLIN 2003: 166) – em sua permanência, se em parte isolado, em correspondência com Belarmino – e o negativo do sangue derramado em sua imagem final (HÖLDERLIN 2003: 166) são formas de recusa do sacrifício.

Chega a ser curioso o fato de Lukács não incluir em suas reflexões acerca do caráter da obra e do classicismo de Hölderlin a sua poesia mais posterior, do fim do séc. XVIII e começo do XIX, já que, nesse texto, ele, LUKÁCS (1947: 123), ainda comenta os traços e as imbricações do hino e da elegia nos poetas do classicismo inglês Keats e Shelley. Nessa poesia tardia de Hölderlin, tendências encontradas nos seus escritos

<sup>75</sup> Lukács deve ter em mente principalmente o que essa concepção do romance de Hölderlin acarreta em falta de uma maior visão detalhada e realista (basta lembrar o quanto Lukács lidou com essa questão em seus textos dos anos trinta) da exterioridade mais prosaica, em comparação principalmente com Goethe (e, num segundo momento, Balzac).

<sup>76</sup> A visão de Lukács sobre Hölderlin, como pode ser notada nas outras citações acima, é deveras de grande consideração. Ele apenas põe muita ênfase, na sua interpretação geral do poeta, em um aspecto trabalhado por Hölderlin mais em determinado momento da sua poesia, na segunda metade da década de 90 (séc. XVIII), o aspecto da conciliação e integração que por vezes flerta ser imediata e encontra sua resolução no tema da ânsia e do sacrifício de morte.

durante a década de 1790 são retrabalhadas e reformuladas. Uma das frases finais do romance, “assim pensei” (“so dacht ich”), bem como “assim sonhei”, é uma expressão, como SCHMIDT (cf. HÖLDERLIN 2008a: 941) explicita, recorrente de Hipérion e a qual marca, em passagens do romance, já um distanciamento do narrador em relação ao há pouco contado ou mesmo ao seu passado. Essa sentença de Hipérion, que conjuga sonhos, pensamentos e a realidade presente com o verbo no passado volta a se repetir no fim. As palavras finais “a seguir mais” (“nächstens mehr”) (HÖLDERLIN 2008b: 457) indicam algo que ainda vem; que estaria por vir. Reiner NÄGELE (2003) interpreta essas duas sentenças finais como uma promessa e adiamento: um anúncio da necessidade de ‘mais’ ‘pensamentos’ e uma continuação do trabalho poético, que desemboca na obra tardia de Hölderlin<sup>77</sup>. Desse modo, o final do romance, ao invés de encerrá-lo, abre nele mesmo uma expectativa de continuação. Não tanto a errância ou o eremita na Grécia, mas apresenta-se então, na obra posterior, uma passagem aludida por Hipérion, a constituição de uma perspectiva que pode ser distanciada em relação a seu objeto e um ponto de vista mais exterior, de certa forma transcendental, atento à exigência de estar na coisa e sobre ela, no objeto e sobre ele, como no pedido inicial do hino “Patmos” por asas e “de fiel sentido/ atravessar e retornar” (“treuesten Sinns/ Hinüberzugehn und wiederzukehren”) (HÖLDERLIN 2008b: 197, vv.14-15). Dali o poeta já é levado através de tempos e lugares, revisitando-os mais uma vez. Um voo de águia (id.ibid., v. 6) que substitui a imagem da abelha por entre flores, do início de *Hyperion*. No plano teórico, além da formulação – certamente a partir das ideias relativas à cisão da década de 1790 – da importância da cesura como irrupção da quebra que resignifica momentos – nos comentários sobre suas traduções das tragédias Édipo e Antígona de Sófocles, empreendidas no começo do séc. XIX –, os escritos posteriores aos prefácios de *Hyperion* e “Juízo e Ser” são em muito definidos por uma tentativa de consideração de tríades, ao invés de duplicidades fundamentais. Essas mudanças também determinam, mais uma vez, as suas relações, intermediações, identificações e cisões entre antigos e modernos, entre Grécia e Alemanha.

## Referências bibliográficas:

---

<sup>77</sup> Cf. principalmente NÄGELE 2003: 274ss.

- ADORNO, Theodor W. “Drei Studien zu Hegel”. In: \_\_\_\_\_. *Gesammelte Schriften* (1970). Vol.5. Frankfurt a. M.: Suhrkamp Verlag, 2003, 246-380.
- AGAMBEN, Giorgio. *A linguagem e a morte*. Um seminário sobre o lugar da negatividade (1985). Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- GOETHE, Johann Wolfgang v. *Wilhelm Meisters Lehrjahre*. Stuttgart: Reclam, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*. Trad. Nicolino Simoni Neto. Apresentação Macus V. Mazzari. São Paulo: Ed. 34, 2006.
- HEGEL, G. W. F. *Wissenschaft der Logik I*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp Verlag, 1986a.
- \_\_\_\_\_. *Wissenschaft der Logik II*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp Verlag, 1986b.
- \_\_\_\_\_. *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften III*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp Verlag, 1986c.
- \_\_\_\_\_. *Frühe Schriften*. Werke 1. Frankfurt am Main: SuhrkampVerlag, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Phänomenologie des Geistes*. Stuttgart: Reclam Verlag, 2003
- \_\_\_\_\_. *Ciência da lógica. Excertos*. Sel. e trad. Marco Aurélio Werle. São Paulo: Barcarola, 2011.
- HENRICH, Dieter. “Hegel und Hölderlin. Dimensionen eines Problems”. In: \_\_\_\_\_. *Fixpunkte*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp Verlag, 2003, 163-175.
- \_\_\_\_\_. *Hegel im Kontext* (1971). Frankfurt a. M.: Suhrkamp Verlag, 2010.
- HERDER, Johann Gottfried. “Liebe und Selbstheit” (1781). In: \_\_\_\_\_. *Schriften zu Philosophie, Literatur, Kunst und Altertum 1774-1787*. Ed. J. Brummack e Martin Bollacher. Vol. 4. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker Verlag, 1994, 405-424.
- HOBBSAWM, Eric J. *A era das revoluções*. São Paulo: Paz e Terra, 1977.
- HÖLDERLIN, Friedrich. *Sämtliche Werke*. Große Stuttgarter Ausgabe. Ed. Fr. Beißner [et al.]. 8 vol. Stuttgart: Verlag W. Kohlhammer, 1943-85.
- \_\_\_\_\_. “Juízo e Ser”. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. In: *Revista TB*, Rio de Janeiro, 95, 9/10 out.-dez., 1988, 9-10.
- \_\_\_\_\_. *Hiperion ou o eremita na Grécia*. Trad. de Erlon J. Paschoal. Apresentação Marcus V. Mazzari e posf. Alexander Honold. São Paulo: Nova Alexandria, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Sämtliche Werke und Briefe in drei Bänden* (1994). Vol. 2 Hyperion. Empedokles. Aufsätze. Übersetzungen. Ed. Jochen Schmidt em cooperação com Katharina Grätz. Frankfurt a. M.: Deutscher Klassiker Verlag, 2008a.
- \_\_\_\_\_. *Gesammelte Werke*. Ed. Hans Jürgen Balmes. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 2008b.
- LUKÁCS, György. “O jovem Hegel. Os novos problemas da pesquisa hegeliana” (1949). In: \_\_\_\_\_. *O jovem Marx e outros escritos de filosofia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009, 89-119.
- \_\_\_\_\_. “Hölderlins Hyperion” (1934). In: \_\_\_\_\_. *Goethe und seine Zeit*. Bern: A. Francke AG. Verlag, 1947, 110-126.
- NÄGELE, Rainer. “Andenken an Hyperion” (1998). In: ROBERG, T. (org.). *Friedrich Hölderlin. Neue Wege der Forschung*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2003, 274-301.
- ROSENFELD, Anatol. “Notas sobre Hyperion e Empédocles”. In: \_\_\_\_\_. *Texto/ Contexto II*. São Paulo: Perspectiva, 2000, 29-44.
- SCHILLER, Friedrich. “Theosophie des Julius” (1786). In: \_\_\_\_\_. *Theoretische Schriften*. Werke und Briefe in 12 Bänden. Bd.8. Ed. Rolf-Peter Janz. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker Verlag, 1992, 217-233.
- \_\_\_\_\_. *Briefe I 1772-1795*. Werke und Briefe in 12 Bänden. Bd.11. Ed. Georg Kurscheidt. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker Verlag, 2002.

- THEUNISSEN, Michael. *Sein und Schein* (1980). Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1994<sup>2</sup>.
- TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. “Nota do tradutor”. In: SCHELLING, Fr. W. J. *Obras escolhidas*. Sel. trad. e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril cultural, 1984, 41-42.
- \_\_\_\_\_. “Nota do tradutor”. In: *Revista TB*, Rio de Janeiro, 95, 9/10 out.-dez., 1988, 10.
- WAIBEL, Violetta. “Zum Verhältnis von Hölderlin, Schiller und Fichte in Jena”. In: *Fichte-Studien*, vol. 12, 1997, 43-69.

*Recebido em 31/07/2014*

*aceito em 22/09/2014*

# A tradução da poesia ilustrada de Wilhelm Busch no Brasil: Proposta de um novo padrão métrico-acentual

[The Translation of Wilhelm Busch's Illustrated Poetry in Brazil:  
Towards a New Accentual-Metrical Pattern]

<http://dx.doi.org/10.1590/1982-883787109>

Simone H. de Mello<sup>1</sup>

**Abstract:** The present article recapitulates the Brazilian translations of Wilhelm Busch and points out that some publication circumstances have led to a biased reception of his work exclusively as children's literature in this country. Among other translation strategies which could contribute to extend the reading public of his work to an adult audience, this article proposes that the *Knittelvers* should be translated into Portuguese as a jambic ten-syllable line. An annotated translation of Busch's illustrated poem "Hänsel und Gretel", in this metric pattern, tests in which extent the conscious choice of rhythm and the attainment of cultural associations triggered by it can intensify the ironical effect of this mock fairy tale.

**Keywords:** translation; Wilhelm Busch; poetry; metrics; rhythm

**Resumo:** Este artigo recapitula as traduções de Wilhelm Busch publicadas no Brasil e aponta que determinadas circunstâncias de publicação levaram a uma recepção unilateral de sua obra exclusivamente como literatura infantil nesse país. Entre outras estratégias que poderiam estender para uma faixa etária adulta o público leitor da poesia humorística buschiana, propõe-se que o *Knittelvers* seja traduzido para o português como decassílabo iâmbico. Uma tradução anotada do poema "Hänsel und Gretel" nesse padrão métrico-acentual testa em que medida a escolha consciente de um ritmo e o aproveitamento de associações culturais desencadeadas por ele podem destacar o efeito irônico desse pseudoconto-de-fada.

**Palavras-chave:** tradução; Wilhelm Busch; Brasil; versificação; ritmo.

**Zusammenfassung:** Dieser Artikel rekapituliert die brasilianischen Übersetzungen von Wilhelm Busch und weist darauf hin, dass manche Veröffentlichungsumstände in diesem Land zu einer einseitigen Rezeption seines Werkes ausschließlich als Kinderliteratur geführt haben. Unter anderen Übersetzungsstrategien, die zu einer Erweiterung seiner Rezeption durch ein

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET); Casa Guilherme de Almeida – Centro de Estudos de Tradução Literária (instituição do Estado de São Paulo). Email: [simonehomemdemello@gmail.com](mailto:simonehomemdemello@gmail.com)

erwachsenes Lesepublikum beitragen könnten, wird vorgeschlagen, dass der Knittelvers ins Portugiesische als ein jambischer zehnsilbigen Vers übersetzt wird. Eine kommentierte Übersetzung der Bildergeschichte "Hänsel und Gretel" in diesem metrischen Muster überprüft in welchem Maß der bewusste Gebrauch von Rhythmus und die Beachtung mancher kultureller Assoziationen von Metrik die ironische Wirkung dieses Pseudo-Märchens verstärken können.

**Stichwörter:** Übersetzung; Wilhelm Busch; Brasilien; Verslehre; Rhythmus.

O pintor e poeta alemão Wilhelm Busch (1832-1908), que – à parte de seus poemas líricos e de suas pinturas – se tornou amplamente conhecido por suas histórias em verso ilustradas, foi apresentado ao público brasileiro em 1871, com o livro *Historias burlescas e instructivas, em versos coxos esdruxolos, e de pé quebrado*, publicado pela Tipografia Laemmert, no Rio de Janeiro. Segundo as fontes, essa edição (da qual a autora não localizou nenhum exemplar) incluía a tradução das histórias buschianas "Diogenes und die bösen Buben von Korinth" (Do philosopho Diogenes e dos máos meninos de Corintho), "Die Rache des Elephanten" (Da vingança do elephante da Africa) e "Der neidische Handwerksbursch" (Do rico comilão e do pobretão invejoso), erroneamente atribuídas ao autor de *Der Struwwelpeter*, além de uma história de Fritz Steub (BUSCH 2002: 1146). Igualmente não se encontraram referências ao tradutor dessas histórias para o português. Trinta anos depois, a mesma editora Laemmert publicaria a tradução de *Max und Moritz – Eine Bubengeschichte in sieben Streichen* (1865) por Olavo BILAC, sob o título de *Juca e Chico – História de dois meninos em sete travessuras*. Durante os anos 1940, Guilherme de ALMEIDA ampliou o repertório de textos buschianos em português por meio da tradução de vinte histórias ilustradas, agrupadas em cinco volumes da série Busch<sup>2</sup>, uma coleção da Editora Melhoramentos (São Paulo) direcionada ao público infantil, com títulos do artista que dava nome à série e de outros autores. Na década de 1950, a coleção ganhou novos títulos de Wilhelm Busch, em tradução de Antonio de Pádua MORSE.<sup>3</sup> Todas as traduções de Bilac, Almeida e Morse integrantes da série Busch foram republicadas pela Melhoramentos na

<sup>2</sup> *Corococó e caracacá e outras histórias*, 1943 ("O sapo e dois patinhos", "O camponês e o moleiro", "Corococó e Caracacá", "O lambe-lambe"); *O camundongo e outras historietas*, 1943 ("O camundongo", "O caipira e seu bezerro", "Pedro malvado", "O ninho de urubu", além de "A pulga – uma história sem palavras", composta apenas de ilustrações e título); *O fantasma lambão*, 1943 ("O fantasma lambão", "O dente furado", "O primo Chico e o burro", "Os dois ladrões"); *A mosca e outras historietas*, 1946 ("A mosca", "O grande virtuose", "A pitada de rapé", "O furta-linguiça"); *A cartola*, 1949 ("Estória gelada", "O beberão", "A cartola").

<sup>3</sup> *O corvo*, 1952 ("O corvo", "O coelhinho da sorte"); *O chorão e outras histórias*, 1953 ("O chorão", "Os óculos", "A chucha").

série Juca e Chico, editada na década de 1970. Esta nova coleção infantil incorporou traduções de Maria Thereza Cunha GIÁCOMO.<sup>4</sup> Em anos mais recentes, publicaram-se ainda retraduições de *Max und Moritz*, por Sigfrid FRÖMMING (2009) e Claudia CAVALCANTI (2012).

A tradução de Olavo Bilac, sob o pseudônimo de Fantásio, introduziu no Brasil, no início do século XX, uma obra infantil pela qual Busch se tornara conhecido de um grande público leitor na Alemanha, trinta e seis anos antes.<sup>5</sup> Na tradução bilaquiana se reconhecem traços edificantes típicos da literatura infantil. Em seus estudos acadêmicos sobre a recepção de Wilhelm Busch no Brasil, Gerson Luís POMARI (1999; 2008) reconhece no primeiro *Juca e Chico* brasileiro a "proeminência dos aspectos didático-moralizadores" (POMARI 2008: 107), em detrimento das "potencialidades de significação original da obra" (id., ibid.), traço aquele também reconhecido na "produção bilaquiana voltada para as crianças, [...] claramente marcada pela intenção didática e patriótica" (POMARI 1999: 140). O universo de recepção infantil também é o pano de fundo da análise de *Max und Moritz* por Sigfrid FRÖMMING (2009: 124), sendo sua proposta de tradução voltada para um "público alvo [...] formado por crianças em torno de 4 a 10 anos". Da mesma forma, *As travessuras de Juca e Chico*, na versão de Claudia Cavalcanti, foi publicada na série infantil "livros da ilha", da Editora Iluminuras, com um prefácio dirigido a crianças. A introdução de Busch no Brasil por meio de sua principal obra infantil, em um contexto tradutório e mercadológico estritamente voltado para crianças, foi sucedida pela tradução de uma série de outros poemas ilustrados do autor, em grande parte publicados originariamente no semanário humorístico *Fliegende Blätter* (editado de 1845 a 1944, em Munique) e na série de edições de estampas *Münchener Bilderbogen* (publicada na mesma cidade, entre 1848 a 1905), ambos destinados a um público leitor adulto ou misto. Nas décadas de 1940/1950 e de 1970, a Editora Melhoramentos lançou traduções dessas histórias justamente no contexto das já mencionadas séries Busch e Juca e Chico. (Vide anexo:

---

<sup>4</sup> O macaco e o moleque, s/d ("O macaco e o moleque", "A vingança do elefante", "A raposa", "O professor distraído", além de duas traduções de Guilherme de Almeida aqui republicadas); O fantasma lambão, s/d ("O porco e o camponês", "O rato sabido", "Diógenes e os meninos de Corinto", "O que aconteceu na noite de São Silvestre ou por que seu Fedolino deixou para sempre o vício de beber", além de duas traduções de Guilherme de Almeida e outra não assinada); Rico, o mico, s/d (tradução parcial de uma história ilustrada mais longa); O trenó de Joãozinho, s/d ("O trenó de Joãozinho", "O cão fiel", "O passeio de Adélia", "Novas aventuras de Rico, o mico").

<sup>5</sup> A primeira edição de *Max und Moritz* (1865), lançada após o fracasso editorial de *Bilderposen*, um ano antes, teve uma tiragem de 4 mil exemplares. Sete anos depois, o livro já estava na quinta edição. (Ver PAPE 1977: 35-36.)

*Primeiras edições brasileiras de Wilhelm Busch*). Esse projeto editorial sedimentou a inserção de Wilhelm Busch no Brasil como um autor estritamente infantil. A análise dos elementos paratextuais das duas coleções da Melhoramentos, realizada por Pomari em sua tese sobre o contexto de recepção de Busch no Brasil, comprova a constância das "descrições do teor moralizador e pedagogizante das histórias ilustradas" e sua "classificação prévia como obra destinada ao público infantil" (POMARI 2008: 113). Os títulos dos livros de ambas as coleções e das histórias que os integram, com uma certa incidência de diminutivos e aumentativos ausentes no original, também apontam para esse redirecionamento dos escritos buschianos ("Die beiden Enten und der Frosch" / "O sapo e os dois patinhos"; "Der Hahnenkampf, eine Fabel" / "Corococó e Caracacá", "Die Rutschpartie" / "O trenó do Joãozinho", "Eugen, der Honigschlecker" / "O fantasma lambão").

A veiculação das histórias ilustradas de Busch como leitura para crianças não caracteriza apenas a recepção brasileira, mas também se reconhece na comercialização de sua obra na Alemanha. Segundo aponta Walter PAPE:

As atuais editoras de literatura infantil e os catálogos de livros de segunda mão oferecem todas as histórias, sem distinção, a crianças (geralmente com exceção de "Fromme Helene", "Bilder zur Jobsiade" e "Pater Filuzius"). Certamente todas as histórias ilustradas eram, de fato, lidas por crianças, sobretudo porque as obras de Busch passaram a ser propagadas (a partir de 1884) como *Humoristischer Hausschatz*. Em sentido estrito, com base na intenção autoral, os livros infantis são *Bilderpossen* (1864), *Max und Moritz* (1865), *Stippstörchen für Äuglein und Öhrchen* (1880), *Der Fuchs. Die Drachen* (1881), além de *Fipps, der Affe für Kinder* (1879), versão não editada em vida. "Hans Huckebein" (1867) foi primeiramente publicado em uma revista para famílias, podendo ter sido concebido como leitura para crianças. *Plitsch und Plum* ocupa um lugar especial, por ter sido planejado como livro infantil, mas por fim ter se "alinhado à série de escritos para adultos" ([Carta de Otto] Bassermann a Busch, 17/03/1882). (PAPE 2007: 25-26)

As histórias de Wilhelm Busch explicitamente destinadas a crianças ocupam, portanto, um lugar reduzido em sua extensa obra de poesia ilustrada. Em decorrência de seu forte apelo lúdico, da expressividade das ilustrações, do esquematismo do enredo, da graça dos versos rimados, do humor das cenas, os poemas ilustrados desse autor considerado precursor das histórias em quadrinho<sup>6</sup> oferecem grande atratividade como leitura infantil. O fato de Busch poder ser lido por crianças, sem maiores dificuldades, não o

---

<sup>6</sup> Sobre a importância de Busch como precursor das histórias em quadrinhos, ver Joseph KRAUS (2009: 7-8).



torna, no entanto, um autor estritamente infantil. A apreensão do estrato lúdico-humorístico de suas histórias pode ocorrer mesmo em leituras que ignorem a ironia na relação entre texto e imagem, o sarcasmo na representação de diversos tipos humanos, a crítica social e anticatólica, a problematização de temas de época (como o cientificismo e o darwinismo), entre outros elementos que perfazem a complexidade literária da poesia ilustrada de Wilhelm Busch.<sup>7</sup>

A recuperação da obra de Busch para um público tanto infantil como adulto, análogo ao público leitor que o lia na segunda metade do século XIX, oferece dificuldades por diversos motivos. Em primeiro lugar, o prazer estético proporcionado por seus desenhos virtuosos, embora persista ainda hoje, perdeu o sabor da novidade. A atratividade das histórias ilustradas, impressas em semanários ou séries de estampas, numa época em que as pessoas eram bem menos expostas à imagem, dificilmente se pode resgatar hoje. Além disso, a inovação que representava na época de Busch o gênero híbrido das histórias ilustradas, alimentado pela tensão entre desenho e palavra, já se tornou parte integrante do repertório de leitura contemporâneo, após o desenvolvimento secular das histórias em quadrinhos e diante da atual oferta de gêneros narrativos multimídia. Essas dificuldades se aplicam tanto aos leitores de língua alemã quanto aos leitores de suas traduções hoje.

Para os leitores de língua alemã, no entanto, a familiaridade com o universo de referências das histórias de Busch garante maior acesso do público adulto. No caso da veiculação de sua obra em outras culturas, esse acesso teria que ser assegurado por paratextos que reconstituíssem o contexto histórico-social que motivou muitas das estilizações caricaturais de suas histórias, chave para a compreensão de seu teor crítico e de seu alcance intelectual e artístico. Uma edição comentada da obra de Busch poderia compensar a veiculação unilateral que ele teve no Brasil, restrita até agora ao âmbito da literatura infantil, mas – por outro lado – ficaria limitada ao público adulto. O redirecionamento da obra de Busch apenas por meio de paratextos e peritextos, embora bem-vindo e necessário, implicaria uma nova restrição de seu público-alvo.

Nesse contexto, caberia refletir o papel que a tradução poderia ter na ampliação do público leitor de Wilhelm Busch. Evitar traços afetivos da linguagem infantil ausentes no original certamente representaria uma contribuição importante. Tanto a escolha de nomes próprios (Joãozinho para Hans [Cunha], Carlos lambareiro ou Lambe-Lambe

---

<sup>7</sup> Para uma descrição do contexto histórico legível na obra de Wilhelm Busch, ver POMARI (2008: 19ss).

para Karl [Almeida] e a denominação de animais (Totó para Schnauzel [Almeida]) poderiam ser menos restritivas, como também se poderia evitar o uso de diminutivos inexistentes em Busch ("Die Luft ist kühl, es weht der Wind / Der Bauer zieht zur Mühl' geschwind ": "Bem cedo, com seu burrinho, / o camponês vai ao moinho." [Almeida]; "Sieh da, zwei Enten jung und schön, / Die wollen an den Teich hingehn.": "Vejam que lindos patinhos! / Vão tomar banho sozinhos." [Almeida]). A eliminação de elementos infantilizadores até certo ponto propagados nas traduções brasileiras de Busch não as transformaria automaticamente, no entanto, em textos para adultos.

Uma estratégia possivelmente profícua, na busca de uma tradução que dialogue tanto com crianças como com adultos, poderia ser a investigação do tipo de apelo nas histórias de Busch que atinge diversas faixas etárias. Enquanto a agudeza crítica do autor atrai primordialmente leitores adultos e a simplicidade narrativa de suas histórias conquista a atenção de um público primordialmente infantil, o apelo lúdico e humorístico parece atingir ambos os lados. Para essa finalidade investigativa, propõe-se aqui uma breve leitura das estratégias de humor em Busch à luz das reflexões de seu contemporâneo Henri Bergson sobre o riso.

Diversos recursos geradores de comicidade analisados por Bergson em *Le rire – Essai sur la signification du comique* (1900) se reconhecem na constituição do enredo e na caracterização dos personagens das histórias buschianas: a inversão de papéis antagônicos (BERGSON 1924: 44), sobretudo entre o agressor e vítima; a transposição de um personagem para uma situação indigna do seu status (id.: 55); o travestimento, com a transferência de comportamentos humanos para os animais e vice-versa (id.: 25); a transformação da figura humana em coisa (id.: 30); o desvio da atenção das ações para os gestos (id.: 63); entre outros.

Aqui se enfocará mais detalhadamente, no entanto, um elemento discursivo associado aos traços da insensibilidade e da indiferença, a partir dos quais Bergson desenvolve sua reflexão sobre o riso.

Assinalemos agora, como um sintoma não menos digno de nota, a insensibilidade que normalmente acompanha o riso. Parece que o cômico só pode ter ressonância sob a condição de se chocar contra uma superfície de alma bem calma, bem íntegra. A indiferença é seu ambiente natural. Mantenham um distanciamento, assistam à vida como um espectador indiferente: e muitos dramas se tornarão uma comédia. (BERGSON 1924: 10-11; tradução da autora)

O que se nota nas histórias ilustradas de Wilhelm Busch, tanto as destinadas a um público infantil quanto as dirigidas ao leitor adulto, é uma discrepância entre a expressividade, não raro drástica, das imagens, e a impassibilidade descritiva do texto. Essa discrepância, geradora de uma distância irônica constante, coincide com o que BERGSON denomina "o mecânico agregado ao vivo" (1924: 23, tradução da autora). A vivacidade das cenas desenhadas, repletas de imprevistos e oscilações, tem como contraponto o tom inalterável, aparentemente mecânico, dos versos (ou legendas, ou textos em prosa, em um número reduzido de histórias). No caso dos poemas, o automatismo do tom é exacerbado pela regularidade métrica, acentual e rímica do *Knittelvers* estrito, padrão versificatório utilizado por Busch na grande maioria de suas histórias ilustradas.

O *Knittelvers* estrito consiste de versos de oito sílabas terminados em rimas masculinas ou de nove sílabas, em rimas femininas, emparelhadas, enquanto o chamado *Knittelvers* livre demonstra maior variação silábica. Amplamente utilizado pelos autores de língua alemã na poesia lírica, épica e dramática de tom elevado durante o século XVI, especialmente pelo poeta Hans Sachs (1494-1576), o *Knittelvers* foi classificado como um verso menor posteriormente, pela poética de Martin Opitz, e rejeitado como um padrão não elevado pelos poetas do século XVII. Sua forma livre continuou sendo cultivada em manifestações poéticas da tradição oral e na poesia popular. Após ter sido resgatado por J. C. Gottsched no século XVIII, foi definitivamente reabilitado por Goethe, que passou a utilizá-lo a partir dos anos 1770, empregando-o no *Urfaust*, no *Faust* e no *West-östlicher Diwan*, entre outras obras<sup>8</sup>. Foram Goethe e seus contemporâneos que introduziram outra regularidade ao padrão: a constância de quatro acentos, sendo que o *Knittelvers* estrito passaria a ser composto por pés binários ascendentes, integrando um tetrâmetro iâmbico, enquanto o *Knittelvers* livre continuaria variando no número de sílabas, mas manteria os quatro acentos tônicos.

---

<sup>8</sup> Segundo Andreas HEUSLER (1956: 337), Goethe se utiliza sobretudo do *Knittelvers* livre, divergindo em dois sentidos da forma cultivada nos séculos XVI a XVII. Além de alterar o esquema rímico, variando a estrutura de rimas emparelhadas (aabb) por meio de cruzamento (abab) ou abraçamento (abba), Goethe permite que os versos de quatro acentos, masculinos ou femininos, sejam entremeados por versos de três acentos. No entanto, também há no *Faust* exemplos do *Knittelvers* estrito, de padrão iâmbico, adotado posteriormente por Busch como principal metro de suas histórias: „Und frágst du nóch, warúm dein Hérz / Sich báng in déinem Búsen klémmt? / Warúm ein únerklärter Schmérz / Dir álle Lébensrégung hémmt?“ (*Faust* I, 4).

Os tradutores do *Fausto*, de Goethe, em língua portuguesa, utilizaram – em sua maioria – o decassílabo como correspondência ao *Knittelvers*<sup>9</sup>, que ritmiza o drama desde o início, pontuando o célebre monólogo fáustico que a abre a tragédia de 1808 ("Hab nun, ach! Philosophie, / Juristerei und Medizin, / Und leider auch Theologie / Durchaus studiert, mit heißem Bemühn. Da stehe ich nun, ich armer Tor! / Und bin so klug als wie zuvor").

Nas traduções brasileiras dos poemas ilustrados de Wilhelm Busch, os padrões métricos utilizados como correspondência ao *Knittelvers* variam bem mais do que nas versões do *Fausto* para o português. Olavo Bilac, em *Juca e Chico*, e Guilherme de Almeida, na maior parte das histórias por ele traduzidas<sup>10</sup>, optam pela redondilha maior, em geral com acentos na 4<sup>a</sup>/5<sup>a</sup> e na 7<sup>a</sup> sílabas. Esse padrão também é adotado por M. T. Cunha e por Sigfrid Frömming. Na adaptação do *Knittelvers* para o português, Cunha oscila, em diferentes histórias, entre redondilha maior, decassílabo e alexandrino. Já Antônio de Pádua Morse traduz todas as histórias em octossílabos, com acentos regulares na quarta e na oitava sílabas. De todos os tradutores de Busch no Brasil, Claudia Cavalcanti é a única que opta pela forma não metrificada. Quanto ao esquema rímico, todos os tradutores mantêm o emparelhamento do original.

Tentar desvendar o que motivou os tradutores a optar por um ou outro padrão métrico e acentual dificilmente ultrapassaria o limite da especulação. No entanto, valeria a pena refletir sobre as vantagens de se utilizarem, nas traduções de Busch, padrões métricos tão diferentes como a redondilha maior, forma corrente na poesia popular e em manifestações poéticas da tradição oral, como a literatura de cordel, e o decassílabo, padrão métrico elevado da poesia épica, utilizado em *Os Lusíadas*, de Camões, por exemplo, ou como metro correspondente ao pentâmetro shakesperiano na poesia lírica e a dramática.

A opção pela redondilha maior, sobretudo no contexto de traduções destinadas ao público infantil, traz a vantagem de resgatar uma fórmula métrica recorrente nas cantigas de roda, por exemplo, evocando um repertório rímico associado ao lúdico e ao

---

<sup>9</sup> O decassílabo é utilizado por Agostinho D'Ornellas, na primeira tradução de *Faust. Eine Tragödie* para o português, de 1867, por Sílvio Augusto de Bastos Meira (1968) e por João Barrento (1999). Divergem desse padrão Feliciano de Castilho (1872), que não traduziu a peça diretamente do alemão e opta pelo alexandrino, e Jenny Klabin Segall (1943), que traduz o *Knittelvers* em octossílabos.

<sup>10</sup> Entre as traduções da Guilherme de Almeida, as únicas que divergem do padrão da redondilha maior são "Corococó e Caracacá" e "O fantasma lambão", vertidas em octossílabos, com acentos regulares na quarta e na oitava sílabas.

popular. Entre todos os padrões métricos adotados nas traduções de Busch no Brasil, a redondilha maior representa o mais breve de todos, obrigando o tradutor a uma economia verbal que pode conferir grande intensidade ao poema. Por outro lado, como correspondência ao *Knittelvers*, a opção pela redondilha maior oblitera a tradição do emprego desse padrão na poesia letrada de língua alemã.

A adoção do decassílabo como correspondência ao *Knittelvers* estrito buschiano, verificável apenas em parte das traduções de M. T. da Cunha, proporciona uma correspondência com a tradição da poesia de tom elevado evocada pelo padrão métrico-rímico do original. Além disso, a opção por um verso mais extenso pode oferecer um espaço maior para a elaboração do teor narrativo das histórias ilustradas de Busch. Ao contrário da redondilha maior, mais associada à oralidade, o decassílabo marca o vínculo de Wilhelm Busch com tradição poética letrada. Na Alemanha, seus poemas não se popularizaram como literatura recitada, mas sim como textos que só adquirem significação plena em relação aos desenhos e, portanto, dependem da apreensão óptica (e não apenas sonora) da obra.

Retomando as considerações sobre o humor buschiano, a adoção do decassílabo, além das vantagens já mencionadas, possibilita intensificar a discrepância entre texto e imagem. Enquanto as imagens narram situações banais, grotescas ou absurdas de forma esquemática, os versos épicos oferecem um contraponto elevado, intensificando o contraste imagético-verbal. Considerando que o decassílabo também está presente no hino nacional brasileiro, por exemplo, pode-se cogitar que até mesmo um público que não tenha tido contato com a poesia épica ou dramática de tom elevado tenderia a reconhecer nesse padrão métrico um tom solene, pelo menos subliminarmente.

Em diferença ao decassílabo de acentos irregulares, empregado por M. T. Cunha em algumas histórias, propõe-se aqui o decassílabo iâmbico, com o padrão de acentuação binária ascendente (fraco/forte) também adotado por Busch em sua ritmização uniformizadora do *Knittelvers*. Sem essa rigidez acentual, o emprego do padrão decassilábico tende a derivar para o tom prosaico e pouco rítmico que caracteriza alguns momentos das traduções de Cunha. A adoção de um esquema binário de acentuação, além de corresponder à sequência invariável de quatro iampos recorrente na grande maioria dos poemas ilustrados de Busch, acentua o caráter mecânico do texto, a contrastar com o dinamismo das imagens, o que remete à estratégia de criação de humor descrita por Bergson como "o mecânico agregado ao vivo".

Com base nessa proposta, apresenta-se agora uma tradução de *Hänsel und Gretel* (1864), história que parodia o conto-de-fadas dos irmãos Grimm com o mesmo título, modificando-o por meio de reestruturações semânticas e de uma moldura pseudo-edificante.

## Hänsel und Gretel<sup>11</sup>: Maria e João. Tradução comentada



(1)

Ihr Kinder, spricht das Mütterlein,  
Geht ja nicht in den Wald hinein.

À porta, a mãe acena e admoesta:

"Meus filhos, fiquem longe da floresta!"<sup>12</sup>

<sup>11</sup> Original em alemão extraído de BUSCH 2002, vol.1.

<sup>12</sup> O conto de fadas dos irmãos Grimm que funciona com o principal intertexto e dá nome a esta estória de Busch se intitula, nas traduções e adaptações brasileiras, "João e Maria" ou "Joãozinho e Maria". Aqui se inverte propositalmente os nomes ("Maria e João"), a fim de se ressaltar o fator paródico e as diversas inversões semânticas da história em relação ao conto de fadas. O fato de a sequência "Maria e João" poder ser lida como dois pés iâmbicos, a serem utilizados dentro do poema, também favorece essa opção. A tradução, de modo geral, também recorre a elementos visíveis apenas no desenho, considerando-os parte do texto. Essa estratégia é usada com grande liberdade por Guilherme de Almeida. O texto faz menção ao aceno da mãe, destacando o paralelismo visual com a imagem final da história, na qual a mãe se mostra com o mesmo gesto à porta, só que segurando um açoite. "Admoestar" é uma palavra possivelmente ignorada por leitores de faixas etárias inferiores. Essa opção, no entanto, poderia contribuir para ampliar o repertório lexical do leitor mais jovem. O uso esporádico de termos menos usuais e a mistura de registros lexicais também são recorrentes como artifício humorístico em Wilhelm Busch.



(2)

Ja Prosit! Wenn der Has' nicht wär!  
Gleich müssen sie dahinter her.

Mas vendo logo ali aquele coelho,  
Os dois – iuhu! – se esquecem do conselho.<sup>13</sup>



(3)

Nicht lange, eh' man's sich versah,  
Steht schon die Kinderfalle da.

Oh, vejam! Bem no meio desta trilha,  
Será biscoito? Ou é uma armadilha?!<sup>14</sup>

<sup>13</sup> A tradução busca resgatar as interjeições do original, elemento de grande expressividade, em contraste com o tom geralmente neutro e contido das descrições de cena buschianas. Em diferença a Wilhelm Busch, que se utiliza de rimas ricas e raras, Olavo Bilac e Guilherme de Almeida recorrem também a rimas pobres em suas traduções. Na presente versão, segue-se o repertório rímico misto desses tradutores. No contexto decassilábico, a rima pobre cria um contraponto ao tom elevado e um estrato de menor elaboração poética, em contraste com o qual as rimas raras tendem a sobressair mais nitidamente.



(4)

Die böse Hexe schreit: Nanu!  
Perdatsch! Da fällt die Falle zu.

"Agora é a hora! Puxa!", grita a bruxa.  
Kabam! E logo a dupla estrebucha.<sup>15</sup>



(5)

Und Hans und Gretel, ach, o Graus!  
Schleppt man bis in das Hexenhaus.

Maria é arrastada no cangote;  
E João – que horror! – puxado nos culotes.<sup>16</sup>

<sup>14</sup> "Será biscoito ou é uma armadilha?": essa pergunta retórica pode servir para compensar a exclamação retórica não reproduzida na tradução do dístico anterior. "Biscoito": tradução de Brezel como "biscoito" ocorre em Guilherme de Almeida.

<sup>15</sup> No dístico anterior já se havia compensado a perda da rima rara na tradução deste. Neste quadro, a tradução intensifica as relações sonoras, paronomásias e rimas internas, remetendo a invocações mágicas.





(6)

Die Hexe macht das Feuer an,  
Daß sie die Kinder kochen kann.

Na casa, a bruxa acende o caldeirão,  
P'ra cozinhar Maria e seu irmão.<sup>17</sup>



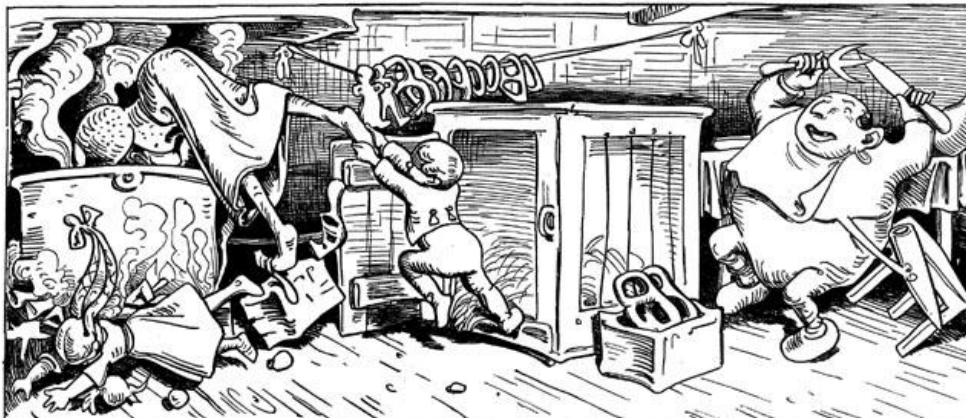
(7)

Am Tisch der dicke Bösewicht,  
Der paßt schon auf sein Leibgericht.

O gordo malfeitor espera à mesa,  
Enquanto a bruxa arrasta sua presa.<sup>18</sup>

<sup>16</sup> Aqui se opta por uma descrição de cena mais detalhada que o original. Descreve-se a forma como as crianças são levadas até a casa da bruxa, conforme demonstra a imagem. O paralelismo (neste caso entre Maria e João) é um recurso frequentemente utilizado por Busch, em texto e imagem.

<sup>17</sup> Nestes versos, recupera-se o termo "casa", omitido na tradução do dístico anterior. O "caldeirão", elemento ausente no texto original, é um atributo tradicional da bruxa, presente no desenho.

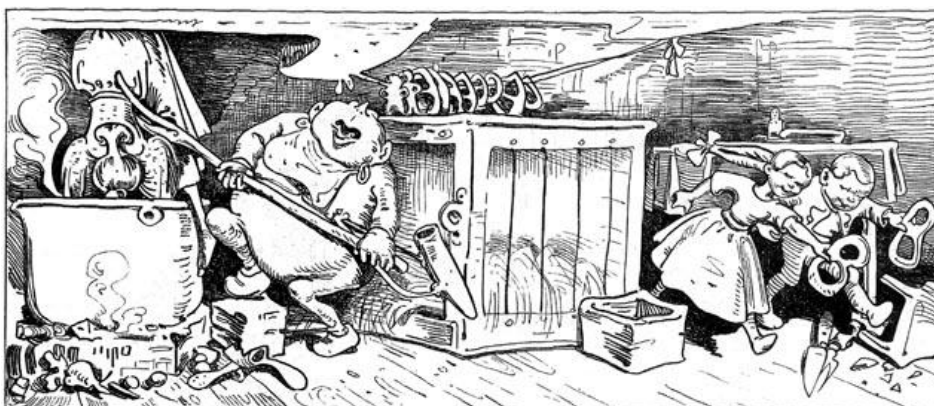


(8)

Doch Hänsel faßt die Hex' am Bein,  
Plumps! fällt sie in den Topf hinein.

Feitiço vira contra a feiticeira:

É João que empurra a bruxa na caldeira.<sup>19</sup>



(9)

Die Hexe kriegte ihren Lohn,  
Tot hängt sie an der Gabel schon.

E a feiticeira ganha o que merece:

Assim no garfo, presa, desfalece.<sup>20</sup>

<sup>18</sup> Na tradução, descrevem-se paralelamente as ações do homem, que espera a comida, e da bruxa, que cozinha. A descrição de cena é uma das funções textuais mais recorrentes nas histórias ilustradas de Busch. A qualificação "presa" é revertida contra a bruxa no dístico 9. As palavras homófonas (substantivo e participio do verbo "prender") destacam a inversão de papéis entre agressor e vítima, recorrente em Busch.

<sup>19</sup> Marcação do momento da reversão de papéis por meio de um dito popular: "o feitiço virou contra o feiticeiro", que – no caso – pode ser entendido em sentido figurado, mas também literal.

<sup>20</sup> A palavra "presa" regressa aqui, como adjetivo aplicado à bruxa, que – cenas antes (7) – havia tornado Maria sua "presa" (substantivo).



(10)

Der Menschenfresser, zornentbrannt,  
Kommt mit dem Messer angerannt.

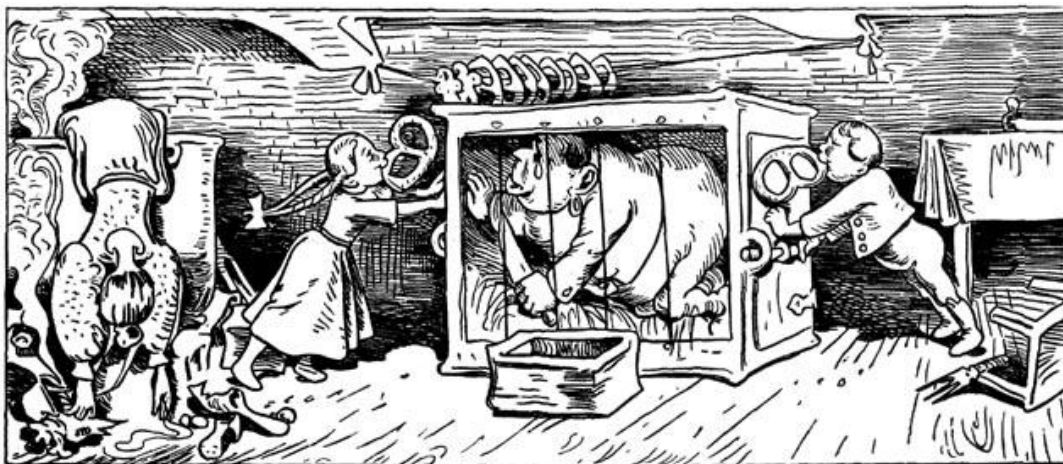
O canibal irado contra-ataca  
E corre atrás dos dois com sua faca.



(11)

Im Kasten will er sie ertappen,  
Der Kasten aber hat zwei Klappen.

Pretende aprisioná-los na gaiola,  
Mas eles saem pela portinhola.



(12)

O weh! Das hat er nicht bedacht,  
Nun wird der Käfig zugemacht.

Ai, ai! mas quem teria calculado?

Os dois o trancam dentro bem trancado.<sup>21</sup>



(13)

Der Dicke wird gerollt – und plumpf!  
Schmeißt man ihn in den tiefen Sumpf.

O gordo – como pesa! mas que embate! –

Acaba dentro d'água. Iu-hu!! Auh! Platch!<sup>22</sup>

<sup>21</sup> "Ai, ai! Mas quem teria calculado": pergunta retórica, recorrente em Busch, inclusive neste poema.

A palavra "gaiola" já foi usada no dístico anterior.

<sup>22</sup> Neste dístico, tenta-se recuperar as interjeições e a rima rara (plumpf / Sumpf – "embate" / "platch"), entre substantivo e expressão onomatopaica. Essa rima só funcionaria para alguns sotaques brasileiros. Em Busch, no entanto, a coloração dialetal e o sotaque regional também são incorporados como elementos caricaturais.



(14)

Jetzt gehn die zwei zum Wald hinaus,  
Die Mutter schaut schon aus dem Haus;

Os dois, saindo – salvos! – da floresta...  
A mãe, à porta, os vê através da fresta!<sup>23</sup>



(15)

Sie winkt und läßt die Rute sehn:  
Na, gute Nacht! Da dank' ich schön!

Mãezinha acena e deixa ver o açoite:  
Já digo "durmam bem!" e "boa noite!"<sup>24</sup>

<sup>23</sup> Este dístico antecipa a imagem da mãe à espera, visível apenas no desenho posterior. Na tradução, enfatiza-se o paralelismo com a imagem da mãe, no primeiro de desenho, por meio da palavra "fresta", por onde ela acena às crianças, em sinal de advertência.

A presente proposta de um novo modelo métrico-acentual para a tradução das histórias ilustradas de Wilhelm Busch vai ao encontro do horizonte teórico de Henri MESCHONNIC, que parte da indissociabilidade entre ritmo e significação.

Porque no ritmo [...] não se ouve o som, mas o assunto. Não é uma forma distinta do sentido. Traduzir, segundo o poema no discurso, é traduzir o recitativo, a narração da significância, a semântica prosódica e rítmica [...].(MESCHONNIC 2010: XXXII)

No caso dos poemas ilustrados buschianos, a discrepância entre texto e imagem colabora para a desestabilização do sentido, que não está fixado na letra, nem no desenho, mas sim na inter-relação dinâmica entre ambos. Resgatar, na tradução, essa dinâmica de significação implica recodificar o movimento rítmico do texto, a fim de reconstituir o contraponto irônico – não codificado verbalmente – que caracteriza as histórias. A opção pelo decassílabo iâmbico como correspondência ao *Knittelvers* resgata subliminarmente a tradição do verso heroico épico-dramático, gerando uma dissonância em relação à narrativa de imagens, que tende a se constituir mais como desdobramento gestual de uma cena do que como progressão de uma ação propriamente dita. O mero uso desse padrão métrico-acentual resgata a tradição de tom elevado e solene da poesia escrita, da mesma forma que o *Knittelvers* evoca referenciais literários importantes, como o *Fausto*, de Goethe. Nesse sentido, a definição de um parâmetro rítmico para a tradução implica necessariamente uma perspectivação histórico-literária e um diálogo com as traduções de Busch já existentes no Brasil.

Não se trata de buscar uma equivalência (conceito este descartado por Meschonnic) ao padrão original, mas sim de propor uma nova interpretação do papel do *Knittelvers* na poesia buschiana. Não são os elementos meramente formais (número de sílabas, posição dos acentos, uso da rima) que norteiam a opção pelo decassílabo, mas sim a relevância do padrão métrico-acentual para a dinâmica discursiva desse gênero híbrido que representam as histórias ilustradas de Busch. Dessa forma, fica claro que a preferência pelo decassílabo iâmbico, em detrimento da redondilha maior, reforça a escrita, e não a oralidade, como parâmetro de significação das histórias buschianas. Não

---

<sup>24</sup> Aqui se resgata o diminutivo de mãe, presente no primeiro dístico. Utilizado justamente na cena da ameaça de punição, o diminutivo intensifica a ironia do último quadro da história buschiana, que – ao contrário do conto de fada dos irmãos Grimm – não tem um final feliz, mesmo que termine como uma "história de ninar".

é, portanto, apenas a analogia histórico-literária entre ambos os padrões métricos que norteia a escolha, mas sim a descoberta da função que um novo ritmo pode adquirir na operação discursiva do poema.

O ritmo não muda nada no sentido lexical. Se ele muda alguma coisa, e muda necessariamente alguma coisa, já que tudo que chega ao discurso modifica o discurso, isto só pode ser no modo de significar. [...] Sua importância liga-se à enunciação, não ao enunciado. As próprias condições da enunciação transformam a significação (não o sentido) do enunciado. É tudo isso que deve se passar na tradução se ela quer levar em conta a enunciação. (MESCHONNIC 2010: 43)

A tentativa de potencializar a significação dos poemas, por meio de uma nova configuração rítmica, parte do empenho de se abrirem novos canais de acesso a um autor que teve o privilégio de ser traduzido por poetas integrantes do cânone literário brasileiro, mas ao mesmo tempo foi reduzido a um contexto de recepção muito restrito para a apreensão de sua complexidade literária.

## Anexo: Primeiras edições brasileiras de Wilhelm Busch

<i>Fliegende Blätter</i>						
Nº, ano	Título em alemão	Título em português	Tradutor	Livro	Série	Ano
FB 783, 1860	Die Maus oder die gestörte Nachtruhe	O camundongo	Guilherme de Almeida	Corococó e Caracacá e outras histórias	Busch	1943
FB 841, 1861	Die beiden Enten und der Frosch	O sapo e os dois patinhos	Guilherme de Almeida	Corococó e Caracacá e outras histórias	Busch	1943
FB 859, 1861	Die Fliege	A mosca	Guilherme de Almeida	A mosca e outras historietas	Busch	1946
FB 861, 1862	Der hohle Zahn	O dente furado	Guilherme de Almeida	O fantasma lambão e outras histórias	Busch	1943
FB 869, 1862	Der zu wachsame Hund	O cão fiel	M.T. Cunha Giácomo	O trenó de Joãozinho	Juca e Chico	1976
FB 881, 1862	Diogenes und die bösen Buben von Korinth	Diógenes e os meninos de Corinto	M.T. Cunha Giácomo	O fantasma lambão e outras histórias	Juca e Chico	1976
FB 886, 1862	Der Hahnenkampf, eine Fabel	Corococó e Caracacá	Guilherme de Almeida	Corococó e Caracacá e outras histórias	Busch	1943
FB 881, 1862	Diogenes und die bösen Buben von Korinth	Do philosopho Diogenes e dos mãos meninos de Corinto	(não identificado)	Historias burlescas e instructivas, em versos coxos esdruxolos, e de pé		1871

				quebrado. (RJ: Laemmert)		
FB 906, 1862	Die Rache des Elephanten	A vingança do elefante	M.T. Cunha Giácomo	O macaco e o moleque	Juca e Chico	1976
FB 906, 1862	Die Rache de Elephanten	Da vingança do elephante da Africa	(não identificado)	Historias burlescas e instructivas, em versos coxos esdruxolos, e de pé quebrado. (RJ: Laemmert)		1871
FB 912, 1862	Die gestörte, aber glücklich wieder errungene Nachtruhe	A pulga, uma história sem palavras	(Guilherme de Almeida)	O camundongo e outras historietas	Busch	1943
FB 913, 1863	Ein Abenteuer in der Neujahrsnacht oder warum Herr Brandmaier das Punschtrinken für immer verschworen hat	O que aconteceu na noite de São Silvestre ou por que seu Fedolino deixou para sempre o vício de beber	M.T. Cunha Giácomo	O fantasma lambão e outras histórias	Juca e Chico	1976
FB 921, 1863	Die kluge Ratte	O rato sabido	M. T. Cunha Giácomo	O fantasma lambão e outras histórias	Juca e Chico	1976
FB 923, 1863	Der Schnuller	A chucha	Antônio de Pádua Morse	O chorão e outras histórias	Busch	1953
FB 930, 1863	Der zerstreute Rektor	O professor distraído	M. T. Cunha Giácomo	O macaco e o moleque	Juca e Chico	1976
FB, Supl. Vol. XLIII, 1865	Der Virtuos	O grande virtuose	Guilherme de Almeida	A mosca e outras historietas	Busch	1946
<b>Münchener Bilderbogen</b>						
<b>Nº,ano</b>	<b>Título em alemão</b>	<b>Título em português</b>	<b>Tradutor</b>	<b>Livro</b>	<b>Série</b>	<b>Ano</b>
MB 300-01, 1861	Der Bauer und der Windmüller	O camponês e o moleiro	Guilherme de Almeida	Corococó e Caracacá e outras histórias	Busch	1943
MB 308, 1861	Das Rabennest	O ninho de urubu	Guilherme de Almeida	O camundongo e outras historietas	Busch	1943
MB 316-17, 1862	Der Bauer und sein Schwein	O porco e o camponês	M. T. Cunha Giácomo	O fantasma lambão e outras histórias	Juca e Chico	1976
MB 342, 1863	Der Bauer und das Kalb	O caipira e seu bezerro	Guilherme de Almeida	O camundongo e outras historietas	Busch	1943
MB 361, 1864	Der hinterlistige Heinrich	Pedro Malvado	Guilherme de Almeida	O camundongo e outras historietas	Busch	1943
MB 367, 1864	Der Affe und der Schusterjunge	O macaco e o moleque	M. T. Cunha Giácomo	O macaco e o moleque	Juca e Chico	1976
MB 370, 1864	Die Rutschpartie	O trenó do Joãozinho	M. T. Cunha Giácomo	O trenó do Joãozinho	Juca e Chico	1976
MB 376, 1864	Adelens Spaziergang	O passeio de Adélia	M. T. Cunha Giácomo	O trenó do Joãozinho	Juca e Chico	1976
MB 427/428,	Zwei Diebe	Os dois ladrões	Guilherme de	O fantasma lambão e outras	Busch	1943



1866			Almeida	histórias			
MB 436, 1867	Der neidische Handwerksbursch	Do rico comilão e do pobretão invejoso	(não identificado)	Historias burlescas e instructivas, em versos coxos esdruxolos, e de pé quebrado. (RJ: Laemmert)		1871	
MB 472, 1868	Vetter Franz auf dem Esel	O primo Chico e o burro	Guilherme de Almeida	O fantasma lambão e outras histórias	Busch	1943	
MB 474, 1868	Die Verwandlung	O lambe-lambe	Guilherme de Almeida	Corococó e caracacá e outras histórias	Busch	1943	
MB 527/528, 1870	Die Brille	Os óculos	Antônio de Pádua Morse	O chorão e outras histórias	Busch	1953	
MB 562, 1872	Eugen, der Honigschlecker	O fantasma lambão	Guilherme de Almeida	O fantasma lambão e outras histórias	Busch	1943	
<b>Über Land und Meer</b>							
<b>Nº, ano</b>	<b>Título em alemão</b>	<b>Título em português</b>	<b>Tradutor</b>	<b>Livro</b>	<b>Série</b>	<b>Ano</b>	
ÜLM 19, 1867	Hans Huckbein, der Unglücksrabe	O corvo	Antônio de Pádua Morse	O corvo e o coelhinho da sorte	Busch	1952	
ÜLM 23, 1869/1970	Der Schreihals	O chorão	Antônio de Pádua Morse	O corvo e o coelhinho da sorte	Busch	1952	
<b>Die illustrierte Welt</b>							
<b>Nº, ano</b>	<b>Título em alemão</b>	<b>Título em português</b>	<b>Tradutor</b>	<b>Livro</b>	<b>Série</b>	<b>Ano</b>	
IW 17, 1867/1868	Die Prise	A pitada de rapé	Guilherme de Almeida	A mosca e outras historietas	Busch	1946	
<b>Daheim</b>							
<b>Númer o, ano</b>	<b>Título em alemão</b>	<b>Título em português</b>	<b>Tradutor</b>	<b>Livro</b>	<b>Série</b>	<b>Ano</b>	
Dh, 1868	Der Wurstdieb	O furta-linguiça	Guilherme de Almeida	A mosca e outras historietas	Busch	1946	
<b>Coletâneas de histórias</b>							
<b>Lugar, editora, ano</b>	<b>Título da história em alemão</b>	<b>Coletânea</b>	<b>Título em português</b>	<b>Tradutor</b>	<b>Livro</b>	<b>Série</b>	<b>Ano</b>
Heidelberg: Bassermann, 1874	Der Zylinder	Dideldum!	A cartola	Guilherme de Almeida	A cartola	Busch	1949
Heidelberg: Bassermann, 1877/1878	Eine kalte Geschichte	Die Haarbeutel	Estória gelada	Guilherme de Almeida	A cartola	Busch	1949
Heidelberg: Bassermann, 1877/1878	Eine milde Geschichte	Die Haarbeutel	O beberrão	Guilherme de Almeida	A cartola	Busch	1949
Heidelberg: Bassermann, 1881	Der Fuchs	Der Fuchs. Die Drachen.	A raposa	M. T. Cunha Giácomo	O macaco e o moleque	Juca e Chico	1976

		Zwei lustige Sachen.					
Heidelberg: Bassermann, 1881	Die Drachen	Der Fuchs. Die Drachen. Zwei lustige Sachen.	Os papagaios	M. T. Cunha Giacomo	O fantasma lambão e outras histórias	Juca e Chico	1976
Munique: Lothar Joachim, 1908	Der unverschämte Igel	Hernach	O coelhinho da sorte	Antônio de Pádua Morse	O corvo e o coelhinho da sorte	Busch	1953
<b>Livros com uma única história</b>							
<b>Lugar, editora, ano</b>	<b>Título em alemão</b>	<b>Título em português</b>	<b>Tradutor</b>	<b>Lugar</b>	<b>Editora, série</b>	<b>Ano</b>	
Heidelberg: Bassermann, 1879	Fipps, der Affe	Rico, o mico	M. T. Cunha Giacomo	São Paulo	Melhoramentos: Série Juca e Chico, 6 e 8		1976
<b>Livros infantis</b>							
<b>Lugar, editora, ano</b>	<b>Título em alemão</b>	<b>Título em português</b>	<b>Tradutor</b>	<b>Cidade</b>	<b>Editora / Periódico</b>	<b>Ano</b>	
Munique: Braun & Schneider, 1865	Max und Moritz, eine Buben-geschichte in sieben Streichen	Juca e Chico. História de dois meninos em sete travessuras.	Olavo Bilac	Rio de Janeiro	Editora Laemmert		1901
Munique: Braun & Schneider, 1865	Max und Moritz, eine Buben-geschichte in sieben Streichen	Juca e Chico: uma história, dois moleques, sete troças	Sigfrid Frömming	São Paulo	<i>Cadernos de Literatura em Tradução, CITRAT-USP.</i>		2011
Munique: Braun & Schneider, 1865	Max und Moritz, eine Buben-geschichte in sieben Streichen	As travessuras de Juca e Chico	Claudia Cavalcanti	São Paulo	Iluminuras		2012

## Referências bibliográficas

BERGSON, Henri. *Le rire – Essai sur la signification du comique*. Paris, Éditions Alcan, 1924.

BUSCH, Wilhelm. *Die Bildergeschichten – Historisch-kritische Gesamtausgabe*. Vol. 1. Org. Hans Joachim Neyer e Herwig Guratzsch. Hannover, Schlütersche Buchhandlung, 2002.

FRÖMMING, Sigfrid. *Aplicação da teoria de Peeter Torop à tradução da obra de literatura infantil Max und Moritz, de Wilhelm Busch, do alemão ao português do Brasil*. Dissertação de mestrado em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina – Centro de Comunicação e Expressão, Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras, Florianópolis, 2009.

\_\_\_\_\_. Max und Moritz: uma tradução comentada. In: *Cadernos de literatura em tradução*, 12, 2011, s/p. <http://www.revistas.usp.br/clt/article/view/49542/53617>

HEUSLER, Andreas. *Deutsche Versgeschichte*. Vol. 3. Berlim, Walter de Gruyter & Co., 1956.

- KRAUS, Joseph. *Wilhelm Busch. Mit Selbstzeugnissen und Bilddokumenten*. Reinbek bei Hamburg, Rowohlt, 2009
- MESCHONNIC, Henri. *Poética do Traduzir*. Trad. Jerusa Pires Ferreira Suely Fenerich. São Paulo, Editora Perspectiva, 2010.
- PAPE, Walter. *Wilhelm Busch* (Realien zur Literatur, Sammlung Metzler 163). Stuttgart, Metzler, 1977.
- POMARI, Gerson Luís. *O pintor e o poeta: Wilhelm Busch no Brasil*. Dissertação de mestrado. 2. vols. Assis: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras, Teoria Literária e Literatura Comparada, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Vício e verso – As histórias ilustradas de Wilhelm Busch no sistema literário brasileiro*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Modernas, Programa de Pós-Graduação em Literatura Alemã, 2008.

*Recebido em 09/08/2014*

*aceito em 08/10/2014*

# Wo stehen Adverbialia im Satz? Deutsch und brasilianisches Portugiesisch im Vergleich

[The position of adverbials in the sentence.

A comparison between German and Brazilian Portuguese]

<http://dx.doi.org/10.1590/1982-8837110153>

Hardarik Blühdorn<sup>1</sup>

**Abstract:** This paper analyses the syntactic behaviour of non-clausal adverbials in German and Brazilian Portuguese in a comparative perspective. Six classes of adverbials are examined, whose semantic functions reach from the description of the state of affairs to the description of the speaker's attitude. On the whole, the syntax of adverbials shows great similarity in the two languages. In German, there seems to be a somewhat stronger tendency towards syntactic integration of adverbials, whereas Portuguese offers more possibilities of syntactically disintegrated uses.

**Keywords:** Comparative syntax German-Portuguese; adverbial adjuncts; linear sentence structure; constituent structure.

**Resumo:** Este artigo analisa, de um ponto de vista comparativo, o comportamento sintático de sintagmas adverbiais não-oracionais no Alemão e no Português do Brasil. Examinam-se sintagmas de seis categorias, cujas funções semânticas vão desde a descrição do estado de coisas até a descrição da atitude do falante. No todo, a sintaxe dos adverbiais mostra grande similaridade entre as duas línguas. No alemão, parece haver uma tendência um pouco mais forte para a integração sintática dos adverbiais, enquanto no português existem mais possibilidades de empregos sintaticamente desintegrados.

**Palavras-chave:** Sintaxe comparativa alemão-português; adjuntos adverbiais; estrutura linear da oração; estrutura dos constituintes.

**Zusammenfassung:** Der Aufsatz untersucht das syntaktische Verhalten nicht-satzförmiger Adverbialia im Deutschen und im brasilianischen Portugiesisch in vergleichender Perspektive. Behandelt werden Adverbialia aus sechs Klassen, deren semantische Funktionen von der Sachverhaltsbeschreibung bis zur Beschreibung von Handlungsabsichten des Sprechers reichen. Insgesamt zeigen sich große Ähnlichkeiten zwischen den Vergleichssprachen. Im Deutschen scheint eine etwas stärkere Tendenz zu bestehen, Adverbialia syntaktisch zu integrieren, während es im Portugiesischen mehr Möglichkeiten gibt, sie desintegriert zu verwenden.

---

<sup>1</sup> Institut für Deutsche Sprache (IDS) in Mannheim; Universität Mannheim. Email: [hardarik@ids-mannheim.de](mailto:hardarik@ids-mannheim.de) .

**Stichwörter:** Vergleichende Syntax Deutsch-Portugiesisch; adverbiale Adjunkte; lineare Satzstruktur; Konstituentenstruktur.

## 1 Einleitung

Die Stellung von Adverbialia im deutschen Satz ist, verglichen mit der von Subjekt und Objekten, relativ frei (vgl. HELBIG / BUSCHA 2001: 488ff.). Als Faustregel, etwa für den Unterricht des Deutschen als Fremdsprache, wird oft gesagt, temporale und kausale Adverbialia tendierten zu einer Stellung in der linken Satzhälfte, während lokale und solche der Art und Weise eher rechts im Satz zu erwarten seien („Tekamolo“; vgl. etwa SCHULZ / GRIESBACH 1980: 402f.). In der Praxis findet man allerdings unschwer auch Beispiele mit anders angeordneten Adverbialia:

- (1) Was für ein Glück, dass **da draußen gerade** ein Schneesturm tobt! (lokales Adverbiale links von temporalem Adverbiale)
- (2) Mein Sohn hat sich **ganz schön** Sorgen gemacht **deswegen**. (kausales Adverbiale am Satzende, rechts von Adverbiale der Art und Weise)

Viele Adverbialia, vor allem die sogenannten Satzadverbialia wie *glücklicherweise*, *vielleicht*, *eigentlich* usw. werden von der Faustregel ohnehin nicht erfasst (vgl. SCHULZ / GRIESBACH 1980: 349ff., 407f.).

Der vorliegende Aufsatz<sup>2</sup> behandelt ausgewählte Aspekte der Adverbialsyntax des Deutschen und des brasilianischen Portugiesisch<sup>3</sup>, insbesondere die Anordnung von Adverbialia in selbständigen Deklarativsätzen. Als Adverbialia werden Satzglieder (Erweiterungen zum Verb oder zu einer syntaktischen Erweiterung des Verbs) zusammengefasst, die keine Valenzstellen sättigen (vgl. DUDEN 2009: 775ff.; VILELA / KOCH 2001: 347ff.). Sie werden auch oft als adverbiale Angaben bezeichnet. Ihrer

<sup>2</sup> Ich danke Maria Lúcia C.V.O. Andrade, Ataliba T. de Castilho, José Gaston Hilgert, Selma M. Meireles, Maria Helena de Moura Neves und Bernd Wiese, den anonymen Gutachtern von *Pandaemonium Germanicum* sowie den Zuhörern und Teilnehmern mehrerer Vorträge und Lehrveranstaltungen an der Universidade de São Paulo, der Universidade Presbiteriana Mackenzie São Paulo und der Universität Mannheim für Unterstützung, Diskussion und wertvolle Hinweise.

<sup>3</sup> Auch wenn ich im Folgenden vereinfachend vom Portugiesischen spreche, ist in diesem Aufsatz in erster Linie die brasilianische Varietät(engruppe) gemeint. Welche Verallgemeinerungen auch für andere Varietäten des Portugiesischen gültig sind, muss mit geeigneten Daten untersucht werden.

morphosyntaktischen Form nach, z.B. Kasus oder Präpositionen, werden sie durch keinen anderen Bestandteil des Satzes festgelegt. Ihre formalen Eigenschaften müssen semantisch interpretiert werden (vgl. BLÜHDORN 1993: 99ff.). Adverbialia können, soweit sie mit dem Rest des Satzes semantisch verträglich sind, frei hinzugefügt werden. In der Regel können sie auch frei weggelassen werden, ohne dass der Satzrest ungrammatisch wird. Allerdings werden Sätze durch die Weglassung von Adverbialia oft weniger informativ, was zu einer Verminderung ihrer Akzeptabilität im Verwendungskontext führen kann. Die Abgrenzung zwischen Adverbialia und Argumenten (Verbergänzungen) kann problematisch sein, vor allem bei orts- und wegbeschreibenden Ausdrücken (vgl. BLÜHDORN 1993: 51ff.; ZIFONUN et al. 1997: 1099ff.). Letztere stehen in diesem Aufsatz nicht im Mittelpunkt. So kann angenommen werden, dass im Grundsatz klar ist, bei welchen Satzgliedern es sich um Adverbialia handelt.

Adverbialia können unterschiedliche morphosyntaktische Form haben. Der einfachste Fall sind Adverbien wie *hier / aqui, heute / hoje* oder *vielleicht / talvez*. Sie haben den Status von Phrasen, sind also allein satzgliedfähig. Gleiches gilt für adverbiale Partikeln, z.B. die Negationspartikel *nicht / não*, Fokuspartikeln wie *auch / também* und *nur / apenas* oder die deutschen Modalpartikeln wie *ja, denn* oder *doch* (in den entsprechenden Gebrauchsweisen). Häufig haben Adverbialia die Form von Präpositionalphrasen wie *an einem sonnigen Tag / num dia ensolarado* oder *aus meiner Sicht / do meu ponto de vista*. Sie können auch die Form von Nominalgruppen ohne einleitende Präposition haben wie *eines Tages / um certo dia*. Ferner kommen „satzwertige“ (vgl. DUDEN 2009: 847) verbhaltige Ausdrücke als Adverbialia vor, etwa präpositional eingeleitete Infinitivgruppen wie *ohne dich stören zu wollen / sem querer atrapalhar você*, Partizipialgruppen wie *gerade aus New York angekommen / recém-chegado de Nova York* oder Gerundialgruppen wie *não querendo ser pessimista* (‘ohne Pessimist sein zu wollen’). Schließlich sind adverbiale Nebensätze zu nennen wie *als ich klein war / quando eu era menino*. Im vorliegenden Aufsatz werden satzwertige und satzförmige Adverbialia weitgehend ausgeblendet (vgl. dazu BLÜHDORN 2012c; BLÜHDORN / RAVETTO 2014). Das Hauptaugenmerk liegt auf Adverbien und adverbialen Präpositionalphrasen.

Der Aufsatz möchte die Syntax der Adverbialia auf eine Weise darstellen, die geeignet ist, Gemeinsamkeiten und Unterschiede zwischen dem Deutschen und dem Portugiesischen deutlich zu machen. Ich gehe davon aus, dass die vergleichende Perspektive zum besseren Verständnis beider Sprachen beitragen kann, wenn sie Verallgemeinerungen

hervorbringt, die relevante Eigenschaften von Sprachdaten abbilden und zugleich theoretischen Ansprüchen, z.B. an Konsistenz und Ökonomie, gerecht werden. Die in diesem Aufsatz gewählten Darstellungswerkzeuge sollen

- (i) Strukturgemeinsamkeiten zwischen den Sprachen aufzeigen, die als *Tertium comparationis* für Vergleiche dienen können,
- (ii) typologische Unterschiede zwischen den Vergleichssprachen angemessen abbilden und
- (iii) sich dabei nicht unnötig von den Traditionen der Grammatikschreibung entfernen, um für didaktische Zwecke nutzbar zu bleiben.

Für das Deutsche stütze ich mich vor allem auf die IDS-Grammatik (ZIFONUN et al. 1997) und auf die 8. Auflage der DUDEN-Grammatik (DUDEN 2009), für das Portugiesische auf die Grammatik von VILELA / KOCH (2001) sowie auf den zweiten und dritten Band der *Gramática do Português Culto Falado no Brasil* (ILARI / MOURA NEVES et al. 2008; KATO / NASCIMENTO et al. 2009). In theoretischer Hinsicht ziehe ich unter anderem RIZZI (1997), CINQUE (1999) und HAEGEMAN (2003, 2006, 2012) heran. Das untersuchte Datenmaterial muss aus methodischen Gründen beschränkt bleiben. Ich habe mich aber durch Informantenbefragungen und weitere Untersuchungen davon überzeugt, dass die Verallgemeinerungen, zu denen ich komme, keine Artefakte sind, sondern sich mit anderen Daten replizieren lassen.

## 2 Satzstrukturen

Deutsch und Portugiesisch repräsentieren in Bezug auf die lineare Anordnung der Satzglieder unterschiedliche Stellungstypen. Im portugiesischen Satz nimmt das Verb eine mittlere Position ein. Das Subjekt ist ihm in der Regel vorangestellt, kann ihm aber auch unmittelbar folgen. Danach folgen Objekte und weitere Satzglieder (vgl. CUNHA / CINTRA 2008: 176). Adverbialia stehen typischerweise am linken oder rechten Satzrand (vgl. ILARI / MOURA NEVES et al. 2008: 408):

Adverbialia	Subjekt	Verb	(Subjekt,) Objekte u.a.	Adverbialia
-------------	---------	------	-------------------------	-------------

Abb. 1: Linearstruktur des portugiesischen Satzes

Der deutsche Satz ist seit DRACH (1937) von zahllosen Autoren (z.B. SCHULZ / GRIESBACH 1980: 389ff.; WEINRICH 1993: 29ff.; RAMERS 2006: 97f.; WÖLLSTEIN 2010) als Felderstruktur beschrieben worden. Eine linke und eine rechte Verbposition rahmen das Mittelfeld. Links der linken Verbposition liegt das Vorfeld, rechts der rechten Verbposition das Nachfeld:

Vorfeld	linke Verbposition	Mittelfeld	rechte Verbposition	Nachfeld
---------	--------------------	------------	---------------------	----------

Abb. 2: Linearstruktur des deutschen Satzes

Die Felder des deutschen Satzes sind nicht auf bestimmte Satzgliedklassen wie Subjekt, Objekte oder Adverbialia festgelegt, obgleich für die Satzgliedklassen durchaus Stellungsbeschränkungen gelten. Charakteristischer sind aber Beschränkungen anderer Art, etwa die Vorfeldbeschränkung, die genau eine syntaktische Konstituente links der linken Verbposition zulässt (vgl. STERNEFELD 2008: 332ff.).

Es liegt nicht auf der Hand, wie Satzstrukturen, die so unterschiedlich aufgebaut zu sein scheinen, hinsichtlich einer Frage wie der Adverbialstellung miteinander verglichen werden können. Allerdings sind in der Grammatikschreibung des Deutschen wie des Portugiesischen in den letzten zwanzig Jahren Beschreibungswerkzeuge zur Anwendung gekommen, die den Vergleich erheblich erleichtern. Ein solches Werkzeug ist das auf CHOMSKY (1970: 210ff.) zurückgehende X-bar-Schema der Konstituentenstruktur (vgl. WEBELHUTH 1995: 24ff.):

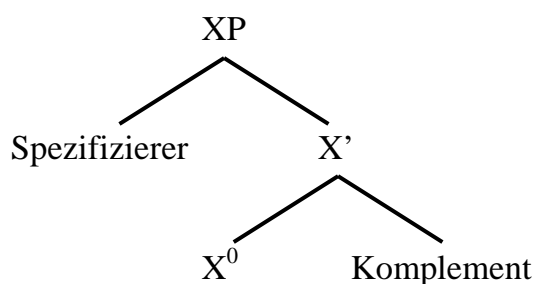


Abb. 3: X-bar-Schema

Das Schema besagt, dass ein syntaktischer Kopf  $X^0$  sich mit einem Ausdruck vereinigt, der zu ihm in einer Ergänzungs- bzw. Komplementbeziehung steht, wie etwa ein Objekt zu einem Verb. Die Vereinigung der beiden Konstituenten erzeugt eine Zwischenebene, die als  $X'$  (X-bar) bezeichnet wird.  $X'$  kann durch die Vereinigung mit einem weiteren Ausdruck, dem sogenannten Spezifizierer, zur X-Phrase (XP) vervollständigt werden. Komplement und



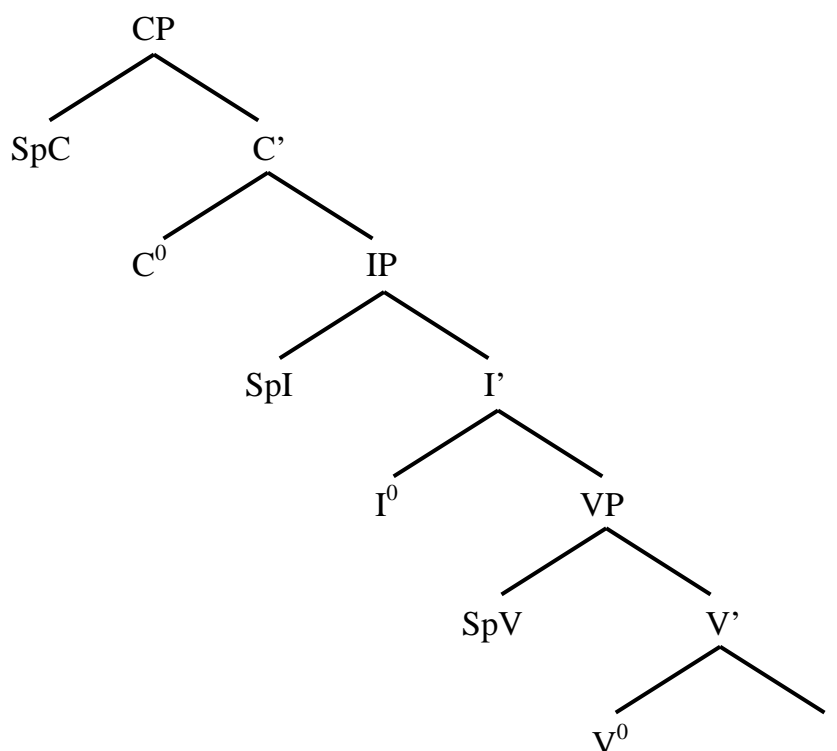
Spezifizierer sind ihrerseits Phrasen.  $X^0$  ist keine Phrase, sondern ein ungesättigtes Element, das syntaktische Leerstellen eröffnet.

Nach RIZZI (1997: 281) besteht die Konstituentenstruktur von Sätzen aus drei hierarchisch angeordneten Ebenen: [CP [IP [VP]]]. Die Verbalphrase (VP) enthält das Verb und seine Ergänzungen: Objekt(e) – soweit vorhanden – und Subjekt. Verb und Objekt vereinigen sich zu  $V'$ ,  $V'$  und Subjekt zu VP. Sind mehrere Objekte vorhanden, so vereinigen ein zweites und ggf. drittes Objekt sich nacheinander mit  $V'$  zu weiteren Zwischenebenen, die oft ebenfalls als  $V'$  bezeichnet werden (z.B. bei BLÜHDORN / LOHNSTEIN 2012: 173f.; LOHNSTEIN 2014: 169). Die VP bildet den Strukturkern des Satzes. Sie ist hinsichtlich Tempus und Modus noch unbestimmt und insofern als infinit zu denken.

Die Flexionsphrase (IP) ist die nächsthöhere Strukturebene, auf der das Verb seine Flexionsmerkmale erhält und finit wird. Der Kopf  $I^0$  nimmt die VP als Komplement. Es wird angenommen, dass sich das Verb, bzw. derjenige Teil von ihm, der flektiert werden soll, (z.B. ein Hilfsverb) aus der Position  $V^0$  in die Position  $I^0$  und das Subjekt aus der Position  $SpV$  in die Position  $SpI$  bewegt. In der  $I^0$ -Position wird das Verb für Aspekt, Tempus und Modus markiert. Außerdem wird es bezüglich Person und Numerus an das Subjekt angepasst.

Die Ebene der Komplementiererphrase (CP) spielt im Deutschen und im Portugiesischen unterschiedliche Rollen. Im Portugiesischen wird sie vor allem für die Darstellung von Nebensätzen benötigt. Die  $C^0$ -Position wird gegebenenfalls von einem konjunktionalen Nebensatzeinleiter besetzt.  $C^0$  nimmt die IP als Ergänzung. In der  $SpC$ -Position finden Relativ- und Interrogativausdrücke Platz. Zur Darstellung einfacher deklarativer Hauptsätze des Portugiesischen wird die C-Ebene nicht benötigt.

Abb. 4 zeigt den Aufbau des portugiesischen Satzes. In der Tabelle ist angedeutet, wie die hierarchischen Kategorien in die Linearstruktur von Haupt- und Nebensätzen überführt werden (vgl. KATO / NASCIMENTO et al. 2009: 179ff., 273ff.):

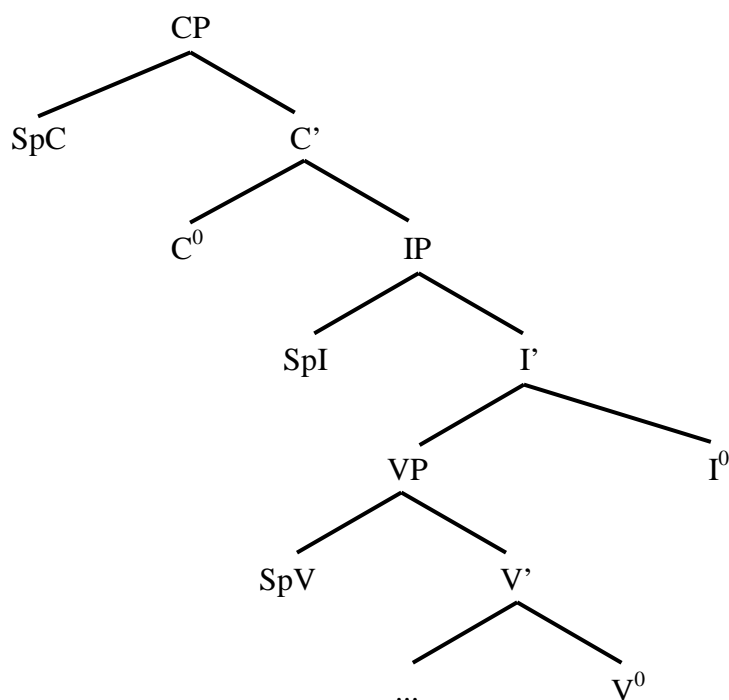


Relativa / Interrogativa	Konjunktion	Subjekt	fini-tes Verb		infini-tes Verb	(Subjekt,) Objekte und weitere Satzglieder
		<i>João</i>	<i>fez</i>			<i>um bolo</i>
	<i>que</i>	<i>João</i>	<i>fez</i>			<i>um bolo</i>
<i>quem</i>			<i>fez</i>			<i>um bolo</i>
			<i>foi</i>		<i>feito</i>	<i>um bolo</i>

Abb. 4: Strukturschema des portugiesischen Satzes

In der portugiesischen Verbalphrase steht das Verb  $V^0$  links von seinen Objekten. Im Deutschen ist die Reihenfolge umgekehrt: Objekte stehen links von  $V^0$ . Auch das Komplement zu  $I^0$  steht im Deutschen links.  $I^0$  entspricht der Position, die das finite Verb in prototypischen Nebensätzen einnimmt. Die Ebene der CP wird im Deutschen generell für die Satzbildung benötigt. Die typische Klammerstruktur des deutschen Satzes entsteht dadurch, dass das finite Verb aus der  $I^0$ -Position in die  $C^0$ -Position weiterbewegt wird, die linke Verbposition im Felderschema. Die SpC-Position ist das Vorfeld des Satzes. Zur Vorfeldbesetzung (vgl. STERNEFELD 2008: 332ff.) wird ein zusammenhängender Abschnitt aus dem Baum herausgelöst und in diese Position bewegt.

Für Haupt- und Nebensätze des Deutschen sehen Strukturbaum und Linearstruktur somit aus wie in Abb. 5 (vgl. RAMERS 2000: 57ff.):



Vorfeld	linke Verbpos.	Mittelfeld	rechte Verbpos.		Nachfeld
			infinit	finis	
	<i>dass</i>	<i>Hans Kartoffeln</i>	<i>essen</i>	<i>will</i>	
<i>wer</i>	<i>will</i>	<i>Kartoffeln</i>	<i>essen</i>		
<i>wer</i>		<i>Kartoffeln</i>		<i>isst</i>	
<i>die</i>		<i>Hans</i>	<i>essen</i>	<i>will</i>	
<i>Hans</i>	<i>hat</i>	<i>Kartoffeln</i>	<i>gegessen</i>		

Abb. 5: Strukturschema des deutschen Satzes

Die Strukturbäume in Abb. 4 und 5 sehen immer noch recht verschieden aus und bilden damit die Unterschiede zwischen dem deutschen und dem portugiesischen Satz weiterhin ab. Zugleich führen sie aber mit den gemeinsamen Grundkategorien VP, IP und CP ein *Tertium comparationis* ein, das es möglich macht, Sätze beider Sprachen kontrolliert miteinander zu vergleichen.

### 3 Linearstellung von Adverbialia

In Sätzen des Portugiesischen wie des Deutschen können Adverbialia unterschiedliche Linearpositionen einnehmen. Im Portugiesischen (vgl. ILARI / MOURA NEVES et al. 2008: 408) stehen sie häufig am linken oder rechten Satzrand:

- (3) **Em 1975** Angola conquistou a sua independência **depois de uma guerra de quase 15 anos**.<sup>4</sup>  
*1975 errang Angola seine Unabhängigkeit **nach einem Krieg von fast 15 Jahren**.*

Aber auch im Satzinneren sind Adverbialia möglich, etwa zwischen Subjekt und Verb wie in (4), zwischen Verb und Objekt wie in (5) oder zwischen zwei Objekten wie in (6):

- (4) {O dia ensolarado levou centenas de pessoas à piscina.} O tempo abafado, **no entanto**, provocou uma tempestade durante a tarde.<sup>5</sup>  
*{Der sonnige Tag lockte Hunderte von Leuten ins Schwimmbad.} Die Schwüle **aber** führte zu einem Unwetter am Nachmittag.*
- (5) Zana desceu do jipe e procurou **em vão** Omar. (Milton Hatoum)  
*Zana stieg aus dem Jeep und suchte **vergeblich** nach Omar.*
- (6) Como adicionar um remetente **rapidamente** ao catálogo de endereços.  
*Wie man einen Absender **schnell** zur Adressenliste hinzufügt.*

Im Deutschen können Adverbialia in jedem der drei Satzfelder<sup>6</sup> stehen:

- (7) [**gestern**]<sub>VF</sub> [hat]<sub>LK</sub> [meine Tochter **wieder** ganz rote Augen]<sub>MF</sub> [gehabt]<sub>RK</sub> [**vom Lesen**]<sub>NF</sub>

<sup>4</sup> Die Mehrzahl der Beispiele in diesem Aufsatz wurde mit der Suchmaschine *Google* auf deutsch- bzw. portugiesischsprachigen Internetseiten der Domänen .de bzw. .br gefunden. Einige wenige stammen aus literarischen Quellen. Auf Nachweise der Fundstellen und -daten wird ökonomiehalber verzichtet. Manche Belege wurden behutsam gekürzt und/oder orthographisch korrigiert, um Ablenkungen vom Wesentlichen zu vermeiden. Diejenigen Eigenschaften der Belege, die jeweils zur Diskussion stehen, wurden dabei nirgends angetastet. Belege, die zu Testzwecken abgeändert wurden, wurden muttersprachlichen Informanten zur Bestätigung vorgelegt. Zur Arbeit mit Belegmaterial vgl. auch BLÜHDORN / RAVETTO 2014: 39f.

<sup>5</sup> Zu den portugiesischen Belegen werden, soweit erforderlich, in Kursivsatz deutsche Übersetzungen gegeben. In geschweiften Klammern stehen verdeutlichende Kontexte, die nicht analysiert werden.

<sup>6</sup> Bei Bedarf verwende ich eckige Klammern mit tiefgestellten Indizes, um Satzfelder, Strukturpositionen oder syntaktische Konstituenten zu kennzeichnen: VF – Vorfeld, LK – linke Verbposition (linke Klammer), MF – Mittelfeld, RK – rechte Verbposition (rechte Klammer), NF – Nachfeld.

Im Mittelfeld können sie links der Objekte stehen wie in (7), aber auch zwischen zwei Objekten wie in (8):

(8) [man]<sub>VF</sub> [erinnert]<sub>LK</sub> [die Abgeordneten **ja jederzeit gerne** an ihre Pflichten]<sub>MF</sub>

Ferner können sie zwischen Vorfeld und linker Verbposition eingeschoben werden wie in (9) oder dem Vorfeld vorangestellt werden wie in (10):

(9) {Otto wollte seinen Sohn Jura studieren lassen.} [der Sohn]<sub>VF</sub> **jedoch** [hatte]<sub>LK</sub> [andere Pläne]<sub>MF</sub>

(10) {Das hört sich alles sehr gut an.} **trotzdem**, [ich]<sub>VF</sub> [bin]<sub>LK</sub> [nicht einverstanden]<sub>MF</sub>

## 4 Hierarchischer Status von Adverbialia

ZIFONUN et al. (1997: 1121ff.) unterscheiden für das Deutsche zwischen zwei syntaktischen Adverbialklassen: Verbgruppenadverbialia und Satzadverbialia (ähnlich für das Portugiesische ILARI / MOURA NEVES et al. 2008: 407). Obwohl es sich um eine syntaktische Unterscheidung handeln soll, wird sie im Wesentlichen semantisch begründet. Ein Satzadverbiale liegt vor, wenn der Satz bedeutungserhaltend als Subjekt zu einem Obersatz von der Form *es ist / war der Fall, dass* reformuliert werden kann, wobei das Adverbiale in den Obersatz verlegt wird (ZIFONUN et al. 1997: 1122):

(11) Du hast das **hoffentlich** verstanden.

(11a) =Es ist **hoffentlich** der Fall, dass du das verstanden hast.<sup>7</sup>

Satzadverbialia wie *hoffentlich* in (11) beziehen sich semantisch „auf den ganzen Satz“ (ebd.: 1124). Für Verbgruppenadverbialia ist eine analoge Reformulierung nicht möglich. Sie beziehen sich semantisch auf ein Verb oder auf eine Vereinigung aus Verb und Ergänzungen (ebd.: 1177ff.):

<sup>7</sup> Ich verwende das Gleichheitszeichen = als Symbol für semantische Äquivalenz, das Ungleichheitszeichen ≠ als Symbol für Nicht-Äquivalenz.

- (12) Die Jungen verschwanden **blitzschnell** im Gebüsch.  
 (12a) ≠Es war **blitzschnell** der Fall, dass die Jungen im Gebüsch verschwanden.

ZIFONUN et al. behandeln Adverbialia der Tradition folgend als Adjunkte. Ein Adjunkt ist eine phrasenförmige Konstituente, die als Erweiterung an eine andere Konstituente (ihren Wirt) angefügt wird, ohne deren syntaktische Kategorie zu verändern. So resultiert aus der Verbindung einer Verbgruppe mit einem Verbgruppenadverbiale wiederum eine Verbgruppe, aus der Verbindung eines Satzes mit einem Satzadverbiale wiederum ein Satz. Abb. 6 zeigt, wie Adjunkte im X-bar-Schema dargestellt werden. Sie können links oder rechts an ihren Wirt angefügt werden (vgl. KATO / NASCIMENTO et al. 2009: 35ff., 193ff.):

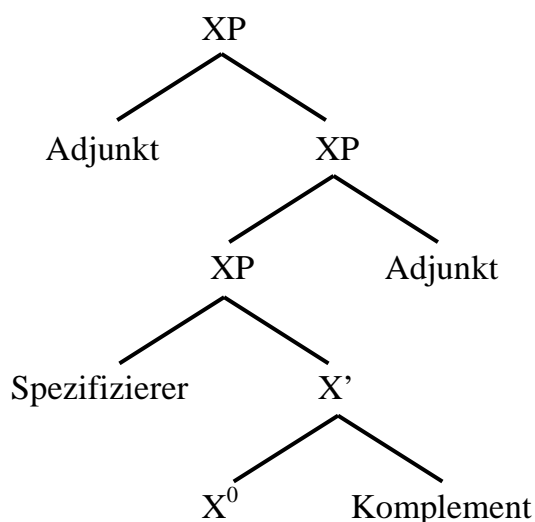


Abb. 6: Adjunkte im X-bar-Schema

Die Unterscheidung zwischen Satzadverbialia und Verbgruppenadverbialia ist zweifellos wichtig. Allerdings ist die Klasse der Satzadverbialia ungleich umfangreicher und heterogener als die der Verbgruppenadverbialia. Im Deutschen können zum Beispiel Adverbien wie *schließlich*, *jedoch* oder *also* zwischen Vorfeldkonstituente und linker Verbposition stehen; andere, wie *gestern*, *deshalb* oder *leider*, sind in dieser Position nur bedingt akzeptabel (vgl. BLÜHDORN 2012b: 202):

- (13) [die Lösung]<sub>VF</sub> **also** [fehlt]<sub>LK</sub> noch  
 (14) \*[Otto]<sub>VF</sub> **gestern** [kam]<sub>LK</sub> ja nicht<sup>8</sup>

Adverbien beider Gruppen können allein das Vorfeld des Satzes einnehmen:

- (13a) [**also**]<sub>VF</sub> [fehlt]<sub>LK</sub> die Lösung noch  
 (14a) [**gestern**]<sub>VF</sub> [kam]<sub>LK</sub> Otto ja nicht

Die Negationspartikel *nicht* kann das nur in eng umschriebenen Sonderfällen (vgl. BLÜHDORN 2012a: 84ff., 100f.); Modalpartikeln können es gar nicht (vgl. CONIGLIO 2011: 12):

- (14b) ?[**nicht**]<sub>VF</sub> [kam]<sub>LK</sub> Otto gestern  
 (14c) \*[**ja**]<sub>VF</sub> [kam]<sub>LK</sub> Otto gestern nicht

Elemente aller genannten Klassen bestehen aber eindeutig den Test für Satzadverbialia:

- (13b) Es ist **also** der Fall, dass die Lösung noch fehlt.  
 (14d) Es war **gestern ja nicht** der Fall, dass Otto kam.

Hier muss eine explizite Grammatik offenbar genauer differenzieren.

Im Stockwerkbau des Satzes nach RIZZI (1997) können drei Grundpositionen für adverbiale Adjunkte angenommen werden:

- Adjunkt zur VP: Adv1
- Adjunkt zur IP: Adv2
- Adjunkt zur CP: Adv3

Diese Adjunktpositionen liegen an der Hauptlinie der Konstituentenstruktur. Darüber hinaus können Adverbialia auch an Nebenlinien der Konstituentenstruktur adjungiert werden: an Nominalgruppen (***immer** diese Streitereien, das Buch **hier***), an Adjektive oder Adjektivphrasen (***ungeheuer** lustig*), an Adverbien (***noch** heute*), an Präpositionalphrasen

---

<sup>8</sup> Ich verwende die folgenden Auszeichnungen für Beispielsätze: \* – grammatisch abweichend; ? – fragwürdig; ?? – sehr fragwürdig; # – semantisch abweichend.

(*ganz in Weiß*). Adjunkte in solchen Strukturpositionen bleiben in diesem Aufsatz ausgeklammert.

Abb. 7 und 8 zeigen die Adjunktpositionen an der Hauptlinie der Konstituentenstruktur in den Baumdiagrammen für das Portugiesische und das Deutsche:

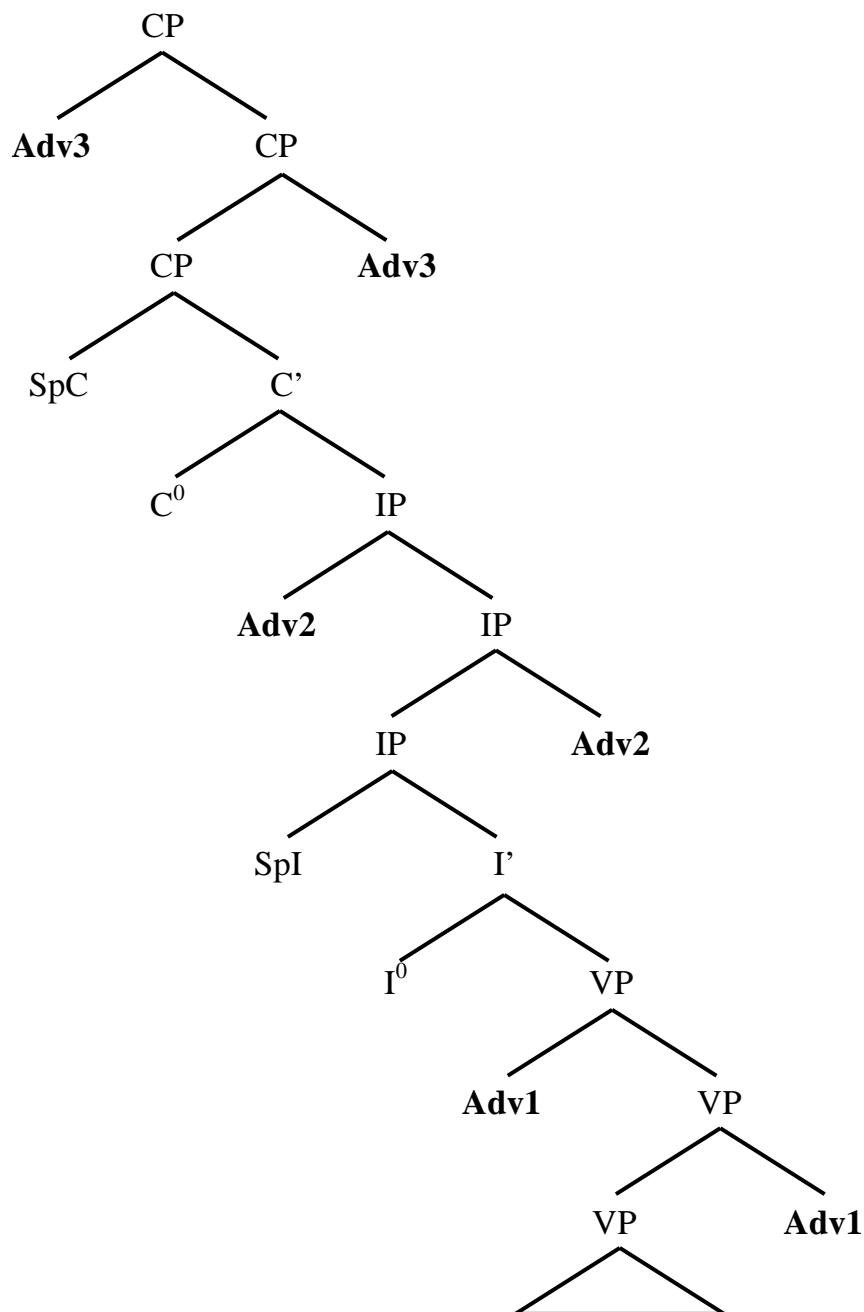


Abb. 7: Mögliche Positionen für VP-, IP- und CP-Adjunkte im portugiesischen Satz



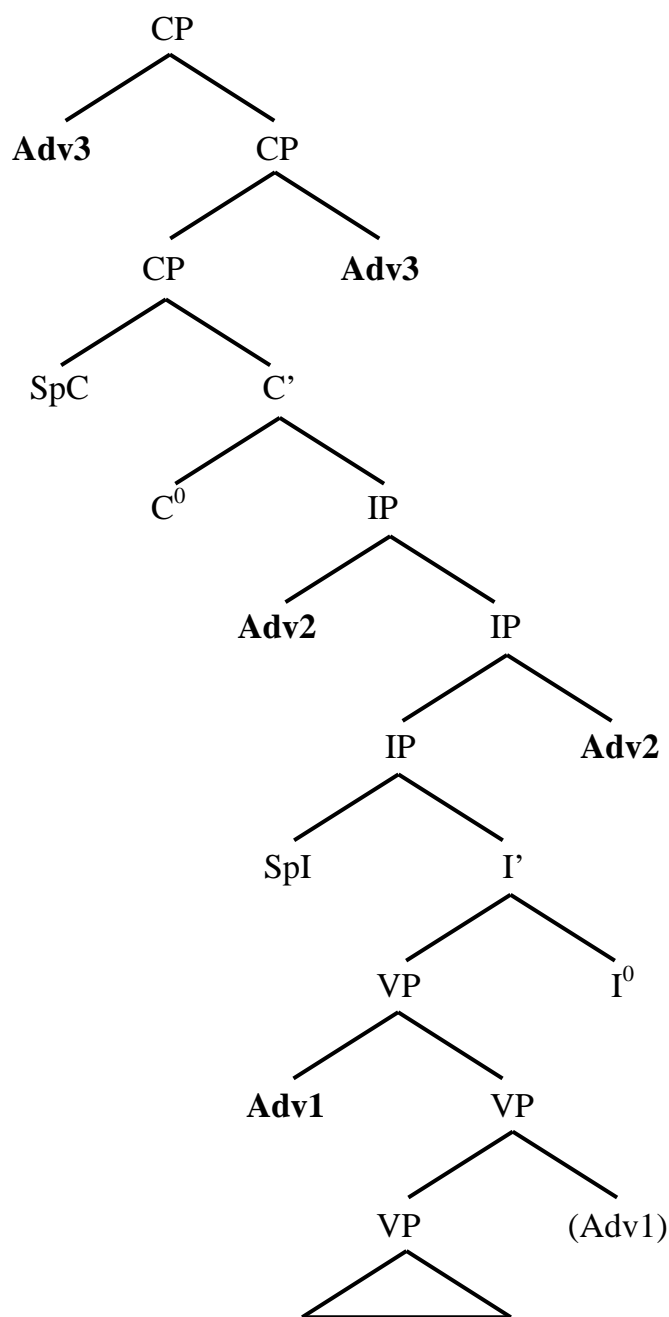


Abb. 8: Mögliche Positionen für VP-, IP- und CP-Adjunkte im deutschen Satz

In beiden Bäumen habe ich die Adjunktpositionen links und rechts der jeweiligen Wirte eingezeichnet. Wie man sieht, stehen im Portugiesischen Adverbialia, die rechts an die CP, die IP oder die VP adjungiert sind, gleichermaßen am Satzende. Im Deutschen stehen rechts adjungierte CP- und IP-Adverbialia am Satzende. Adverbialia, die rechts an die VP adjungiert wären, müssten dagegen ihren Platz zwischen infinitem und finitem Teil des Verbkomplexes haben (\**dass Otto das Bier ausgetrunken **schnell** hat*). In dieser Position können im

Deutschen allenfalls marginal Adverbialia auftreten. Ich habe das Symbol *AdvI* hier deshalb in Normalschrift und Klammern gesetzt. In aller Regel werden VP-Adverbialia im Deutschen nur links adjungiert.

Einige Beispiele (die Konstituentenstrukturen werden durch eckige Klammern und Indizes verdeutlicht):

- (15) o Corpo de Bombeiros localizou<sub>I</sub><sup>0</sup> [**na manhã desta terça-feira** [SpV [V<sup>0</sup> o corpo do empresário R.S.]]<sub>VP</sub>]<sub>VP</sub>
- (15a) die Feuerwehr fand<sub>C</sub><sup>0</sup> SpI [**diesen Dienstagmorgen** [SpV [die Leiche des Unternehmers R.S. V<sup>0</sup>]]<sub>VP</sub>]<sub>VP</sub> I<sup>0</sup>
- (16) a vítima havia<sub>I</sub><sup>0</sup> [SpV desaparecido<sub>V</sub><sup>0</sup>]<sub>VP</sub> **na noite de ontem na Cidade Universitária, zona oeste de São Paulo**
- (16a) das Opfer war<sub>C</sub><sup>0</sup> [[SpI [**gestern abend** [SpV verschwunden<sub>V</sub><sup>0</sup>]<sub>VP</sub>]<sub>VP</sub> I<sup>0</sup>]<sub>IP</sub> **auf dem Universitätsgelände in der Weststadt von São Paulo**]<sub>IP</sub>
- (17) [**provavelmente** [ele foi<sub>I</sub><sup>0</sup> [[SpV executado<sub>V</sub><sup>0</sup>]<sub>VP</sub> **em um acerto de contas**]<sub>VP</sub>]<sub>IP</sub>]<sub>IP</sub>
- (17a) **wahrscheinlich**<sub>SpC</sub> wurde<sub>C</sub><sup>0</sup> [[er<sub>SpI</sub> [SpV hingerichtet<sub>V</sub><sup>0</sup>]<sub>VP</sub> I<sup>0</sup>]<sub>IP</sub> **um eine Rechnung zu begleichen**]<sub>IP</sub>

(15) zeigt ein links an die VP adjungiertes Adverbiale (*na manhã de terça-feira*). Das finite Verb *localizou* steht in der Position I<sup>0</sup>. Auch das Adverbiale *diesen Dienstagmorgen* in der Übersetzung (15a) kann als linkes VP-Adjunkt gedeutet werden. Das Finitum *fand* steht in der Position C<sup>0</sup>. (16) zeigt ein Zeit- und ein Ortsadverbiale, die rechts an die VP und/oder an die IP adjungiert sind. Adjunktion ist ein rekursiver (wiederholbarer) Prozess. Dadurch kann jede Adjunktposition bei Bedarf mehrfach besetzt werden. In der Übersetzung (16a) ist das Zeitadverbiale *gestern abend* links an die VP, das Ortsadverbiale *auf dem Universitätsgelände in der Weststadt von São Paulo* rechts an die IP adjungiert. (17) zeigt ein links an die IP und ein rechts an die VP adjungiertes Adverbiale. In der Übersetzung (17a) steht ein Adverbiale im Vorfeld (SpC); das andere ist rechts an die IP adjungiert.

Die Besetzung des Vorfelds ist einer von mehreren Vorgängen, bei denen Konstituenten des Strukturbaums umgeordnet werden. In der Satzbildung des Deutschen spielt diese Art von Umordnung eine wichtige Rolle (vgl. STERNEFELD 2008: 319ff.). Es wird angenommen, dass in der Grundstruktur das finite Verb seinen Platz am Satzende hat und die

übrigen Konstituenten links von ihm stehen. Bei der Vorfeldbesetzung wird ein zusammenhängender Abschnitt des Baumes herausgelöst und in die SpC-Position eingefügt. Ein solcher Abschnitt muss Satzgliedstatus haben oder komplexer sein. Auch VP- und IP-Adjunkte können auf diese Weise vorangestellt werden, obgleich das Vorfeld keine Adjunktposition ist. Sind Adjunkte einmal in die Struktur eingefügt worden, verhalten sie sich in Bezug auf mögliche Umstellungen wie jeder andere Abschnitt des Baumes.

Das gilt aber nur für Adjunkte zur IP und zur VP. Sie nehmen Positionen auf tieferen Ebenen des Strukturbaums ein, was unter anderem zur Folge haben kann, dass sie linear im Satzinneren auftreten. Solche Adverbialia können als syntaktisch integriert gelten. Adjunkte zur VP sind relativ stärker, Adjunkte zur IP relativ schwächer integriert. Adjunkte zur CP sind dagegen nur locker an die Peripherie des vollständigen Satzes angeheftet. Sie sind syntaktisch desintegriert, was unter anderem zur Folge hat, dass sie nicht in SpC-Positionen bewegt werden können. Beispiel (18) zeigt ein linkes Adjunkt zur CP, ebenso die Übersetzung (18a):

(18) **Honestamente**, eu adoraria humilhá-la em todos os sentidos.

(18a) **Ehrlich**, es wäre mir ein Vergnügen, sie in jeder Hinsicht zu demütigen.

## 5 Weiteres Vorgehen

In den folgenden Kapiteln untersuche ich Adverbialia von sechs semantischen Klassen in Bezug auf ihr Stellungsverhalten im deutschen und im portugiesischen Satz. Es soll festgestellt werden, welche syntaktischen Positionen diese Adverbialia einnehmen können und welche sie bevorzugen. Die untersuchten Adverbialia tragen Informationen der folgenden Art zur Satzbedeutung bei:

- (i) Sachverhaltsbeschreibung einschließlich Aspektualität: *schnell* / *rapidamente*
- (ii) Handlungsabsichten des besprochenen Subjekts: *unabsichtlich* / *sem querer*
- (iii) zeitliche Situierung (Temporalität): *heute* / *hoje*
- (iv) Wissen des Sprechers (Evidentialität und epistemische Modalität): *sicherlich* / *certamente*
- (v) Bewertung des Sprechers: *leider* / *infelizmente*
- (vi) Handlungsabsichten des Sprechers: *ehrlich gesagt* / *francamente*

CINQUE (1999) hat anhand von Beispielen aus verschiedenen Sprachen untersucht, wie Adverbialia dieser und weiterer semantischer Klassen im Satz angeordnet werden. Er unterscheidet insgesamt mehr als 30 semantische Adverbialklassen (vgl. ebd.: 106, 130; auch CONIGLIO 2011: 104ff.; HAEGEMAN 2012: 173f.), von denen er annimmt, dass sie übereinzelsprachlich relevant sind und in einer festen hierarchischen Ordnung stehen. Hierarchiehöhere Adverbialia müssen in der Satzsemantik stets über hierarchieniederen operieren. CINQUE beobachtet, dass die semantische Hierarchie mit Präferenzen in der syntaktischen Stellung einhergeht. Er deutet dies so, dass semantisch höhere Adverbialia auch höhere Positionen in der syntaktischen Struktur und semantisch niedrigere entsprechend niedrigere Positionen in der Syntax einnehmen. Für ihn liegen die syntaktischen Grundpositionen aller Adverbialia innerhalb der Ebene der IP, die er in zahlreiche Zwischenebenen aufspaltet. Ich schließe mich dieser syntaktischen Darstellung hier nicht an, sondern bleibe beim traditionelleren Adjunktmodell.

Die sechs semantischen Adverbialklassen, die ich untersuche, kommen auch bei CINQUE vor. Sie sind aufgrund ihrer Bedeutungen klar erkennbar und sind so gewählt, dass sie die gesamte Bandbreite von CINQUES Hierarchie abdecken. Adverbialia der Klasse (i) stehen am unteren Ende der semantischen Hierarchie, solche der Klassen (ii) und (iii) gehören zum mittleren Bereich, solche der Klassen (iv) bis (vi) stehen weit bzw. ganz oben. Adverbialia aller übrigen semantischen Klassen ordnen sich zwischen den hier untersuchten Klassen ein. Indirekt werden sie somit von der Untersuchung miterfasst.

Für jede der sechs Adverbialklassen untersuche ich einen Beispielsatz, d.h. sechs Sätze aus dem Deutschen und sechs aus dem Portugiesischen. Die Sätze werden einer Reihe von Tests unterzogen, um den syntaktischen Status und die Stellungsmöglichkeiten der Adverbialia zu erforschen. Zweifellos wäre es interessant, für die einzelnen Stellungen wiederum Originalbelege zu geben und dabei auch unterschiedliche Adverbialia der gleichen semantischen Klassen zu berücksichtigen. Ein solches Vorgehen würde aber den hier gegebenen Rahmen sprengen. Der Leser kann sich selbst davon überzeugen, dass die Tests mit anderen Beispielsätzen für Adverbialia der gleichen semantischen Klassen zu gleichen (oder zumindest ähnlichen) Ergebnissen führen.

Die in der Einleitung erwähnten Adverbialklassen traditioneller Grammatiken („Tekamolo“) sind mit den Klassen (i) bis (vi) nur teilweise erfasst. Klasse (i) entspricht einer Teilmenge der Adverbialia der Art und Weise, Klasse (ii) einer Teilmenge der

Kausaladverbialia, Klasse (iii) einer Teilmenge der Temporaladverbialia. Lokaladverbialia sind nicht erfasst. In der semantischen Hierarchie liegen sie unterhalb der von CINQUE untersuchten Klassen. Häufig sind sie nicht an die Hauptlinie, sondern an Nebenlinien der Konstituentenstruktur adjungiert. Dafür werden mehrere Klassen von Satzadverbialia mituntersucht, die in traditionellen Darstellungen vernachlässigt wurden. Für einige Klassen adverbialer Ausdrücke gelten besondere Syntaxregeln, etwa für Modal-, Negations- und Fokuspartikeln (vgl. CONIGLIO 2011: 77ff.; BLÜHDORN 2012a: 258f.; SUDHOFF 2011: 103ff.). Sie müssen im Folgenden ausgespart bleiben.

Die Untersuchung wird für das Deutsche wie für das Portugiesische CINQUES (1999) Kernbeobachtung bestätigen, dass Adverbialia der unteren semantischen Klassen tiefere, Adverbialia der oberen semantischen Klassen höhere Positionen in der Konstituentenstruktur bevorzugen. Dies zeigt sich allerdings bei weitem nicht so klar, wie es CINQUES technische Implementierung erwarten lässt. Die Datenverteilung deutet eher darauf hin, dass den semantischen Adverbialklassen keine Grundpositionen in der syntaktischen Struktur zugeordnet sind. Adverbialia können relativ flexibel in den Satz eingefügt werden, wobei Positionen gewählt werden, die die semantische Interpretation erleichtern und zugleich mit der intendierten Informationsstruktur sowie mit sonstigen (z.B. rhythmischen) Absichten des Sprechers verträglich sind. Keine der verfügbaren Adverbialpositionen ist für bestimmte semantische Klassen reserviert. Dennoch gibt es Stellungsbeschränkungen. Im Detail zeigen sich Unterschiede zwischen dem Deutschen und dem Portugiesischen.

## 6 Adverbialia im Deutschen

Für das Deutsche untersuche ich die folgenden Sätze:

- (19) Anna möchte **schnell** 10 Kilo abnehmen. (Klasse i)
- (20) Ein Bekannter von ihr hat **unabsichtlich** eine Katze getreten. (Klasse ii)
- (21) Die Gesellschaft will **heute** Kritikfähigkeit von jedem Schulkind erwarten. (Klasse iii)
- (22) Deutschland hat **sicherlich** einen großen Schritt in Richtung WM gemacht. (Klasse iv)
- (23) Die Schüler hatten **leider** ihr Wörterbuch vergessen. (Klasse v)
- (24) Jemand wie Otto sollte **ehrlich gesagt** den Job wechseln. (Klasse vi)

In allen Sätzen steht das Adverbiale am Anfang des Mittelfelds, also nach Abb. 5 am linken Rand der IP.

### 6.1 Verbgruppenadverbialia vs. Satzadverbialia, Sachverhaltsbezug vs. Sprecherbezug

Wenn wir den Test aus ZIFONUN et al. (1997: 1121ff.) anwenden (s.o. Kapitel 4), erweisen sich Adverbialia der Klassen (i) und (ii) als Verbgruppenadverbialia, solche der Klassen (iii) bis (v) als Satzadverbialia. *Ehrlich gesagt* als Adverbiale der Klasse (vi) besteht beim gewählten Beispielsatz den Test nicht. Das liegt an der durch das Modalverb *sollte* ausgedrückten Empfehlungsmodalität, die nicht zu der Paraphrase *es ist der Fall, dass* passt. Wir sehen hier, dass die Paraphrase gegebenenfalls an Satzart und Satzmodalität angepasst werden muss. Nur wenn man dies tut, wie in (24a'), zeigt sich, dass Adverbialia der Klasse (vi) ebenfalls zu den Satzadverbialia gehören:

- (19a) ≠Es ist **schnell** der Fall, dass Anna 10 Kilo abnehmen möchte.
- (20a) ≠Es ist/war **unabsichtlich** der Fall, dass ein Bekannter von ihr eine Katze getreten hat.
- (21a) =Es ist **heute** der Fall, dass die Gesellschaft Kritikfähigkeit von jedem Schulkind erwarten will.
- (22a) =Es ist **sicherlich** der Fall, dass Deutschland einen großen Schritt in Richtung WM gemacht hat.
- (23a) =Es war **leider** der Fall, dass die Schüler ihr Wörterbuch vergessen hatten.
- (24a) ≠Es ist **ehrlich gesagt** der Fall, dass jemand wie Otto den Job wechseln sollte.
- (24a') =Es ist **ehrlich gesagt** zu empfehlen, dass jemand wie Otto den Job wechselt.

Mit anderen Testverfahren (vgl. HAEGEMAN 2003: 320ff.; FREY 2011: 46ff.) lassen sich die Adverbialia ebenfalls in zwei Klassen aufteilen, die aber nicht der Unterscheidung zwischen Verbgruppen- und Satzadverbialia entsprechen. So sind Adverbialia der Klassen (i) bis (iii) mit *w*-Phrasen erfragbar, solche der Klassen (iv) bis (vi) dagegen nicht:

- (19b) **Auf welche Weise** möchte Anna 10 Kilo abnehmen? – **Schnell**.
- (20b) **Aus welchem Grund** hat ein Bekannter von ihr eine Katze getreten? – **Unabsichtlich**.
- (21b) **Zu welcher Zeit** will die Gesellschaft Kritikfähigkeit von jedem Schulkind erwarten? – **Heute**.
- (22b) **Auf welche Weise** hat Deutschland einen großen Schritt in Richtung WM gemacht? – **#Sicherlich**.
- (23b) **Auf welche Weise** hatten die Schüler ihr Wörterbuch vergessen? – **#Leider**.
- (24b) **Auf welche Weise** sollte jemand wie Otto den Job wechseln? – **#Ehrlich gesagt**.

Adverbialia der Klassen (i) bis (iii) können negiert und durch Fokuspartikeln wie *auch*, *nur* oder *sogar* modifiziert werden (vgl. dazu BLÜHDORN 2012a: 81ff.):

- (19c) Anna möchte 10 Kilo abnehmen,  
 (‘) aber **nicht schnell**.  
 (‘’) und zwar **sogar schnell**.
- (20c) Ein Bekannter von ihr hat eine Katze getreten,  
 (‘) und zwar **nicht unabsichtlich**.  
 (‘’) aber **nur unabsichtlich**.
- (21c) Die Gesellschaft will Kritikfähigkeit von jedem Schulkind erwarten, und zwar **nicht nur heute**.

Adverbialia der Klassen (iv) bis (vi) können nicht oder nur mit besonderen Lesarten negiert und/oder durch Fokuspartikeln modifiziert werden:

- (22c) Deutschland hat einen großen Schritt in Richtung WM gemacht,  
 (‘) ?aber **nicht sicherlich**.  
 (‘’) #und zwar **sogar sicherlich**.
- (23c) Die Schüler hatten ihr Wörterbuch vergessen,  
 (‘) ?aber **nicht leider**.  
 (‘’) #und zwar **sogar leider**.
- (24c) #Jemand wie Otto sollte den Job wechseln, und zwar **nicht nur ehrlich gesagt**.

Intuitiv scheinen diese Eigenschaften damit zu tun zu haben, dass Adverbialia der Klassen (i) bis (iii) zur Beschreibung des Sachverhalts beitragen, von dem der jeweilige Satz handelt, während Adverbialia der Klassen (iv) bis (vi) den Sprecher betreffen, der den Satz äußert.

Interessant ist, sich Spaltsätze anzuschauen, in denen das Adverbiale abgespalten und intonatorisch<sup>9</sup> als Informationsfokus gekennzeichnet wird. Solche Sätze sind für das Deutsche viel weniger typisch als für die romanischen Sprachen, aber sie können für Kontrastierungen verwendet werden:

- (19d) ?**es ist /SCHNELL\** dass/wie sie abnehmen möchte  
 (20d) **es war /UN\absichtlich** dass ein bekannter von ihr eine katze getreten hat  
 (21d) **es ist /HEU\te** dass die gesellschaft kritikfähigkeit von jedem schulkind erwarten will  
 (22d) #**es ist /SI\cherlich** dass deutschland einen großen schritt in richtung we emm gemacht hat  
 (23d) #**es war /LEI\der** dass die schüler ihr wörterbuch vergessen hatten  
 (24d) #**es ist ehrlich ge/SAGT\** dass jemand wie otto den job wechseln sollte

Adverbialia der Klassen (i) und (ii) bestehen den Test für Satzadverbialia nicht. Bei solchen der Klasse (i) ist auch die fokussierende Abspaltung fragwürdig. Bei solchen der Klasse (ii) sind die Intuitionen meiner Informanten unterschiedlich. Fokussierende Abspaltung scheint möglich zu sein, aber weniger klar als bei Adverbialia der Klasse (iii). Diese bestehen eindeutig den Test für Satzadverbialia und sind zugleich erfragbar. Bei ihnen ist die fokussierende Abspaltung unproblematisch. Bei Adverbialia der Klassen (iv) bis (vi), die nicht erfragt werden können, ist sie dagegen ungrammatisch.

## 6.2 VP-, IP- und CP-Adjunkte

Wendet man im engeren Sinne syntaktische Testverfahren an, so zeigen sich weitere Unterschiede zwischen den sechs Adverbialklassen. Adverbialia der Klassen (i) und (ii) können zusammen mit der infiniten VP das Vorfeld des Satzes einnehmen. Hier und im Folgenden trage ich eine intonatorische Gestaltung ein, in der die vorangestellte VP einen Akzent mit steigender, das Subjekt im Mittelfeld einen Akzent mit fallender Tonbewegung

<sup>9</sup> Notierung der Intonation: akzentuierte Silben in Großbuchstaben, unakzentuierte Silben in Kleinbuchstaben; steigende Tonbewegung: steigender Schrägstrich vor der Akzentsilbe, fallende Tonbewegung (Fokusmarkierung): fallender Schrägstrich nach der Akzentsilbe.



erhält. Die VP ist dadurch im Sinne von BÜRING (1997: 53ff.) und BLÜHDORN (2012a: 151ff.) als Topik, das Subjekt als Fokus markiert. Das Adverbiale, dessen syntaktisches Verhalten untersucht wird, bleibt unakzentuiert:

- (19e) [schnell 10 kilo /ABnehmen]<sub>VF</sub> [möchte]<sub>LK</sub> AN\na  
 (20e) [unabsichtlich eine /KATze getreten]<sub>VF</sub> [hat]<sub>LK</sub> ein beKANN\ter von ihr

Da das Vorfeld nur mit einer Wortkette besetzt werden kann, die eine Konstituente des Baumes ist (vgl. STERNEFELD 2008: 332ff.), muss in solchen Sätzen das Adverbiale zusammen mit der VP eine Konstituente bilden, also ein VP-Adjunkt sein. Stellt man in Sätzen, die solche Adverbialia enthalten, die VP allein ins Vorfeld und belässt das Adverbiale im Mittelfeld, so resultieren Varianten, die mit der hier gewählten Testintonation fragwürdig sind. Adverbialia der Klassen (i) und (ii) lassen sich offenbar nicht ohne weiteres von der VP trennen:

- (19f) ??[10 kilo /ABnehmen]<sub>VF</sub> [möchte]<sub>LK</sub> AN\na **schnell**  
 (20f) ??[eine /KATze getreten]<sub>VF</sub> [hat]<sub>LK</sub> ein beKANN\ter von ihr **unabsichtlich**  
 (19g) ??[10 kilo /ABnehmen]<sub>VF</sub> [möchte]<sub>LK</sub> **schnell** AN\na  
 (20g) ??[eine /KATze getreten]<sub>VF</sub> [hat]<sub>LK</sub> **unabsichtlich** ein beKANN\ter von ihr

Adverbialia der Klassen (v) und (vi) können umgekehrt nur schlecht zusammen mit der infiniten VP das Vorfeld einnehmen. Dagegen können sie bei vorangestellter VP mit der beschriebenen Testintonation problemlos im Mittelfeld verbleiben. Offenbar haben sie wenig Neigung, mit der VP eine Konstituente zu bilden:

- (23e) ?[**leider** ihr /WÖRterbuch vergessen]<sub>VF</sub> [hatten]<sub>LK</sub> die SCHÜ\ler  
 (24e) ?[**ehrlich gesagt** den /JOB wechseln]<sub>VF</sub> [sollte]<sub>LK</sub> jemand wie OT\to  
 (23f) [ihr /WÖRterbuch vergessen]<sub>VF</sub> [hatten]<sub>LK</sub> die SCHÜ\ler **leider**  
 (24f) [den /JOB wechseln]<sub>VF</sub> [sollte]<sub>LK</sub> jemand wie OT\to **ehrlich gesagt**  
 (23g) [ihr /WÖRterbuch vergessen]<sub>VF</sub> [hatten]<sub>LK</sub> **leider** die SCHÜ\ler  
 (24g) [den /JOB wechseln]<sub>VF</sub> [sollte]<sub>LK</sub> **ehrlich gesagt** jemand wie OT\to

Adverbialia der Klassen (iii) und (iv) verhalten sich in dieser Hinsicht neutral. Sie können mit der VP das Vorfeld einnehmen oder bei vorangestellter VP im Mittelfeld verbleiben. Für sie ist es eine von mehreren gleichberechtigten Möglichkeiten, mit der VP eine Konstituente zu bilden:

- (21e) [**heute** kri/TIKfähigkeit von jedem /SCHULkind erwarten]<sub>VF</sub> [will]<sub>LK</sub> die geSELL\schaft
- (22e) [**sicherlich** einen /GROßen schritt in richtung we/EMM gemacht]<sub>VF</sub> [hat]<sub>LK</sub> DEUTSCH\land
- (21f) [kri/TIKfähigkeit von jedem /SCHULkind erwarten]<sub>VF</sub> [will]<sub>LK</sub> die geSELL\schaft **heute**
- (22f) [einen /GROßen schritt in richtung we/EMM gemacht]<sub>VF</sub> [hat]<sub>LK</sub> DEUTSCH\land **sicherlich**
- (21g) [kri/TIKfähigkeit von jedem /SCHULkind erwarten]<sub>VF</sub> [will]<sub>LK</sub> **heute** die geSELL\schaft
- (22g) [einen /GROßen schritt in richtung we/EMM gemacht]<sub>VF</sub> [hat]<sub>LK</sub> **sicherlich** DEUTSCH\land

Auf ähnliche Weise lässt sich testen, ob Adverbialia eine Konstituente mit der IP bilden können. Im Deutschen ist die IP diejenige Konstituente, die in einem *dass*-Satz die einleitende Konjunktion (den Komplementierer) ergänzt:

- (25) dass [jemand wie Otto den Job wechseln sollte]<sub>IP</sub>

Adverbialia, die in einem solchen Satz unakzentuiert die Position zwischen dem Komplementierer und dem Satzrest einnehmen, sollten Adjunkte zur IP sein. Diese Stellung ist für Adverbialia der Klasse (i) ungrammatisch, für Adverbialia der Klasse (ii) fragwürdig. Für Adverbialia der übrigen Klassen ist sie unproblematisch. Ich notiere alle Testsätze mit einer Intonation, in der das Subjekt als Topik und die VP als Fokus markiert ist:

- (19h) \*dass **schnell** [/ANna zehn kilo AB\nehmen möchte]<sub>IP</sub>
- (20h) ??dass **unabsichtlich** [ein be/KANNter von ihr eine KAT\ze getreten hat]<sub>IP</sub>

- (21h) dass **heute** [die ge/SELLSchaft kritikfähigkeit von jedem SCHUL\kind erwarten will]<sub>IP</sub>  
 (22h) dass **sicherlich** [/DEUTSCHland einen großen schritt in richtung we EMM\ gemacht hat]<sub>IP</sub>  
 (23h) dass **leider** [die /SCHÜler ihr WÖR\terbuch vergessen hatten]<sub>IP</sub>  
 (24h) dass **ehrlich gesagt** [jemand wie /OTto den JOB\ wechseln sollte]<sub>IP</sub>

IP-Adjunkte in deutschen Hauptsätzen zu bestimmen, ist etwas schwieriger. Wie man in (19h) bis (24h) sieht, stehen im Verbletztsatz das finite Verb und alle Satzglieder innerhalb der IP. Um einen Verbzweitsatz zu bilden, werden das finite Verb in die C<sup>0</sup>-Position und eine weitere Konstituente in die SpC-Position (das Vorfeld) bewegt (vgl. STERNEFELD 2008: 319ff.). In (26) sind die Ausgangspositionen der umgestellten Ausdrücke mit dem Symbol t gekennzeichnet. Der Index 1 steht für das Finitum, der Index 2 für die Vorfeldkonstituente:

- (26) [jemand wie Otto<sub>2</sub>]<sub>SpC</sub> [sollte<sub>1</sub>]<sub>C<sup>0</sup></sub> [t<sub>2</sub> den Job wechseln t<sub>1</sub>]<sub>IP</sub>

Anstelle des Subjekts kann auch das Objekt ins Vorfeld bewegt werden. Dann bleibt das Subjekt am linken Rand des Mittelfelds:

- (27) [den Job<sub>2</sub>]<sub>SpC</sub> [sollte<sub>1</sub>]<sub>C<sup>0</sup></sub> [jemand wie Otto t<sub>2</sub> wechseln t<sub>1</sub>]<sub>IP</sub>

Eine geeignete intonatorische Gestaltung für (27) ist (28). Vorfeldkonstituente und Subjekt sind als Topiks gekennzeichnet; der Fokus liegt rechts des Subjekts, hier auf dem infiniten Verb:

- (28) den /JOB sollte jemand wie /OTto WECH\seln

Wenn wir in einem so gestalteten Verbzweitsatz ein unakzentuiertes Adverbiale zwischen Finitum und Subjekt platzieren, dann sollte dieses Adverbiale ein Adjunkt zur IP sein:

- (29) [den /JOB<sub>2</sub>]<sub>SpC</sub> [sollte<sub>1</sub>]<sub>C<sup>0</sup></sub> [**adv2** [jemand wie /OTto t<sub>2</sub> WECH\seln t<sub>1</sub>]<sub>IP</sub>]<sub>IP</sub>

Die folgenden Beispiele zeigen, dass diese Stellung für Adverbialia der Klasse (i) ungrammatisch und für Adverbialia der Klasse (ii) fragwürdig ist. Für Adverbialia der übrigen Klassen ist sie unproblematisch:

- (19i) \*[zehn /Kilo<sub>2</sub>]<sub>SpC</sub> [möchte<sub>1</sub>]<sub>C<sup>0</sup></sub> [**schnell** [/ANna t<sub>2</sub> AB\nehmen t<sub>1</sub>]<sub>IP</sub>]<sub>IP</sub>
- (20i) ??[eine /KATze<sub>2</sub>]<sub>SpC</sub> [hat<sub>1</sub>]<sub>C<sup>0</sup></sub> [**unabsichtlich** [ein be/KANNter von ihr t<sub>2</sub> geTRE\ten t<sub>1</sub>]<sub>IP</sub>]<sub>IP</sub>
- (21i) [von jedem /SCHULkind<sub>2</sub>]<sub>SpC</sub> [will<sub>1</sub>]<sub>C<sup>0</sup></sub> [**heute** die ge/SELLschaft kritikfähigkeit t<sub>2</sub> erWAR\ten t<sub>1</sub>]<sub>IP</sub>]<sub>IP</sub>
- (22i) [einen großen schritt in richtung we/EMM<sub>2</sub>]<sub>SpC</sub> [hat<sub>1</sub>]<sub>C<sup>0</sup></sub> [**sicherlich** [/DEUTSCHland t<sub>2</sub> geMACHT\ t<sub>1</sub>]<sub>IP</sub>]<sub>IP</sub>
- (23i) [ihr /WÖRterbuch<sub>2</sub>]<sub>SpC</sub> [hatten<sub>1</sub>]<sub>C<sup>0</sup></sub> [**leider** [die /SCHÜler t<sub>2</sub> verGES\sen t<sub>1</sub>]<sub>IP</sub>]<sub>IP</sub>
- (24i) [den /JOB<sub>2</sub>]<sub>SpC</sub> [sollte<sub>1</sub>]<sub>C<sup>0</sup></sub> [**ehrlich gesagt** [jemand wie /OTto t<sub>2</sub> WECH\seln t<sub>1</sub>]<sub>IP</sub>]<sub>IP</sub>

Als nächstes testen wir, welche Adverbialia als Adjunkte zur CP auftreten können. Eine CP ist im Deutschen diejenige Konstituente, die auf einen Konjunkt (z.B. *und*) folgt, wenn dieser zwei Sätze verknüpft:

- (30) [Anna möchte 10 Kilo abnehmen]<sub>CP</sub> **und** [ein Bekannter von ihr hat eine Katze getreten]<sub>CP</sub>

Adverbialia, die zwischen dem Konjunkt und seinem satzförmigen zweiten Konjunkt stehen, sollten Adjunkte zur CP sein. BLÜHDORN (2012b: 201) bezeichnet die syntaktische Position solcher Adverbialia als linke externe Adjunktposition (LEA). Typischerweise werden Adverbialia in dieser Position als Topiks markiert. Den Fokus lege ich in allen Beispielen auf die VP:

- (19j) ≠und /**SCHNELL** – anna möchte zehn kilo AB\nehmen
- (20j) \*und /**UNabsichtlich** – ein bekannter von ihr hat eine KAT\ze getreten
- (21j) ??und /**HEUTE** – die gesellschaft will kritikfähigkeit von jedem SCHUL\kind erwarten
- (22j) und /**SIcherlich** – deutschland hat einen großen schritt in richtung we EMM\gemacht
- (23j) und /**LEIder** – die schüler hatten ihr WÖR\terbuch vergessen

(24j) und **ehrlich ge/SAGT** – jemand wie otto sollte den JOB\ wechseln

Für Adverbialia der Klassen (iv) bis (vi) ist diese Stellung unproblematisch; für Adverbialia der Klassen (i) und (ii) ist sie ungrammatisch; für Adverbialia der Klasse (iii) ist sie fragwürdig. Gerade bei LEA-Stellung ist aber jederzeit mit Reinterpretationen zu rechnen. So kann (19j) zwar nicht in dem Sinne verstanden werden, dass Anna schnell abnehmen will, durchaus aber in dem Sinne, dass der Sprecher schnell eine Mitteilung machen möchte. *Schnell* wird dann als Adverbiale der Klasse (vi) gedeutet. Auch *heute* in (21j) ist, wenn man den Satz akzeptiert, wahrscheinlich als Adverbiale der Klasse (vi) zu lesen: als Bestimmung des Zeitpunkts, zu dem der Sprecher die Äußerung macht oder für den er Gültigkeit seiner Aussage beansprucht.

Adverbialia der Klassen (i) bis (iii) können nicht oder kaum als CP-Adjunkte auftreten. Adverbialia der Klassen (iv) bis (vi) können es, müssen es aber nicht. Nicht-satzförmige Adverbialia aller Klassen können im Deutschen im Mittelfeld stehen, sind also als IP- oder VP-Adjunkte zugelassen. Die meisten von ihnen können alternativ auch das Vorfeld einnehmen. Ins Vorfeld können IP- und VP-Adjunkte, nicht aber CP-Adjunkte durch Voranstellung eingefügt werden:

- (19k) **Schnell** möchte Anna 10 Kilo abnehmen.
- (20k) **Unabsichtlich** hat ein Bekannter von ihr eine Katze getreten.
- (21k) **Heute** will die Gesellschaft Kritikfähigkeit von jedem Schulkind erwarten.
- (22k) **Sicherlich** hat Deutschland einen großen Schritt in Richtung WM gemacht.
- (23k) **Leider** hatten die Schüler ihr Wörterbuch vergessen.
- (24k) **Ehrlich gesagt** sollte jemand wie Otto den Job wechseln.

Nicht für alle Adverbialia zugänglich ist die sogenannte Nacherststelle (vgl. PASCH et al. 2003: 498f.; BREINDL 2008, 2011; BLÜHDORN 2011: 280f.). Sie liegt zwischen dem Vorfeld und der linken Verbposition und kann nur besetzt werden, wenn die Vorfeldkonstituente akzentuiert ist:

- (19l) \*/ANna **schnell** möchte 10 Kilo AB\nehmen
- (20l) \*ein be/KANNter von ihr **unabsichtlich** hat eine KAT\ze getreten
- (21l) ≠die ge/SELLschaft **heute** will kritikfähigkeit von jedem SCHUL\kind erwarten

- (221) /DEUTSCHland **sicherlich** hat einen großen schritt in richtung weEMM\ gemacht  
 (231) die /SCHÜler **leider** hatten ihr WÖR\terbuch vergessen  
 (241) jemand wie /OTto **ehrlich gesagt** sollte den JOB\ wechseln

Adverbialia der Klassen (i) bis (iii) sind für die Nacherststelle nicht zugelassen. (211) ist zwar möglich, aber nur mit einer Lesart, in der das Adverb Teil der Vorfeldkonstituente ist und somit an einer Nebenlinie der Konstituentenstruktur liegt. Adverbialia der Klassen (iv) bis (vi) sind für die Nacherststelle zugelassen. BLÜHDORN (2012b: 202) deutet die Nacherststelle als durch die Informationsstruktur lizenzierte Parenthese-Position, die die Konstituentenstruktur unterbricht und insofern als syntaktisch desintegriert gelten muss. Sie kann nur von solchen Adverbialia eingenommen werden, die auch als CP-Adjunkte vorkommen.

### 6.3 Zusammenfassung

Die Tests haben gezeigt, dass nicht-satzförmige Adverbialia aller untersuchten Klassen in mehreren syntaktischen Positionen auftreten können. Die meisten zeigen allerdings auch mehr oder weniger klare Positionspräferenzen. Die Befunde im Einzelnen:

- Adverbialia der Klasse (i) – Sachverhaltsbeschreibung einschließlich Aspektualität, z.B. *schnell* – müssen syntaktisch stark integriert, d.h. als Adjunkte zur VP realisiert werden.
- Adverbialia der Klasse (ii) – Handlungsabsichten des besprochenen Subjekts, z.B. *unabsichtlich* – müssen integriert realisiert werden. Starke Integration, als VP-Adjunkt, ist präferiert; schwache Integration, als IP-Adjunkt, ist nicht ausgeschlossen.
- Adverbialia der Klasse (iii) – zeitliche Situierung, z.B. *heute* – sind gleichermaßen als VP- und IP-Adjunkte, kaum aber als CP-Adjunkte zugelassen.
- Adverbialia der Klasse (iv) – Wissen des Sprechers (Evidentialität und epistemische Modalität), z.B. *sicherlich* – erlauben neben einer syntaktisch integrierten auch eine desintegrierte Verwendung. Bevorzugt werden sie als IP-Adjunkte realisiert, aber sie können auch als VP- oder CP-Adjunkte auftreten und die Nacherststelle besetzen.
- Adverbialia der Klasse (v) – Bewertung des Sprechers, z.B. *leider* – und Adverbialia der Klasse (vi) – Handlungsabsichten des Sprechers, z.B. *ehrlich gesagt* – sind als VP-

Adjunkte kaum geeignet bzw. nicht zugelassen. Sie können als IP- oder CP-Adjunkte verwendet werden oder die Nacherststelle einnehmen.

Generell bevorzugen Adverbialia der niederen semantischen Klassen starke syntaktische Integration, solche der mittleren und oberen Klassen schwache Integration. Syntaktische Desintegration ist für die obersten Klassen eine alternative Option.

## 7 Adverbialia im brasilianischen Portugiesisch

Es wurde schon festgestellt, dass Adverbialia im Portugiesischen typischerweise am Satzanfang oder am Satzende stehen (vgl. ILARI / MOURA NEVES et al. 2008: 408; KATO / NASCIMENTO et al. 2009: 218ff.). Am Satzanfang können sie CP- oder IP-Adjunkte sein, am Satzende CP-, IP- oder VP-Adjunkte. Adverbialia, die links an die VP adjungiert sind, stehen im Satzinnern. Da das Subjekt aus der SpV- in die SpI-Position und das Finitum aus der V<sup>0</sup>- in die I<sup>0</sup>-Position bewegt wird, sind linke VP-Adjunkte in der Linearität des Satzes unmittelbar rechts des Finitums zu erwarten (s.o. Kapitel 2, Abb. 4):<sup>10</sup>

- (31) [[o governo federal]<sub>2</sub> adiou<sub>1</sub> [**mais uma vez** [t<sub>2</sub> t<sub>1</sub> o anúncio de um pacote de medidas de incentivo à pesquisa]<sub>VP</sub>]<sub>VP</sub>]<sub>IP</sub>  
*Die Bundesregierung verschob **erneut** die Ankündigung eines Maßnahmenpakets zur Forschungsförderung.*

Besteht das Verb aus einer finiten und einer infiniten Form, so können links an die VP adjungierte Adverbialia auch zwischen den Verbformen stehen, wenn man annimmt, dass nur das finite Verb in die I<sup>0</sup>-Position bewegt wird, das infinite aber in der V<sup>0</sup>-Position verbleibt:

- (32) [sociólogos<sub>2</sub> têm<sub>1</sub> [**sempre** [t<sub>2</sub> t<sub>1</sub> estudado os líderes como um fenômeno social da mais alta relevância]<sub>VP</sub>]<sub>VP</sub>]<sub>IP</sub>  
*Soziologen haben **stets** die Anführer als soziale Erscheinung von höchster Relevanz untersucht.*

Manchmal stehen Adverbialia zwischen Subjekt und finitem Verb:

<sup>10</sup> In den folgenden Beispielen zeige ich durch eckige Klammern die Konstituentenstruktur an.

- (33) [[o boato de que Luíza estaria na Bienal]<sub>1</sub> [**rapidamente** [t<sub>1</sub> foi confirmado]<sub>IP</sub>]<sub>IP</sub>]<sub>TopP</sub>  
*Das Gerücht, dass Luíza zur Biennale kommen sollte, wurde **rasch** bestätigt.*

In dieser Stellung kann das Adverbiale IP-Adjunkt sein, wenn man annimmt, dass das Subjekt (hier: *o boato de que Luíza estaria na Bienal*) nicht in der SpI-Position steht, sondern aus informationsstrukturellen Gründen in eine höhere X-bar-Stufe weiterbewegt wurde, die zur C-Ebene im Sinne von RIZZI (1997) gehört, z.B. eine Topik-Phrase (vgl. KATO / NASCIMENTO et al. 2009: 179ff., 221f.).

Adverbialia, die im Sinne CINQUES (1999: 130) aspektuelle Information kodieren wie *já* ('schon'), *ainda* ('noch'), *rapidamente* ('schnell') oder *imediatamente* ('sofort') können im portugiesischen Satz Positionen einnehmen, die unmittelbar ans Verb angrenzen:

- (34) [a empresa<sub>2</sub> vai<sub>1</sub> [t<sub>2</sub> t<sub>1</sub> aumentar **ainda** o investimento de capital de risco]<sub>VP</sub>]<sub>IP</sub>  
*Die Firma wird (**auch**) **noch** die Investition von Risikokapital steigern.*

*Ainda* in (34) steht im Inneren der VP, zwischen dem infiniten Verb und seinem Objekt. Solche Adverbialia scheinen nicht an eine Phrase, sondern direkt ans Verb adjungiert zu sein (vgl. KATO / NASCIMENTO et al. 2009: 223). Die folgenden Stellungsvarianten (Originalbelege aus dem Internet) sind möglich (mit feinen Unterschieden in der Satzbedeutung):

- (35) [a empresa<sub>2</sub> vai<sub>1</sub> [t<sub>2</sub> t<sub>1</sub> **ainda** aumentar o intercâmbio de tecnologia]<sub>VP</sub>]<sub>IP</sub>  
*Die Firma wird (**auch**) **noch** den Technologieaustausch steigern.*
- (36) [a empresa<sub>2</sub> **ainda** vai<sub>1</sub> [t<sub>2</sub> t<sub>1</sub> aumentar o espaço para estacionamento de carros]<sub>VP</sub>]<sub>IP</sub>  
*Die Firma wird **noch** den Parkplatz für Autos vergrößern.*

In (35) ist *ainda* als Adjunkt zum infiniten Verb dargestellt. In der gleichen Wortkette könnte es auch als linkes Adjunkt zur VP oder als rechtes Adjunkt zum Finitum gedeutet werden. In (36) ist es als linkes Adjunkt zum Finitum bzw. zu I' dargestellt. Adverbialia als enge Verbadjunkte bleiben im Folgenden ausgeblendet.



Für das Portugiesische untersuche ich die gleichen Adverbialklassen wie zuvor für das Deutsche, anhand der folgenden Beispielsätze:

- (37) Os alimentos com alto índice glicêmico aumentam **rapidamente** o nível de açúcar no sangue. (Klasse i)  
*Nahrungsmittel mit hohem Zuckeranteil erhöhen **schnell** den Zuckerspiegel im Blut.*
- (38) **Sem querer** apaguei o número do meu celular. (Klasse ii)  
*Aus **Vorsehen** habe ich die Nummer meines Handys gelöscht.*
- (39) **Hoje**, os funcionários participam de assembleia às 13h30. (Klasse iii)  
***Heute** nehmen die Angestellten um 13.30 Uhr an einer Versammlung teil.*
- (40) **Certamente**, os visitantes saem do museu com algum conhecimento adquirido. (Klasse iv)  
***Sicher** verlassen die Besucher das Museum mit neu erworbenem Wissen.*
- (41) **Infelizmente** a profissão do advogado perdeu muito do seu valor para a sociedade brasileira. (Klasse v)  
***Leider** hat der Beruf des Rechtsanwalts viel von seinem Wert für die brasilianische Gesellschaft verloren.*
- (42) **Francamente**, o instituto deveria ter estudado as informações antes de ter divulgado. (Klasse vi)  
***Offen gesagt** hätte das Institut die Informationen vor der Weitergabe prüfen müssen.*

In (37) steht das Adverbiale rechts des finiten Verbs. Es kann links an die VP adjungiert sein. Eine Adjunktion unmittelbar ans Verb ist auch denkbar. In allen übrigen Beispielen stehen die Adverbialia am Satzanfang, gefolgt vom Subjekt bzw. in (38) vom Finitum mit implizitem Subjekt der 1. Person Singular. Es ist anzunehmen, dass es sich in diesen Sätzen um IP-Adjunkte handelt. Bei Adverbialia der Klasse (i) ist diese Stellung weniger üblich, aber mit geeigneter Informationsstruktur ebenfalls möglich:

- (37') /**RApida**/M**EN**te os alimentos com /ALto índice gli/CÊmico au/M**EN**tam o nível de açúcar no SAN\gue<sup>11</sup>

<sup>11</sup> Streng genommen werden Topiks und Fokus im Portugiesischen weniger durch Tonhöhenbewegung als durch Dehnung der relevanten Silben markiert (Quantitätsakzent; vgl.: MASSINI-CAGLIARI / CAGLIARI 2000: 113). Um die Notation nicht unnötig kompliziert zu gestalten, transkribiere ich die Intonation in den portugiesischen Beispielen dennoch wie im Deutschen. Im hier gegebenen Rahmen kann das meines Erachtens nicht zu Missverständnissen führen.

## 7.1 Sachverhaltsbezug vs. Sprecherbezug

Die Unterscheidung zwischen Sachverhalts- und Sprecherbezug manifestiert sich im Portugiesischen genauso wie im Deutschen: z.B. bei der Negierbarkeit, der Modifizierbarkeit durch Fokuspartikeln, der Erfragbarkeit, der Abspaltbarkeit und Fokussierbarkeit (vgl. ILARI / MOURA NEVES et al. 2008: 407). In Bezug auf Negierbarkeit unterscheiden sich Adverbialia der Klassen (i) bis (iii) von solchen der Klassen (iv) bis (vi):

- (37a) Os alimentos com alto índice glicêmico aumentam o nível de açúcar no sangue, mas **não rapidamente**.
- (38a) Apaguei o número do meu celular, mas **não sem querer**. {Foi de propósito.}
- (39a) Os funcionários participam de assembleia às 13h30, mas **não hoje**.
- (40a) Os visitantes saem do museu com algum conhecimento adquirido, ??mas **não certamente**.
- (41a) A profissão do advogado perdeu muito do seu valor para a sociedade brasileira, ?mas **não infelizmente**.
- (42a) O instituto deveria ter estudado as informações antes de ter divulgado, #mas **não francamente**.

Sätze wie (37a) bis (39a) sind unproblematisch. (40a) und (41a) sind fragwürdig, (42a) ist abweichend. (41a) kann als Antwort auf einen Vorredner dienen, der auf den beschriebenen Sachverhalt hingewiesen und ihn mit *infelizmente* bewertet hat. Mit der Antwort wird dann die Sachverhaltsbeschreibung anerkannt, die Bewertung aber zurückgewiesen. Eine solche Negation ist nicht auf die Bedeutung von *infelizmente*, sondern auf seinen Gebrauch als Formulierungsoption zu beziehen (vgl. BLÜHDORN 2012a: 430f.). Eine ähnliche – logisch allerdings fragwürdige – Deutung, in der *certamente* als Formulierungsoption zurückgewiesen wird, ist eventuell auch für (40a) vorstellbar.

Ein ähnliches Bild zeigt sich in Bezug auf die Modifizierbarkeit der Adverbialia durch Fokuspartikeln, etwa durch *até (mesmo)* – ‘sogar’:

- (37b) Os alimentos com alto índice glicêmico aumentam **até rapidamente** o nível de açúcar no sangue.
- (38b) Apaguei o número do meu celular **até sem querer**.
- (39b) Os funcionários participam de assembleia às 13h30, **até (mesmo) hoje**.

- (40b) Os visitantes saem do museu com algum conhecimento adquirido, ??**até certamente**.  
 (41b) A profissão do advogado perdeu muito do seu valor para a sociedade brasileira, **≠até infelizmente**.  
 (42b) O instituto deveria ter estudado as informações antes de ter divulgado, **#até francamente**.

(37b) bis (39b) sind unproblematisch. (40b) ist fragwürdig, (42b) abweichend. In (41b) ist die Fokuspartikel auf die Wahl von *infelizmente* als Formulierungsoption zu beziehen, etwa im Sinne von ‘ich sage sogar *infelizmente*’. Es handelt sich dann nicht um eine gewöhnliche Verwendung, sondern um eine Zitierung von *infelizmente*. Nur in diesem Sinne kommen Adverbialia der Klassen (iv) und (v) gelegentlich als Bezugsausdrücke für Negation oder Fokuspartikeln in Frage.

Adverbialia der Klassen (i) bis (iii) sind mit *qu*-Phrasen erfragbar, Adverbialia der Klassen (iv) bis (vi) nicht:

- (37c) **Em quanto tempo** os alimentos com alto índice glicêmico aumentam o nível de açúcar no sangue? – **É rapidamente**.  
 (38c) **Por qual motivo** você apagou o número do seu celular? – Foi **sem querer**.  
 (39c) **Em que dia** os funcionários participam de assembleia às 13h30? – **É hoje**.  
 (40c) **De que maneira** os visitantes saem do museu com algum conhecimento adquirido? – **#É certamente**.  
 (41c) **De que maneira** a profissão do advogado perdeu muito do seu valor para a sociedade brasileira. – **#É infelizmente**.  
 (42c) **De que maneira** o instituto deveria ter estudado as informações antes de ter divulgado? – **#É francamente**.

Adverbialia der Klassen (i) bis (iii) können abgespalten und dabei fokussiert werden:

- (37d) **é rápida/MEN\te** que os alimentos com alto índice glicêmico aumentam o nível de açúcar no sangue  
 (38d) **foi sem que/RER\** que apaguei o número do meu celular  
 (39d) **é /HO\je** que os funcionários participam de assembleia às 13h30

Ob *sem querer* in einem Satz wie (38) den Test für Satzadverbialia bestehen würde, ist fraglich; *rapidamente* in (37) besteht ihn keinesfalls. Im Deutschen sind Adverbialia der Klasse (i) schlecht, solche der Klasse (ii) nicht ohne weiteres als Fokus abspaltbar. Das

Portugiesische ist satzspaltungsfreudiger und -tolanter als das Deutsche (vgl. dazu REICHMANN 2005).

Bei den nicht-erfragbaren Satzadverbialia der Klassen (iv) bis (vi) führt fokussierende Abspaltung zu fragwürdigen bis ungrammatischen Ergebnissen. Bei *infelizmente* in (41d) kommt eventuell eine Fokussierung zur Hervorhebung der gewählten Formulierungsoption in Frage:

- (40d) ??é /**CERta**MEN\te que os visitantes saem do museu com algum conhecimento adquirido
- (41d) ?é /**INfeliz**MEN\te que a profissão do advogado perdeu muito do seu valor para a sociedade brasileira
- (42d) \*é /**FRANca**MEN\te que o instituto deveria ter estudado as informações antes de ter divulgado

## 7.2 VP-, IP- und CP-Adjunkte

Als nächstes untersuche ich das Verhalten von Adverbialia in Pseudo-Spaltsätzen mit VP-Abtrennung (vgl. KATO / NASCIMENTO et al. 2009: 281ff.). Der erste Teil solcher Sätze ist ein freier Relativsatz (RS), der als Subjekt fungiert. Als zweiter Teil wird mit einer Form des Verbs *ser* die infinite VP angeschlossen. Ich verwende eine intonatorische Gestaltung, in der der Relativsatz als Topik und die VP als Fokus markiert ist. Zur Verdeutlichung gebe ich auch die deutschen Übersetzungen mit entsprechender Intonation:

- (43) [o que o instituto deveria ter /FEIto]<sub>RS</sub> é [estuDAR\ as informações antes de divulgar]<sub>VP</sub>  
*was das institut hätte /TUN müssen ist die informationen vor der weitergabe PRÜ\fen*

Nicht-akzentuierte Adverbialia der Klassen (i) und (ii) verbleiben in solchen Konstruktionen in der abgespaltenen VP:

- (37e) o que os alimentos com alto índice glicêmico /FAzem é aumentar **rapidamente** o nível de açúcar no SAN\gue  
*was nahrungsmittel mit hohem zuckeranteil /TUN ist den zuckerspiegel im BLUT\ schnell erhöhen*
- (38e) o que eu /FIZ foi apagar **sem querer** o número do meu celuLAR\  
*was ich ge/MACHT habe war **aus versehen** die nummer meines HAN\dys löschen*

Werden Adverbialia der Klassen (i) und (ii) in den freien Relativsatz eingefügt, so müssen sie intonatorisch als Topiks im Sinne von BÜRING (1997: 53ff.) und BLÜHDORN (2012a: 151ff.) markiert werden. Dadurch entsteht eine Informationsstruktur, die nur für spezielle Kontexte geeignet ist:

- (37f) o que os alimentos com alto índice glicêmico fazem **rapida/MENte** é aumentar o nível de açúcar no SAN\gue  
*was nahrungsmittel mit hohem zuckeranteil /SCHNELL tun ist den zuckerspiegel im BLUT\ erhöhen*
- (38f) o que eu fiz **sem que/RER** foi apagar o número do meu celuLAR\  
*was ich **aus ver/SEhen** gemacht habe war die nummer meines HAN\dys löschen*

Das als Topik markierte Adverbiale kann dem freien Relativsatz auch vorangestellt werden. Dann ist eine Interpretation im Sinne der Klasse (i) aber nicht mehr möglich. Das Adverbiale in (37g) muss auf die Handlungsabsichten des Sprechers bezogen, also der Klasse (vi) zugeordnet werden: Der Sprecher möchte die folgende Mitteilung schnell äußern. Adverbialia der Klasse (ii) können diese Stellung einnehmen:

- (37g) **≠rapida/MENte** o que os alimentos com alto índice glicêmico /FAzem é aumentar o nível de açúcar no SAN\gue
- (38g) **sem que/RER** o que eu /FIZ foi apagar o número do meu celuLAR\  
*was ich **aus ver/SEhen** gemacht habe war die nummer meines HAN\dys löschen*

Adverbialia in dieser Position sind als Adjunkte zur CP zu deuten – entweder der CP des Subjekt-Relativsatzes oder der CP des Gesamtsatzes.

Adverbialia der Klasse (iii) können bei VP-Abspaltung unakzentuiert in der VP verbleiben wie in (39e) oder unakzentuiert im freien Relativsatz stehen wie in (39f). Als Topik markiert werden müssen sie nur, wenn sie dem freien Relativsatz vorangestellt werden wie in (39g):

- (39e) o que os funcionários /FAzem é participar **hoje** de assembleia às treze e TRIN\ta  
*was die angestellten /TUN ist heute um 13 uhr 30 an einer verSAMM\lung teilnehmen*
- (39f) o que os funcionários /FAzem **hoje** é participar de assembleia às treze e TRIN\ta  
*was die angestellten heute /TUN ist um 13 uhr 30 an einer verSAMM\lung teilnehmen*
- (39g) /**HOje** o que os funcionários /FAzem é participar de assembleia às treze e TRIN\ta

Adverbialia der Klassen (iv) und (v) können in der abgespaltenen VP nur als Parenthesen, also syntaktisch desintegriert, verbleiben. Entsprechend müssen sie durch Interpunktion bzw. Prosodie abgegrenzt werden. Alternativ können sie als Adverbialia einer niedrigeren Klasse reinterpretiert werden:

- (40e) o que os visitantes /FAzem é sair – **certamente** – do museu com algum conhecimento adquiRI\do
- (41e) o que a profissão do advogado /FEZ foi perder – **infelizmente** – muito do seu vaLOR\ para a sociedade brasileira

Dafür können solche Adverbialia, ohne einen Akzent zu verlangen, eine Position im Innern oder am linken Rand des freien Relativsatzes einnehmen:

- (40f) o que os visitantes **certamente** /FAzem é sair do museu com algum conhecimento adquiRI\do  
*was die besucher sicher /TUN ist das museum mit neu erworbenem WIS\sen verlassen*
- (41f) o que a profissão do advogado **infelizmente** /FEZ foi perder muito do seu vaLOR\ para a sociedade brasileira  
*was der beruf des rechtsanwalts leider ge/TAN hat war viel von seinem WERT\ für die brasilianische gesellschaft verlieren*
- (40g) **certamente** o que os visitantes /FAzem é sair do museu com algum conhecimento adquiRI\do
- (41g) **infelizmente** o que a profissão do advogado /FEZ foi perder muito do seu vaLOR\ para a sociedade brasileira

Adverbialia der Klasse (vi) können – auch als Parenthesen – nicht in der abgespaltenen VP verbleiben. In (42e) muss *francamente* als Adverbiale der Klasse (ii) (Handlungsabsichten des besprochenen Subjekts) interpretiert werden. Im Innern des freien Relativsatzes können

Adverbialia der Klasse (vi) nur als Parenthesen wie in (42f) stehen. Ihre bevorzugte Position ist am linken Rand des freien Relativsatzes wie in (42g). Dort können sie akzentuiert werden, aber problemlos auch unakzentuiert bleiben:

- (42e) ≠o que o instituto deveria ter /FEIto é estuDAR\ **francamente** as informações antes de divulgar  
 ≠was das Institut hätte /TUN müssen ist die informationen vor der weitergabe **ehrlich** PRÜ\fen
- (42f) o que o instituto – **francamente** – deveria ter /FEIto é estuDAR\ as informações antes de divulgar  
 was das institut – **offen gesagt** – hätte /TUN müssen ist die informationen vor der weitergabe PRÜ\fen
- (42g) **francamente** o que o instituto deveria ter /FEIto é estuDAR\ as informações antes de divulgar  
**offen gesagt** was das institut hätte /TUN müssen ist die informationen vor der weitergabe PRÜ\fen

Die Beispiele zeigen deutlich, dass Adverbialia der Klassen (iv) bis (vi) syntaktisch keine Einheiten mit der VP bilden. Das hat Konsequenzen für Adverbialia in Satzendstellung. In der Struktur des portugiesischen Satzes ist das Satzende, anders als im Deutschen, zugleich der rechte Rand der VP und der IP. Theoretisch ist bei solchen Adverbialia nicht erkennbar, welche Phrase ihr syntaktischer Wirt ist. In der Praxis machen Schreiber und Sprecher des Portugiesischen aber meist recht deutliche Unterschiede zwischen nachgestellten (stark integrierten) VP-Adjunkten und nachgestellten (schwach integrierten) IP-Adjunkten: in der Schreibung durch Nicht-Setzung vs. Setzung eines Kommas, im gesprochenen Medium durch intonatorische Integration vs. Abgrenzung mittels einer Pause und/oder eines Tonwechsels.

Adverbialia der Klasse (i) werden in Satzendstellung praktisch obligatorisch als stark integriert gekennzeichnet wie in (37h). Kommasetzung bzw. intonatorische Abgrenzung wie in (37i) sind fragwürdig bzw. führen dazu, dass das Adverbiale als syntaktisch unverbundener Nachtrag gedeutet wird:

- (37h) os alimentos com alto índice gli/CÊmico aumentam o nível de açúcar no sangue **rapidaMEN\te**
- (37i) os alimentos com alto índice gli/CÊmico aumentam o nível de açúcar no SAN\gue – **rapida/MEN\te**

Auch bei Adverbialia der Klassen (ii) und (iii) führt Kommasetzung bzw. intonatorische Abgrenzung wie in (38i) und (39i) zur Interpretation als Nachtrag:

- (38h) apaguei o número do meu celu/LAR\ **sem querer**  
 (38i) apaguei o número do meu celu/LAR\ – **sem que/RER\**
- (39h) os funcio/NÁrios participam de assembleia às treze e TRIN\ta **hoje**  
 (39i) os funcio/NÁrios participam de assembleia às treze e TRIN\ta – /**HO\je**

Für Adverbialia der Klassen (iv) und (v) ist umgekehrt die Kennzeichnung als schwach integriert oder desintegriert durch Kommasetzung bzw. intonatorische Abgrenzung wie in (40i) und (41i) bevorzugt:

- (40h) os visitantes /SAEM do museu com algum conhecimento adquiriRI\do **certamente**  
 (40i) os visitantes /SAEM do museu com algum conhecimento adquiriRI\do – **certa/MEN\te**
- (41h) a profissão do advo/GAdo perdeu muito do seu vaLOR\ para a sociedade brasileira **infelizmente**  
 (41i) a profissão do advo/GAdo perdeu muito do seu vaLOR\ para a sociedade brasileira – /**INfelizMEN\te**

Wird kein Komma gesetzt bzw. keine intonatorische Abgrenzung vorgenommen, können – je nach Kontext und sonstiger Intonation – Reinterpretationen der Adverbialia im Sinne einer niedrigeren semantischen Klasse die Folge sein (z.B. *adquirido certamente* – ‘auf sichere Art und Weise erworben’):

- (40h’) os visitantes /SAEM do museu com algum conhecimento adquirido **certaMEN\te**

Für Adverbialia der Klasse (vi) ist die interpunktorische bzw. intonatorische Abgrenzung wie in (42i) praktisch obligatorisch. Fehlt sie, wie in (42h), so resultiert eine Reinterpretation:

- (42h) ≠o insti/TUto deveria ter estuda\do as informações antes de ter divulgado **francamente**  
*≠das insti/TUT hätte die informationen PRÜ\fen müssen bevor es sie **freigebig** weiterreichte*



- (42i) o insti/TUto deveria ter estuDA\do as informações antes de ter divulgado –  
**francamente**  
*das insti/TUT hätte die informationen PRÜ\fen müssen bevor es sie weiterreichte –  
 offen gesagt*

Wir hatten schon gesehen, dass Adverbialia der Klassen (i) bis (vi) am Anfang eines gewöhnlichen Deklarativsatzes mit Subjekt-Verb-Abfolge stehen, also als linke IP-Adjunkte fungieren können.

Zuletzt untersuche ich noch, welche Adverbialia als Adjunkte zur CP zugelassen sind. Als CPn sind im Portugiesischen unter anderem Sätze zu betrachten, in denen ein Satzglied, insbesondere ein Nicht-Subjekt, aus informationsstrukturellen Gründen vorangestellt wurde. KATO / NASCIMENTO et al. (2009: 38ff., 179ff.) unterscheiden zwischen CPn im engeren Sinne und Topik-Phrasen. Nach RIZZI (1997: 285ff.) gehören Topik- und Fokus-Phrase zur ausdifferenzierten C-Ebene. Adverbialia, die an solche Phrasen adjungiert werden, müssen als syntaktisch desintegriert gelten und von (schwach integrierten) IP-Adjunkten unterschieden werden.

In den folgenden Varianten der Beispielsätze ist jeweils ein Nicht-Subjekt als Topik vorangestellt. Links davon sind die Adverbialia mit intonatorischer Markierung als weitere Topiks adjungiert. In (37j) kann *rapidamente* nicht als Adverbiale der Klasse (i), sondern nur als solches der Klasse (vi) (Handlungsabsichten des Sprechers) gelesen werden (hier: ‘der Sprecher will schnell eine Mitteilung machen’). Bei Adverbialia der Klassen (ii) und (iii) ist eine Verwendung wie in (38j) und (39j) fragwürdig. Mit Adverbialia der übrigen Klassen sind die Sätze unproblematisch:

- (37j) ≠[**rapida/MENte** – [[o nível de açúcar no /SANgue]<sub>1</sub> [os alimentos com alto índice glicêmico auMEN\tam t<sub>1</sub>]<sub>IP</sub>]<sub>TopP</sub>]<sub>TopP</sub>  
 ≠/**SCHNELL** – den zuckerspiegel im /BLUT erHÖ\hen nahrungsmittel mit hohem zuckeranteil
- (38j) ??[**sem que/RER** [[o número do seu celu/LAR]<sub>1</sub> [meu colega apaGOU\ t<sub>1</sub>]<sub>IP</sub>]<sub>TopP</sub>]<sub>TopP</sub>
- (39j) ??[**HOje** [[da assembleia às treze e /TRINta]<sub>1</sub> [os funcionários partiCI\pam t<sub>1</sub>]<sub>IP</sub>]<sub>TopP</sub>]<sub>TopP</sub>
- (40j) [/**CERta/MENte** [[do mu/SEU]<sub>1</sub> [os visitantes saem t<sub>1</sub> com algum conhecimento aquiRI\do]<sub>IP</sub>]<sub>TopP</sub>]<sub>TopP</sub>
- (41j) [/**INfeliz/MENte** [[o seu valor para a sociedade brasi/LEIra]<sub>1</sub> [a profissão do advogado perdeu completaMEN\te t<sub>1</sub>]<sub>IP</sub>]<sub>TopP</sub>]<sub>TopP</sub>

- (42j) [/**FRANca/MENte** [[/ESSsas informa/ÇÕES]<sub>1</sub> [o instituto deveria ter estuda\do t<sub>1</sub> antes de ter divulgado]<sub>IP</sub>]<sub>TopP</sub>]<sub>TopP</sub>

Eine ähnliche Verteilung zeigt sich für unakzentuierte Adverbialia rechts von einem Topik. Adverbialia der Klasse (i) sind in dieser Stellung ungrammatisch. Über Adverbialia der Klassen (ii) und (iii) gehen die Meinungen meiner Informanten auseinander. Sie scheinen in dieser Stellung fragwürdig zu sein. Adverbialia der Klassen (iv) bis (vi) sind unproblematisch:

- (37k) \*[[o nível de açúcar no /SANGue]<sub>1</sub> [**rapidamente** [os alimentos com alto índice glicêmico auMEN\tam t<sub>1</sub>]<sub>IP</sub>]<sub>IP</sub>]<sub>TopP</sub>
- (38k) ?[[o número do seu celu/LAR]<sub>1</sub> [**sem querer** [meu colega apaGOU\ t<sub>1</sub>]<sub>IP</sub>]<sub>IP</sub>]<sub>TopP</sub>
- (39k) ?[[da assembleia às treze e /TRINta]<sub>1</sub> [**hoje** [os funcionários partiCI\pam t<sub>1</sub>]<sub>IP</sub>]<sub>IP</sub>]<sub>TopP</sub>
- (40k) [[do mu/SEU]<sub>1</sub> [**certamente** [os visitantes saem t<sub>1</sub> com algum conhecimento adquiRI\do]<sub>IP</sub>]<sub>IP</sub>]<sub>TopP</sub>
- (41k) [[o seu valor para a sociedade brasi/LEIra]<sub>1</sub> [**infelizmente** [a profissão do advogado perdeu completaMEN\te t<sub>1</sub>]<sub>IP</sub>]<sub>IP</sub>]<sub>TopP</sub>
- (42k) [[/ESSsas informa/ÇÕES]<sub>1</sub> [**francamente** [o instituto deveria ter estuda\do t<sub>1</sub> antes de ter divulgado]<sub>IP</sub>]<sub>IP</sub>]<sub>TopP</sub>

Funktional ähneln Adverbialia in dieser Position solchen an der Nacherststelle im Deutschen (s.o. Abschnitt 6.2). KATO / NASCIMENTO et al. (2009: 221f.) beschreiben sie als IP-Adjunkte, wie die Klammerungen in (37k) bis (42k) es anzeigen. Sie können aber auch, wie Nacherst-Adverbialia im Deutschen, als durch die Informationsstruktur lizenzierte Parenthesen und damit als syntaktisch desintegriert gedeutet werden. Eine solche Analyse kann erklären, warum sie ähnlich wie CP-Adjunkte distribuiert sind.

### 7.3 Zusammenfassung

Auch im portugiesischen Satz können Adverbialia der meisten semantischen Klassen unterschiedliche Strukturpositionen einnehmen:

- Adverbialia der Klasse (i) – Sachverhaltsbeschreibung einschließlich Aspektualität, z.B. *rapidamente* – müssen integriert realisiert werden. Bevorzugt sind sie Adjunkte zur VP oder zum Verb; Adjunktion an die IP ist aber nicht ausgeschlossen.
- Adverbialia der Klasse (ii) – Handlungsabsichten des besprochenen Subjekts, z.B. *sem querer* – werden in der Regel integriert realisiert. Starke Integration, als VP-Adjunkt, ist präferiert; schwache Integration, als IP-Adjunkt, ist möglich. Adjunktion an die CP ist untypisch, aber nicht ausgeschlossen.
- Adverbialia der Klasse (iii) – zeitliche Situierung, z.B. *hoje* – sind gleichermaßen als VP- und IP-Adjunkte zugelassen. Auch als CP-Adjunkte sind sie zugelassen, aber weniger typisch.
- Adverbialia der Klasse (iv) – Wissen des Sprechers (Evidentialität und epistemische Modalität), z.B. *certamente* – erlauben integrierte und desintegrierte Verwendung. In der Regel sind sie IP- oder CP-Adjunkte. Sie können auch die Nacherststelle einnehmen. Eine Verwendung als VP-Adjunkte ist fragwürdig.
- Adverbialia der Klasse (v) – Bewertung des Sprechers, z.B. *infelizmente* – sind als VP-Adjunkte nicht zugelassen. Sie können als IP- oder CP-Adjunkte verwendet werden oder die Nacherststelle einnehmen.
- Adverbialia der Klasse (vi) – Handlungsabsichten des Sprechers, z.B. *francamente* – werden typischerweise desintegriert verwendet, also als CP-Adjunkte oder an der Nacherststelle. Als IP-Adjunkte sind sie auch möglich; als VP-Adjunkte sind sie ausgeschlossen.

Die Befunde ähneln denen, die in Unterkapitel 6.3 für das Deutsche erbracht wurden. Adverbialia der unteren semantischen Klassen bevorzugen starke syntaktische Integration; Adverbialia der mittleren Klassen können stark oder schwach integriert und auch desintegriert gebraucht werden. Für Adverbialia der oberen Klassen ist starke Integration untypisch oder ausgeschlossen; Adverbialia der obersten Klasse werden bevorzugt desintegriert realisiert. Nicht-satzförmige Adverbialia, die ausschließlich auf eine desintegrierte Verwendung festgelegt sind, gibt es aber auch im Portugiesischen nicht.

## 8 Fazit

Mit dem Drei-Ebenen-Modell von RIZZI (1997) lassen sich die Positionen von Adverbialia in der Konstituentenstruktur deutscher und portugiesischer Sätze auf einheitliche Weise beschreiben und Gemeinsamkeiten herausstellen. In der Linearstruktur des Satzes liegen die Positionen für Adverbialia im Deutschen und Portugiesischen aber unterschiedlich.

Der portugiesische Satz hat eine konzentrische Linearstruktur. Im Mittelpunkt steht das Verb. Außer engen Verbadjunkten, die in diesem Aufsatz nur am Rande erwähnt wurden, stehen im Satzinneren linke Adjunkte zur VP. Linke Adjunkte zur IP stehen im Satzinneren, wenn eine C-Ebene vorhanden ist, also in Nebensätzen sowie in Hauptsätzen mit Konstituenten, die aus informationsstrukturellen Gründen vorangestellt wurden. Desintegrierte Adjunkte können im Satzinneren als Parenthesen auftreten, z.B. an der Nacherststelle. Alle sonstigen Adjunkte stehen an der Satzperipherie.

Im Deutschen stehen CP-Adjunkte an der Satzperipherie – in der linken externen Adjunktposition (LEA: vor dem Vorfeld) oder in der rechten externen Adjunktposition (REA: nach dem Nachfeld; vgl. BLÜHDORN 2012b: 201, 204). Als Parenthesen können desintegrierte Adjunkte auch im Satzinneren stehen, z.B. an der Nacherststelle. Rechte IP-Adjunkte stehen am Satzrand (im Nachfeld). Sie können jedoch als „ausgeklammert“ gedeutet werden, also als Konstituenten, die aus einer Position im Mittelfeld herausbewegt wurden. Linke IP- und VP-Adjunkte haben ihre Grundpositionen auf jeden Fall im Mittelfeld. Sie können ins Vorfeld bewegt werden, das zwar am Satzrand liegt, aber im Gegensatz zu peripheren Adjunktpositionen eindeutig eine Integrationsposition ist.

Durch seine Felderstruktur ist der deutsche Satz kompakter als der portugiesische. Das Gebiet, in dem syntaktische Integration vorherrscht (Vorfeld, Mittelfeld, Nachfeld), ist relativ deutlich von Gebieten möglicher Desintegration (LEA und REA) abgegrenzt. Für den portugiesischen Satz scheint demgegenüber eher eine graduelle Abnahme der Integration von innen nach außen charakteristisch zu sein.

Dieser unterschiedlichen strukturellen Charakteristik entspricht das Verhalten der Adverbialia. Die folgende Übersicht zeigt die möglichen Stellungen im Vergleich:<sup>12</sup>

	Deutsch			Portugiesisch		
	integriert		desint.	integriert		desint.
	VP	IP	CP/PT	VP	IP	CP/PT
(i)	✓			✓	(✓)	
(ii)	✓	(✓)		✓	✓	(✓)
(iii)	✓	✓	((✓))	✓	✓	(✓)
(iv)	✓	✓	✓	((✓))	✓	✓
(v)	(✓)	✓	✓		✓	✓
(vi)		✓	✓		(✓)	✓

Abb. 9: Mögliche Adverbialstellungen im deutschen und portugiesischen Satz (Übersicht)

Wenn man das Diagramm zeilenweise liest, sieht man, dass für jede der untersuchten Adverbialklassen das Spektrum im Portugiesischen etwas weiter nach rechts reicht bzw. etwas weiter rechts beginnt als im Deutschen. Im Deutschen ist syntaktische Integration bei Adverbialia aller Klassen gegenüber Desintegration präferiert. Alle Adverbialia außer denen der Klasse (vi) können stark integriert verwendet werden. Desintegrierte Verwendung ist bei den Klassen (i) und (ii) ausgeschlossen, bei Klasse (iii) fragwürdig. Für das Portugiesische ist schwach integrierte und desintegrierte Verwendung bei Adverbialia der höheren semantischen Klassen typischer als starke Integration. Für Adverbialia der Klassen (vi) und (v) ist starke Integration ausgeschlossen, für solche der Klasse (iv) ist sie fragwürdig. Desintegrierte Verwendung ist dagegen nur für Adverbialia der Klasse (i) ausgeschlossen.

## Literaturverzeichnis

- BLÜHDORN, Hardarik. *Funktionale Zeichentheorie und deskriptive Linguistik. Ein Entwurf am Beispiel des Gegenwartsdeutschen*. Erlangen: Palm & Enke, 1993.
- BLÜHDORN, Hardarik. „Informationsstrukturelle Gestaltung von Satzverknüpfungen: Wie interagieren Konnektoren und Prosodie?“ In: Breindl, Eva / Ferraresi, Gisella / Volodina, Anna (Hg.). *Satzverknüpfungen. Zur Interaktion von Form, Bedeutung und Diskursfunktion*. Berlin: de Gruyter, 2011. S. 263-295.
- BLÜHDORN, Hardarik. *Negation im Deutschen. Syntax, Informationsstruktur, Semantik*. Tübingen: Narr, 2012(a).
- BLÜHDORN, Hardarik. „Verknüpfungseigenschaften von Satzkonnektoren im Deutschen. Am Beispiel der Kausal- und Konsektivkonnektoren“. In: *Deutsche Sprache* 40, 2012(b). S. 193-220.

<sup>12</sup> Legende: VP – Adjunkt zur VP oder innerhalb der VP, IP – Adjunkt zur IP, CP – Adjunkt zur CP, PT – Parenthese, z.B. Nacherststellung; ✓ – mögliche Stellung, (✓) – mögliche, aber untypische Stellung, ((✓)) – fragwürdige Stellung.

- BLÜHDORN, Hardarik. „Zur Syntax adverbialer Satzverknüpfungen: Deutsch – Italienisch – Portugiesisch“. In: Gunkel, Lutz / Zifonun, Gisela (Hg.). *Deutsch im Sprachvergleich. Grammatische Kontraste und Konvergenzen*. Berlin: de Gruyter, 2012(c). S. 301-331.
- BLÜHDORN, Hardarik / LOHNSTEIN, Horst. „Verumfokus im Deutschen: Versuch einer Synthese“. In: Lohnstein, Horst / Blühdorn, Hardarik (Hg.). *Wahrheit – Fokus – Negation*. Hamburg: Buske, 2012. S. 171-261.
- BLÜHDORN, Hardarik / Ravetto, Miriam. „Satzstruktur und adverbiale Subordination. Eine Studie zum Deutschen und zum Italienischen“. In: *Linguistik online* 67, 2014. S. 3-44.
- BREINDL, Eva. „Die Brigitte nun kann der Hans nicht ausstehen. Gebundene Topiks im Deutschen“. In: *Deutsche Sprache* 36, 2008. S. 27-49.
- BREINDL, Eva. „Nach Rom freilich führen viele Wege. Zur Interaktion von Informationsstruktur, Diskursstruktur und Prosodie bei der Besetzung der Nacherstposition“. In: Ferraresi, Gisella (Hg.). *Konnektoren im Deutschen und im Sprachvergleich. Beschreibung und grammatische Analyse*. Tübingen: Narr, 2011. S. 17-56.
- BÜRING, Daniel. *The Meaning of Topic and Focus. The 59th Street Bridge Accent*. London: Routledge, 1997.
- CHOMSKY, Noam. „Remarks on Nominalization“. In: Jacobs, Roderick A. / Rosenbaum, Peter S. (eds.). *Readings in English Transformational Grammar*. Waltham, Mass.: Ginn, 1970. S. 184-221.
- CINQUE, Guglielmo. *Adverbs and Functional Heads. A Cross-Linguistic Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- CONIGLIO, Marco. *Die Syntax der deutschen Modalpartikeln. Ihre Distribution und Lizenzierung in Haupt- und Nebensätzen*. Berlin: Akademie Verlag, 2011.
- CUNHA, Celso / CINTRA, Luis F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- DRACH, Erich. *Grundgedanken der deutschen Satzlehre*. Frankfurt/Main: Diesterweg, 1937.
- DUDEN. *Die Grammatik. Unentbehrlich für richtiges Deutsch*. 8. Aufl., Mannheim: Dudenverlag, 2009.
- FREY, Werner. „Peripheral adverbial clauses, their licensing and the prefield in German“. In: Breindl, Eva / Ferraresi, Gisella / Volodina, Anna (Hg.). *Satzverknüpfungen. Zur Interaktion von Form, Bedeutung und Diskursfunktion*. Berlin: de Gruyter, 2011. S. 41-77.
- HAEGEMAN, Liliane. „Conditional Clauses: External and Internal Syntax“. In: *Mind & Language* 18, 2003. S. 317-339.
- HAEGEMAN, Liliane. „Conditionals, factives and the left periphery“. In: *Lingua* 116, 2006. S. 1651-1669.
- HAEGEMAN, Liliane. *Adverbial Clauses, Main Clause Phenomena, and the Composition of the Left Periphery*. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- ILARI, Rodolfo / MOURA NEVES, Maria Helena de (orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Vol. 2: *Classes de palavras e processos de construção*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.
- KATO, Mary A. / NASCIMENTO, Milton do (orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Vol. 3: *A construção da sentença*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.
- LOHNSTEIN, Horst. „Artenvielfalt in freier Wildbahn – Generative Grammatik.“ In: Hagemann, Jörg / Staffeldt, Sven (Hg.). *Syntaxtheorien. Analysen im Vergleich*. Tübingen: Stauffenburg, 2014. S. 165-185.
- MASSINI-CAGLIARI, Gladis / CAGLIARI, Luiz Carlos. „Fonética“. In: Mussalim, Fernanda / Bentes, Anna Christina (orgs.). *Introdução à Linguística. Domínios e fronteiras*. Vol. 1, São Paulo: Cortez, 2000. S. 105-146.

- PASCH, Renate / BRAUSSE, Ursula / BREINDL, Eva / WASSNER, Ulrich H. *Handbuch der deutschen Konnektoren. Linguistische Grundlagen der Beschreibung und syntaktische Merkmale der deutschen Satzverknüpfen (Konjunktionen, Satzadverbien und Partikeln)*. Berlin: de Gruyter, 2003.
- RAMERS, Karl Heinz. *Einführung in die Syntax*. München: Fink, 2000.
- RAMERS, Karl Heinz. „Topologische Felder: Nominalphrase und Satz im Deutschen“. In: *Zeitschrift für Sprachwissenschaft* 25, 2006. S. 95-127.
- REICHMANN, Tinka. *Satzspaltung und Informationsstruktur im Portugiesischen und im Deutschen. Ein Beitrag zur Kontrastiven Linguistik und Übersetzungswissenschaft*. Frankfurt/Main: Lang, 2005.
- RIZZI, Luigi. „The Fine Structure of the Left Periphery“. In: Haegeman, Liliane (ed.). *Elements of Grammar. Handbook in Generative Syntax*. Dordrecht: Kluwer, 1997. S. 281–337.
- SCHULZ, Dora / GRIESBACH, Heinz. *Grammatik der deutschen Sprache. Neubearbeitung*. 2. Aufl., München: Hueber, 1980.
- STERNEFELD, Wolfgang. *Syntax. Eine morphologisch motivierte generative Beschreibung des Deutschen*. Band 1, 3. Aufl., Tübingen: Stauffenburg, 2008.
- SUDHOFF, Stefan. *Focus Particles in German. Syntax, prosody, and information structure*. Amsterdam: Benjamins, 2011.
- VILELA, Mário / KOCH, Ingedore Villaça. *Gramática da Língua Portuguesa. Gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto/discurso*. Coimbra: Almedina, 2001.
- WEBELHUTH, Gerd. „X-bar Theory and Case Theory“. In: Webelhuth, Gerd (ed.) (1995). *Government and Binding Theory and the Minimalist Program. Principles and Parameters in Syntactic Theory*. Oxford: Blackwell, 1995. S. 15-95.
- WEINRICH, Harald. *Textgrammatik der deutschen Sprache*. Mannheim: Dudenverlag, 1993.
- WÖLLSTEIN, Angelika. *Topologisches Satzmodell*. Heidelberg: Winter, 2010.
- ZIFONUN, Gisela / HOFFMANN, Ludger / STRECKER, Bruno et al. *Grammatik der deutschen Sprache*. 3 Bände. Berlin: de Gruyter, 1997.

recebido em 08/05/2014  
aprovado em 09/10/2014

# “Great Technology, Football and...”: Malaysian Language Learners’ Stereotypes about Germany

<http://dx.doi.org/10.1590/1982-8837154174>

Larisa Nikitina<sup>1</sup>, Zuraidah Binti Mohd Don<sup>2</sup>, Sau Cheong Loh<sup>3</sup>

**Abstract:** This study focuses on stereotypes about Germany, its culture and people, held by learners of German in a big public university in Malaysia. It examines not only the stereotypical representations of the target language country but also assesses its favourability and salience, which has not been done previously. The findings revealed that the students’ stereotypes about Germany were varied and diverse. Also, they were overwhelmingly positive. The top three salient categories of images about Germany were related to technology, famous personalities – for the most part football players and scientists – and cars. The findings also indicated that very few references had been made to German culture and to its great cultural figures. The results of the present study suggest that students could benefit from a wider and deeper exposure to German culture in the language classroom.

**Keywords:** country stereotypes; Germany; foreign language education; German language

**Zusammenfassung:** Die folgende Studie untersucht stereotypische Wahrnehmungen in Bezug auf ‘Deutsche’ und ‘Deutsche Kultur’ unter den Studenten der Germanistik an einer großen öffentlichen Universität in Malaysia. Das Forschungsprojekt beleuchtet nicht nur stereotypische Repräsentationen des Landes ‘Deutschland’, sondern hinterfragt auch deren Bedeutung und Salienz - in einer Weise, wie es bisher noch nicht geschehen ist. Die Forschungsergebnisse haben erbracht, dass die auf Deutschland bezogenen stereotypischen Wahrnehmungen der Student(inn)en sowohl vielschichtig als auch vielfältig waren. Sie waren darüber hinaus auch überwiegend positiver Natur. An der Spitze des Deutschlandbildes der befragten Student(inn)en standen die drei Kategorien ‘Technologie’, ‘berühmte Persönlichkeiten’ – überwiegend Fußballer und Wissenschaftler – und ‘Automobile’. Die Studie zeigte aber auch, dass es unter den Befragten nur ein sehr geringes Bewusstsein in Bezug auf ‘Deutsche Kultur’ und ‘Kulturelle Persönlichkeiten’ gab. Die dargelegten

<sup>1</sup> University of Malaya, Institute of Graduate Studies. Email: [larisa@siswa.um.edu.my](mailto:larisa@siswa.um.edu.my), [https://www.researchgate.net/profile/Larisa\\_Nikitina](https://www.researchgate.net/profile/Larisa_Nikitina)

<sup>2</sup> University of Malaya, Faculty of Languages and Linguistics. Email: [zuraida@um.edu.my](mailto:zuraida@um.edu.my), <http://www.researcherid.com/rid/C-1161-2010>

<sup>3</sup> University of Malaya, Faculty of Education. Email: [lohsch@um.edu.my](mailto:lohsch@um.edu.my), <http://www.researcherid.com/rid/B-8881-2010>



Forschungsergebnisse legen den Schluss nahe, dass Student(inn)en deutlich von einer weit intensiveren Behandlung deutscher Kultur im Sprachunterricht profitieren würden.

**Stichworte:** stereotypische Wahrnehmungen über Länder; Deutschland; Fremdsprachenunterricht; Deutsche Sprache

## Introduction

Language learners come to the classroom with their own preconceived images and cultural representations of the target language (TL) country, culture and speaking community. As DLASKA (2000: 260) noted, even in the beginner language classroom “stereotypes are always already there”. Walter LIPPMANN (1922/1965: 3) who introduced the concept of stereotypes into the Social Sciences and Humanities argued that stereotypes are not only “pictures in the head” and important cognitive devices but they embed people’s attitudes toward the surrounding world. As he wrote, “The stereotypes are [...] highly charged with the feelings that are attached to them” (LIPPMANN 1922/1965: 64).

The present study focuses on stereotypes about Germany held by learners of German in a big public university in Malaysia. A number of studies have explored language learners’ cultural representations about Germany (ABRAMS 2002; CHAVEZ 2009; SCHULZ & HAERLE 1995; TAYLOR 1977; WEBBER 1990). The findings of these studies informed the teachers about possible pedagogical approaches to the teaching of culture in the language classroom. It should be noted that all of the previous empirical inquiries were done in Western educational contexts. Moreover, these studies examined only the content of the students’ images about the TL country and they did not seek to assess favourability and salience of these representations.

The present study departs from this format. It not only examines the content of the students’ stereotypical images about Germany but also assesses the attitudes embedded in the images and considers how important or salient these stereotypical images are. In this study, stereotypes are defined as “mental images about the target language country held by the learners of German”. This article seeks to address the following questions:

1. What stereotypical images do the beginner learners of the German language have about Germany, its culture and people?
2. Are the students' stereotypes about Germany positive or negative?
3. How salient are these images?

The present study has important pedagogical implications. Several researchers have pointed out that language educators have to face the fact that the language learners hold various kinds of stereotypes about the TL country, culture and native speakers (BYRAM & KRAMSCH, 2008; DREWELOW, 2013). Therefore, language teachers must be prepared to address these stereotypes in the classroom. Exploring the students' stereotypical images about the TL country can help the language educators to make empirically informed decisions about developing the cultural component of the foreign language program.

## 1 Literature Review

### 1.1 The Origins of the Construct

Walter Lippmann (1889-1974) introduced the construct of stereotypes into the fields of the Social Sciences and Humanities in his seminal book "Public Opinion" (1922/1965). He famously described stereotypes as "pictures in our heads" (LIPPMANN 1922/1965: 3) and considered them as an important cultural and social phenomenon. LIPPMANN (1922/1965: 5) argued that our images about the surrounding world are culturally bound and that we tend to perceive various events, people and phenomena "in the form stereotyped for us by our culture". The inseparability of stereotypes from culture and their central function in human cognitive processes help to elucidate the tenacious and pervading nature of stereotypical representations about the world, people and various phenomena.

Lippmann's discourse on stereotypes presaged much of the ensuing empirical research on this psychological construct and many of the themes that he raised remain relevant until the present time. Importantly, Lippmann did not consider that stereotypes are necessarily negative. By contrast, he argued that they are natural and indispensable because

as a cognitive device stereotypes help people to manage and process the incessant inflows of new information.

## 1.2 Stereotypes about Germany and the Germans

Stereotypes about Germany and the Germans have been explored, for the most part, within European and North American contexts and perspectives. For example, a number of studies are devoted to analyzing the origin and development of stereotypes about Germany in European literary sources (BELLER & LEERSSEN 2007). BELLER (2007) pointed out that the origin of some stereotypes about Germany could be traced to the oeuvres by Julius Caesar ("*Commentarii de Bello Gallico*" published in print in 1469) and Publius Cornelius Tacitus ("*Germania*" published in print in 1470). In these classical texts, the ancient Germans are described as blond, physically strong, brave in battle people who are also heavy drinkers. These images have become the 'archetypal' images of the German people and for several centuries they have been recurring in various discourse modes (cf. BELLER 2007).

Researchers recognize that, notwithstanding their inflexible nature stereotypes about other countries and nations, do undergo changes and that the content of such stereotypes varies between historical, social and cultural contexts. The new additions to the older images reflect the *Zeitgeist* and the changing social and cultural mores. Thus, European travellers and writers in the 18<sup>th</sup> and 19<sup>th</sup> centuries introduced several enduring images about Germany and the German people. One of the most positive images was contributed by Mme de Staël (1766-1817) who described Germany in her oeuvre *De l'Allemagne* (1810/1813) as the "land of poets and philosophers" (DE STAËL cited in BELLER 2007: 161). The emergence of Germany as a military and industrial power in the 19<sup>th</sup> century brought forth the images of the Germans' "diligence, efficiency, obedience, systematic thoroughness, a penchant for neatness" while Germany's role in World War II instituted the negative images evoking the Nazi regime (BELLER 2007: 162).

The first empirical study that examined stereotypical images about the German people was done by KATZ and BRALY (1933) among students in an American university. The researchers gave their respondents a list of 84 adjectives describing character traits and

asked them to select the characteristics for various national groups, including the Germans. As the findings revealed, the top five characteristics given by the respondents to the German people had been “scientifically-minded”, “industrious”, “stolid”, “intelligent”, and “methodical”. This prompted Katz and Braly to comment that the students’ views about the German people were “consistent with the popular stereotype to be found in newspapers and magazines” (KATZ & BRALY 1933: 285).

Studies on stereotypes about Germany held by the learners of German are well-documented. This topic has been of interest to researchers since the 1970s, though the available studies were done mostly in the US educational context. In one of the earlier studies on cultural representations about the target language country, TAYLOR (1977) asked the beginner learners of German in an American college the following three questions: “What geographical places come to your mind when you think of Germany?”; “What other associations do you have with Germany, past and present?”; and “Which are German-speaking countries?”. The first question received such responses as “Munich, Berlin, Rhine, Hamburg, Black Forest, Berlin Wall, Frankfurt, Cologne, Heidelberg, Alps, Bonn, Bavaria” (TAYLOR 1977: 112). Among the frequently given answers to the second question were “folklore, wars, Hitler, beer, ties through family and/or friends, Olympics, classical music, food, Nazism”. The students had also provided several “stereotyped national traits” which the author did not specify. In their answers to the third question the students mentioned “Germany, Austria, Switzerland, Luxembourg, Belgium” among the German-speaking countries. Discussing the findings Taylor (1977) noted that the respondents’ images about the TL country were of a highly stereotypical nature.

SCHULTZ and HAERLE (1995) who investigated stereotypes about the German people held by learners of German in an American college asked their respondents to complete the phrase “*Die Deutschen ...*”. The analysis of the data revealed that the images could be separated into eight main categories, such as: (1) German people’s personal characteristics (e.g., “hardworking”, “friendly”, “intelligent”); (2) their beer-drinking habit; (3) German-made cars (e.g., “they make excellent cars”); (4) the references to country or German language (e.g., “beautiful country”, “difficult language”); (5) culture and schooling (e.g., “(they) have interesting/rich culture”, “(they are) well-educated”); (6) physical attributes (e.g., “good looking”, “tall”); (7) references to history or historical events (e.g.,

“interesting history”); and (8) food and eating (“they eat *sauerkraut*”). As these findings indicate, there was a lack of references to important political events in the country. Also, as SCHULTZ and HAERLE (1995) noted, conspicuously lacking were images concerning cultural and scientific achievements.

In another study, Abrams (2002) explored images that American students learning German have about various German-speaking countries. The findings revealed that the prevalent images about Germany concerned beer, various foods (e.g., “*bratwurst*”) and the country’s rich history. There were only few references to the German people who the students described as “friendly” and “punctual”. Several other answers about Germany provided by the respondents were “soccer”, “different school system” and “the German language”.

A study by CHAVEZ (2009) focused on the language learners’ stereotypes about the target language rather than the TL country or the native speakers. As the researcher noted, the images of the German language promoted in the mass media, in the TV programs and in the movies were that of “a harsh, throaty, or ‘phlegmy’ language” (CHAVEZ 2009: 8). The perceived harshness of the language is often extrapolated to native speakers of German who are viewed as “aggressive” people (CHAVEZ 2009: 17). However, as Chavez found out, the beginner learners of German lacked such negative notions about the target language. An unexpected finding was that some students had chosen to learn the language because its “harsh-sounding” character made it unique and not a “sissy language”. In addition, the students described German as a “strange” and “difficult language” with “backwards” grammar in a sense that it had a “backwards syntax of English” (CHAVEZ 2009: 6).

### 1.3 Favourability of Language Learners’ Country Stereotypes about Germany

Some studies on stereotypes about Germany made attempts to classify the images into positive, negative or neutral. For example, SCHULZ and HAERLE (1995) divided the students’ images into positive and negative and they concluded that their respondents had mostly positive images about the TL country and the German people. TAYLOR (1977: 113) also evaluated some of the students’ images as positive, especially those relating to “good

old Germany”. However, the previous studies did not make explicit attempts to empirically assess favourability of the students’ representations about Germany. The researchers relied on ‘commons sense’ and their own subjective judgement to describe the images as positive or negative. For example, SCHULZ and HAERLE (1995) classified the descriptors “*stolz*” (“proud”) or “*mit viel Gefühl*” (“with much feelings”, “emotional”) as positive images. The problem is that the students who had provided these images could have evaluated them differently. For example, the characteristic “*stolz*” could be assigned a negative connotation by some people while others could view this trait as neutral.

To avoid this ambiguity, some researchers asked their respondents to give a mark to each of the images about the TL country that they had written (NIKITINA & FURUOKA 2013). The present study employs a similar technique because this allows a more precise analysis of the language learners’ attitudes toward the TL country.

## 2 Method

### 2.1 Participants

The participants in this study were 26 beginner learners of German in University of Malaya, Malaysia. The students learned German as a generic course. This means that they chose this particular language program among several other European and Asian languages offered by the University based on their preference or personal interest.

There were more male (n=15, 57.7%) than female (n=11, 42.3%) students among the respondents; the age of the students ranged from 20 to 24 years old. The participants were mostly Malaysians (n=22; 84.6%). The international students (n=4 or 15.4%) hailed from Spain (n=2), Uzbekistan (n=1) and Bangladesh (n=1).

## 2.2 Data Collection and Instrument

Data for this study were collected from the students in all three sections of the German language program in the academic year 2012/2013. The students were given photocopied forms – one per student – that contained the open-ended question “What images or mental pictures come to your mind when you hear the words ‘Germany’ and ‘German’?”.

The participants were asked to write as many words or short phrases as they thought was necessary to convey their images and impressions about the TL country. After the students had finished writing the images they were instructed to give a mark (i.e., favourability rating) to each image in their lists using a scale from -2 (for “a very negative image”) to +2 (for “a very positive image”). The form also contained several questions about the respondents’ age, gender and nationality.

## 2.3 Data Organization and Analysis

First of all, the images about Germany written by the students were typed *ad verbatim* in the Microsoft Word file format. Then they were grouped into categories. Content analysis approach was used for this purpose. Content analysis refers to “the intellectual process of categorizing qualitative textual data into clusters of similar entities, or conceptual categories, to identify consistent patterns and relationship between variables or themes” (JULIEN 2008: 120).

Adopting content analysis entails using open-coding to separate the data into categories or clusters or images. This means that the data rather than theory determine the codes and the headings given to the categories of images (MACKEY & GASS 2005; RYAN & BERNARD 2003). In other words, the researcher makes no *a priori* decisions as to which categories might emerge from the analysis of the data. In the present study, the decision-making process concerning the formation of the categories of images about the TL country was as follows. First of all, we did not aim at a fine-grained analysis that would result in a greater number of highly homogenous categories of images. Rather, when grouping the

images into the categories we sought to achieve coherent and logically consistent clusters of representations about Germany. This approach was entirely in spirit with the content analysis which should be data driven and where the categories should reflect the data set.

To be more specific, in the first stage of the analysis, we grouped similar images into clusters and assigned these clusters labels based on the words, short phrases or descriptors they contained, as recommended by JULIEN (2008). For example, we placed the images “cars”, “Volkswagen”, “BMW” and “Mercedes Benz” into the same group and labelled this groups “Cars” because the majority of the answers referred to – literally – “cars”. The same logic was adopted throughout the analysis of the data. The resultant ‘larger canvases’ of the students’ imagery helped us to distinguish what country-related aspects (e.g., culture, food, politics, technology, people, etc.) were particularly well-represented; they also allowed us to see which features were lacking among the students’ representations about the TL country. There were several idiosyncratic images that could not form coherent categories with the rest of the answers provided by the students. These images were placed in the category “Others”.

## 2.4 Calculating Favourability of the Categories of Images

In the second stage of the analysis, we used the marks that the students had assigned to each of the images in their lists to calculate favourability (or mean valence) of the categories of images about Germany. A similar method was employed by NIKITINA and FURUOKA (2013) to assess favourability of the clusters of images about China held by learners of Mandarin. In this approach, first of all, the summation of the favourability ratings of all the images in a category is calculated. Secondly, the sum total is divided by the number of the images in the category. In the mathematical terms the calculations can be expressed as:

$$MV_j = \frac{\sum_{j=1}^{n_j} V_{ji}}{n_j}$$

(1)



where  $MV_j$  is the mean valence value of category  $j$ ;  $V_{ji}$  is the valence rating given by student  $i$  to image  $j$ ;  $n_j$  is the frequency with which image  $j$  was mentioned. For example, the image “Hamburg” was mentioned three times ( $n_j = 3$ ). Each student assigned his or her own favourability rating to this image on the scale ranging from  $-2$  to  $+2$ . Employing formula (1), the mean valence value of the image “Hamburg” was calculated as being equal to 1.3333 ( $MV=1.3333$ ).

Based on their mean valence (MV) values the categories of images could be further divided into highly positive ( $1.500 \leq MV \leq 2.000$ ), positive ( $0.500 \leq MV < 1.500$ ), mildly positive ( $0 < MV < 0.500$ ), neutral ( $MV=0$ ), mildly negative ( $-0.500 < MV < 0$ ), negative ( $-1.500 < MV \leq -0.500$ ) and highly negative ( $-2.000 \leq MV \leq -1.500$ ).

## 2.5 Overall or Composite Favourability

To compute the overall favourability or composite mean valence (CMV) of the stereotypical images about Germany, we calculated the summation of all the favourability ratings given to the images about Germany and then divided the sum total by the total number of the images provided by the students. Mathematically this can be expressed as:

$$CMV = \frac{\sum_{j=1}^N V_{ji}}{N}$$

(2)

where  $V_{ji}$  is the valence rating given to image  $j$  by student  $i$  and  $N$  is the total number of the images about Germany.

## 2.6 Calculating Salience of the Categories of Images

As a next step of the data analysis we assessed salience or prominence of the images about Germany by computing Modified free-list salience (MFLS) index developed by Smith et al.

(1995). The computations of the salience index were done using *ANTHROPAC 4.0* software (BORGATTI 1992).

It should be noted that due to a highly heterogeneous nature of images in the category labelled “Others” favourability and salience of this category were not calculated. However, we included the images in the category “Others” when reporting the total number of the images about Germany provided by the respondents as well as the overall favourability (CMV) of the students’ attitudes toward the TL country.

### 3 Findings

In response to the open-ended question, the respondents provided a total of 197 images. The longest list contained 19 representations about Germany while the shortest list had 2 answers. The images about Germany were separated into 14 categories (excluding the category “Others”), which are shown in Table 1. The table reports the following findings about each of these categories: favourability or mean valence (MV); the rank according to mean valence (MVR); the number of images (n) the category contains; the rank according to the number of images in the category (NR); the category’s salience index (SI); the rank according to the salience index (SR).

As the findings revealed, five of the fourteen categories of images about Germany were highly positive ( $1.500 \leq MV \leq 2.000$ ); eight were positive ( $0.500 \leq MV < 1.500$ ) and one category was negative ( $-1.500 < MV \leq -0.500$ ). A more detailed discussion about the content, favourability, size and salience of these categories of images is offered in the following subsections.

#### 3.1 Highly Positive Categories of Images about Germany

The highly positive categories about Germany were: “Cars” (MV=1.952), “Technology, science and engineering” (MV=1.778), “Multinational companies and manufacturing”

(MV=1.667), “Food and beer” (MV=1.615) and “Beautiful and peaceful country” (MV=1.500). Three of these categories were also among the top five most voluminous, namely, “Cars” (n=21; NR=3), “Technology, science and engineering” (n=18; NR=4) and “Food and beer” (n=13; NR=5).

The category with the highest mean valence – “Cars” (MV=1.952) – contained general references to cars (e.g., “automobile”, “cars”) as well as the images referring to specific car makers. The most popular of them was “*Volkswagen*”; it was followed by “BMW”, “*Mercedes Benz*”, “*Porsche*” and “*Audi*”. One student wrote “*Das Auto*”, which means “the car” in German; this phrase is also used as the advertisement slogan for the “*Volkswagen*” car. Almost all images in this category were given the highest positive mark +2 by the respondents; only one student assigned the mark +1 to the image “*Volkswagen*”.

Table 1: Categories of stereotypical images about Germany, their favourability, size and salience

Category	Mean Valence (MV)	Mean Valence Rank (MVR)	Number of Images (n)	Rank by Size (NR)	Salience Index (SI)	Salience Rank (SR)
Cars	1.952	1	21	3	0.296	3
Technology, science and engineering	1.778	2	18	4	0.317	1
Multinational companies and manufacturing	1.667	3	6	12	0.104	13
Food and beer	1.615	4	13	5	0.133	10
Beautiful and peaceful country	1.500	5	6	12	0.111	12
Advanced and important country	1.462	6	13	5	0.189	7
Football and sport	1.385	7	13	5	0.243	5
Cities and sites	1.364	8	22	2	0.252	4

Traditional and popular culture	1.308	9	13	5	0.195	6
Country and lifestyle	1.167	10	12	9	0.135	9
Weather and climate	1.000	11	4	14	0.086	14
People and famous personalities	0.757	12	37	1	0.310	2
Language	0.556	13	9	11	0.116	11
History	-1.200	14	10	10	0.149	8
<b>Total*</b>			<b>197</b>			
<b>Composite MV (CMV)*</b>	<b>1.198</b>					

Note. \*The images in the “Others” category were aggregated in the computations of these values.

The category with the second highest mean valence was “Technology, science and engineering” (MV=1.778). It included such images as “engineering”, “great technology”, “relativity”, “advances in engineering knowledge” and “U-boat”. One image (“U-boat”) received the neutral rating 0; two images were rated +1 and all the rest were marked +2 by the students.

In the category “Multinational companies and manufacturing” (MV=1.667) were placed the names of famous German multinational corporations and conglomerates, such as “Bosch”, “Mertz” and “Siemens”, and also the images referring to manufacturing activities (e.g., “factory manufacturing”, “industry”). For the most part, the images in this cluster received the highest rating +2 and only two images were rated +1.

The category “Food and beer” (MV=1.615) contained several images of general nature (e.g., “nice food”) and the references to particular German dishes and foods (e.g., “sausages”, “German hotdog”, “currywurst”, “pretzels”). Also included in this category were the answers relating to beer, such as “beer” and “good beer”. For the most part the images in this category were rated +2. There were no negative or neutral images in this cluster.

The following in the mean valence value group of images was labelled “Beautiful and peaceful country” (MV=1.500). It included the representations “beautiful country”, “beautiful country side”, “beautiful landscape” and the descriptions referring to a peaceful atmosphere in the TL country (e.g., “peace”, “peaceful” and “peaceful country”). All these images were positive and half of the answers received the highest rating +2.

### 3.2 Positive Categories of Images about Germany

Among the positive categories of images about Germany, the cluster “Advanced and important country” (MV=1.462) had the highest mean valence. It contained the images that referred to Germany’s status as economically advanced and developed country (e.g., “advanced country”, “developed country”, “development”, “good economy”, “prosperous future”) and as an important European nation (e.g., “important country in Europe”, “the future of Europe in is Germany”). Seven images in this category were given the highest rating +2 and six images were marked +1 by the students.

In the category “Football and sport” (MV=1.385) some images were of a general nature (e.g., “football”, “German football” and “football - World Cup”) while others mentioned particular German football clubs (e.g., “*Bayern Munich*”, “*Borussia Dortmund*”). The majority of the images in this category were marked +2 by the language learners and only one image (“football”) was given the negative rating.

The cluster labelled “Cities and sites” (MV=1.364) with its 22 images was among the most voluminous categories of images about Germany (NR=2). The students mentioned such cities as “Berlin”, “Hamburg” and “Munich”. Among the popular landmarks and sites in Germany were included “Berlin Wall”, “Brandenburg Gate”, “Frankfurt airport” and “Reichstag”. Some students simply wrote “buildings”. The majority of the images in this category were rated +2 or +1 by the respondents. Five images received the neutral rating 0; among them were “Berlin Wall”, “Frankfurt airport”, “Hamburg” and “Reichstag”. There were no negatively rated images in this category.

The category “Traditional and popular culture” (MV=1.308) contained an assortment of images referring to traditional German culture (e.g., “*Oktoberfest*”) and to the contemporary pop culture (e.g., “song ‘99 *Luftballons*”); some images were rather general (e.g., “culture”, “music”, “good culture”). Only one student gave the negative rating -2 to the image “*Oktoberfest*”, while another respondent assigned the neutral rating 0 to the same image. The rest of the representations in this category received the positive ratings +2 and +1.

The “Country and lifestyle” cluster (MV=1.167) contained such characteristics of Germany as a “disciplined country”, a “good country in general” and a “nice country”. Also included in this category were the references to the general tenor of life in Germany (e.g., “order”, “organization” and “harmony”). Two students mentioned high taxes and free education (i.e., “high tax”, “education is free if you master the German language”). Several respondents provided the descriptions of the German national flag (e.g., “the flag colour is yellow and black”). One image in this category was rated negatively (i.e., “grey colour” -1) and one image received the neutral rating 0 (i.e., “the flag colour is yellow and black”). The rest of the representations were assigned the positive ratings +2 or +1. The following category “Weather and climate” (MV=1.000) contained the references to the climate and weather in Germany (e.g., “there are four seasons”, “nice weather”). The images in this category were given either the neutral rating 0 or the positive rating +2.

The most voluminous category of images about Germany was “People and famous personalities” (n=37; NR=1; MV=0.757). Some of the images concerned the typical behaviour of the German people as perceived by the language learners (e.g., “people try their best to improve their country”, “children sleep early”). Several images referred to character traits and attributes (e.g., “disciplined people”, “friendly people”, “hardworking people”, “nice people”, “punctual people”, “patriotic people” “people have analytical mind” and “people have very strong will”). For the most part, the images in this category were rated positively. However, several images relating to the German people character traits were given the negative mark -1 (e.g., “old fashioned people”, “strict people”, “boring people” and “people are serious and not funny”). Among the famous German personalities included in this category the students mentioned German Chancellor Angela Merkel; football players Miroslav Klose, Roy Makaay and Michael Ballack; scientists and Nobel

Prize laureates Albert Einstein and Fritz Haber; industrialist and inventor Robert Bosch. Several respondents mentioned Adolf Hitler. For the most part, the famous persons were rated positively by the students. The exceptions were Adolf Hitler and, somewhat oddly, Angela Merkel and Fritz Haber; these images received either negative or the neutral ratings.

The category “Language” (MV=0.556) had the lowest average favourability among the positive clusters of images about Germany. This was due to the fact that a considerable share of the images described German as a “difficult language” or a “language more difficult than English”. These images were marked either as neutral (0) or as negative (-2), which contributed to the comparatively low mean valence of the category “Language”. On the positive side, the students considered German as a “unique language” and a “powerful language”. These images received the highest positive rating +2 from the respondents.

### 3.3 Negative Category of Images about Germany

“History” (MV= -1.2) was the only category of images about Germany that had a negative mean valence. In this category the lowest rated images were “World War II” and “Nazi”; they received the rating -2 from the respondents. Several images received the neutral rating 0; among them were “important past history” and “interesting history”. Only one image in the category “History” received the positive rating +1, which was “Vikings”.

### 3.4 Composite Mean Valence

The overall favourability of the images about Germany was positive as reflected in the composite mean valence value (CMV=1.198). This means that despite the presence of several negative images about Germany the overall perceptions of the TL country by the language learners were good and positive.

### 3.5 Salience of the Categories of Images about Germany

As shown in Table 1, the top five most salient categories of images about Germany were “Technology, science and engineering” (SI=0.317; SR=1), “People and famous personalities” (SI=0.310; SR=2), “Cars” (SI=0.296; SR=3), “Cities and sites” (SI=0.252; SR=4) and “Football and sport” (SI=0.243; SR=5). The least salient category was “Weather and climate” (SI=0.086; SR=14).

Generally, the categories’ salience and size tended to align. In other words, for the most part, there were no great disparities between a category’s salience rank and its size rank. However, there were two exceptions. Thus, the category “Technology, science and engineering” had the highest salience rank (SR=1) but was only fourth in size (NR=4). This means that though the images in this category came to the minds of the respondents readily, which attests to their high salience, they tended to be mentioned by fewer respondents compared to the images in the categories “People and famous personalities” or “Cars”. By contrast, the category “Food and beer” had a low salience rank (SR=10) but the images it contained were mentioned quite frequently (NR=5).

For several categories of images salience ranks and frequency ranks had the same numerical values. For example, in the cases of the clusters “Cars” (SR=3; NR=3) and “Football and sport” (SR=5; NR=5) the high salience ranks were matched by the size ranks. This indicates that a considerable number of the language learners had strongly associated Germany with cars, football and sport. On the other hand, the categories “Country and lifestyle” (SR=9; NR=9), “Language” (SR=11; NR=11), “Beautiful and peaceful country” (SR=12; NR=12) and “Weather and climate” (SR=14; NR=14) not only had low salience ranks but they were also small in size. This means that the images concerning weather as well as the representations of Germany as a beautiful and peaceful country had rather weak associations with the TL country in the minds of the language learners.

The categories where salience ranks were very closely aligned with frequency ranks were: “People and famous persons” (SR=2; NR=1), “Cities and sites” (SR=4; NR=2), “Culture” (SR=6; NR=5), “Advanced and important country” (SR=7; NR=5) and “Multinational companies and manufacturing” (SR=13; NR=12). The finding that the salience ranks and



the frequency ranks of these categories of images coincided or were closely aligned indicates that the relevant representations about Germany were consistent and homogenous at the group level. In other words, some of the images were strongly associated with Germany in the minds of many of the respondents. By contrast, several images had weaker associations with the TL country and they were not mentioned by many students.

Concerning salience and favourability of the categories of images about Germany, two among the highly positive clusters of images – “Cars” (SR=3; MVR=1) and “Technology, science and engineering” (SR=1; MVR=2) – were also among the top five most salient. It should be noted that the least favourable category “History” (MV= -1.200; MVR=14) occupied a middle position according to its salience (SR=8).

## 4 Discussion and Conclusion

The present study investigated stereotypes about Germany held by Malaysian university students learning the German language. Besides exploring the content of the stereotypical images, it also assessed their favourability and salience, which had not been done in the previous studies on stereotypes held by the learners of German.

The findings of the present inquiry aligned with the results reported in the previous studies. For example, the Malaysian students described the German people as “friendly”, “punctual”, “disciplined”, “have analytical mind” and “hard-working”. These images agree with the character traits assigned to the native speakers of German in the studies done by KATZ and BRALY (1933), SCHULZ and HAERLE (1995) and ABRAMS (2002). However, in contrast to some of the previous studies (e.g., SCHULZ & HAERLE 1995) the Malaysian respondents provided no reference to the physical attributes of the German people.

The findings indicated that, for the most part, the language learners in various parts of the world tended to share their views about Germany, its culture and language. For example, similar to the American college students, the participants in the present study described Germany as a “beautiful country” that produces excellent cars; as a country that has rich and interesting history, culture and a unique as well as difficult language (cf. ABRAMS,

2002; CHAVEZ 2009; SCHULZ & HAERLE 1995; TAYLOR 1977). Also, the categories of images distinguished in the present study aligned with those reported by Schulz and Haerle (1995).

There were some differences in the findings between the present and the previous studies. For example, the Malaysian students made a considerable amount of references not only to German cars but also to the high level of technological, engineering and scientific advancement in the country and to Germany's status as an industrial country with big multinational companies and corporations. Also – and this was a rather unexpected finding – the references to soccer and the names of several German football league teams (e.g., “Bayern Munich”, “Borussia Dortmund”) featured prominently among the Malaysian students' images about Germany. Previously, references to football, and those were few in number, were reported in ABRAMS' (2002) study only.

The findings revealed that the Malaysian learners of German who participated in this study had predominantly positive attitudes toward the TL country. This could be attributable to the fact that the students had voluntarily chosen to learn German based on their preference for this particular foreign language or due to their interest in the TL country. The students' positive attitudes toward Germany and the Germans are reflected in the positive mean valence values of almost all of the categories of images about Germany, except for the cluster “History” (MV= -1.200), and in a high composite mean valence value (CMV= 1.198). Unfortunately, it is not possible to compare the favourability of the categories of images about Germany and the attitudes toward the TL country between the present and the previous studies because of the differences in the research methodologies. The earlier studies did not use favourability ratings to assess the students' attitudes. Also, salience of the German language learners' representations about the TL country has not been assessed in the earlier academic inquiries.

The current study has some limitations. For example, its findings may not be applicable in the culturally different from the present study settings. This is due to the fact that stereotypes about other countries are culturally-bound and, therefore, they cannot be completely the same in different cultural contexts. Besides, this study focused on language learners at a tertiary level. Therefore, the findings may not be generalizable for younger age

groups of language learners because their worldview is more limited compared to that of young adults. A final caveat concerns a small number of participants in this study, which limits the generalizability of the findings. Despite these limitations, the findings reported in this article may be useful for comparing the language learners' representations of Germany, its culture and people in various educational and cultural settings. More importantly, the techniques and approaches demonstrated in this study can be used, with some modifications if needed, in future scholarly inquiries on language learners' stereotypes about the TL country.

The findings reported in this study have some pedagogical implications. Though the mental representations about Germany were multifarious and diverse, a closer scrutiny of the stereotype content revealed some important omissions in the students' images. For example, among the various famous personalities mentioned by the respondents there were no great cultural figures from 'the land of poets and philosophers'. The football players featured most prominently among the famous Germans in the students' lists; they were followed by renowned scientists. This fact does not necessarily mean that the students were not familiar with the names Johann Sebastian Bach, Richard Wagner, Johann Wolfgang von Goethe, Heinrich Heine, Immanuel Kant or Friedrich Nietzsche. But this does point to the fact that the prime cultural figures were not among the most readily available images of Germany in the students' minds. At the same time, the images referring to German culture were either too general (e.g., "music") or limited to popular stereotypes (e.g., "Oktoberfest"). These findings indicate that the Malaysian students may benefit from a wider exposure to German culture in the language classroom. The language educators may want to introduce important cultural figures to the learners, especially in view that these figures have a great cultural significance and importance of in the context of German-speaking countries.

## Bibliographical references

ABRAMS, Z. I. Surfing to cross-cultural awareness: using internet-mediated projects to explore cultural stereotypes. In: *Foreign Language Annals* 35(2), 2002, 141-153.

- BELLER, M. Germans. In: Beller, M. and J.T. Leerssen (eds.). *Imagology: The cultural construction and literary representation of national characters: A critical survey*. Amsterdam/New York, Rodopi, 2007, 159-165.
- BELLER, M. & LEERSSEN, J.T. *Imagology: The cultural construction and literary representation of national characters: A critical survey*, Amsterdam/New York, Rodopi, 2007.
- BORGATTI, S. P. *ANTHROPAC 4.0*. Columbia, Analytic Technologies, 1992.
- BYRAM, K., & KRAMSCH, C. Why is it so difficult to teach language as culture? In: *The German Quarterly* 81(1), 2008, 20-34.
- CHAVEZ, M. (2009). Learners' descriptions of German pronunciation, vocabulary, and grammar: a folk linguistic account. In: *Die Unterrichtspraxis / Teaching German* 42(1), 2009, 1-18.
- DLASKA, A. Integrating culture and language learning in institution-wide language programmes. In: *Language, Culture and Curriculum* 13(3), 2000, 247-263.
- DREWELOW, I. Impact of instruction on shaping or reshaping stereotypical cultural representations in an introductory French course. In: *Foreign Language Annals* 46(2), 2013, 157-174.
- JULIEN, H. Content analysis. In: Given L.M. (ed.), *The SAGE encyclopaedia of qualitative research methods, Vol.1*. Thousand Oaks, CA, SAGE Publications, 2008, 120-121.
- KATZ, D., & BRALY, K.W. Racial stereotypes of one hundred college students. In: *Journal of abnormal psychology* 28, 1933, 280-290.
- LIPPMANN, W. *Public opinion*, New York, Free Press Paperback, 1922/1965.
- MACKEY, A., & GASS, S. M. *Second language research: Methodology and design*, Mahwah, NJ, Lawrence Erlbaum Associates, 2005.
- NIKITINA, L., & FURUOKA, F. "Dragon, Kung Fu and Jackie Chan...": stereotypes about China held by Malaysian students. In: *TRAMES* 17(2), 2013, 175-195.
- RYAN, G. W., & BERNARD, H.R. Techniques to identify themes. In: *Field Methods* 15(1), 2003, 85-109.
- SCHULZ, R. A., & HAERLE, B.M. "Beer, fast cars, and ...": Stereotypes held by U.S. college-level students of German. In: *Die Unterrichtspraxis / Teaching German* 28(1), 1995, 29-39.
- SMITH, J. J., FURBEE, L., MAYNARD, K., QUICK, S., & ROSS, L. Salience counts: a domain analysis of English color terms. In: *Journal of Linguistic Anthropology* 5(2), 1995, 203-216.
- TAYLOR, I. C. Beware of cultural clichés. In: *Die Unterrichtspraxis / Teaching German* 10(2), 1997, 108-114.
- WEBBER, M. J. Intercultural stereotypes and the teaching of German. In: *Die Unterrichtspraxis / Teaching German* 23(2), 1990, 132-141.

*Recebido em 17/06/2014*  
*aceito em 27/08/2014*

# A influência do inglês no processo de ensino/aprendizagem de alemão por aprendizes brasileiros de terceiras línguas: Abordagens e métodos de investigação

[The influence of English on the teaching/learning process of German as a third language for Brazilian learners: Approaches and investigation methods]

<http://dx.doi.org/10.1590/1982-8837175197>

Bianca Ferrari<sup>1</sup>

**Abstract:** The main purpose of this paper is to present an overview of the results of an empirical research involving adult learners of German as a foreign language with previous knowledge of English. It focuses on some of the processes related to the learning/teaching of third languages, taking into consideration that the German language is usually learned as a second foreign language, especially after English. The main questions of the research are based on positive transfer processes as well as linguistic interference observed in a group of 50 learners of German, levels A1 to B1 of the *Common European Framework of Reference for Languages*. As for what concerns the relationship between English and German, the assumption that English exerts an important role in the learning process of German could be confirmed, being the etymological relationship between languages one of the most important elements in order to determine the occurrence of *cross-linguistic influence*. On the other hand, the linguistic interference that results from the coexistence of both languages in the learner's brain demands the development of a plurilingualism didactic that embraces alternative methods for the teaching/learning of German as a second foreign language in Brazil.

**Key-words:** Plurilingualism; teaching/learning of German as L3; cross-linguistic influence; German after English.

**Resumo:** O objetivo principal deste artigo é apresentar uma visão geral dos resultados obtidos em uma pesquisa empírica envolvendo aprendizes adultos de alemão como língua estrangeira com conhecimentos prévios de inglês. O foco deste artigo recai sobre os processos envolvidos no ensino/aprendizagem de terceiras línguas, levando-se em consideração que a língua alemã é comumente aprendida como uma segunda língua estrangeira após o inglês. Os principais questionamentos da pesquisa estão baseados em processos de transferência positiva, bem como na interferência linguística observada em um grupo de 50 aprendizes de alemão dos níveis A1 a

---

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Modernas, Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã. Email: bianca.ferrari@usp.br

B1 do Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas. Ao que concerne a relação entre as línguas alemã e inglesa, a afirmação de que o inglês exerce um papel importante na aprendizagem de alemão pôde ser confirmada, sendo o parentesco etimológico entre as duas línguas um dos mais importantes fatores para se determinar a ocorrência de influência interlinguística. Por outro lado, a interferência linguística resultante da coexistência de ambas as línguas demanda o desenvolvimento de uma didática do plurilinguismo que compreenda métodos alternativos para o ensino/aprendizagem de alemão como segunda língua estrangeira no Brasil.

**Palavras-chave:** Plurilinguismo; ensino/aprendizagem de alemão como L3; influência interlinguística; Alemão após Inglês.

## 1 Introdução

Em consequência das recorrentes mudanças sociais e econômicas observadas nas últimas décadas, que trouxeram maior mobilidade às populações e uma intensificação dos contatos interculturais, a importância da aprendizagem de línguas estrangeiras ampliou seu destaque, tornando-se comuns cenários nos quais aprender mais de uma língua estrangeira é uma realidade consolidada. Nesse contexto, o avanço de línguas consideradas “regionais”, como é o caso do alemão, ganhou novos contornos, no geral impulsionados por políticas de manutenção e promoção linguística, como a política elaborada pelo Conselho da Europa, que prevê que cada cidadão europeu deva dominar duas línguas estrangeiras além de sua língua materna (CONSELHO DA EUROPA 2001).

A partir desse cenário de difusão e incentivo ao ensino/aprendizagem de mais de uma língua estrangeira, foi proposta a criação de um termo que englobasse os falantes de diversas línguas além da materna, os sujeitos plurilíngues. O plurilinguismo, em seu sentido mais amplo, não diz respeito à simples coexistência de diferentes idiomas em um país ou região, estando mais relacionado às experiências linguísticas de um indivíduo. Inseridas nesse contexto, todas as línguas aprendidas pelo sujeito servem à construção de sua competência comunicativa, para a qual todos os conhecimentos e capacidades linguísticas colaboram e na qual as línguas se relacionam e interagem (CONSELHO DA EUROPA 2001: 7).

Entre as cerca de 6.909 línguas faladas no mundo, o alemão ocupa o décimo lugar no *ranking* de língua materna mais falada (SAVEDRA 2011: 296), contabilizando, no total, aproximadamente 125 milhões de falantes de alemão como primeira ou

segunda língua<sup>2</sup>. Apesar de seu expressivo número de falantes, o alemão ainda sofre, mundialmente, com as consequências da concentração dos sistemas educacionais em praticamente uma só língua estrangeira, no caso o inglês, que, por razões econômicas e geopolíticas, é considerada *língua franca*. Uma estatística que comprova tal afirmação é a que compara o percentual de aprendizes de inglês e alemão em continente europeu, visto que, enquanto 32% dos europeus se dedicam ao aprendizado de inglês como língua estrangeira, somente 9% fazem o mesmo em relação à língua alemã (cf. KRUMM 2003: 38). A partir dessas considerações, pode-se deduzir que a aprendizagem da língua alemã é caracterizada, em muitas regiões, pela sua posterioridade ao aprendizado da língua inglesa.

No Brasil são detectáveis dois cenários que compreendem a relação entre as línguas alemã e inglesa. No primeiro cenário, a aprendizagem da língua alemã ocorre posteriormente à da língua inglesa enquanto no segundo cenário a aprendizagem de ambas as línguas é concomitante. Para os dois cenários é válido afirmar que a influência do inglês na aprendizagem do alemão apresenta-se como uma variável possível, em especial se levarmos em consideração que ambas as línguas pertencem ao ramo germânico das línguas indo-europeias, com semelhanças em diversas áreas, como o vocabulário, que conta com mais de 600 palavras “comuns” (NEUNER 2009), entre anglicismos, internacionalismos e empréstimos lexicais realizados diretamente do inglês. Consequentemente, a criação e o estabelecimento do campo de estudo *Alemão como Língua Estrangeira após Inglês (DaFnE)* mostrou-se necessária na tentativa de compreensão dos fenômenos envolvendo o ensino/aprendizagem sequencial e/ou concomitante das línguas alemã e inglesa.

A partir das breves considerações acima tecidas, é objetivo deste artigo apresentar, teórica e empiricamente, como se manifesta a influência da língua inglesa sobre o ensino/aprendizagem de alemão como terceira língua por aprendizes brasileiros. O artigo inicia-se com a delimitação do panorama dos estudos sobre as línguas e sua relação com a *influência interlinguística*, bem como por uma apresentação das áreas de contato entre as línguas alemã e inglesa. A seguir, serão feitas considerações acerca da condução da pesquisa que deu origem ao *corpus*. Na seção de análise dos resultados, são apresentados alguns exemplos extraídos do *corpus* de pesquisa, os quais, por sua

---

<sup>2</sup> Fonte: Instituto Goethe. Disponível em <http://www.goethe.de/ins/br/lp/lrn/wdl/ggd/pt5479068.htm>  
Acesso em: 25 Mai. 2013.

vez, devem ser descritos e analisados. Por fim, haverá uma discussão dos resultados obtidos na pesquisa, seguida pelas considerações finais.

## 2 O ensino/aprendizagem de terceiras línguas e a influência interlinguística

Até meados da década de 1990, estudos que abordassem o ensino/aprendizagem de terceiras línguas, como é o caso da língua alemã, comumente uma L3 ou L<sub>x</sub> ( $x \geq 3$ ) (HUFEISEN 2003: 648), eram pouco comuns, visto que, até aquele momento, os pesquisadores não consideravam fazer uma distinção clara entre o aprendizado da primeira e da segunda língua estrangeira (GASS & SELINKER 2008: 5). Conseqüentemente, alguns dos questionamentos concernentes especificamente ao ensino/aprendizagem de terceiras línguas ficaram, por um longo período de tempo, subordinados às respostas das pesquisas na área do ensino/aprendizagem de segundas línguas, pois se partia do pressuposto de que a aprendizagem de uma L2 e de uma L3, bem como de suas línguas subsequentes, transcorria de forma semelhante, senão idêntica.

Entretanto, a observância, por parte de professores em sala de aula, do aparecimento de interferências entre as diversas línguas estrangeiras dos aprendizes chamaram a atenção para o fato de que todas as línguas estrangeiras que um sujeito possui em seu repertório linguístico interagem entre si e são passíveis de estabelecer relações independentes da língua materna (cf. BAUSCH & HEID 1990; HUFEISEN 1991).

HUFEISEN (1991) constatou, durante a correção de textos de aprendizes de alemão como língua estrangeira, o aparecimento de construções que, apesar de conhecidas, não correspondiam ou não se adequavam às regras do alemão padrão, como nos exemplos *\*den anderen Tag* e *\*Ich bin in Ihr Angebot sehr interessiert*. Através da busca por similaridades entre as construções dos aprendizes e os sistemas de sua(s) língua(s) previamente aprendidas/adquiridas, a pesquisadora pôde verificar que tais fenômenos não se deixavam explicar pela influência da língua materna desses aprendizes, no caso o francês, mas de sua primeira língua estrangeira, o inglês. Tal percepção chamou a atenção dos pesquisadores de que os fenômenos relacionados ao trilinguismo são mais diversos e, conseqüentemente, mais complexos do que aqueles



relacionados ao bilinguismo (cf. VOORWINDE 1981 apud AUER & WEI 2007: 106). Partindo dessa perspectiva os estudos envolvendo a aprendizagem de uma L2 foram gradualmente se afastando daqueles que envolviam a aprendizagem de uma L3 ou (L3 + n) (cf. NEUNER 2009).

Para que seja possível analisar a interação das várias línguas estrangeiras do sujeito, é necessário atentar para diferentes mecanismos de influência entre as línguas, tais como a subprodução ou superprodução de estruturas específicas, substituições e/ou alterações de itens da língua-alvo e interpretações errôneas na compreensão de itens (cf. MURPHY 2005: 3). É a partir da análise de tais mecanismos que nos é possível avaliar processos como o da interferência linguística e da transferência linguística positiva.

SELINKER (1984 apud SELINKER 1992: 208), principal representante da interlíngua, aqui entendida como um sistema intermediário entre a língua materna e a língua-alvo do aprendiz, adota o termo transferência linguística para denominar o conjunto de comportamentos, processos e restrições envolvidos na produção linguística de falantes de diversas línguas. GASS & SELINKER (2008) retomam a questão da transferência na interlíngua ao defini-la como a influência de uma L2 sobre qualquer outra língua que o sujeito possua em seu repertório. Dessa forma, os autores enfatizam que, para que seja possível compreender melhor a transferência na interlíngua, é necessária uma análise que vá além da língua nativa e da língua-alvo, englobando também outras línguas aprendidas pelo sujeito. Entretanto, o emprego do termo transferência linguística em situações de produção/recepção linguística envolvendo duas ou mais línguas é considerado questionável por retomar princípios behavioristas. A partir disso foi proposto outro termo, mais neutro em relação às teorias, denominado *influência interlinguística*, que abarca fenômenos como a transferência, a interferência, evitação, empréstimo e aspectos relacionados a perda linguística (cf. SHARWOOD-SMITH & KELLERMANN 1986: 125).

Para DE ANGELIS & SELINKER (2001: 43), todos os sistemas linguísticos presentes no cérebro do aprendiz interagem concomitantemente na produção de sua interlíngua, sendo a possibilidade de transferência proporcional ao número de línguas de um determinado sujeito. Essa situação, por sua vez, torna as relações entre as diferentes línguas de um sujeito plurilíngue cada vez mais complexas se levado em consideração que o falante tem a tarefa de manter os diferentes sistemas linguísticos separados durante as tarefas de produção linguística evitando, conseqüentemente, eventuais

transferências advindas da língua materna, a interferência entre línguas intermediárias e a transferência reversa da interlíngua do aprendiz, entre outros fenômenos compreendidos pela *influência interlinguística*.

Na medida em que os estudos sobre as interações entre diferentes línguas estrangeiras foram avançando, a percepção que os pesquisadores haviam construído sobre a noção do erro também foi modificada, passando de uma abordagem pautada quase que exclusivamente na noção de interferência linguística para outra, mais centrada nos processos de transferência positiva (VOGEL 1992). Essa nova abordagem focaliza, em grande parte, os conhecimentos e capacidades linguísticas anteriormente adquiridas pelos aprendizes e tem relações com as características dos aprendizes de L3.

### 3 Alemão após Inglês para aprendizes brasileiros

Ao analisarmos o ensino/aprendizagem de alemão como língua estrangeira no Brasil, fica claro que a distância tipológica entre o alemão e o português, língua românica, é maior do que a distância entre as línguas alemã e inglesa, línguas germânicas. Conseqüentemente, para os falantes de português como língua materna, o inglês pode funcionar como um fator de auxílio em uma primeira aproximação com o alemão, na medida em que conscientiza esses falantes que alguns fenômenos do alemão são iguais ou parecidos aqueles do inglês, fato passível de facilitar sua aprendizagem. Partindo dessa breve constatação segue-se a descrição de algumas áreas de contato entre o alemão e o inglês.

O vocabulário da língua alemã é composto por uma série de internacionalismos comuns entre o português, o inglês e o alemão, tais como *Telefon* e palavras com raízes gregas e latinas, como *Taxi*, *Musik* e *Polizei*. Não obstante essas semelhanças, ainda é maior o número de palavras comuns entre o alemão e o inglês, que compreende não somente as palavras supracitadas como também os anglicismos, tais como *Jeans*, *Internet*, *Party*, *Interview* e palavras compostas, como em *Schulbuch*. HUFSEIN (1993) foi a principal autora a compilar uma sequência de áreas de experiência nas quais se encaixam as mais de 600 palavras comuns (NEUNER 2006: 4) entre o alemão e o inglês, entre elas nomes dos meses, estações do ano, caracterização de pessoas e coisas, alimentação, vestuário, partes do corpo, doenças, disciplinas escolares, esporte, comunicação em massa e política. Entretanto, na área do vocabulário também existem

os falsos cognatos, como *bekommen* - *become*, que correspondem a, aproximadamente, 3% do vocabulário comum alemão/inglês.

Na gramática, o parentesco etimológico entre as línguas também oferece vantagens aos aprendizes de alemão. Quanto às principais áreas de contato podem ser citadas: modelos de construção de frases simples, como em *Ich bin Patrick* - *I am Patrick*; concordância na área das palavras funcionais, como em artigos, preposições e conjunções; formação dos tempos verbais, verbos regulares e irregulares e partículas modais (NEUNER 1996: 216).

Por outro lado, as áreas da pronúncia e da ortografia exigem maior atenção durante a aprendizagem de alemão como terceira língua, pois nessa área o inglês oferece menos correspondências, sendo necessário um tratamento consciente das áreas divergentes em sala de aula. Palavras com significados adjacentes e/ou idênticos e pronúncias e entonação distintas, como é o caso de *hard* - *hart*; *water* - *Wasser*; *sea* - *See*, *communication* - *Kommunikation*; *technology* - *Tecnologie* necessitam maior treino em sala de aula, bem como a entonação das frases, também diferente. Na ortografia os aprendizes tendem a transpor, para o alemão, a grafia de palavras semelhantes no inglês, como em *apple* - *Apfel*.

## 4 A pesquisa empírica

### 4.1 Contextualização e participantes da pesquisa

Os resultados a serem apresentados neste artigo foram coletados ao longo do segundo semestre de 2010 nos cursos de extensão *Alemão no Campus*, oferecidos à comunidade da Universidade de São Paulo, formada por alunos, professores, funcionários e interessados na língua alemã em geral. Os cursos oferecidos por monitores da Graduação e da Pós-Graduação em Letras são compostos por cinco níveis iniciais (A1.1 a B1.1) do *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas*.

Os 50 aprendizes pesquisados tinham idades entre 19 e 64 anos, ensino superior em curso ou já finalizado e procuraram os cursos de alemão motivados por uma necessidade de se aperfeiçoar profissionalmente e nos estudos. Quanto ao seu repertório linguístico, este se demonstrou extremamente vasto e diversificado, sendo que as sequências linguísticas *Inglês e Alemão* (30% dos participantes) e *Inglês, Espanhol e*

Alemão (22% dos participantes) foram as que concentraram um maior número de informantes, perfazendo grande parte da amostra selecionada para análise.

Para que possíveis interferências advindas da influência de demais línguas estrangeiras fossem evitadas foram selecionados aqueles aprendizes que possuíam exclusivamente as línguas inglesa e alemã em seu repertório, sendo que, em todos os casos analisados, o alemão foi aprendido posteriormente ao inglês.

## 4.2 Metodologia

A coleta de informações linguísticas dos aprendizes foi realizada por meio de um questionário de pesquisa distribuído aos alunos dos cursos de Alemão no Campus, dos níveis Básico I a Básico V. O questionário de pesquisa distribuído aos participantes era idêntico, não separando os aprendizes pela sua competência em língua alemã, e continha uma proposta de produção textual, na qual os aprendizes deviam produzir um texto do gênero cartão postal com base em elementos previamente fornecidos pela pesquisadora. Tais elementos, por sua vez, foram selecionados a partir da análise das áreas de contato entre as línguas alemã e inglesa no intuito de elicitare o emprego de vocabulários e construções frasais passíveis de gerar *influência interlinguística*.

Os itens previamente selecionados para elicitare compreendiam vocabulário comum entre as línguas alemã e inglesa (*Bus - bus*), atividades de lazer (*ins Theater gehen - go to the theatre*) e alimentação (*Bier - Beer*), bem como a adjetivação em geral, presente nas opiniões que os aprendizes deveriam fornecer ao longo do texto. A produção textual proposta também englobava construções nos tempos presente e passado e itens gramaticais passíveis de gerar transferências positivas, tais como o emprego do comparativo (*Hier ist besser als dort - Here is better than there*) e as construções com verbo modal (*Ich will - I will*). Ademais, construções passíveis de ocasionar interferências também foram adicionadas, como no emprego de verbos separáveis (*ausruhen*), que se assemelham em parte aos *phrasal verbs* do inglês. Dentre os itens não explicitados na proposta, porém necessários para o encadeamento do texto, podem ser elencados: construções no infinitivo (*ins Kino zu gehen - to go to the movies*), expressões fixas (*Spass haben - have fun*) e o emprego de preposições (*bei - by*).

A escolha, por parte da pesquisadora, por este método de coleta deu-se pelo seu caráter introspectivo (cf. ALBERT & MARX 2010: 51), visto que a coleta de material linguístico por meio de *corpora* textual não explicita a relação entre o pesquisador e o pesquisado, livrando o material coletado de possíveis influências hierárquicas e/ou inibitórias passíveis de atrapalhar o conteúdo produzido. Aos alunos foi vetado qualquer método de consulta (dicionários, internet) e os textos não poderiam ser terminados fora do ambiente da sala de aula. Essas orientações foram fornecidas aos aprendizes investigados com o objetivo de manter a autoria das produções, diminuindo distorções no nível de proficiência linguística e conservando o caráter de produção textual em situação natural de sala de aula.

## 5 Resultados da investigação: Apresentação e análise do *corpus* de pesquisa

A análise qualitativa apresentada a seguir, que focaliza a influência da língua inglesa (L2) sobre a produção textual dos aprendizes em língua alemã (L3), adotou um viés funcionalista, que entende a língua como um instrumento de interação social, cuja função primeira é a comunicação (cf. DIK 1978: 4 apud CASTILHO 2011: 5). Dessa forma, as ocorrências linguísticas transcritas a seguir não foram entendidas como simples desvios da norma culta, mas preferencialmente como tentativas, por parte dos aprendizes, de comunicar algo e, conseqüentemente, interagir com o interlocutor do texto.

Quanto à classificação dos índices de influência do inglês (L2) sobre o alemão (L3), esta compreende os campos tradicionais de descrição linguística (cf. KRUMM et al. 2010: 174) a saber, Ortografia, Léxico-Semântica, Morfologia e Sintaxe. Entretanto, a categorização dos itens não teve a pretensão de ser absoluta, servindo mais como uma alternativa para a adequação dos itens linguísticos identificados nas produções textuais dos aprendizes.

## 5.1 Ortografia

Como já mencionado na parte teórica deste artigo, a área da Ortografia é uma das mais suscetíveis às interferências linguísticas do inglês (L2) sobre o alemão (L3), devido a diferenças na grafia de palavras cuja forma e/ou significado são correspondentes. Dentre os exemplos coletados no *corpus* de pesquisa está a escrita de substantivos em letra minúscula, em especial quando a palavra em alemão possui equivalência grafêmica à do inglês, como no exemplo a seguir:

- a) \* *Im diese moment ich nein zurückgehen wollen Brasil...*

*Im diese moment<sub>n,[ing.]</sub> ich nein zurückgehen wollen Brasil...*

In diesem Moment<sub>n</sub> will ich nicht nach Brasilien zurückgehen...

Neste momento eu não quero regressar ao Brasil...

A marcação da classe dos substantivos por meio da maiúscula faz parte de uma das regras do alemão padrão e envolve a escrita de substantivos simples, derivados e compostos (cf. DUDEN 2005: 85). Entretanto, a escrita de substantivos em letra minúscula por parte de aprendizes brasileiros de alemão como L3 após inglês é frequente tanto pela influência da língua materna quanto pela influência da primeira língua estrangeira, no caso o inglês. Outros exemplos do *corpus* envolvem os substantivos \**sandwich*; \**film* e \**Ich*, sendo este último um empréstimo claro da língua inglesa, na qual o pronome pessoal *I* do inglês é exclusivamente escrito em maiúscula. Segundo NEUNER (2009: 155), tal influência também pode ser constatada em substantivos do alemão com cognatos em inglês, como em *house*/\**haus*.

Outra área suscetível à influência do inglês no alemão é a da escrita de substantivos compostos, como salientado por VOLINA (1992) em seus estudos sobre a interferência linguística. No *corpus* de pesquisa foram encontradas as seguintes ocorrências:

- b) \* *Ich liebe die Bundes Liga und Bremen Fussball Club.*

*Ich liebe die Bundes<sub>n</sub>[[Liga<sub>n</sub> und Bremen<sub>N</sub> Fussball<sub>n</sub>]] Club<sub>n,[ing.]</sub>.*

Ich liebe die Bundesliga<sub>n</sub> und den Bremer Fussballclub<sub>n</sub>.

Eu amo o Campeonato Alemão e o time de futebol de Bremen.

Composições são mais comuns em alemão, como no exemplo *Sandstrand* (*sandy beach*) (cf. KRUMM et al. 2010: 553). Entretanto, a influência do caráter analítico das línguas inglês e português, em oposição ao caráter sintético do alemão, podem levar os aprendizes a erros.

De acordo com NEUNER (2009: 31), problemas ortográficos costumam surgir quando os aprendizes aplicam o fenômeno da supergeneralização em suas produções, isto é, quando aplicam a mesma regra linguística de maneira padronizada. A partir disso, NEUNER (2006: 45) destacou a importância de se conscientizar os aprendizes sobre as diferenças ortográficas alemão/inglês, dentre as quais as palavras cujo “*d*” em inglês corresponde ao “*t*” em alemão, como em *drink/trinken*, e aquelas palavras cujo “*sh*” em inglês corresponde geralmente ao “*sch*” em alemão, como em *shoe/Schuh*. As referidas trocas foram encontradas nos seguintes exemplos do *corpus*:

- c) \**Im Bremen habe ich einen sandwich und eine super Salad gegessen!*

*Im Bremen habe ich einen sandwich und eine super Salad<sub>n,[ing.]</sub> gegessen!*

In Bremen habe ich ein Sandwich und einen super Salat<sub>n</sub> gegessen!

Em Bremen eu comi um sanduíche e uma super salada!

- d) \**Watching die game, mit warne nachts ist sehr schön.*

*Watching die game, mit warne nachts ist sehr schön<sub>adj.</sub>*

Das Spiel in warmen Nächten zu sehen, ist sehr schön<sub>adj.</sub>

Assistir ao jogo em noites quentes é muito bom.

## 5.2 Léxico-Semântica

A classificação das ocorrências de interface Léxico-Semântica compreende itens como as trocas linguísticas, o uso de falsos cognatos, processos de extensão semântica e o emprego de expressões idiomáticas e de colocações. É relevante ressaltar que, para a área da Léxico-Semântica, é de suma importância que o fator psicotipologia seja levado em consideração, pois, segundo RINGBOM (2001: 60), as semelhanças linguísticas

percebidas pelos aprendizes entre as línguas envolvidas são comumente passíveis de gerar transferências que dizem respeito tanto à forma quanto ao significado das palavras. Ademais, a psicotipologia é um dos fatores mais decisivos nas transferências lexicais entre a L2 e a L3.

Transferências na forma das palavras, em especial as trocas linguísticas, são comuns quando falta ao aprendiz conhecimento acerca da forma a ser empregada na língua-alvo. A partir disso, os aprendizes, na sua tentativa de comunicar algo, passam a adotar itens lexicais de outras línguas de seu repertório que não a língua-alvo (cf. RINGBOM 2001: 64), como nos itens abaixo:

e) \**Ale Kulturprogram ist sehr **interesting**.*

*Ale Kulturprogram ist sehr **interesting*** <sub>adj[ing.]</sub>.

Alle Kulturprogramme sind sehr interessant <sub>adj</sub>.

Todos os programas culturais são muito interessantes.

f) \**Also ich habe das Restaurant **Beer** getrunken.*

*Also ich habe das Restaurant **Beer*** <sub>n.[ing.]</sub> *getrunken.*

Also habe ich im Restaurant Bier <sub>n</sub> getrunken.

Então eu tomei cerveja no restaurante.

SELINKER & BAUMGARTNER-COHEN (1995: 116) citam a semelhança fonética e a plausibilidade de significado como fatores passíveis de gerar a fusão de interlínguas que tem como consequência, por sua vez, o aparecimento desse tipo de interferência, como demonstrado pelos exemplos acima transcritos.

Ao longo da análise do *corpus* também foram identificados itens lexicais emprestados diretamente da língua intermediária dos aprendizes (DENTLER 1998 apud MARX 2000), no caso, o inglês. Tais itens, por sua vez, envolvem a palavra como um todo e não somente a troca de grafemas em palavras semelhantes. Para a pesquisa, esses itens foram compreendidos como estratégias de comunicação na língua-alvo, adotadas pelos aprendizes quando estes percebem que lhes falta competência linguística em relação a certo aspecto daquilo que pretende comunicar (SELINKER 1972). Três exemplos do *corpus* de pesquisa ilustraram o caso:



g) \**Ich bought dich eine Wine.*

*Ich bought*<sub>flex.[ing.]</sub> *dich eine Wine.*

Ich habe<sub>flex.aux.</sub> dir einen Wein gekauft<sub>flex.part.</sub>

Eu comprei um vinho para você.

h) \* *Ich glaube hier ist besser als Brazil.*

*Ich glaube hier ist besser als Brazil*<sub>N.[ing.]</sub>.

*Ich glaube, dass hier besser als in Brasilien*<sub>N.</sub> ist.

Eu acho aqui melhor do que o Brasil.

i) \* *Ich miss dich essen, die essen hier ist nicht gut as dich, but ich been liebe die nudle mit die fleish.*

*Ich miss*<sub>flex.[ing.]</sub> *dich essen, die essen hier ist nicht gut as*<sub>comp[ing.]</sub> *dich, but*<sub>conj condic[ing.]</sub> *ich been liebe die nudle mit die fleish.*

Ich vermisse<sub>flex.</sub> dein Essen, denn das Essen hier ist nicht so gut wie deins. Aber<sub>conj condic</sub> ich liebe Nudeln mit Fleisch.

Eu sinto falta da sua comida, pois a comida aqui não é tão boa quanto a sua, mas eu amo macarrão com carne.

Transferências linguísticas também são comuns quando relacionadas a itens lexicais tais como expressões idiomáticas e colocações. Nesses casos, o aprendiz possui conhecimento acerca da forma a ser empregada na língua-alvo, mas não de suas restrições semânticas e/ou de colocações, como representado pelo exemplo abaixo:

j) \* *Ich mache freund im Berlin ...*

*Ich mache*<sub>flex.</sub> *freund*<sub>n.</sub> *im Berlin ...*

In Berlin schließe<sub>flex</sub> ich Freundschaften<sub>n...</sub>

Eu faço amizades em Berlim...

Não obstante os possíveis paralelos traçados entre a expressão empregada pelo aprendiz e seu correspondente em português (fazer amigos), tal fato foi considerado de pouca relevância para a análise, visto que, de acordo com HUFSEISEN (1993: 253), importa mais

a consciência de que houve, por parte do aprendiz, uma forma de reconhecimento estrutural entre o inglês e o alemão.

### 5.3 Morfologia

Inserida no *corpus* de pesquisa, a área da Morfologia foi a que apresentou o menor número de interferências do inglês (L2) sobre o alemão (L3). De qualquer forma, as ocorrências constatadas são de fácil visualização e não geram dúvidas sobre a origem das interferências, se oriundas da língua materna ou da primeira língua estrangeira do aprendiz. O primeiro exemplo envolve a marcação do caso possessivo acrescido de apóstrofe, como no exemplo:

- k) \* *Am Samstag ich flugzeuge from São Paulo to hier und komme aus Kino to see die neu **Di Caprio's** film, mit Debora.*

*Am Samstag ich flugzeuge from São Paulo to hier und komme aus Kino to see die neu **Di Caprio's**<sub>poss.[ing.]</sub> film, mit Debora.*

Am Samstag fliege ich von São Paulo hierher und gehe ins Kino, um den neuen Film von Di Caprio<sub>poss.</sub> mit Debora zu sehen.

No sábado venho de avião de São Paulo para cá e fui ao cinema com a Debora para ver o novo filme do Di Caprio.

No exemplo acima, o acréscimo do *-s* acompanhado pela apóstrofe nos apresenta um empréstimo direto do inglês, dado que tal construção não apresenta correspondentes em português.

O emprego dos tempos verbais também se mostrou uma fonte de influência da língua inglesa sobre a alemã, como no exemplo:

- l) \* *Ich **been** here drei Wochen und kann nicht klagen.*

*Ich **been**<sub>flex.part.[ing.]</sub> here drei Wochen und kann nicht klagen.*

Ich bin<sub>flex</sub> hier schon drei Wochen und ich kann mich nicht beklagen.

Eu estou aqui há três semanas e não posso reclamar.

As formas verbais em inglês e em alemão apresentam uma série de semelhanças, em especial se analisadas a formação dos tempos verbais e a diferenciação entre os verbos fortes e fracos. No *corpus* de pesquisa foi verificada uma ocorrência envolvendo semelhanças fonéticas e interferências no emprego dos tempos verbais, como é o caso dos verbos *been*, do inglês e *bin* do alemão, empregado inadequadamente pelo fato de não haver, em alemão, uma forma contínua para cada tempo verbal como há no inglês (cf. KRUMM et al. 2010 : 553):

#### 5.4 Sintaxe

A sintaxe é uma área visivelmente suscetível à *influência interlinguística*, especialmente nas áreas de ordem das palavras, orações subordinadas, artigos e sintagmas verbais (cf. ODLIN 1989: 152). Ao que concerne os resultados do *corpus* de pesquisa, muitos foram os aprendizes que apresentaram dificuldades no emprego do verbo na frase principal, em especial quando ela era iniciada por um advérbio (cf. VOLINA 1992), como no emprego dos seguintes advérbios locativos:

m) \**In Bremen das Essen ist sehr gut.*

*In Bremen das* art.def. *Essen* n. *ist* flex. *sehr gut.*

In Bremen ist flex. das art.def. Essen n. sehr gut.

Em Bremen a comida é muito boa.

n) \**Dort ich gehe ins Kino und ins Museum.*

*Dort ich* pron.1sg. *gehe* flex. *ins Kino und ins Museum.*

Dort gehe flex. ich pron.1sg. ins Kino und ins Museum.

Lá eu vou ao cinema e ao museu.

o) \**In Bremen ich trinke Limonade und Tee...*

*In Bremen ich* pron.1sg. *trinke* flex. *Limonade und Tee...*

In Bremen trinke flex. ich pron.1sg. Limonade und Tee...

Em Bremen eu bebo limonada e chá.

HUFEISEN (1991) também constatou que a ordem das palavras representa grande parte das interferências sintáticas em aprendizes de alemão (L3) após inglês (L2), sendo que a colocação do verbo na posição incorreta nas frases acima retoma a construção das respectivas frases em inglês. De um modo geral, frases que se iniciam por advérbio são passíveis de gerar interferências por conta da estrutura diferente das línguas inglês e alemão, pois, enquanto no inglês a ordem S-V-O é mantida, mesmo quando a frase inicia-se por advérbio, em alemão o verbo deve sempre ser mantido na segunda posição (V2). Entretanto, não é possível afirmar se essa interferência advém da língua materna dos aprendizes ou da primeira língua estrangeira, visto ser essa construção plausível em ambas as línguas. A questão da ordem dos elementos na frase e o uso de verbos modais (cf. HUFEISEN 1991: 88) também se mostrou problemática, como no exemplo que segue:

p) *\*Ich will gehen aus Chile.*

*Ich will<sub>flex</sub> gehen<sub>flex</sub> aus Chile.*

*Ich will<sub>flex</sub> nach Chile fliegen<sub>flex</sub>.*

Eu quero ir ao Chile.

No exemplo acima, os verbos modal e infinitivo aparecem seguidos na frase (S - V1 - V2 - O), não respeitando o lugar sintático dos elementos (S - V1 - O - V2), de acordo com o qual o verbo modal deveria levar o verbo no infinitivo para o final da frase. Segundo NEUNER (2009: 68), a existência de verbos modais em ambas as línguas é capaz de auxiliar a aprendizagem de alemão como L3 em seus estágios iniciais por permitir a compreensão, por parte dos aprendizes, do significado dos verbos modais e de sua função na frase. Entretanto, NEUNER e HUFEISEN (1991: 122) enfatizam a importância da conscientização dos aprendizes acerca das restrições sintáticas que acompanham o emprego dos verbos modais. Dessa forma, é relevante que os professores deixem claro aos seus alunos, seja diretamente ou por meio de uma análise contrastiva, que a frase alemã possui sua própria regra e que esta não pode ser transposta diretamente do inglês.

Também foram encontrados no *corpus* de pesquisa uma série de exemplos envolvendo as palavras funcionais, classe representada principalmente pelos artigos, preposições, conjunções, pronomes e interjeições. A influência do inglês na área das

preposições (cf. HUFSEIN 1991: 81) foi marcante nas produções dos alunos dos níveis iniciais, que transpuseram preposições diretamente do inglês para o alemão, como em:

q) \* *Ich komme **by** Auto und this langen drei Uhr.*

*Ich komme <sub>prep. [ing.]</sub> by Auto und this langen drei Uhr.*

Ich komme mit <sub>prep.</sub> dem Auto und das dauert drei Stunden.

Eu venho de carro e isso dura três horas.

r) \* *Dann gehe ich **to** Kino und **to** eine Fotoausstellung.*

*Dann gehe ich <sub>prep. [ing.]</sub> to Kino und <sub>prep. [ing.]</sub> to eine Fotoausstellung.*

Dann gehe ich ins <sub>prep.</sub> Kino und in <sub>prep.</sub> eine Fotoausstellung.

Depois eu vou ao cinema e a uma exposição de fotos.

s) \* *Am Samstag ich flugzeuge **from** São Paulo **to** hier...*

*Am Samstag ich flugzeuge <sub>prep. [ing.]</sub> from São Paulo <sub>prep. [ing.]</sub> to hier...*

Am Samstag fliege ich von <sub>prep.</sub> São Paulo hierher <sub>adv.</sub>...

No sábado eu viajo de avião de São Paulo para cá...

As preposições são entendidas como elementos suscetíveis a transferências em línguas de parentesco comprovado, como é o caso do alemão e do inglês (VOGEL, 1992; WILLIAMS & HAMMABERG 1998). No primeiro exemplo, há o emprego da preposição *by* do inglês, que foi usada em analogia a preposição *bei* do alemão (cf. NEUNER 2009: 150). O aprendiz em questão, seja por esquecimento ou desconhecimento da forma correta *Ich komme mit dem Auto*, e por conhecer a preposição *bei* do alemão, acreditou ser plausível essa aplicação. O segundo exemplo, por sua vez, apresenta o uso direto de uma preposição em inglês *to* com o objetivo de indicar direção, enquanto o terceiro aprendiz, além do *to*, empregou a preposição inglesa *from*, em possível analogia ao *von* do alemão (cf. NEUNER 2009: 150), que, apesar de também indicar origem, não é aplicável ao caso em questão.

## 5.5 A quantificação dos índices de influência interlinguística inglês/alemão

Ao serem contabilizados todos os índices de *influência interlinguística* presentes nas produções textuais dos aprendizes, chegou-se a um número de 311, dentre os quais 48 foram derivados exclusivamente da língua inglesa e 14 podem ser atribuídos tanto à língua inglesa quanto à língua materna dos aprendizes, no caso, o português brasileiro. Ademais, foram contabilizados 249 fenômenos intralinguísticos, ou seja, aqueles referentes a dificuldades dentro do próprio sistema da língua alemã. A partir dessa quantificação, a premissa de que a língua inglesa exerce influência considerável na aprendizagem de alemão como terceira língua pôde ser confirmada, visto ser responsável por, aproximadamente, 15,43 % do total de erros dos aprendizes, como representado pelo Gráfico 01. Tal percentual representa mais do que o constatado por HUFSEIN (1991: 90) em sua pesquisa, na qual 9% dos erros dos aprendizes advinham exclusivamente do inglês.

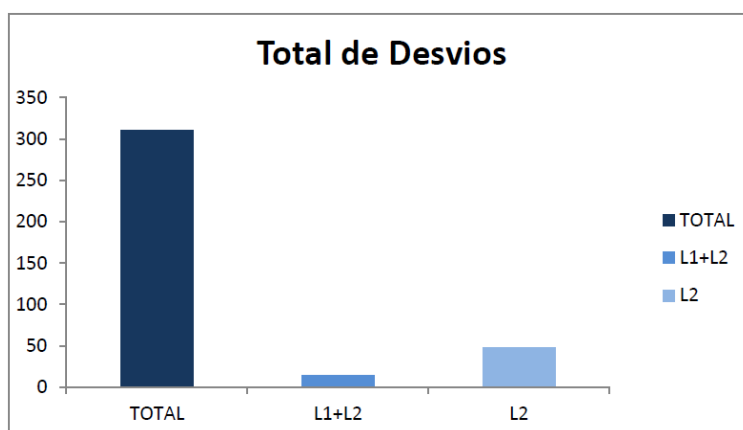


Gráfico 01: A quantificação dos erros dos aprendizes e suas fontes de influência.

Quanto à distribuição dos erros dos aprendizes por nível de aprendizagem, chegou-se à conclusão de que a *influência interlinguística* se mostra mais recorrente nos níveis iniciais de aprendizagem, como já assinalado por ODLIN (1989). De forma geral, há um aumento no domínio, por parte dos aprendizes, de sua competência em língua alemã, que os leva a substituir traços de sua interlíngua pelos da língua-alvo (cf. SELINKER 1972).

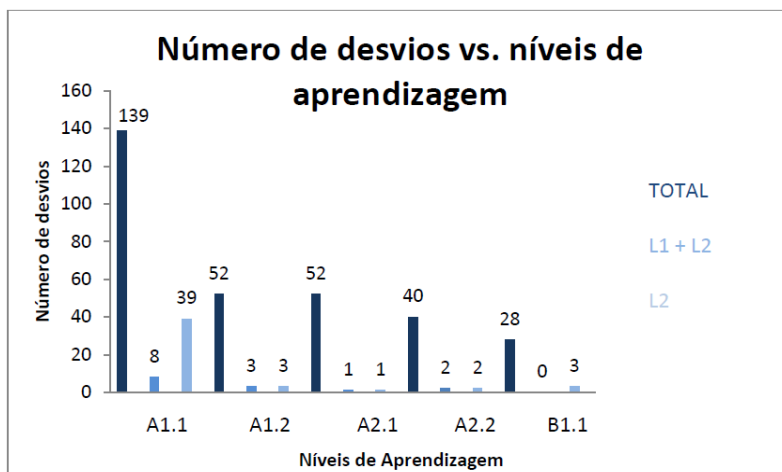


Gráfico 02: Número de desvios dos aprendizes por nível de aprendizagem

Numericamente, a influência do inglês sobre a língua alemã se dividiu de forma relativamente igualitária entre as áreas da Léxico-Semântica (36%) e da Sintaxe (34%), conforme Gráfico 02. Entretanto, não há uma diferença numérica significativa na comparação entre os dados dessas áreas e da área da Ortografia (24%), pois, enquanto no campo da Ortografia foram constatados erros exclusivamente decorrentes da língua inglesa, na área da Sintaxe foram constatados uma série de fenômenos interlinguísticos decorrentes tanto do português quanto do inglês, algo que diminui as diferenças numéricas entre as áreas. Em relação ao pequeno número de erros na Morfologia (6% do total), estes vão ao encontro das afirmações de ODLIN (1989: 152), para quem a área da morfologia é menos suscetível às interferências linguísticas.

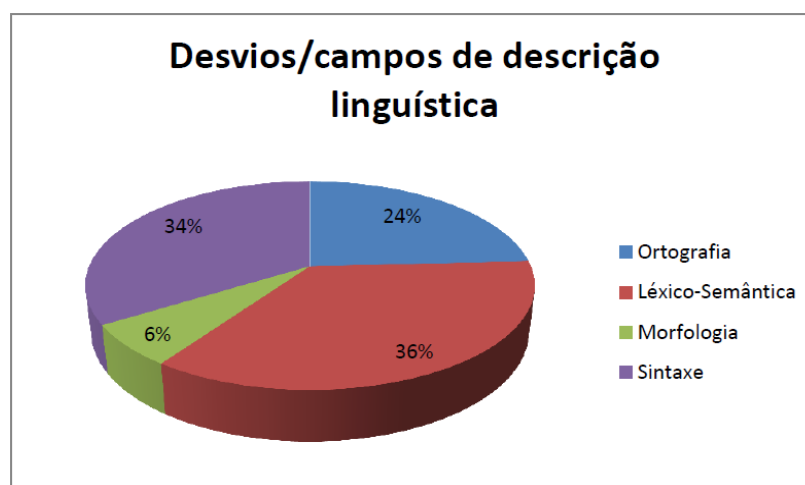


Gráfico 03: A distribuição dos erros dos aprendizes pelos campos de descrição linguística tradicionais.

## Considerações finais

Os resultados de pesquisa divulgados neste artigo confirmam, de forma geral, a premissa de que o inglês exerce um papel importante na aprendizagem do alemão por falantes nativos de português brasileiro. Tal fato, por sua vez, é especialmente válido para alunos dos níveis iniciais de aprendizagem, para os quais o inglês funciona como uma primeira inserção em língua alemã (cf. NEUNER 2009).

Quanto à *influência interlinguística* na aprendizagem de terceiras línguas, esta se fez presente em situações nas quais pareceu faltar aos aprendizes material linguístico na língua-alvo para atender às suas necessidades comunicativas. Nessas situações, os aprendizes investigados fizeram uso de sua competência plurilíngue ao substituir, nas produções textuais, itens lexicais do inglês a partir dos critérios de similaridade formal e de plausibilidade de significado das unidades envolvidas. Essas similaridades, por sua vez, funcionam como marcadores linguísticos, aos quais os aprendizes recorrem como forma de construir seu novo repertório linguístico a partir de outro, pré-existente (RINGBOM 1986: 134 apud GASS & SELINKER 2008: 137).

É importante ressaltar que, mais do que demonstrar as áreas de interferência advindas da interação de ambas as línguas, o foco da análise foi identificar os pontos de contato que auxiliam o processo de aprendizagem para falantes de português como língua materna, visto que, segundo HUFSEIN (1993), a transferência positiva passa a ser maior do que a interferência linguística, a partir do momento que os aprendizes estão conscientes dos paralelos existentes entre as línguas.

Tal como assinalado por NEUNER & KURSIŠA (2006: 4), a questão da consciência linguística na aula de língua estrangeira é fundamental e deve ser incentivada desde as primeiras aulas, de forma que a comparação ativa dos sistemas linguísticos alemão/inglês (ou outras línguas aprendidas anteriormente) seja inserida no processo de aprendizagem. Isso é especialmente válido para as áreas da gramática e do vocabulário, cujo conhecimento prévio do inglês permite um acesso mais rápido ao alemão. A partir desse auxílio, pode-se, principalmente nos níveis iniciais da aprendizagem, construir um vocabulário razoável e desenvolver procedimentos para a compreensão de textos.



O campo de investigação na área de ensino/aprendizagem de terceiras línguas é vasto e ainda são poucos os que se dedicam a estudar as condições e as consequências da aprendizagem de diversas línguas pelo mesmo sujeito, em especial no Brasil. Dessa forma, são relevantes estudos que tratem especificamente das consequências sociolinguísticas decorrentes da aprendizagem de *Alemão após Inglês* no país e do desenvolvimento de métodos de investigação especiais para a área da L3, em especial os que envolvam a análise contrastiva português/inglês/alemão. Partindo dos estudos que trabalham a aprendizagem de L3, podem ser desenvolvidas pesquisas sobre a influência do inglês no alemão em relação às capacidades linguísticas dos aprendizes (ler, escrever, ouvir e falar), bem como a investigação sobre o papel dos fatores de influência (p. ex. psicotipologia) nas transferências inglês/alemão. Adicionalmente, o desenvolvimento de uma didática de L3 que envolva a elaboração de materiais didáticos adaptados para aprendizes brasileiros parece interessante, especialmente se levados em consideração aprendizes mais velhos e que dispõem de um repertório linguístico composto por mais de uma língua estrangeira.

## Referências bibliográficas

- ALBERT, Ruth & MARX, Nicole. *Empirisches Arbeiten in Linguistik und Sprachlehrforschung. Anleitungen zu quantitativen Studien von der Planungsphase bis zum Forschungsbericht*. Tübingen, Narr, 2010
- AUER, Peter & WEI, Li (ed.). *Handbook of Multilingualism and Multilingual Communication*. Berlin, Mouton de Gruyter, 2007.
- CASTILHO, Ataliba T. de. “Funcionalismo e gramáticas do português brasileiro: novos desdobramentos.” In: SOUZA, Edson R. F. de (Org.). *Gramática, texto e discurso*. UFMS, no prelo, 2011, 11-29.
- CONSELHO DA EUROPA. *Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas*. Porto, Asa Editores, 2001.
- DE ANGELIS, Gessica & SELINKER, Larry. “Interlanguage Transfer and Competing Linguistic Systems in the Multilingual Mind.” In: CENOZ, Jasone et al. (Ed.). *Cross-linguistic influence in third language acquisition: psycholinguistic perspectives*. Clevedon, Multilingual Matters, 2001, 42–58.
- DUDEN. *Die Grammatik*. Mannheim, Duden, 2005.
- GASS, Susan & SELINKER, Larry. *Second Language Acquisition: An Introductory Course*. Londres, Routledge, 2008.
- HUFEISEN, Britta. *Englisch als erste und Deutsch als zweite Fremdsprache*. Empirische Untersuchung zur fremdsprachlichen Interaktion. Frankfurt am Main, Lang, 1991.
- HUFEISEN, Britta. “Fehleranalyse: Englisch als L2 und Deutsch als L3.” In: *Iral* 31, 1993, 242-256.

- HUFEISEN, Britta. "L1, L2, L3, L4, Lx – alle gleich? Linguistische, lernerinterne und lernerexterne Faktoren in Modellen zum multiplen Spracherwerb." In: *Zeitschrift für Interkulturellen Fremdsprachenunterricht* [Online], 8(2/3), 2003, 97-109. [http://www.spz.tu-darmstadt.de/projekt\\_ejournal/jg-08-23/docs/Hufeisen.pdf](http://www.spz.tu-darmstadt.de/projekt_ejournal/jg-08-23/docs/Hufeisen.pdf).(11/03/2011).
- KELLERMAN, Eric & SHARWOOD-SMITH, Michael (Ed.). *Crosslinguistic Influence in Second Language Acquisition*. Nova York, Pergamon Press, 1986, 112-134.
- KRUMM, Hans-Jürgen et al. *Sprachenvielfalt*. Babylonische Sprachverwirrung oder Mehrsprachigkeit als Chance? Innsbruck: Studienverlag, 2003.
- KRUMM, Hans-Jürgen et al. *Deutsch als Fremd- und Zweitsprache*. Ein internationales Handbuch. Berlin, De Gruyter Mouton, 2010.
- MARX, Nicole. "Denglisch bei nicht- indoeuropäischen Muttersprachlern?" In: *Zeitschrift für Interkulturellen Fremdsprachenunterricht* [Online], 5(1), 2000, 19p. [http://spz1.spz.tu-darmstadt.de/projekt\\_ejournal/jg-051/beitrag/marx.htm](http://spz1.spz.tu-darmstadt.de/projekt_ejournal/jg-051/beitrag/marx.htm).(22/11/2010)
- MURPHY, Shirin. "Second language transfer during third language acquisition." In: *Working Papers in TESOL & Applied Linguistics* [Online], 3(2), 2003, 1-21. <http://journals.tc-library.org/index.php/tesol/article/viewFile/23/28> (17/04/2011)
- NEUNER, Gerhard et al. *Deutsch als zweite Fremdsprache*. Berlin, Langenscheidt (Fernstudieneinheit 26), 2009.
- NEUNER, Gerhard et al. "Deutsch als zweite Fremdsprache nach Englisch. Überlegungen zur Didaktik und Methodik und zur Lehrmaterialentwicklung für die 'Drittssprache Deutsch'" In: *Deutsch als Fremdsprache* 4, 1996, 211-217.
- NEUNER, Gerhard & KURSIŠA, Anta. *Deutsch ist easy!* Lehrerhandreichungen und Kopievorlagen "Deutsch nach Englisch" für den Anfangunterricht. Ismaning, Hueber Vorlag, 2006.
- ODLIN, Terrence. *Language transfer: cross-linguistic influence in language learning*. Cambridge, Cambridge University Press, 1989.
- RINGBOM, Håkan. "Crosslinguistic influence and the foreign language learning process." In: KELLERMAN, Eric & SHARWOOD-SMITH, Michael (Ed.). *Crosslinguistic Influence in Second Language Acquisition*. Nova York, Pergamon Press, 1986, 150-162.
- RINGBOM, Håkan. "Lexical transfer in L3 production" In: In: CENOZ, Jasone et al. (Ed.). *Cross-linguistic influence in third language acquisition: psycholinguistic perspectives*. Clevedon, Multilingual Matters, 2001, 59–68.
- SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães. "O desenvolvimento da língua alemã." In: BAGNO, Marcos & LAGARES, Xoán Carlos (Org.). *Políticas da Norma e conflitos linguísticos*. São Paulo, Parábola, 2011, 277-297.
- SELINKER, Larry. "Interlanguage." In: *International Review of Applied Linguistics* 10, 1972, 209-231.
- SELINKER, Larry. *Rediscovering Interlanguage*. Londres, Longman, 1992.
- SELINKER, Larry & BAUMGARTNER-COHEN, B. "Multiple language acquisition. 'Damm it, why can't I keep these two languages apart?'" In: *Language, Culture and Curriculum* 8 (2), 1995, 115-121.
- TAYLOR, John R. *Possessives in English: An Exploration in Cognitive Grammar*. Nova York, Oxford University Press, 2001.
- VOGEL, Thomas. "'Englisch und Deutsch gibt es immer Krieg': Sprachverarbeitungsprozesse beim Erwerb des Deutschen als Drittssprache." In: *Zielsprache Deutsch* 23 (2), 1992, 95-99.
- VOLINA, S. "Deutsch als zweite Fremdsprache- ein Beispiel aus der Sowjetunion." In: BAUSCH, Karl R.; HEID, M. (Ed.). *Das Lehren und Lernen von Deutsch als zweiter oder weiterer*

Ferrari, B. - A influência do inglês no processo de ensino/ aprendizagem de alemão

*Fremdsprache: Spezifika, Probleme, Perspektiven. Manuskripte zur Sprachlehrforschung* 32. Bochum, Brockmeyer, 1992.

WILLIAMS, Sarah & HAMMABERG, Björn. "Languages switches in L3 production: implications for a polyglot speaking model." In: *Applied Linguistics* 19, 1998, 295-333.

*Recebido em 19/06/2014*

*Aceito em 23/07/2014*

# Motivationsschreiben im Deutschen: Eine textlinguistische Betrachtung

[The German Motivationsschreiben: a textlinguistic analysis]

<http://dx.doi.org/10.1590/1982-8837198215>

Franziska Schwantuschke<sup>1</sup>

**Abstract:** This study aims to analyse the text genre "Motivationsschreiben", a document that must be prepared by applicants who aspire joining in a master's program or a scholarship in Germany. Based on a corpus of 30 "Motivationsschreiben" which were collected for the dissertation from the University of Leipzig and UFPR between February and July 2014 the analysis focused on the relevance, the communicative context and functions of the text genre.

**Keywords:** Application; Text genre; Communicative functions; Communicative context

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo analisar o gênero textual "Motivationsschreiben", documento que deve ser elaborado por candidatos que almejam o ingresso num programa de mestrado ou uma bolsa de estudos na Alemanha. Baseando-se em um corpus de 30 "Motivationsschreiben" recolhidos para a dissertação na Universidade de Leipzig e na UFPR entre os meses de novembro de 2013 a maio de 2014, a análise enfocou a relevância, o contexto comunicativo e as funções do gênero textual.

**Palavras-chaves:** Candidatura; Gênero textual; Funções comunicativas; Contexto comunicativo

**Zusammenfassung:** Ziel des vorliegenden Artikels ist die Analyse von Motivationsschreiben, einer Textsorte, die bei der Bewerbung um einen Masterstudienplatz oder um ein Stipendium häufig eingereicht werden muss. Anhand eines Korpus von 30 Motivationsschreiben, welche im Rahmen der Masterarbeit von November 2013 bis Mai 2014 gesammelt wurden, sollen die Relevanz, der Kommunikationskontext und die Textfunktionen der offenen Textsorte aufgezeigt werden.

**Stichwörter:** Bewerbung; Textsorte; Textfunktion; Kommunikationskontext

---

<sup>1</sup> Universität Leipzig, Herder Institut; Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Binacionaler Masterstudiengang Deutsch als Fremdsprache. Email: [franziska@schwantuschke.com](mailto:franziska@schwantuschke.com)

# 1 Einleitung

Hallo liebe Master - Studenten! Ich möchte mich für das kommende Wintersemester für den Masterstudiengang DaF bewerben. Kann mir jemand sagen, was für das Motivationsschreiben gefordert wird? Hat jemand eine kurze Hilfestellung für mich parat? Vielen Dank im Voraus!(FACEBOOK-EINTRAG vom 21.4.2014)

Verfasst ein Bewerber zum ersten Mal ein Motivationsschreiben, steht er vor der großen Frage, was ein solches Schreiben eigentlich erfassen sollte. Dass damit selbst muttersprachliche Studierende philologischer Fächer Probleme haben, zeigt der Hilferuf.

Unter den Bewerbungstextsorten wurden zu den Textsorten Lebenslauf (vgl. dazu u.a. HEPP 2006, MORELLO 2006) und Vorstellungs- bzw. Bewerbungsgespräch (vgl. dazu u.a. LEPSCHY 1995, SCHMIDT 2000, BIRKNER 2001, SCHILLING 2001) bereits zahlreiche linguistische Studien sowohl aus einzelsprachlicher als auch kontrastiver Perspektive durchgeführt. Außerdem existieren empirische Untersuchungen zu den Textsorten Anschreiben (vgl. dazu SCHRÖDER 2002) und Stipendienantrag (vgl. dazu KOTTHOFF 2009).

Bezüglich der Textsorte Motivationsschreiben liegen m. E. noch keine empirisch fundierten wissenschaftlichen Arbeiten vor; nur praktisch orientierte Ratgeber in Form von vereinzelt Büchern, vor allem aber als digitale Online-Versionen sind vorhanden. Auch Freudenberg-Findeisen weist in ihrer Rezension zu Fandrychs und Thurmairs „Textsorten des Deutschen“ darauf hin, dass „[a]us sprachdidaktischer Perspektive – und das zeigen Unterrichtspraxis wie auch Lehrwerke - [...] »offenere« Textsorten wie journalistischer Bericht, Reportage, Umfrage, Motivationsschreiben sehr wünschenswert [wären]“ (FREUDENBERG-FINDEISEN 2011: 574).

Der folgende Artikel fasst einige Ergebnisse meiner Masterarbeit „Motivationsschreiben im Deutschen. Empirische Analyse und didaktische Implikationen für den DaF-Unterricht“ zusammen. Für diese Arbeit wurde von Februar bis Juli 2014 ein Korpus von 30 Motivationsschreiben, die im Rahmen einer Studien- oder Stipendienbewerbung von deutschen Muttersprachlern verfasst wurden, erstellt. Hinsichtlich des Studienfachs wurden keine Beschränkungen vorgenommen. Die meisten Korpusexemplare kommen aber aus dem geisteswissenschaftlichen Bereich.

## 2 Texte, Textsorten, Textmuster

Textsorten entwickeln sich als Lösungsstrategien für spezifische kommunikative Aufgaben, welche aufgrund von sich verändernden kommunikativen Bedürfnissen in einer Gesellschaft aufkommen (vgl. KRAUSE 2000: 48). Mit der Zeit entwickeln und festigen sich standardmäßige Ausprägungen, sogenannte Textmuster. Sie werden gelernt und reproduziert. Durch die ständige Reproduktion erfährt das Muster Differenzierung und Variation, wodurch die Textsorte auf ihre Funktionserfüllung hin überprüft werden muss (vgl. GANSEL 2011: 110). BRINKERS umfassende Textsortendefinition, die auch von Textmustern ausgeht, soll grundlegend für den weiteren Verlauf angenommen werden (1997: 132):

Textsorten sind konventionell geltende Muster für komplexe sprachliche Handlungen und lassen sich als jeweils typische Verbindungen von kontextuellen (situativen), kommunikativ-funktionalen und strukturellen (grammatischen und thematischen) Merkmalen beschreiben. Sie haben sich in der Sprachgemeinschaft historisch entwickelt und gehören zum Alltagswissen der Sprachteilhaber; sie besitzen zwar eine normierende Wirkung, erleichtern aber zugleich den kommunikativen Umgang, indem sie den Kommunizierenden mehr oder weniger feste Orientierung für die Produktion und Rezeption von Texten geben.

Textsorten beziehen sich auf konkrete Realisierungen von Texten, die das Auftreten atypischer Merkmale nicht ausschließen (vgl. FELD-KNAPP 2005: 123). Besonders Textsorten mit einem geringeren Standardisierungsgrad lassen eine größere Variation unter den einzelnen Textexemplaren zu. Deswegen umfasst ein Textmuster nur idealtypische Modelle, in denen „[...] atypische Modelle keinen Platz haben“ (ebd.). Textmuster dienen zur Identifikation und Zuordnung eines Textexemplars zu einer Textsorte. Textexemplare können „[...] erhebliche Unterschiede aufweisen, nicht nur, was die konkrete sprachliche Ausgestaltung, sondern auch, was ihre Textstruktur betrifft (Anordnung und Vorkommen von Teiltextrn etwa)“ (THURMAIR 2001: 271). Deswegen sollten beim Fremdsprachenunterricht vor allem Texte zum Einsatz kommen, die als prototypische Vertreter einer Textsorte gelten (vgl. VENOHR 2007: 28ff.).

Hinsichtlich der Auswahl der im Unterricht zu behandelnden Textsorten fordert THIM- MABREY: „Studierende sollten ein Textsortenwissen erwerben, das ihnen dazu verhilft, diejenigen Textsorten, in denen sie selbst schriftliche Texte produzieren, kompetent in Einzeltexten zu realisieren“ (2005: 34).

### 3 Gesellschaftliche Relevanz

Spätestens in der Ausbildungs- bzw. Studienphase und/oder zum Übergang in die Arbeitswelt, konkret in der Bewerbungsphase, muss man sich mit der Textsorte Motivationsschreiben auseinandersetzen. Dabei ist nur die Produktion, im seltensten Falle auch die Rezeption, relevant. Die Texthandlung, die durch die Rezeption des Motivationsschreibens vom Adressaten vollzogen wird, kann entweder eine Ablehnung oder eine Befürwortung des Bewerbers sein. Werden die Konventionen der Bewerbungsunterlagen nicht eingehalten, wird dies im schlimmsten Fall mit Ausschluss der Bewerbung sanktioniert.

Der Bewerber versucht sich demnach aus eigenem Interesse an die Konventionen zu halten. Eine schlichte Nichtbenutzung/Ablehnung der Textsorte, sollte diese als Teil der Bewerbungsunterlagen ausdrücklich gefordert sein, wird in der Regel ebenso sanktioniert, da Bewerber mit inkompletten Bewerbungsmappen nicht in die nähere Auswahl kommen.

Die Forderung nach Motivationsschreiben dehnt sich auf verschiedenste Bereiche aus: Nicht nur im Rahmen der Berufs-, Studien- und Stipendienbewerbung werden Motivations- schreiben gefordert, sondern auch bei der Bewerbung um einen Studentenwohnheimplatz, der Teilnahme an Workshops und Wettbewerben, der Projektförderung, der Tätigkeit als Bildungsmentor und Kirchenführer. Dass das Motivationsschreiben allerdings (noch) kein selbstverständlicher Bestandteil der Berufs- und Studienbewerbungsunterlagen ist, zeigen die zwei folgenden Ausschnitte aus Ausschreibungen:

(1) Bewerbungen müssen schriftlich mit den üblichen Unterlagen sowie einem Motivationsschreiben bei der DIU eingereicht werden. (LOGISTIK INSIDE 2009: 59)

(2) Für den [Tüftler-Wettbewerb, Anm. der Verfasserin] können sich alle Schüler der Klassen 9 bis 13 bewerben: Übrigens nicht mit ihren Zeugnissen, sondern mit einem Motivationsschreiben. (LÜKE 2011: 22)

Dennoch wird das Motivationsschreiben zur Eignungsfeststellung immer üblicher und einflussreicher. Bei einer Masterbewerbung am Herder-Institut der Universität Leipzig kommt dem Motivationsschreiben zum Beispiel eine Gewichtung von 20% der Gesamtbewerbung zu (vgl. HERDER-INSTITUT 2014). In den meisten Bewerbungsratgeberbüchern findet das Motivationsschreiben gar keine Erwähnung.

Umso größer ist die Unwissenheit der Bewerber über Inhalt und Form. Das Abschreiben von Mustermotivationsschreiben aus dem Internet oder aus Ratgebern kann Inhaltsarmut und fehlende Individualität zur Folge haben. Weil das Motivationsschreiben eine sehr gering standardisierte Textsorte ist, ist es dem Bewerber möglich, durch Individualität und Kreativität zu überzeugen, indem er sich „[...] von 'Floskeln' lös[t] und persönliche und individuelle Formulierungen [...] wähl[t]“ (FANDRYCH/THURMAIR 2011: 317).

## 4 Einbettung der Textsorte

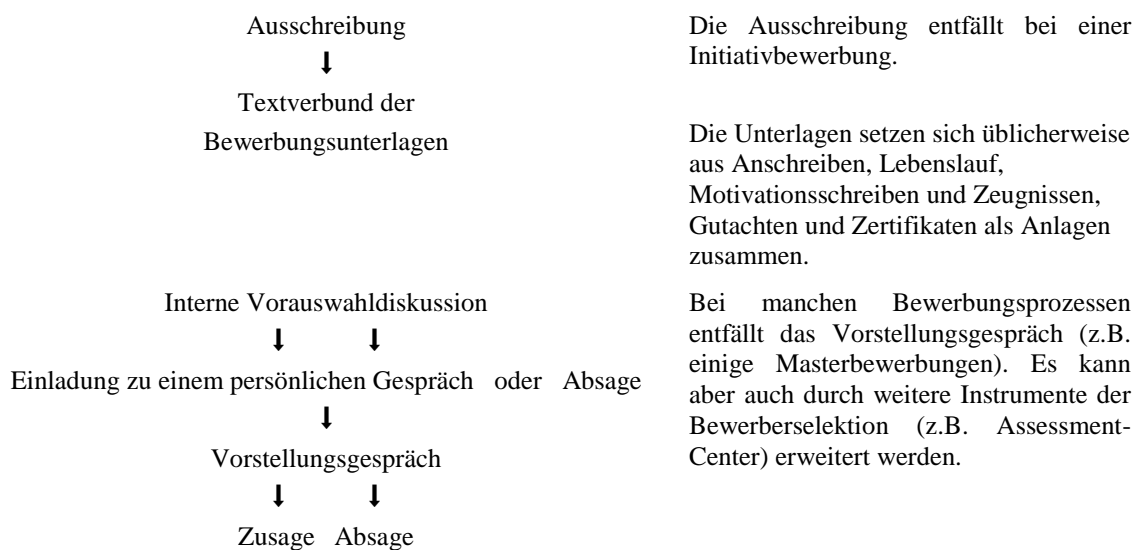
Die Textsorte Motivationsschreiben ist unter die Textsortengruppe der Vorstellungstexte zu fassen. FANDRYCH und THURMAIR definieren diese als „[...] Texte, mit denen sich eine Person selbst in einer öffentlichen oder halböffentlichen Situation vorstellt [...]“ (2011: 36)<sup>2</sup>.

Textsorten stehen nicht verbindungslos nebeneinander. Sie „bilden ein Gesamtsystem, innerhalb dessen sie einen bestimmten Platz und Stellenwert haben“ (ADAMZIK 2007: 16). FANDRYCH und THURMAIR nennen dieses Gesamtsystem *Textverbund*. Ein Textverbund umfasst „[...] verschiedene Textsorten(exemplare), die in strukturierter Anordnung räumlich zusammen auftreten (und häufig auf spezifische Weise aufeinander bezogen sind)“ (2011: 27). Das Motivationsschreiben ist ein Teil des Textverbundes Bewerbungsunterlagen. Im Handlungszusammenhang der Bewerbung tritt es gemeinsam mit den Komplementärtexten Lebenslauf, Anschreiben und Anlagen auf. Zusammen mit seinen Komplementärtexten ist das Motivationsschreiben in einer „syntagmatischen Textsortenkette“ zu verorten (vgl. ADAMZIK 2007: 27). Diese entsteht, wenn ein Text andere Texte nach sich zieht oder voraussetzt. Folgende syntagmatische Textsortenkette kann für die komplexe Handlung Bewerbung angenommen werden:

---

<sup>2</sup> Wie in 5 näher erläutert, handelt es sich bei der Bewerbungskommunikation nicht um eine öffentliche, sondern eine offizielle Korrespondenz. Demnach kann parallel zu der Auffassung, dass der formell-offizielle Lebenslauf ein Vorstellungstext ist, auch das Motivationsschreiben als solcher angesehen werden (vgl. FANDRYCH/THURMAIR 2011: 37).





Die syntagmatische Kette (siehe Abbildung) ist in ihrer Abfolge obligatorisch. Beispielsweise kann der Ablehnungsbescheid nicht vor der Einreichung der Bewerbungsunterlagen versandt werden. Wie die Hinweise neben der Abbildung zeigen, müssen nicht in jedem Bewerbungsprozess alle Schritte vorhanden sein. Die Texte stehen in einem größeren Zusammenhang zueinander. KLEIN (2000) prägt den Begriff der Textsorten-Intertextualität (ebd.: 33)<sup>3</sup>.

Wie SCHMIDT (2000) in seiner Darstellung der sprachlichen und nicht-sprachlichen Handlungen eines Bewerbungsprozesses darstellt, sind die Kontaktschritte abwechselnd auf Bewerber- und Entscheidungsträgerseite angesiedelt. Bei der Erstellung der Bewerbungsunterlagen (ein interner Prozess seitens des Bewerbers) versucht der Bewerber bestmöglich auf den von der Institution erstellten Kriterienkatalog, der ihm nicht bekannt ist, zu reagieren. Der interne Kriterienkatalog besteht vermutlich aus Richtlinien und erwarteten Textsortenkonventionen, die für den Bewerber nicht transparent sind. Bei der Bewertung der Motivationsschreiben gehen die Rezipienten von „[...] ‚stillschweigende[n] Regeln‘ der Stellenvergabe und Bewerberauswahl [aus], die nirgends gesetzlich oder vertraglich verankert sind“ (REIB/VERMEER 1991: 184 nach MORELLO 2006: 59). Selbst auf Nachfrage bei renommierten Institutionen, die Stipendien und Studienplätze vergeben, wurden keine

<sup>3</sup> Deutlich wird die Textsorten-Intertextualität bei Betrachtung des expliziten Bezugs der Betreffzeile eines Anschreibens auf ein ausgeschriebenes Stellenangebot.

Aussagen über die Richtlinien zum Verfassen des gewünschten Motivationsschreibens gemacht. Dabei unterstreicht BOLTEN, dass „[z]ur besseren Strukturierung der Auswahl die Anforderungen an das Motivationsschreiben so explizit formuliert werden [sollten], dass für BewerberInnen eine eindeutige Orientierungsvorgabe besteht“ (2013: 5).

## 5 Kommunikationskontext

Relevant wird das Textsortenwissen über Motivationsschreiben bei Neu- oder Umorientierung in biografischen Umbruchsituationen, in denen eine Bewerbung verfasst wird. Das Motivationsschreiben muss immer im Kontext des Textverbundes Bewerbung betrachtet werden. Aus Datenschutzgründen müssen die Bewerbungsunterlagen vertraulich behandelt und der Öffentlichkeit vorenthalten werden, d.h. sie zählen zur nicht-öffentlichen Kommunikation (vgl. MORELLO 2006: 80). Kennzeichnend für die zudem offizielle Korrespondenz zwischen dem Bewerber und der Institution ist der „[...] bei weitem höhere[ ] Grad an Verbindlichkeit als im privaten Bereich“ (BRINKER 1997: 137).

### 5.1 Kommunikationsbereich

Kommunikationsbereiche etablieren sich dadurch, dass Menschen in ihren bestimmten Handlungsrollen kommunikativ handeln, indem sie Texte produzieren und rezipieren (vgl. GANSEL 2011: 12). ADAMZIK spricht sich gegen solche „Ordnungsgröße für die Verortung von Textsorten“ aus (vgl. 2004: 73). Deutlich wird ihr Einwand, wenn man versucht, die Textsorte Motivationsschreiben einem Kommunikationsbereich zuzuordnen. Textsorten, die einem Kommunikationsbereich zugeordnet werden können, werden in dessen Rahmen sozial und situativ definiert und folgen den dort geltenden Handlungsnormen (vgl. FANDRYCH/THURMAIR 2011: 17).

Wie eingangs ausgeführt, können Motivationsschreiben zu unterschiedlichen Zwecken verfasst werden. Demnach kann die Textsorte sowohl den Kommunikationsbereichen *Hochschule* (z. B. im Rahmen einer Masterbewerbung), *Schule* (z.B. im Rahmen einer Praktikumsbewerbung), *Wirtschaft und Handel* (z.B. im Rahmen einer Berufsbewerbung), als auch *Alltag* (z. B. im Rahmen einer Bewerbung um einen Wohnheimplatz) zugeordnet werden. Des Weiteren ist das

Motivationsschreiben unabhängig vom Zweck dem Kommunikationsbereich *Verwaltung* zugehörig.

Die vorliegende Untersuchung betrachtet nur Motivationsschreiben, die im Kommunikationsbereich *Hochschule* zum Zweck der Studien- und Stipendienbewerbung verfasst wurden.

## 5.2 Kommunikationssituation

Es handelt sich bei einem Motivationsschreiben um einen medial schriftlichen Text. Kennzeichnend für medial schriftliche Texte ist die fehlende Kopräsenz von Leser und Schreiber und dass das Kommunikat räumlich und zeitlich getrennt vom Rezeptionsmoment verfasst wird (vgl. FANDRYCH/THURMAIR 2011: 18). So liegt normalerweise eine zeitliche Verzögerung zwischen dem Erstellen und Versenden durch den Produzenten und dem Rezipieren und Antworten durch den Rezipienten vor. Die nicht-simultane Kommunikation (räumliche und zeitliche Trennung des Produktions- und Rezeptionsprozesses) wirkt sich auch auf die Gestaltung der Textsorte aus.

Das Verbreitungsmedium der Bewerbungsunterlagen (einschließlich des Motivationsschreibens) hat sich mit den modernen Medien verändert: Versickte man vor ein paar Jahren die Bewerbungsunterlagen noch in Briefform mit der Post, ist das Versenden per E-Mail heutzutage weitaus verbreiteter. Die Bewerbungsunterlagen werden einer E-Mail im Anhang (meist im pdf-Format) beigefügt. Außerdem verfügen einige Institutionen (z.B. Auswärtiges Amt<sup>4</sup>, DAAD<sup>5</sup>) über Bewerberportale. Mit einem Account, den sich der Bewerber eigens für den Bewerbungsprozess anlegt, kann er die geforderten Unterlagen hochladen oder den Text des Motivationsschreibens direkt in eine Maske eingeben. Mithilfe der Maske kann der Rezipient die Zeichen- oder Wortanzahl automatisch begrenzen. Außerdem erkennen die Portale automatisch, wenn die Bewerbungsunterlagen unvollständig abgeschickt werden.

---

<sup>4</sup> Vgl. [https://service.diplo.de/praktikanten\\_ausland/bewerbung.php](https://service.diplo.de/praktikanten_ausland/bewerbung.php) (07/08/2014)

<sup>5</sup> Vgl. <https://portal.daad.de/irj/portal> (07/08/2014)

### 5.3 Kommunikationspartner

Produzent des Motivationsschreibens ist normalerweise der Bewerber selbst<sup>6</sup>. Er modelliert sich seinen idealtypischen Leser und konstruiert beim Produktionsprozess das Wissen, das er von diesem erwartet. Adressat ist die Institution, bei der man sich bewirbt, oder deren Vertreter. Die Anzahl der Kommunikationspartner variiert von einer Eins-zu-Eins-Kommunikation bis hin zu einer Eins-zu-Mehreren-Kommunikation. Je nachdem wie viele Personen über die Zulassung eines Bewerbers entscheiden, fällt die Anzahl der Rezipienten aus<sup>7</sup>. Eine angenommene Mehrfachadressiertheit zeigt sich durch die standardisierte Begrüßungsformel *sehr geehrte Damen und Herren*.

Normalerweise herrscht zwischen dem Verfasser und dem Leser eine „soziale Distanz“, da der Leser nicht bekannt ist (vgl. HARTING 2010: 403). Der Grad der Kooperativität ist sehr gering, da die Statusbeziehung zwischen den Kommunikationspartnern durch ein Hierarchie-Gefälle charakterisiert ist. Der Rezipient ist ein Vertreter einer höheren Instanz, was ihn dazu befugt, über die Einstellung des Bewerbers zu urteilen<sup>8</sup>. In der hierarchisch niedrigeren Position strebt der Bewerber danach, den Anforderungen an ihn zu entsprechen (vgl. MORELLO 2006: 83).

### 5.4 Produktions- und Rezeptionsprozess

Das Motivationsschreiben ist eine monologische, medial schriftliche und somit asynchrone Textsorte. Aufgrund der Einseitigkeit der Kommunikation muss der Text aussagekräftige und für die Stelle relevante Informationen enthalten und diese müssen logisch strukturiert sein, um verstanden zu werden. Das Motivationsschreiben weist ein geringes Maß an Responsivität auf, da eine Rückkopplung nur bedingt möglich ist. Das heißt, dass der Bewerber beim Produktionsprozess auf eine schlüssige Argumentation und eine thematisch vielfältige Selbstdarstellung achten muss, da aufgrund der einseitigen Kommunikation keine Rückfragen oder näheren Erklärungen auf inhaltlicher Ebene an ihn herangetragen werden (können). Der Rezipient kann höchstens im Falle eines Vorstellungsgesprächs noch einmal auf eventuelle Lücken

<sup>6</sup> Allerdings gibt es auch professionelle Schreiber, die ihre Dienste über das Internet anbieten, z. B. unter <http://www.motivationsschreiben.de/>. (08/10/2014)

<sup>7</sup> BOLTEN plädiert dafür, dass am Auswahlprozess mehrere „Staff“-Mitglieder beteiligt sein sollten, um eine „Blickwinkelvielfalt“ zu gewährleisten (vgl. 2013: 5).

<sup>8</sup> Da es sich um einen „statushöheren Leser“ handelt, spricht HARTING von „Macht“ (vgl. 2010: 403).

oder nähere Erläuterungen eingehen.

Der Produktionsvorgang nimmt damit sehr viel mehr Zeit in Anspruch als der Rezeptionsprozess. Abhängig von der Geübtheit, der Anzahl der bereits verfassten Motivationsschreiben und der Bewerbungsfrist kann der Produktions- und Revisionsprozess eines Motivationsschreibens zeitlich variieren. Die Erstellung eines Motivationsschreibens sollte für jede Bewerbung neu erfolgen, wobei sich die Phase der Textproduktion auf das Aufarbeiten und Umformulieren eines bereits abgefassten Dokuments beschränken kann. Ob die Textrezeption partiell, vollständig, ein- oder mehrmalig erfolgt, ist vom Rezipienten abhängig (vgl. MORELLO 2006: 80).

## 6 Textfunktion

Die Textfunktion ist „[...] die im Text mit bestimmten, konventionell geltenden, d.h. in der Kommunikationsgemeinschaft verbindlich festgelegten Mitteln ausgedrückte Kommunikationsabsicht des Emittenten“ (BRINKER 1997: 93). Sie stellt sowohl die Intention des Textproduzenten als auch die potentielle Erwartung des Textrezipienten dar (vgl. HEINEMANN 2001: 304). Die Textfunktion ist zudem eng verbunden mit der thematischen Struktur<sup>9</sup>.

Das am weitesten verbreitete Textfunktionsmodell von Brinker unterscheidet in Anlehnung an die illokutiven Grundfunktionen der Searle'schen Sprechakttheorie<sup>10</sup> fünf grundlegende Funktionstypen: die Informationsfunktion, die Appellfunktion, die Obligationsfunktion, die Kontaktfunktion und die Deklarationsfunktion. Die Textfunktionen bündeln die Textsorten in Textsortenklassen. Die Textsortenklassifikation nach Funktionstypen basiert auf der dominierenden Funktion der Textsorte. In manchen Textfunktionsmodellen werden neben den fünf Textfunktionen nach Brinker zusätzliche Funktionen, wie die werbende, die selbstdarstellende, die unterhaltende oder auch die ästhetische Funktion angenommen. Letztere bezieht sich ausschließlich auf die fiktionale Welt literarischer Texte. Ihre Existenz ist umstritten (vgl. FANDRYCH/THURMAIR 2011: 19).

<sup>9</sup> Diese Abhängigkeit drückt BRINKER im Kompatibilitätsprinzip aus: „Als Hauptthema des Textes ist [...] das Thema zu betrachten, das sich am besten mit der aufgrund einer textpragmatischen Analyse ermittelten Textfunktion verträgt“ (1997: 56f.).

<sup>10</sup> In seiner Sprechakttheorie nimmt SEARLE die fünf Sprechakttypen der Assertiva, Direktiva, Kommissiva, Expressiva und Deklarativa an. Anders als in Brinkers Textfunktionsmodell beschränkt sich Searle in seiner Theorie auf die Satzebene.

BRINKER geht von einer Polyfunktionalität der Textsorten aus. Das heißt, dass ein Text mehrere Funktionen innerhalb einer Kommunikationssituation haben kann, wobei meist eine dominiert. Deswegen unterscheidet man zwischen der Textfunktion (dominierende Funktion) und den Nebenfunktionen (vgl. BRINKER 1997: 81ff.).

Die Textfunktion bestimmt wesentlich die sprachliche Ausgestaltung eines Textes. Ihre Bestimmung leitet sich deswegen „[...] aus dem Wechselspiel der konkreten empirischen Textsortenanalyse und der Analyse ihrer typischen kommunikativen und gesellschaftlichen Einbettung und Zwecksetzung ab [...]“ (FANDRYCH/THURMAIR 2011: 33). VENOHR geht sogar davon aus, dass „[...] bei der Beschreibung von Text(sort)en [...] alle Textsortenmerkmale in Abhängigkeit zur Textfunktion [stehen]“ (2007: 77).

Sprachliche Handlungen, die im Rahmen der Sprechakttheorie *Illokutionen* genannt werden, werden im Text intentional geäußert, das heißt, dass jede sprachliche Handlung eine Funktion im Text hat (vgl. BRINKER 1997: 86). BRINKER nennt drei „Illokutionsindikatoren“, die zur Identifikation der dominierenden Textfunktion dienen können (vgl. ebd.: 97f.):

- 1) Sprachliche Formen und Strukturen, mit denen der Emittent die Art des intendierten kommunikativen Kontakts dem Rezipienten gegenüber explizit zum Ausdruck bringt.
- 2) Sprachliche Formen und Strukturen, mit denen der Emittent – explizit oder implizit – seine Einstellungen zum Textinhalt, insbesondere zum Textthema ausdrückt.
- 3) Kontextuelle Indikatoren wie der situative, insbesondere der institutionelle Rahmen des Textes bzw. der gesellschaftliche Handlungsbereich, dem der Text zugeordnet ist, das vorausgesetzte Hintergrundwissen (z.B. über den Textinhalt) usw.

Textfunktionen werden durch sprachliche Handlungen und Vertextungsstrategien ausgedrückt. Da jede sprachliche Handlung in einen Handlungs- bzw. Situationszusammenhang eingebettet ist, müssen Kontextindikatoren (z. B. das Rollenverhältnis, der institutionelle Rahmen und das Hintergrundwissen) berücksichtigt werden (vgl. BRINKER 1997: 89). BRINKER geht davon aus, dass die sprachlichen Indikatoren unzureichend oder unverlässlich sein können, weswegen letztendlich die kontextuellen Indikatoren entscheidend sind (vgl. ebd.: 97). FANDRYCH und THURMAIR (2011: 20) schließen sich dieser Beobachtung an:

Dafür [zur Analyse der Textfunktion, Anm. der Verfasserin] ist die Einbeziehung typischer Kommunikationskonstellationen, der Produktions- und Rezeptionssituationen, des institutionellen Rahmens, des thematischen Bezugs und der Handlungseinbettung ebenso wichtig wie die Analyse der Textstruktur und der typischerweise in den Texten realisierten sprachlichen Handlungen.

## 6.1 Dominierende Textfunktion

Auf das Anschreiben und den Lebenslauf folgend kann der Bewerber mit dem Motivationsschreiben sowohl inhaltliche Unklarheiten des Lebenslaufs aufklären als auch seine „rhetorische Kompetenz“ demonstrieren (vgl. SCHRÖDER 2002: 175):

Der Bewerber kann [...] die Rezeption seiner Bewerbung steuern und die Aufmerksamkeit des Lesers lenken, er kann Aspekte der formalen oder realen Qualifikationen besonders markieren oder in der Relevanz zurückstufen, scheinbare oder tatsächliche biographische Brüche erklären bzw. verständlich machen oder insgesamt die Rezeption der Bewerbung erleichtern.

Die Einschätzung des „Handlungs- und Argumentationspotentials“ des Bewerbers ist besser über das Motivationsschreiben als über das Anschreiben möglich, da es ausführlicher und weniger formelhaft ist. Dennoch ist auch das Motivationsschreiben im Umfang begrenzt (meist zwei Seiten). Der Bewerber muss sich für Informationen aus seinem Lebenslauf entscheiden, die er für die Tätigkeit förderlich findet (Selektion des Inhalts)<sup>11</sup>. Die Fähigkeit, eine komplexe schriftliche Kommunikationssituation angemessen zu bewältigen, und die rhetorische Strukturierungsleistung werden unter Beweis gestellt (vgl. ebd.: 156).

Als Subtextsorte des Textverbundes Bewerbung übernimmt das Motivationsschreiben dessen übergeordnete Funktion des Werbens (vgl. MORELLO 2006: 42). Die werbende Funktion wird als primäre Textfunktion nicht direkt, sondern durch „indirekte Sprechakte“ realisiert. Mithilfe ausgewählter Informationen soll der Leser von der Eignung des Bewerbers überzeugt werden. Dazu führt er nur Qualifikationen und erfüllte Voraussetzungen an, die für ihn werben.

---

<sup>11</sup> Die Selektion des Inhalts hat außerdem eine assertive Intention als Hintergrund: Die gezielte Informationsvermittlung bewegt den Leser dazu, etwas Bestimmtes (den gewählten Inhalt) zur Kenntnis zu nehmen, zu wissen, zu glauben und/oder zum Gegenstand seiner eigenen Einstellung zu machen (vgl. SÄNDIG 2005: 157).

Aus der Vermittlung der ausgewählten Informationen ergibt sich zudem die Funktion der Wissensvermittlung. Diese liegt vor, wenn ein Ungleichgewicht an Wissen zwischen der Sender- und Empfängerseite existiert (vgl. LÖFFLER 2007: 81). Wird das bereitgestellte Wissen vom Rezipienten allerdings „nicht umstandslos akzeptiert“, muss mit „rational nachvollziehbaren zusätzlichen Wissens-elementen“ Akzeptanz hergestellt werden (FANDRYCH/THURMAIR 2011: 30). Daraus ergibt sich eine argumentativ-werbende, wissensvermittelnde Funktion als Textfunktion der Textsorte Motivationsschreiben. Die wissensvermittelnde Funktion kann in verschiedenen Realisationsformen ausgedrückt werden. Man unterscheidet die sachbetonte, die meinungsbetonte und die emotive Realisationsform. Welche Realisationsform vorliegt, lässt sich anhand sprachlicher Mittel erkennen (vgl. THIM-MABREY 2005: 37). Bei den Motivationsschreiben variiert die Darstellung der Informationen von einer meinungsbetonten zu einer emotiven Realisationsform.

## 6.2 Kontaktfunktion

Bei der Kontaktfunktion gibt „[d]er Emittent [...] dem Rezipienten zu verstehen, daß es ihm um die personale Beziehung zum Rezipienten geht [...]“ (BRINKER 1997: 119). Anders als bei Brinkers Beschreibung des Funktionstyps handelt es sich bei einem Motivations-schreiben nicht um einen „Kontakttext“ zu einem „festen gesellschaftlichen Anlass“ oder die „Erfüllung einer sozialen Erwartung“ (vgl. ebd.). Dennoch wird der Leser in einigen Textexemplaren direkt kontaktiert. Sprachlich spiegelt sich die kontaktierende Textfunktion zum einen in der Adressatendeixis (*Sie, Ihnen, Ihrerseits*) und zum anderen im Gebrauch von Begrüßungs- und Abschiedsformeln wider.

Einerseits wird durch den direkten Kontakt die Individualität der Institution unterstrichen (Beleg 1 und 2) und gezeigt, dass ein persönliches Kennenlernen gewünscht ist (Beleg 3 und 4):

- (1) [...] deshalb bei Ihnen um den dort ausgeschriebenen Erasmus- Platz im Wintersemester 12/13 zubewerben. (AS\_11)<sup>12</sup>
- (2) da ich an Ihrer Universität beste Voraussetzungen sehe, meinem beruflichen Ziel der BBB einen Schritt näher zu kommen. (MS\_23)

<sup>12</sup> Die Angabe der Korpusbelege erfolgt durch Nummerierung und Zweck (AS = Auslandsstudium, BS = Bachelorstudium, MS = Masterstudium, SA = Sprachassistentz).



(3) Über eine Einladung zu einem Gespräch, in welchem ich Ihnen persönlich meine hohe Motivation schildern kann, würde ich mich sehr freuen. (SA\_28)

Andererseits hat die direkte Kontaktaufnahme auffordernden Charakter. Dem Leser wird vor Augen geführt, dass er die soziale Rolle des Entscheidungsträgers übernimmt:

(4) [ich] hoffe auf eine baldige Antwort Ihrerseits. (SA\_29)

(5) [ich] würde mich über eine positive Antwort Ihrerseits auf meine Bewerbung sehr freuen. (MS\_23)

Besonders deutlich wird die Appellfunktion durch die direkte Kontaktaufnahme in folgendem Beispiel:

(6) Wenn ich den von mir favorisierten Studienplatz für SSS erhalte, können Sie eine zielstrebige, verantwortungsbewusste und motivierte Studentin erwarten. (MS\_25)

Durch den konditionalen Konnektor *wenn* wird ein Handlungsvorschlag ausgedrückt. Der Institution wird verdeutlicht, dass sie nur von dem Bewerber profitieren wird, wenn er die Zusage zum Studienplatz erhält.

### 6.3 Appellfunktion

Im Kapitel zur Kontaktfunktion wurde bereits der enge Zusammenhang zur Appellfunktion dargestellt. Besonders im letzten Beispiel ist die Appellfunktion dominierender als die Kontaktfunktion. Der Bewerber gibt dem Leser eine indirekte Handlungsorientierung. Der Rezipient soll dazu bewegt werden, eine bestimmte Einstellung bzw. Bewertung gegenüber dem Bewerber anzunehmen. Der Bewerber will damit den Bewerbungs- und Auswahlprozess beeinflussen.

Der Appell wird nicht direkt formuliert. Es lassen sich im Korpus keine Imperativformen oder Modalverben wie *müssen* oder *sollen*, die den Leser zu einer direkten Handlung aufrufen, finden. Allerdings soll mithilfe der argumentativen Vertextungsstrategie, bei der Thesen und Argumente formuliert werden, der Leser überzeugt werden.

### 6.4 Obligationsfunktion

Mit der Formulierung von Plänen und Zielen kündigt der Bewerber zukünftige

Handlungen an. Durch die Inaussichtstellung eigener Handlungen grenzt er seinen zukünftigen Handlungsspielraum ein. Die Obligationsfunktion in Motivationsschreiben bezieht sich auf den Sprecher selbst und ist daher eine „obligativ-sprecherbezogene Funktion“ (FANDRYCH/THURMAIR 2011: 31). Es ist sehr unwahrscheinlich, dass nach Beendigung einer erfolgreich verlaufenden Bewerbungsphase die Erfüllung versprochener Handlungen überprüft wird.

Auch die Appellfunktion und die Obligationsfunktion stehen in direkter Verbindung zueinander:

(7) Wenn ich den von mir favorisierten Studienplatz für SSS erhalte, können Sie eine zielstrebige, verantwortungsbewusste und motivierte Studentin erwarten. (MS\_25)

Die konditionale Äußerung besteht aus zwei Teilen. Im ersten Teil des Satzes wird dem Leser eine Handlung vorgeschlagen. Der zweite Teil ist ein Handlungsversprechen seitens des Schreibers. Der Schreiber wird seine Selbstverpflichtung nur einlösen (können), wenn der Leser der vorgeschlagenen Handlung folgt.

Die Obligationsfunktion wird im Korpus außerdem durch sprachliche Mittel voluntativer und intentionaler Art verbalisiert. „Der Emittent kann dadurch den Grad an Bereitschaft ausdrücken, den thematisierten Sachverhalt zu realisieren“ (BRINKER 1997: 118). Besonders das futurische Prädikat in der ersten Person stellt eine Ankündigung dar, mit der sich der Sprecher zu einer zukünftigen Handlung verpflichtet:

(8) [...] und werde mich deshalb in nächster Zeit, neben meiner Bachelorarbeit, dem Verfassen eines sogenannten (*Textsorte*) widmen. (AS\_04)

(9) Im Rahmen des (*Projektname*) werde ich versuchen, vor Ort Lernerdaten zu erheben. (SA\_30)

(10) Ich werde darauf achten, keine "Fachidiotin" zu werden. (BS\_16)

## 7 Schlussbemerkung

Die textlinguistische Beschreibung kann gewinnbringend für die Vermittlung des Deutschen als Fremdsprache genutzt werden. Die Behandlung der Textsorte Motivationsschreiben im DaF-Unterricht hat einen direkten sozialen Nutzen, da die sprachliche Handlung des Bewerbens in einer Fremdsprache durch eine international orientierte Studiensuche und durch Austauschprogramme an Relevanz gewinnt.

Die Charakterisierung der Textsorte Motivationsschreiben hat gezeigt, dass Textsorten nicht isoliert voneinander betrachtet werden können. Die Einbettung in den Kommunikationskontext und die Intertextualität zu anderen Textsorten haben einen großen Einfluss auf die Textfunktionen der Textsorte, die wiederum die sprachliche Gestaltung bestimmen. Den Lernenden muss der Gebrauchskontext und die Relevanz der Textsorte verdeutlicht werden. Die Einbettung der Textsorte in die Bewerbungshandlung und die Funktion und der Zweck der Subtextsorte Motivationsschreiben sollten vom Lehrenden sehr klar aufgezeigt werden.

Das Textthema des Motivationsschreibens ist für Lernende aller Niveaustufen zugänglich. Als einziges textsortenkonstitutives Merkmal ist die eigene Person als Textthema das wichtigste Merkmal der Textsorte. In den ersten Stunden des Fremdsprachenunterrichts steht immer die Vorstellung der eigenen Person im Vordergrund. Zudem erlaubt der geringe Standardisierungsgrad eine Variation der Textsorte auf inhaltlicher und struktureller Ebene.

## Literaturverzeichnis

- ADAMZIK, K. *Textlinguistik. Eine einführende Darstellung*. Tübingen, Niemeyer, 2004.
- ADAMZIK, K. Die Zukunft der Text(sorten)linguistik: Textsortennetze, Textsortenfelder, Textsorten im Verbund. In: FIX, U./ HABSCHEID, S./ KLEIN, J. (Hrsg.): *Zur Kulturspezifik von Textsorten*. Tübingen, Stauffenburg, 2007, 15-32.
- BIRKNER, K. *Bewerbungsgespräche mit Ost- und Westdeutschen. Eine kommunikative Gattung in Zeiten gesellschaftlichen Wandels*. Tübingen, Niemeyer, 2001.
- BOLTEN, J. *Studierende als Experten für interkulturelle Handlungsfelder identifizieren, motivieren und fördern*. [http://www2.uni-jena.de/philosophie/IWK-neu/typo3/fileadmin/team/juergen.bolten/1206Diversity\\_Experten\\_ik\\_Handlungsfelder.pdf](http://www2.uni-jena.de/philosophie/IWK-neu/typo3/fileadmin/team/juergen.bolten/1206Diversity_Experten_ik_Handlungsfelder.pdf). (07/08/2014)
- BRINKER, K. *Linguistische Textanalyse. Eine Einführung in Grundbegriffe und Methoden*. Berlin, Schmidt, 1997.
- FANDRYCH, C./ THURMAIR, M. *Textsorten des Deutschen. Linguistische Analyse aus sprachdidaktischer Sicht*. Tübingen, Stauffenburg, 2011.
- FELD-KNAPP, I. Textsortenspezifische Merkmale und ihre Relevanz für Spracherwerbsprozesse (DaF). In: ADAMZIK, K./ KRAUSE, W. (Hrsg.): *Text-Arbeiten. Textsorten im fremd- und muttersprachlichen Unterricht an Schule und Hochschule*. Tübingen, Narr, 2005, 115-135.
- FREUDENBERG-FINDEISEN, R. Rezension. Fandrych, Christian; Thurmair, Maria. Textsorten im Deutschen. Linguistische Analysen aus sprachdidaktischer Sicht. In: *Info DaF*, München 2011, v.5, 572-575.
- GANSEL, C. *Textsortenlinguistik*. Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 2011.
- HARTING, A. Textmuster von E-Mail-Bitten in der Fremdsprache Deutsch: Einfluss

- mutter- und zielsprachlicher Textmuster. In: *Info DaF*, München 2010, v.4, 401-416.
- HEINEMANN, W. Textsorten der geschriebenen Sprache. In: HELBIG, G. et al. (Hrsg.): *Deutsch als Fremdsprache. Ein internationales Handbuch*. Berlin u.a., de Gruyter, 2001, 300-313.
- HEPP, M. Die Textsorte „Lebenslauf“ in interkultureller Perspektive. Anhaltspunkte für einen linguistisch fundierten universitären Daf-Unterricht. In: *Studi Linguistici e Filologici Online*, 2006, v.4.1, 109-130. <http://www.humnet.unipi.it/slifo/index.html> (09.06.2014).
- HERDER-INSTITUT: [http://www.uni-leipzig.de/herder/hi.site.postext.studium,a\\_id,4935.html](http://www.uni-leipzig.de/herder/hi.site.postext.studium,a_id,4935.html) (31.03.2014).
- KLEIN, J. Intertextualität, Geltungsmodus, Texthandlungsmuster. Drei vernachlässigte Kategorien der Textsortenforschung – exemplifiziert an politischen und medialen Textsorten In: ADAMZIK, K. (Hrsg.): *Textsorten. Reflexionen und Analysen*. Tübingen, Stauffenburg, 2000, 31 - 44.
- KOTTHOFF, H. Positionierungen in Stipendienanträgen: Zur interkulturellen Pragmatik einer akademischen Gattung. In: *Info DaF*, München 2009, v. 6, 483-499.
- KRAUSE, W. Text, Textsorte, Textvergleich. In: ADAMZIK, K. (Hrsg.): *Textsorten. Reflexionen und Analysen*. Tübingen, Stauffenburg, 2000, 45-76.
- LEPSCHY, A. *Das Bewerbungsgespräch. Eine sprechwissenschaftliche Studie zu gelingender Kommunikation aus der Perspektive von Bewerberinnen und Bewerbern*. St. Ingbert, Röhrig, 1995.
- LÖFFLER, D. Eine Analyse von Textsorten in verschiedenen Formaten von „Ratgeberzeitschriften“. Greifswald, Masterarbeit, 2007. <http://www.phil.uni-greifswald.de/fileadmin/mediapool/philologie/ArbeitLoeffler.pdf> (09.06.2014).
- LOGISTIK INSIDE Master-Studiengang startet wieder im April. In: *Logistik inside*, 2009, v.3, 59.
- LÜKE, G. Ausbildung – Individualität gewinnt. In: *ProFirma*, 2011, v.3: 22-32.
- MORELLO, C. *Die Textsorte Lebenslauf aus kontrastiver Sicht. Dargestellt am Deutschen und Französischen*. Hamburg, Kovač, 2006.
- REIß, K. / VERMEER, H. J. *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie. Linguistische Arbeiten*, Bd. 147, 2. Auflage. Niemeyer, Tübingen, 1991.
- SÄNDIG, U. Die Textsortenvariante 'literaturwissenschaftlicher Kurzeessay'. In: ADAMZIK, K./ KRAUSE, W. (Hrsg.): *Text-Arbeiten. Textsorten im fremd- und muttersprachlichen Unterricht an Schule und Hochschule*. Tübingen, Narr, 2005, 137-154.
- SCHILLING, A. *Bewerbungsgespräche in der eigenen und fremden Sprache Deutsch. Empirische Analysen*. Frankfurt am Main, Lang, 2001.
- SCHMIDT, U. Bewerbung und Vorstellungsgespräch aus dialoglinguistischer Sicht. Einige Vorbemerkungen zur Aufarbeitung eines von der Linguistik vernachlässigten Arbeitsgebietes. In: *Linguistik online*, 2000, v.5. [http://www.linguistik-online.de/1\\_00/Schmidt.htm](http://www.linguistik-online.de/1_00/Schmidt.htm) (09.06.2014).
- SCHRÖDER, P. Exemplarische Analyse eines Bewerbungsbriefs - Ein Vorschlag zur Handlungsschemaanalyse eines schriftlichen Kommunikationsereignisses. In: BECKER- MROTZEK, M./ FIEHLER, R. (Hrsg.): *Unternehmenskommunikation*. Tübingen, Narr, 2002, 145-178.
- THIM-MABREY, C. Stilnormen als Textsortennormen. Korrektur und Beratung zu Texten von Schülern und Studierenden: In: ADAMZIK, K./ KRAUSE, W. (Hrsg.): *Text-Arbeiten. Textsorten im fremd- und muttersprachlichen Unterricht an Schule und Hochschule*. Tübingen, Narr, 2005, 33-45.
- THURMAIR, M. Text, Texttypen, Textsorten. In: HELBIG, G. et al. (Hrsg.): *Deutsch als*

Schwantuschke , F. - Motivations Schreiben

*Fremdsprache. Ein internationales Handbuch.* Berlin u.a., de Gruyter, 2001, 269-280.

VENOHR, E. *Textmuster und Textsortenwissen aus der Sicht des Deutschen als Fremdsprache.* Frankfurt am Main, Lang, 2007.

*Recebido em 09/08/2014*

*aceito em 08/10/2014*

# *Bibliographie Heiner Müller* von Florian Vaßen

[Bibliography Heiner Müller edited by Florian Vaßen]

<http://dx.doi.org/10.1590/1982-8837216219>

Till Nitschmann<sup>1</sup>

VASSEN, Florian. *Bibliographie Heiner Müller*. In 2 Bdn. Bielefeld: Aisthesis, 2013. (Bibliographien zur deutschen Literaturgeschichte 20, ISBN 978-3-8498-1031-3).

---

Die *Bibliographie Heiner Müller* von Florian Vaßen ist 2013 im Aisthesis Verlag in zwei Bänden erschienen, von denen der zweite wiederum aus zwei Teilbänden besteht. Es handelt sich auf rund 1780 Seiten um das Ergebnis jahrzehntelanger akribischer bibliographischer Arbeit.

Die nun vorliegende Neuauflage baut auf der 1993 und 1996 erschienenen und in Zusammenarbeit mit Ingo Schmidt erstellten *Bibliographie Heiner Müller* auf und erweitert ihren Umfang um mehr als das Dreifache. Dabei vereint sie alle international erfassbaren gedruckten Texte von und zu Heiner Müller bis Ende 2011, wobei auch zahlreiche Publikationen des Jahres 2012 noch mit aufgenommen werden konnten (vgl. S. 9).

Die ‚Neugier‘ und die ‚Altgier‘, die Vaßen in seinem Vorwort der Bibliographie in Anlehnung an ein Interview mit Müller<sup>2</sup> als die positive und notwendige Triebfeder der Philologie kennzeichnet (vgl. S. 10), verbindet sich mit jahrzehntelanger beharrlicher Fleißarbeit zu einer ebenso umfänglichen wie klar strukturierten und logisch aufgebauten Bibliographie in Buchform.

Die Bibliographie gliedert sich in die Präsentation der Primär- und Sekundärliteratur von und zu Heiner Müller, wobei Erstere im ersten Band und die Zweite in den beiden Teilbänden des zweiten Bandes aufgelistet ist.

---

<sup>1</sup> Leibniz Universität Hannover, Philosophische Fakultät, Deutsches Seminar, E-Mail: [till.nitschmann@germanistik.uni-hannover.de](mailto:till.nitschmann@germanistik.uni-hannover.de)

<sup>2</sup> Vgl. Müller, Heiner: Der Tod des Seneca. Ein Gespräch zwischen Heiner Müller und Alexander Kluge. In: Heiner Müller: Werke 12. Gespräche 3. 1991–1995. Hörnigk, Frank (ed.). Frankfurt a. M., Suhrkamp, 2008, 283.

Nach einem erläuternden und reflektierenden Vorwort des Bibliographen (vgl. S. 9-19) und dem obligatorischen Verzeichnis der Abkürzungen und Siglen, folgt die detaillierte Auflistung der Heiner Müller-Ausgaben, wobei neben fremdsprachigen Ausgaben sowohl die Werkausgabe des Rotbuch als auch des Suhrkamp Verlags vollständig dargeboten wird (vgl. S. 13 und S. 20-153). Die Bibliographie ist in Gliederung und Struktur besonders zur Werkausgabe des Suhrkamp Verlags gut anschlussfähig. Im ersten Band folgt die Präsentation der Primärtexte Müllers, der besseren Übersicht halber – wie in der Werkausgabe – untergliedert nach traditionell anmutenden gattungsförmigen Oberbegriffen wie ‚Theater- und Hörstücke, Drehbücher und Libretti‘ (vgl. S. 154-234), ‚Lyrik‘ (vgl. S. 235-365), ‚Prosa‘ (vgl. S. 366-394), aber auch ‚Übersetzungen‘ von Müller (vgl. S. 395-402), von ihm verfasste ‚Rezensionen‘ (vgl. S. 403-408) und ‚Briefe‘ (vgl. S. 409-415), sowie ‚Schriften, Reden und Lesungen‘ (vgl. S. 416-485) und ‚Gespräche, Interviews und Diskussionen‘ (vgl. S. 486-595). Der erste Band schließt mit der in zwei Abteilungen untergliederten Auflistung von Produktionen, die im Kontext von Heiner Müllers Texten entstanden sind. Dies sind beispielsweise ‚Hörstücke und Hörspiele‘, ‚Vertonungen von Partituren‘, ‚Filme und Videos‘, ‚Ton- und Bildträger‘, ‚Bilder und Zeichnungen‘, ‚Comics und Fotos‘ und ‚Installationen und Ausstellungen‘ (vgl. S. 596-665). Die besondere multimediale und intermediale Ausrichtung der Bibliographie wird in diesen Abteilungen besonders eindrucksvoll sichtbar.

Der erste Teilband des zweiten Bandes beginnt mit ‚Allgemeine[n] Darstellungen‘ (vgl. S. 667-687), es werden vornehmlich Bibliographien, Einführungen und biographische Texte zu Müller versammelt (vgl. S. 15). Daran anschließend bieten die ‚Übergreifende[n] Themen‘ (vgl. S. 688-988) mit einem Umfang von dreihundert Seiten den größten Einzelabschnitt der Bibliographie. Hier finden sich in der im zweiten Band durchgängig angewandten alphabetischen Ordnung alle Texte, die nicht ausschließlich einer der anderen Abteilungen zugeordnet wurden. Die folgenden drei Abschnitte listen in sinnvoller Analogie zur Gliederung des ersten Bandes die Sekundärliteratur ‚Zur Lyrik‘ (vgl. S. 989-1001), ‚Zur Prosa‘ (vgl. S. 1002-1010) und ‚Zu den Theater- und Hörstücken, Drehbüchern und Libretti‘ (vgl. S. 1011-1630) auf, wobei der deutlich umfangreichere letzte Abschnitt, der im zweiten Teilband fortgesetzt wird, wiederum nach einzelnen Texten Müllers untergliedert ist und damit dem besonderen Gewicht seiner dramatischen und theatralen Produktion entsprechend gestaltet wurde. Die nächste Abteilung versammelt die Literatur ‚Zu Heiner Müllers Inszenierungen von Fremdtexen‘ (vgl. S. 1631-1639). Die Bibliographie schließt mit dem

Abschnitt ‚Zum Tode von Heiner Müller‘ (vgl. S. 1640-1678), der unter anderem Nachrufe, Erinnerungen und Gedenk-Artikel versammelt (vgl. S. 15).

Ein Titel- und Personenregister erleichtert das schnelle Nachschlagen und systematische Recherchieren in der Bibliographie.

Ein besonderer Vorzug der vorliegenden Bibliographie ist ihre dezidiert internationale und multilinguale Ausrichtung. Es wurde mittels eines globalen Netzwerks von Heiner Müller Forscherinnen und Forschern (vgl. S. 17f.) ermöglicht, bibliographische Angaben aus rund fünfzig Ländern (vgl. S. 15) mit zu berücksichtigen. Dies unterstreicht nicht nur die quasi globale Präsenz Müllers, sondern macht die vorliegende Bibliographie auch zu einem weltweit wichtigen Instrumentarium für die Auseinandersetzung mit Heiner Müller. Des Weiteren ist hervorzuheben, dass die Bibliographie in Bezug auf die Präsentation von Zeitungs- und Zeitschriftenartikeln, besonders aus dem deutschsprachigen Raum, eine bemerkenswerte Sammlung präsentiert. Nicht nur alle verfügbaren Artikel aus überregionalen deutschen Qualitätszeitungen wurden aufgenommen, ebenfalls regionale Zeitungen und Fachzeitschriften wurden bibliographiert, wobei bei Letzteren Vollständigkeit angestrebt wurde (vgl. S. 16). Gerade für Forschungen, die sich mit der öffentlichen Wahrnehmung und Wirkung von Müller auseinandersetzen, bildet der hier zusammengestellte Fundus von Artikeln einen unerlässlichen Quellenschatz.

Ein besonderer Verdienst dieser Bibliographie ist darüber hinaus, dass sie neben der bibliographischen Anatomie Heiner Müllers auch beispielhaft an diesem Autor die deutsche und europäische Theaterlandschaft am Ende des 20. Jahrhunderts und speziell das komplexe innerdeutsche Verhältnis von DDR und BRD dokumentiert und damit greifbar macht. Auf dieser Ebene präsentiert sich die Bibliographie selbst als ein Stück verdichtete Zeitgeschichte in Katalogform, die wiederum zu Forschungen anregen kann. Müller, der sich selbst als ‚Kartograph‘ und ‚Landvermesser‘ sah, wie Vaßen in seinem Vorwort erläutert (vgl. S. 12), hätte die Idee der zeitlichen und räumlichen ‚Vermessung‘ seiner eigenen Bibliographie sicher reizvoll gefunden. Auch die besondere Relevanz des ‚Dreigestirns‘ Walter Benjamin, Bertolt Brecht und William Shakespeare für Heiner Müller, auf das Vaßen ein besonderes Augenmerk legt (vgl. S. 11f.), wird in der Bibliographie sichtbar.

Eine derart umfangreiche Bibliographie kann weder vollständig, noch abgeschlossen sein. So ausgeklügelt auch allen Verästelungen des bibliographischen ‚Netzwerks‘ (vgl. S. 10) gefolgt wurde, immer werden Leerstellen und ‚Lücken‘ (vgl. S. 11) zurückbleiben. Im digitalen Zeitalter stellt sich daher die notwendige Frage nach der Angemessenheit einer



solchen Publikation in der traditionellen Buchform, die Abgeschlossenheit suggeriert und in ihrer gedruckten Form nicht ohne Weiteres durch Dritte ergänzt werden kann. Doch gerade im schnelllebigen Internetzeitalter, in dem Projekte und Websites online nicht selten ambitioniert gestartet werden und doch manchmal schon nach ein paar Jahren wieder brach liegen oder sogar ganz aus dem World Wide Web verschwinden, bildet das traditionelle Buch als langdauerstabiler Datenträger im Gegensatz zur flüchtigen digitalen Welt eine dauerhafte Fixierung.

Daher ermöglicht die *Bibliographie Heiner Müller* gerade in der vorliegenden Buchform eine sinnvolle Zusammenstellung und Präsentation des bibliographischen ‚Ist-Standes‘. Eine haltbare Basis und ein Fundament für die Arbeit zu und mit Heiner Müller. Sie bildet für die mittel- und langfristige Zukunft die bibliographische Grundlage für die Heiner Müller-Forschung und die darüber hinausgehende Auseinandersetzung mit diesem Autor.

Als Anregung könnte geltend gemacht werden, die vorliegende Bibliographie nach einigen Jahren dennoch durch eine digitale Datenbank zu flankieren, die beispielsweise unter der Schirmherrschaft der *Internationalen Heiner Müller Gesellschaft* stehen könnte. Die in diese Richtung deutenden möglichen Vorläufer bahnen sich bereits online an (vgl. <http://www.ihmg.de/de/bibliographie>, 23/07/2014). Eine zukünftige digitale Bibliographie könnte dann in der Form einer Datenbank so gestaltet sein, dass Forscherinnen und Forscher aus aller Welt neue Publikationen zu Heiner Müller dort direkt eintragen könnten. Ein kollektiver Prozess der bibliographischen Schwarmintelligenz, für den die jetzt erschienene *Bibliographie Heiner Müller* dann nach wie vor den Ausgangspunkt und die inhaltliche und strukturelle Grundlage bilden würde.

Insgesamt stellt die vorliegende *Bibliographie Heiner Müller* ein grundlegendes Werkzeug für die produktive Arbeit mit und über Heiner Müller dar, sei es in der Literatur- und Theaterwissenschaft, der Kritik oder in der theatralen und anderweitig künstlerischen und pädagogischen Auseinandersetzung mit seinen Texten. Wer sich intensiv mit Heiner Müller beschäftigen möchte, wird auf diese Bibliographie nicht mehr verzichten wollen.

*Recebido em 29/07/2014*

*aceito em 15/08/2014*

# Novo e bom: Volksduden. So schreiben wir richtig!

[New and good: Volksduden. So schreiben wir richtig]

<http://dx.doi.org/10.1590/1982-8837220224>

Félix Buguéño Miranda<sup>1</sup>

*Volksduden. So schreiben wir richtig!* Mannheim: Bibliographisches Institut, 2012 (960p.)

---

Uma vez mais, o Bibliographisches Institut Mannheim apresenta uma obra de referência para orientação no uso da língua<sup>2</sup>. Nesta oportunidade, é necessário destacá-lo, em parceria com o popular jornal *Bild*. A menção se faz necessária, pois a orientação no uso da língua, em especial considerando a complexa ortografia da língua alemã, só faz sentido se é a própria comunidade que sente a necessidade de receber essa orientação. O fato de o jornal *Bild* ter se associado à publicação de um dicionário eminentemente normativo (da norma ideal) prova que a linha editorial Duden possui uma legitimação inquestionável na comunidade germanófono. É por isso que a expressão *Volksduden* possui uma dupla significação: Por um lado, lembra que a orientação no uso da língua só faz sentido se ela se legitima pela e na comunidade linguística. Por outro lado, demonstra que um dos meios pelo qual essa orientação se torna um fato real é, dentre outros, quando essa mesma orientação é apresentada e executada pela imprensa.

Em relação ao dicionário, trata-se, como já foi mencionado, de um dicionário ortográfico e, nunca é demais deixar de mencioná-lo, foi com essa classe de dicionário que a série Duden começou a sua já longa tradição lexicográfica.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Departamento de Línguas Modernas.  
Email: felixv@uol.com.br.

<sup>2</sup> Essa resenha faz parte de uma pesquisa sobre a lexicografia alemã, com apoio de uma bolsa de pesquisa CAPES/DAAD e desenvolvida junto ao Instituto de Romanística da Universidade de Paderborn /Alemanha.

A primeira coisa a ser assinalada é que o Volksduden (doravante VDu (2012)<sup>3</sup>) apresenta um extenso *Front Matter*. Somos de opinião que o *Front Matter*, na sua tripla condição de explicitação da função do dicionário, de chamada de atenção para o usuário que almeja servir e de manual de instruções, deveria ser extremamente sucinto. O *Front Matter* de VDu, no entanto, possui um total de 13 páginas. A sua extensão, contudo, pode ser explicada parcialmente pela necessidade de oferecer um conjunto de orientações em relação à ortografia alemã, complexa por natureza.

Formalmente, o *Front Matter* se compõe de três grandes divisões. A primeira, intitulada “Como usar o dicionário” [Zur Wörterbuchbenutzung], contém um total de oito parágrafos que correspondem ao uso de signos especiais (parênteses, colchetes, etc.), aos critérios de lematização e, o que é mais importante, às instruções para interpretar informações gramaticais que servem à orientação no uso da língua. Dentre elas, destaca-se o referente aos princípios para reconhecer quando duas formas são igualmente preferenciais ou quando VDu considera que uma é a preferencial e a outra, a secundária (como s. v. *Kassettenrekorder*, *Kassettenrecorder*, em que as duas formas são igualmente legítimas, sugerindo-se simplesmente a forma com *-k-* por sobre a forma com *-c-*, ou s. v. *Kartograph*, em que há uma remissão a *Kartograf*, considerando-se nesse caso, que a forma terminada em *-ph* é a forma claramente secundária e menos recomendada em favor da forma terminada em *-f*). Outro aspecto que explica a extensão do *Front Matter* é o conjunto de regras referentes ao uso de formas que ora podem ir separadas, ora podem constituir compostos. Dada a complexidade do tema, no VDu estão elencados um total de seis casos para ilustrar as situações de dúvidas. Três exemplos dos fenômenos escolhidos são: *mithilfe* / *mit Hilfe*; *gewinnbringend* / *Gewinn bringend*; *Alleinerziehende* / *allein erziehende*. Cada caso é sobejamente explicado através de uma linguagem simples e com exemplos. Nessa esteira, há também explicações referentes ao uso de hífen e de maiúsculas e minúsculas.

No que diz respeito à segunda e à terceira divisões, a segunda contém um índice de abreviaturas, e a terceira, um conjunto de regras sobre o uso da vírgula.

---

<sup>3</sup> Seguindo as convenções para trabalhos de lexicografia, foram adotadas duas decisões em relação à formatação do texto. Em primeiro lugar, os títulos de obras lexicográficas aparecem expressos por siglas. Em segundo lugar, as referências a verbetes de dicionários vão precedidas da abreviatura s.v. (*sub voce*, que quer dizer “queira ver no verbete”).

Quanto à nominata propriamente dita, e embora VDu advirta que um dicionário ortográfico quase não oferece segmentos informativos microestruturais, parece mais adequado analisar por separado a macro, micro e medioestrutura. Na verdade, há verbetes com um interessante conjunto de segmentos informativos.

Em relação à macroestrutura, VDu lematiza uma extensa gama de classes de unidades lexicais, tais como topônimos (*Aachen, Aargau, Abesinien, Abu Dhabi, Milwalkee, Southampton* etc.) e antropônimos (*Aall, Aaron, Abelard, Afra* etc.). Seguindo a tradição lexicológica da germanística, as contribuições lexicais de outras línguas ao alemão aparecem rigorosamente divididas entre estrangeirismos (*Abbé, Abscence, After-Work-Party, Packstation, Savoir-vivre* etc.) e empréstimos (*Kammer, Kapitalismus, Pikarde, Saxofon, Traktat* etc.). Na maioria dos casos, a leitura atenta do verbete permite compreender a razão da lematização. No caso dos estrangeirismos, particularmente, a indicação etimológica é um claro sinal de que VDu julga (com razão) que a palavra em questão pode oferecer dúvidas quanto à sua ortografia ou separação silábica. No entanto, é para se questionar a lematização de antropônimos como *Milhaud* e *Trakl* (embora seja evidente a dificuldade fonética e ortográfica que oferece a primeira dessas formas), já que não se tratam de formas frequentes no alemão (aparecem com baixíssima frequência no corpus Projekt Deutscher Wortschatz (<http://wortschatz.uni-leipzig.de>) e não apresentam ocorrência alguma no corpus LIMAS (<http://www.korpora.org/LIMAS/>, por exemplo).

Especialmente interessantes são os casos de palavras destacadas em caixinhas de diálogo, tais como s. v. *Abend, abwärts, achtzig, kahl, kalt, photo / Photo*. No caso de *Abend*, o tratamento em uma caixinha de diálogo se deve a sua dupla condição morfológica de substantivo e advérbio. Para ajudar na discriminação entre a forma com maiúscula e a forma com minúscula, são oferecidas combinações sintagmáticas ou frases em que as duas formas costumam aparecer, como, por exemplo, *des, eines Abends, am Abend* (pela função de nominalização que supõem o artigo e a preposição), ou na frase *von morgen bis abends* etc. S. v. *kalt*, por sua vez, além das possibilidades de grafar *kalt* com maiúscula e minúscula, há indicações para os casos em que *kalt* se mantém separado em relação a alguns verbos («das Wetter war kalt geblieben»), assim como os casos em que *kalt* forma um *trennbare Verb* (*kaltlassen, kaltmachen, kaltstellen* etc.). Finalmente, a caixinha de diálogo pode servir também para a orientação

ortográfica, como s.v. *photo* / *Photo* («Das ph in den aus dem Griechischen stammenden Wörtern mit «photo» kann generell durch f ersetzt werden»).

Tal como comentado já, um dicionário ortográfico possui um programa constante de informações (o conjunto total de segmentos informativos) extremamente simples, normalmente integrado ao lema (a palavra em negrito). No entanto, no caso de VDu, esse programa se expande bastante segundo as particularidades de cada lema. No *Front Matter* (p. 7), comenta-se que a lematização se fez atendendo ao critério de frequência, à dificuldade ortográfica e à dificuldade gramatical que cada lema apresentasse. Nessa esteira, verbetes como *Abzug*, *lieferbar* e *Taucher* apresentam unicamente a forma ortográfica canônica, a acentuação prosódica (sob a forma de um ponto debaixo da vogal tônica) e a separação silábica (por exemplo: **Ab | zug**). Em outros casos, os verbetes exibem um número maior de segmentos informativos. Os lemas *Messtischblatt* e *Offenmarktpolitik*, por exemplo, oferecem marcas de uso («**Mess | tisch | blatt** (*veraltend für topographische Karte im Maßstab 1: 25000*)»). Mais interessantes são dois casos muito sintomáticos da lexicografia alemã como um todo e, particularmente, da tradição Duden. Em primeiro lugar, a transcrição fonética s.v. *Academie française* («**Aca | de | mie fran | çaise** [...de...frã'se:z], die; - - <franz.> (Akademie für französische Sprache und Literatur)»). Ao se tratar de um estrangeirismo, VDu foi consequente com o princípio de fornecer todas as informações necessárias para a sua correta representação gráfica e fônica. Em segundo lugar, e mais interessante ainda, é o conjunto de segmentos informativos fornecidos em muitos verbetes vernáculos (particularmente verbos), e não somente para o falante nativo, mas também para o aprendiz de alemão como língua estrangeira. Eis alguns exemplos: *kümmern*, *nachschlagen*, *reden*, *scheuen*, *schicken*, *spielen*. S. v. *reden*, por exemplo, é oferecida uma rica fraseologia: **re | den**; gut reden haben; von sich reden machen; jmdn. zum Reden bringen; nicht viel Redens von einer Sache machen; Reden ist Silber, Schweigen ist Gold. Por sua vez, s. v. *scheuen* há também informações referentes ao padrão sintático do verbo: **scheu | en**; sich scheuen; das Pferd hat gescheut; ich habe mich vor dieser Arbeit gescheut. A única observação crítica a ser feita em relação às informações fornecidas nesses e em outros muitos verbetes é a ausência de marcadores não estruturais (recursos para marcar ou realçar um segmento informativo) que ajudem na eficiente decodificação de cada um dos segmentos informativos presentes no verbe. É prudente assinalar que os segmentos polifuncionais são um fato característico e um

ponto discutível de toda a tradição Duden e, por que não dizê-lo, da lexicografia alemã como um todo. O emprego massivo de indicadores não estruturais daria a cada segmento informativo o efeito de saliência necessário.

Um último ponto a ser destacado é o alto índice de remissões presente no VDu. Isso ocorre porque em muitos casos existe mais de uma forma possível para uma dada unidade léxica, o emprego de mecanismos medioestruturais (de remissão) se torna quase inevitável. A maior dificuldade na utilização desses mecanismos está no fato de que não são eficientemente empregados (remissões que não fazem sentido, que não resolvem o problema linguístico que levou à consulta do dicionário, que são circulares, etc., são alguns exemplos desse problema). No caso de VDu, as remissões são justificadas em todos os casos, já que o impulso de remissão (o porquê se emprega esse mecanismo) está claramente justificado no *Front Matter*. Assim, por exemplo, s. v. *Glucose* aparece a seguinte remissão: «vgl. Glukose». A razão da remissão tem a ver como o fato que, em VDu (p. 8), o consulente é informado que os casos de remissão remetem à forma tida como preferencial: *Glukose* (forma germanizada do helenismo). Em outros casos, como s.v. *gleichfalls*, há uma remissão a *Fall* (**gleich** | **falls** vgl. <sup>1</sup>Fall), em que são fornecidos os exemplos de uso de maiúscula e minúscula para os compostos de *Fall*.

Em síntese, pode-se afirmar, sem sombra de dúvida, que novamente um expoente da linha editorial Duden oferece uma obra extremamente útil. Trata-se de um dicionário claro na sua exposição, cogitado em relação às dúvidas que a complexa ortografia do alemão suscita não somente no aprendiz, mas no falante nativo também. Além disso, embora essa classe de obras se limite ao comentário de forma (o lema considerado somente como significante), VDu oferece também valiosas informações sobre o potencial sintagmático (em sentido lato) das palavras. A deficiência apontada nesse quesito, no entanto, e como comentado já, parece ser um problema endêmico da lexicografia alemã. Em nada tira o mérito da obra resenhada. A germanística só tem a agradecer.

*Recebido em 06/08/2014*

*aceito em 19/09/2014*

# Entlarvung des Antisemitismus der Regierungen Vargas und Dutra. Über das Buch „Weltbürger – Brasilien und die jüdischen Flüchtlinge 1933-1948“ von Maria Luiza Tucci Carneiro

[The Unmasking of Antisemitism of the Vargas and Dutra Governments. On the publication "Weltbürger - Brazil and the Jewish Refugees 1933-1948" by Maria Luiza Tucci Carneiro]

<http://dx.doi.org/10.1590/1982-8837225228>

Dieter Strauss<sup>1</sup>

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Weltbürger – Brasilien und die jüdischen Flüchtlinge 1933-1948*. Zürich und Berlin: Lit Verlag 2014. (477S.)

---

Nach außen sollte der Schein gewahrt werden: Demokratisch und für Flüchtlinge offen sollte Brasilien unter Vargas und Dutra erscheinen. Und einige europäische Zeitungen fielen auch darauf rein, wie zum Beispiel das schwedische „Socialdemokraten Folkets dagblad“, das im August 1939 in einem Leitartikel Vargas als Bekämpfer der NS-Expansion, als neuen Bolivar feierte. (Vgl. CARNEIRO 2014: 44). Grund für die tolerante und humanitäre Maske war nach Maria Luiza Tucci CARNEIRO vor allem der Druck der USA. Die guten Wirtschaftsbeziehungen zu den Staaten wollte man nicht verlieren. (ebd.: 49; 415)

Der schöne Schein wurde aber auch von Stefan Zweig unterstützt, der Brasilien bereits im Herbst 1936 in seiner „Kleinen Reise nach Brasilien“ große Toleranz gegenüber der Rassenfrage bescheinigte.<sup>2</sup> Und das, obwohl die deutsche Jüdin Olga Benario, die im November 1935 an dem gescheiterten kommunistischen Putsch gegen die Regierung Vargas teilgenommen hatte, damals als Schwangere gegen die

---

<sup>1</sup> Sachbuchautor und Referent in München; der Autor ist mit Anita L. Prestes Mitherausgeber des Buches *Não olhe nos olhos do inimigo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. Email: Strausda4@yahoo.de

<sup>2</sup> Vgl. dazu Friederike Manthey, Reise ins Exil. Veröffentlichung „Casa Stefan Zweig“, 6.11.2010. Für F. Manthey bereitet die „Kleine Reise“ Zweigs „Brasilien: Ein Land der Zukunft“ von 1941 vor.

brasilianische Verfassung an Hitler-Deutschland ausgeliefert wurde. Für Tucci Carneiro ein klarer Beweis, dass das Vargas Regime mit den Nazis gemeinsame Sache machte (Vgl. CARNEIRO 2014: 22). Kein Hinderungsgrund für die deutsche Bundesrepublik, Vargas 1953 das Bundesverdienstkreuz zu verleihen, wie so vielen Ex-Nazis bzw. NS-Sympathisanten. Olga Benario konnte im Berliner Frauengefängnis in der Barnimstraße ihr Kind Anita noch zur Welt bringen und rund ein Jahr stillen. Dann wurde sie in die Konzentrationslager Lichtenberg und Ravensbrück deportiert und im Frühjahr 1942 in der Gaskammer von Bernburg ermordet. Anita wurde auf internationalen Druck an ihre brasilianische Großmutter übergeben. Sie lebt heute als Zeithistorikerin in Rio de Janeiro und hat in unserem Sammelband über Olga Benario *Não olhe nos olhos do inimigo* (vgl. PRESTES/STRAUSS 1995: 13ff) einen Artikel über ihre Mutter geschrieben.

Wenn schon bei der Abschiebung die Verfassung gebrochen wurde, wie steinig war dann der Weg für die vielen Juden, die nach Brasilien flüchten wollten? Genau darum geht es zentral in diesem Buch: Als die Nationalsozialisten den deutschen Juden ihre Staatsangehörigkeit aberkannten und diese als staatenlos galten, blies das Vargas Regime in dieses Horn und erklärte die Juden für nicht „assimilierbar“. Sie waren eben „subversive oder zersetzende Elemente, die dazu neigten, rassistische Enklaven, wahre Fremdkörper im nationalen Organismus“, zu bilden“ (CARNEIRO 2014: 50). Bei der amerikanischen Haltung der Vargas Regierung wurden dann auch die Rundschreiben, die die Einreise regelten, ab 1937 als geheim eingestuft. Allen voran das geheime Rundschreiben Nr. 1.127, das die Visaerteilung an Juden untersagte und von Vargas und dem Arbeits-, Industrie- und Handelsministerium genehmigt worden war. Die Begründung lag wieder in der Reinerhaltung der brasilianischen Rasse. Darauf macht das Buch ebenso aufmerksam wie darauf, dass die brasilianische Regierung alle weiteren restriktiven Maßnahmen in der Einwanderungspolitik geheim hielt (ebd.: 91; 416). Mehr noch, die wenigen Diplomaten, die versuchten Juden Visa zu erteilen, wurden mit Verfahren verfolgt und angeklagt. Wie zum Beispiel der brasilianische Botschafter in Frankreich Luiz Martins de Souza Dantas (ebd.: 49).

Die Konferenz im französischen Évian am Genfer See hatte im Juli 1938 die Aufgabe, eine Lösung für die ausgebürgerten Flüchtlinge aus Deutschland und Österreich zu finden und zwar für Juden und Nichtjuden. Und das hieß, die Flüchtlinge auf verschiedene Länder zu verteilen. Zweiundreißig Staaten nahmen teil, darunter Brasilien – notgedrungen. Der Schein musste erneut gewahrt werden. Das positive



Image sollte auf keinen Fall leiden, und das obwohl die Ziele natürlich mit der brasilianischen Politik überhaupt nicht vereinbar waren. Der brasilianische Außenminister empfahl seiner Delegation, das geheime Rundschreiben 1.127 stets bei ihren Entscheidungen mit zu berücksichtigen. Darauf weist das Buch ausdrücklich hin, auch darauf, dass den meisten Juden, denen trotz allem mit einem Touristenvisum die Einreise gelungen war, keine Daueraufenthalts- und Arbeitsgenehmigung gegeben wurde. (ebd.: 87; 91) Die Ausweisung schwebte damit als Damokles-Schwert ständig über ihnen.

Dass Antisemitismus, Rassismus und Diskriminierung die Lebensthemen der Paulistaner Historikerin Maria Luiza Tucci Carneiro sind, zeigt ihr Buch eindrucksvoll. Sie ist Professorin für Sozialgeschichte an der Universität Sao Paulo und Leiterin des „Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminacao“. Ein großes Projekt dieses Laboratoriums ist die Erarbeitung eines virtuellen Archivs über den Holocaust, mit abrufbarer Website zur jüdischen Einwanderung (Vgl. [www.arqshoah.com.br](http://www.arqshoah.com.br)). Tucci CARNEIRO hat besonders nach dem Wendepunkt in der brasilianischen Geschichtsschreibung, der Öffnung des historischen Archivs des Außenministeriums Itamaraty, und des Archivs der politischen Polizei in Sao Paulo 1995 zur jüdischen Einwanderung publiziert. Nach Veröffentlichung ihres Buches *Brasilien, Fluchtpunkt in den Tropen* [*Brasil, um refúgio nos trópicos*, 1996] folgte dann 2010 *Cidadão do mundo*, ein Werk, das auf ihrer Habilitationsschrift von 2001 beruht und das nun auf Deutsch vorliegt. Arbeiten zum Antisemitismus, zu den Menschenrechten, zur ethnischen und politischen Intoleranz sowie zur Zensur runden ihr Werk ab.

Dass Maria Luiza Tucci Carneiro die auf Schein beruhende brasilianische Politik schonungslos aufklärt und belegt, wundert bei ihrem Forschungsschwerpunkt nicht, und ist das große Verdienst ihres umfangreichen Buches. Die restriktive Einwanderungspolitik verschloss mit ihren geheimen Rundschreiben die Türen Brasiliens für viele Juden. Die Begründung der brasilianischen Regierung war kurz und klar: Juden wurden als Ausbeuter, Verschwörer und Kommunisten gesehen. An Unterstützern fehlte es nicht, auch darauf legt Tucci Carneiro ihren Finger: Die katholische Kirche billigte diese Politik ebenso wie die Streitkräfte oder die zuständigen Ministerien (Vgl. CARNEIRO 2014: 416). Das erstaunt bei der Kirche nicht, die ja über die „Rattenlinie“ und den Vatikan zahllosen Nazis, auch Nazimördern, zur Flucht nach

Lateinamerika verholfen hat.<sup>3</sup> Zum Beispiel Walter Rauff, Chef der Vergasungswagen, in denen 180.000 Juden ermordet wurden, der über Ecuador nach Chile floh. Dass dieser Mann dann von 1958 bis 1962 für den westdeutschen Nachrichtendienst gearbeitet und aus Lateinamerika berichtet hat, ist einer der vielen Skandale der Nachkriegszeit in der ehemaligen Bundesrepublik. (Vgl. CARNEIRO 2014: 97).

Wie schade, dass Stefan Zweig dann 1941 Brasilien noch einmal als „Land der Zukunft“ ohne Rassenprobleme feierte. Dieses Land schickte Olga Benario in den Tod und verhinderte auf Grund des Rassismus seiner Regierung die Einreise von vielen anderen Juden. Der „Ritter der Hoffnung“, Luiz Carlos Prestes, erfuhr erst nach seiner großen Rede im Paulistaner Stadion „Pacaembu“ im Juli 1945, dass seine Frau Olga ermordet worden war. Seine Tochter Anita lernte er auch erst damals kennen. Sie ist davon überzeugt: „Die jungen Leute heute können sich überhaupt nicht vorstellen, dass zum Beispiel Folter damals eine Normalität war. Die nach der Diktatur geborene Generation ist leider ziemlich unpolitisch. Sie weiß wenig über die Geschichte, und die Medien tun das Ihre dazu, damit das auch so bleibt“<sup>4</sup>.

Eine Einschätzung, die auch für Deutschland gilt, ein Land, dem der ehemalige Bundeskanzler Willy Brandt eine zweite Bücherverbrennung im Sinne der Nichtnutzung der Erfahrungen bescheinigte.

Ein mutiges Buch, ein fleißiges und umfassendes Buch, das zahllose neue Quellen erschlossen hat. Dass die Mauer des Schweigens in Brasilien brechen konnte und damit einen Wendepunkt darstellt. Deshalb ist es so wichtig für deutsche Historiker, aber auch für das allgemeine Publikum. Stefan Zweigs Lobgesang und Schwärmereien aus dem Jahre 1941 sollten nicht das letzte Wort behalten.

Hier und da leidet allerdings die Lesbarkeit etwas an dieser Fülle. Das Buch behandelt seinen Stoff in sieben Kapiteln über 477 Seiten und geht dabei beispielsweise auch auf Themen wie die Flucht der Gruppe Görge, die landwirtschaftliche Kolonie Rolandia in Paraná, ein Rettungspunkt für viele Flüchtlinge, oder auf die Palästinafrage im Jahre 1947 ein. Zweiundzwanzig Minibiografien der wichtigsten Protagonisten wie

---

<sup>3</sup> Vgl. GIEFER, Rena; GIEFER, Thomas. *Die Rattenlinie*. Fluchtwege der Nazis. Eine Dokumentation. Frankfurt am Main 2/1992.

<sup>4</sup> Äußerung von Anita Leocadia Prestes während der Vorstellung unseres Sammelbandes *Não olhe nos olhos do inimigo*, 1996 in São Paulo, Brasilien.

Vargas oder Dutra, eine ausführliche Bibliografie, chronologisch geordnete Archivquellen und ein Personen-Index schließen das Werk ab.

Da hätte man sich grundsätzlich etwas mehr Straffheit gewünscht. Bedauerlich, dass dieses wichtige Buch so teuer ist. 49,90 Euro werden wohl nur von Institutionen bezahlt, kaum von dem Einzelleser, zumal die Klebebindung auch sehr schnell nachgibt.

*Recebido em 30/09/2014  
aprovado em 20/10/2014*